

COMISSÃO ESTADUAL DE LITERATURA

COLEÇÃO TEXTOS E DOCUMENTOS

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO I

SECRETARIA DA CULTURA  
ESPORTES E TURISMO

BIBLIOTECA MUNICIPAL  
SANTANA DE GUAYMA

3876



VOLUMES JÁ EDITADOS NESTA COLEÇÃO:

- N.º 1 — *João Pacheco*  
ANTOLOGIA DO CONTO PAULISTA
- N.º 2 — *Domingos Carvalho da Silva, Oliveira Ribeiro Neto e Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
ANTOLOGIA DA POESIA PAULISTA, I VOL.
- N.º 3 — *José Aderaldo Castello*  
ANTOLOGIA DO ENSAIO LITERÁRIO PAULISTA
- N.º 4 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMAN-  
TISMO, I VOL.
- N.º 5 — *Pires de Almeida*  
A ESCOLA BYRONIANA NO BRASIL
- N.º 6 — *José Aderaldo Castello*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMAN-  
TISMO, II VOL.
- N.º 7 — *Pessanha Póvoa*  
TEXTOS QUE INTERESSAM A HISTÓRIA DO ROMAN-  
TISMO, III VOL. — ANOS ACADEMICOS
- N.º 8 — *Dante Moreira Leite*  
PSICOLOGIA E LITERATURA
- N.º 9 — *Péricles Eugênio da Silva Ramos*  
DO BARROCO AO MODERNISMO

SECRET

**José Aderaldo Castello**

---

Pesquisa, planejamento e supervisão:

— JOSÉ ADERALDO CASTELLO

Fixação de texto:

— ISAAC NICOLAU SALUM

YÉDDA DIAS LIMA

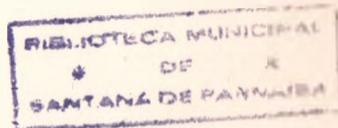
Auxiliares:

— CLAUDETTE P. OLIVEIRA ROSA

MIRIAM SINISCALCO

**O MOVIMENTO  
ACADEMICISTA  
NO BRASIL  
1641-1820/22**

VOL. I — TOMO I



2449

CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA  
SÃO PAULO

869.0121

C3115-m

U. I - t. 1

P. 1

OFFICE OF THE  
ATTORNEY GENERAL

STATE OF CALIFORNIA  
DEPARTMENT OF JUSTICE

1961

OFFICE OF THE ATTORNEY GENERAL

# PLANO E ORIENTAÇÃO

PLANO

# Éditos e inéditos do Movimento Academicista no Brasil 1641-1820 / 22

## APRESENTAÇÃO

1. O estudo da nossa literatura como expressão de cultura brasileira, conciliado com critérios estético e genético, parece-nos uma das orientações mais válidas e significativas. Mas impõe-se, nesse caso, a ampliação do quadro das raízes européias do período colonial, uma vez que é opinião predominante a sua limitação a Portugal: antes de tudo, é preciso pensá-las em termos peninsulares ibéricos, canalizando, direta ou indiretamente, influências italianas, francesas e inglesas. Devemos considerar igualmente importante os recursos da colonização quanto aos ideais humanísticos e renascentistas que lhe inspiraram os primeiros momentos, ao lado dos estímulos novos da paisagem física e humana da chamada América Portuguesa, desde então atuando de maneira poderosa na sensibilidade, na imaginativa e por extensão no comportamento afetivo colonizador.

Segue-se o segundo grande período de formação e evolução desta literatura, a partir, já no segundo quartel do século XIX, da definição da consciência crítica de suas próprias preferências e adequação com a realidade brasileira. E este período só pode ser explicado pelo reconhecimento, no primeiro, da gênese de coordenadas, ou constantes e tendências que delineiam o processo da caracterização da Literatura Brasileira. Por outro lado, do século XIX para cá, abre-se a perspectiva para a aferição de valores estéticos sem limitações de interferências externas, pelo contrário, favorecidas por essas interferências no sentido em que o regional ou nacional, já caracterizado, é o verdadeiro ponto de partida e de inspiração para o universal.

De acôrdo com êsse critério, em que sentido autores de determinado estilo e período histórico são menos ou mais significativos? Teria razão de ser a valorização, como uma

contribuição de nosso esforço, do soneto de Cláudio Manuel da Costa? Ou não seria mais significativo o estudo de outros aspectos de sua poesia, representados pela égloga ou pelo poema épico, uma vez que exprimem o desejo de o poeta situar-se dentro de um contexto nôvo? Enquanto o lírico, isto é, o sonetista extravasa na verdade limitações temporais, para marcar momentos significativos de uma tradição, ou constante, livre das definições relativamente rígidas? Dúvidas como essas, de autor para autor, transpomos para estilos e períodos e fazemos interrogações idênticas sobre o século XVI, o XVII e XVIII, ainda o mesmo século XVIII no seu último quartel, avançando até princípios do século XIX.

Com certeza, nenhuma resposta será suficientemente convincente em termos de cogitações e debates puros ou abstratos. Torna-se indispensável fundamentá-los numa pesquisa ampla e exaustiva do que se fez, e como se fez, desde o primeiro que, sob o ideal de conquista e colonização, escreveu sobre a terra. Até há pouco tempo, por exemplo, Anchieta nos era praticamente desconhecido como poeta — dramaturgo, lírico e épico — ignorando-se mesmo a existência de edição importantíssima em vida do autor, como é o caso do poema sobre os feitos de Mém de Sá. E não é somente este exemplo: no período colonial, sem falar naquilo que precisa ser feito relativamente ao momento posterior, ainda perduram dezenas de outros casos significativos. Constitui exemplo alarmante, com múltiplas implicações na organização social da época, — desde o problema das comunicações, dos centros urbanos de atividade cultural, vida religiosa, até as restrições vigilantes sobre atividades políticas, econômicas, educacionais — o estudo global da presença barrôca no Brasil, do século XVII ao XVIII, neste principalmente, em que um dos aspectos mais importantes é a pesquisa e o estudo do “movimento academicista”. Hoje, que chegamos ao final de uma tarefa de quase vinte anos de pesquisa específica que é esta do “movimento academicista” na literatura brasileira, temos a convicção de que o período barroco, em que ela se situa, como o período romântico e o Modernismo são os mais expressivos da nossa formação, intimamente relacionados.

E foi de fato por essas razões que nos dedicamos ao programa levado a cabo de um levantamento de éditos e inéditos do movimento academicista no Brasil, no momento em que, preocupados todos com uma revisão geral da literatura brasileira, freqüentemente carecíamos de afirmações, interpretações e juízos críticos, com base consistente em referências

reexaminadas e ampliadas pela pesquisa. Certamente não levantamos qualquer dúvida quanto à importância de interpretações de estudiosos da mais alta responsabilidade, com contribuições indiscutíveis aos estudos do Brasil e em particular de sua literatura. Mas não podemos deixar de chamar a atenção para o levantamento decorrente da nossa pesquisa, implícito no plano de publicação dos resultados obtidos até o presente. Vejamo-lo, no que se segue:

2. Éditos e inéditos do Movimento Academicista no Brasil, de 1641 a 1820/22 —

VOL. I — 1.<sup>a</sup> PARTE — ACADEMIAS

TOMOS 1 a 5 — *Academia Brasílica dos Esquecidos* — 1724-5.

TOMOS 6 a 7 — *Academia Brasílica dos Renascidos* — 1759.

TOMO 8 — *Academia dos Felizes* (Rio de Janeiro) — 1736-1740; *Academia Científica do Rio de Janeiro* — 1772-9; *Sociedade Literária do Rio de Janeiro* — 1786-90, 1794; *Arcádia Franciscana Fluminense* — 1.<sup>o</sup> quartel do séc. XIX.

VOL. II — 2.<sup>a</sup> PARTE — ATOS ACADÊMICOS

TOMO 1 — *Júbilos da América na gloriosa exaltação, e promoção do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Gomes Freire de Andrada, [...], Coleção das Obras da Academia dos Seletos, que na Cidade do Rio de Janeiro se celebrou em obséquio, e aplauso do dito Excelentíssimo Herói [...]* Pelo Doutor Manuel Tavares de Sequeira e Sá, [...] Lisboa, Na Oficina do Dr. Manuel Álvares Solano, Ano de MDCCLIV.

TOMO 2 — *O Parnaso Obsequioso, Drama Para se recitar em Música no dia 5 de dezembro de 1768, em que faz anos o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom José Luís de Meneses, [...], Por Cláudio Manuel da Costa [...]; Academia em homenagem a Bernardo José de Lorena* — 1791; *Tristes Efeitos do Amor* — 1797; *A União Venturosa*. Drama com Música para se representar no Real Teatro do Rio de Janeiro no Faustíssimo Dia dos Anos de Sua Alteza Real o Príncipe Regente [...]. Por Antônio Bressane Leite, Na Impressão Régia. 1811. [...]; *Augurio*

*Di Felicità, o sia Il Trionfo D'Amore, Serenata Per Musica da eseguirsi nel Real Palazzo del Rio Di Gianeiro, per celebrare l'Augustissimo Sposalizio del Serenissimo Signore D. Pietro D'Alcantara, [...] 1817. Rio Di Gianeiro. [...].*

VOL. III — 3.<sup>a</sup> PARTE — FESTEJOS PÚBLICOS  
COMEMORATIVOS

TOMO 1 — *Relação da Aclamação que se fêz na Capitania do Rio de Janeiro do Estado do Brasil, e nas mais do Sul, ao Senhor Rei Dom João o IV [...] [Sem indicação de Autor], 1641; Sentimentos Públicos de Pernambuco na Morte do Sereníssimo Infante Dom Duarte. [...] 1650. [...] Pelo Padre Frei Bernardo de Braga [...] (S/L), Por Domingos Lopes Rosa. 1651; Oração Fúnebre, que disse o Licenciado Antônio da Silva, [...] nas Exéquias da Sereníssima Princesa Dona Isabel Luísa Josefa, celebradas na Misericórdia da Cidade de Olinda, aos 5 de fevereiro de 1691. [...] Lisboa. [...] Na Oficina de Miguel Manescal, [...] Ano MDCXCI; Breve Compêndio, e Narração do Fúnebre Espetáculo, que na insigne Cidade da Bahia, [...] se viu na morte de El-Rei Dom Pedro II, [...] Por Sebastião da Rocha Pita, [...], Lisboa, Na Oficina de Valentim da Costa Deslandes, [...]. Ano 1709; Diário Histórico das Celebidades, que na Cidade da Bahia se fizeram em ação de graças pelos felicíssimos casamentos dos Sereníssimos Senhores Príncipes de Portugal, e Castela; [...] Pelo Licenciado José Ferreira de Matos, [...] Lisboa Ocidental: Na Oficina de Manuel Fernandes da Costa, [...] MDCCXXIX [...]; Triunfo Eucarístico Exemplar da Cristandade Lusitana em pública exaltação da Fé na solene trasladação do Diviníssimo Sacramento Da Igreja da Senhora do Rosário para um nôvo Templo da Senhora do Pilar em Vila Rica Côrte da Capitania das Minas aos 24 de maio de 1733 [...] por Simão Ferreira Machado [...] Lisboa Ocidental, Na oficina da música, debaixo da proteção dos Patriarcas São Domingos e São Francisco. MDCCXXXIV; [...];*

TOMO 2 — *Súmula Triunfal da Nova e Grande Celebridade do Glorioso e Invicto Mártir São Gonçalo Garcia* [...] por seu autor Sotério da Silva Ribeiro: Com uma Coleção de vários folgedos, e danças, Oração Panegírica, que recitou o Doutíssimo, e Reverendíssimo Padre Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão, [...] Em Pernambuco no primeiro de maio do ano de 1745. Lisboa, Na Oficina de Pedro Ferreira, [...] MDCCLIII. [...]; *Áureo Trono Episcopal* colocado nas minas de ouro, ou Notícia breve da Criação do nôvo Bispado Marianense, [...], Autor Anônimo, [...] Lisboa, Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, [...] 1749 [...]; *Monumento do Agradecimento, Tributo da Veneração, Obelisco Funeral do Obséquio, Relação Fiel das Reais Exéquias, que à defunta Majestade do Fidelíssimo e Augustíssimo Rei o Senhor Dom João V dedicou o Doutor Matias Antônio Salgado* [...] Lisboa: Na Oficina de Francisco da Silva, [...] MDCCLI [...]; *Relação das Festas que se fizeram em Pernambuco pela Feliz Aclamação do Mui Alto, e Poderoso Rei de Portugal Dom José I* [...] do ano de 1751 para o de 1752. [...] Por Felipe Neri Correa [...] Lisboa, Na Oficina de Manuel Soares [...] MDCCLIII [...]; *Relação das Festas que fêz Luís Garcia de Bivar* [...] Pela Feliz Aclamação do Nosso Fidelíssimo Rei o Senhor Dom José o I. Em 2 de fevereiro de 1752, [...] Lisboa: na Oficina de Pedro Ferreira [...] MDCCLIII [...];

TOMO 3 — *Gemidos Seráficos, Demonstrações sentidas, e obséquios dolorosos nas Exéquias funerais, que pela morte do Fidelíssimo, e Augustíssimo Rei o Senhor Dom João V fêz celebrar nos Conventos da Província de Santo Antônio do Brasil, entre Bahia e Pernambuco*, [...] O Reverendíssimo Padre Frei Gervásio do Rosário, [...] Lisboa: Na Oficina de Francisco Da Silva. [...] MDCCLV. [...]; *Narração panegírico-histórica das festividades com que a Cidade da Bahia solenizou os felicíssimos desposórios da Princesa Nossa Senhora com o Sereníssimo*

*simo Senhor Infante Dom Pedro, [...] por seu autor o Reverendo Padre Manuel de Cerqueira Tôres, (1760).*

**TOMO 4** — *Relação das Faustísimas Festas que celebrou a Câmara da Vila de Nossa Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia pelos augustíssimos desposórios da Sereníssima Senhora Dona Maria [...] por Francisco Calmon, [...] Lisboa, Na Oficina de Miguel Manescal da Costa, [...] 1762. [...]; Epanáfora Festiva, ou Relação Sumária das Festas com que na Cidade do Rio de Janeiro se celebrou o Feliz Nascimento do Sereníssimo Príncipe da Beira Nosso Senhor. (Sem indicação de Autor), Lisboa, Na Oficina de Miguel Rodrigues, [...], MDCCLXIII; Catálogo Epipompteutico dos Aplausos Soleníssimos, que na Vila sempre Leal de São Francisco de Sergipe de Conde fêz celebrar o Nobilíssimo Senado da Câmara, aos 19 do mês de dezembro de 1760. Em obséquio dos [...] Desposórios da Sereníssima Princesa dos Brasis Nossa Senhora com o Sereníssimo Infante Dom Pedro. Por Frei Bento da Apresentação, [...] Lisboa, Na Oficina de Antônio Vicente da Silva. [...] MDCCLXIV [...]; Relação das Festas Públicas, que na Cidade de São Paulo fêz o Ilustríssimo, e Excelentíssimo Senhor Governador, e Capitão General Dom Luís Antônio de Sousa em louvor da Senhora Santa Ana com a ocasião de colocar, a sua Imagem em o Altar Nôvo da Igreja do Colégio. Ano Dito. (S/L.), (1770); Exposição Fúnebre, e Simbólica das Exéquias que a Memorável Morte da Sereníssima Senhora Dona Maria Francisca Dorotéia, [...] no Arraial do Paracatu, [...] Por Manuel Lopes Saraiva, [...], O Reverendo João de Sousa Tavares, (1771).*

**TOMO 5** — *Coleção das Obras feitas aos felicíssimos Anos do Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor José César de Meneses Governador e Capitão General de Pernambuco [...] 19 de março de 1775. [...] por Antônio Gomes Pacheco, (S/L.), (S.d.); Festejos Comemorativos do Aniversário de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, realizados*

*em Cuiabá, em agosto de 1790* (Documentos trazidos de Cuiabá pelo Dr. Diogo de Toledo Lara Ordonhes, [...] divulgados por A. de Toledo Piza in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. IV, de 1898/99, S. Paulo, Tip. Andrade, Melo & Comp., pp. 229-236); *Relação das Festas, que fêz a Câmara da Vila Real do Sabará na Capitania de Minas Gerais por ocasião do feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa da Beira*, (Sem indicação de Autor), Lisboa, Na Régia Oficina Tipográfica, [...], MDCCXCIV [...]; *Relação dos Festejos realizados a 10 de agosto de 1801, no Arraial da Conceição, Capitania de Minas Gerais, em Homenagem a Bernardo José de Lorena*, (Sem indicação de Autor), (Texto copiado do livro do Dr. Joaquim Felício dos Santos — *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca do Sêrro Frio* [...] Nova edição, com um estudo biográfico de Nazaré Meneses. Rio de Janeiro, Livraria Castilho, 1924, pp. 246-248); *Descrição da maneira por que foi aplaudido na Capitania da Paraíba do Norte o memorável dia de 13 de maio de 1803, em que fêz anos o Sereníssimo Príncipe Regente de Portugal Nosso Senhor*, (Sem indicação de Autor), Lisboa, [...] MDCCCIII, Na Impressão Régia [...]; *A Gratidão Pernambucana ao Seu Benfeitor O Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Dom José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho*, [...], Os Sócios da Academia Pernambucana, e os Alunos do Seminário Olidense. Lisboa, [...] MDCCCVIII, Na Oficina de João Rodrigues Neves. [...];

TOMO 6 — *Relação das Festas que se fizeram no Rio de Janeiro, quando o Príncipe Regente Nosso Senhor, e Tôda a Sua Real Família chegaram pela primeira vez àquela Capital*. [...] (Sem indicação de Autor), Lisboa, Na Impressão Régia, [...] 1810. [...]; *Elogio, que ao Sempre Fausto Aniversário de Sua Majestade Fidelíssima a Rainha Dona Maria I* [...] Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, MDCCCXV. [...]; *Relação circunstanciada do que se praticou na Província do Pará com a Infausta Notícia do Falecimento*

da Rainha Fidelíssima a Senhora Dona Maria I, [...] em o dia primeiro de agosto do corrente ano. (Sem indicação de Autor), Lisboa: Na Impressão Régia, [...] 1816 [...]; *Relação do que se fez na Corte do Rio de Janeiro pela morte da Nossa Augusta Rainha, a Senhora Dona Maria I; e do que também se executou nesta Cidade de Lisboa no dia Sábado 20 do corrente, pela Ação de quebrar os Escudos*, (Sem indicação de Autor), Lisboa: Na Impressão Régia, 1816 [...]; *Relação do Festim, que ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Dom Marcos de Noronha e Brito*, [...] aos 6 de setembro de 1817, [...] Bahia, Na Tipografia de Manuel Antônio da Silva Serva. [...]; *Relação dos Festejos, que à Feliz Aclamação do Muito Alto, Muito Poderoso, e Fidelíssimo Senhor Dom João VI Rei do Reino Unido* [...] como respeito votaram os Habitantes do Rio de Janeiro; coligida por Bernardo Avelino Ferreira e Sousa, [...] Rio de Janeiro, 1818: Na Tipografia Real. [...]; *Pará. Relação das Festas, que se fizeram nesta Cidade de Nossa Senhora de Belém*, [...] pela feliz ocasião do glorioso Casamento de Sua Alteza o Príncipe Real do Reino Unido [...] com a Sereníssima Senhora Arquiduquesa d'Austria Carolina Josefa Leopoldina. Pará, 25 de abril de 1818; *Descrição da Iluminação Simbólica, que na noite do Faustíssimo Dia 4 de abril de 1819*, [...] por ocasião do Feliz Nascimento da Sereníssima Senhora Princesa [...], O Coronel Antônio José da Silva Braga, [...] Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1819. [...]; *Relação das Festas com que o Senado da Câmara com toda a Nobreza da Vila de São João da Parnaíba celebrou no dia 13 de maio de 1820 o Aniversário Natalício de Sua Majestade El-Rei Nosso Senhor*, [...] João Cândido de Deus e Silva. Lisboa, Na Nova Impressão da Viúva Neves e Filhos. [...] 1820. [...]; *Relação Fiel da Ação de Patriotismo, e Fidelidade, que a Câmara e Povo da Cidade de São Luís do Maranhão praticou, em obsequio do muito Alto e Poderoso Rei, o Senhor Dom João VI*. [...] Isidoro Rodrigues Pereira, [...] 1820, Lisboa: Na Impressão de João Batista Morando.

[...] 1822; *Relação dos Sucessos do dia 26 de fevereiro de 1821*. Na Côrte do Rio de Janeiro, (Sem indicação de Autor), Bahia: Na Tipografia da Viúva Serva, e Carvalho. [...]; *Descrição dos Emblemas Alegóricos, e seus Epigramas*, [...] O Coronel Antônio José da Silva Braga, na noite de 6 de fevereiro de 1818, em que se celebrou [...] *Aclamação do Muito Alto, e Poderoso Rei Nosso Senhor Dom João o Sexto*. [...] Rio de Janeiro, Na Impressão Régia, 1821. [...].

VOL. IV — 4.<sup>a</sup> PARTE — COLETÂNEA DE ESTUDOS SÔBRE O MOVIMENTO ACADEMICISTA NO BRASIL:

1.<sup>o</sup> Notícias sôbre os participantes do Movimento Academicista; 2.<sup>o</sup> estudos críticos sôbre o Movimento Academicista.

3. O plano acima repousa, evidentemente, na conceituação de “movimento academicista”, na sua cronologia e no fato de o deixarmos em aberto para acréscimos posteriores à medida que encontrarmos ou tenhamos conhecimento de novos elementos, certos de que o material talvez ainda esteja longe de ser esgotado.

É bastante conhecido o afluxo da organização de manifestações culturais do século XVII ao XVIII com objetivos na criação literária, nos estudos científicos, históricos e geográficos, ampliados, subsidiariamente, conforme a compreensão atual, em outras áreas de interesses sociais e linguísticos. Manifestaram-se concomitantemente com o Barroco na pintura, na escultura e arquitetura, como expressão do próprio espírito do Barroco. Se levarmos em conta a política portuguesa e a sua atuação no Brasil-Colônia, traduziam ao mesmo tempo o aulicismo da mentalidade da época, mas, frequentemente com reações mal contidas, de maneira a esboçar a configuração de uma realidade nova. E é sem dúvida em consequência da política portuguesa que o Barroco, como um estado de espírito de um movimento cultural complexo, atuante conjunta e concomitante em vários e distantes centros urbanos do Brasil, só nos atinge de maneira significativa no decorrer do século XVIII.

É certo que, quanto à criação literária, na poesia e na oratória, particularmente religiosa, — Gregório de Matos, Manuel Botelho de Oliveira, a parenética jesuítica liderada pelo Pe. Antônio Vieira — o século XVII foi superior, como expressão do espírito Barroco, mas não do movimento Barroco, ao século XVIII. Mas é neste século que a criação literária, poesia e oratória acadêmica, embora dirigida, assim como o teatro, de plano erudito e rebuscado ao relativo alcance popular, passa a ter uma amplitude e comunicação que extravasam do ambiente vigiado e dirigido das Academias aos Festejos Públicos. Quanto à historiografia, de Vicente do Salvador a Rocha Pita, para o que se continua a fazer a partir da Academia Brasílica dos Esquecidos, ganha-se consideravelmente em tentativa de plano e pesquisa. E desenvolve-se até mesmo um princípio de mentalidade científica.

Relembremos, agora, a perfeita consonância das manifestações academicistas brasileiras com as portuguesas, refletindo aquelas, simultaneamente, a mentalidade política que nos dirige e o espírito mais amplo do barroco peninsular ibérico, com o predomínio dos modelos espanhóis. Conforme o espírito que os presidiu, nós podemos distingui-las — e aqui nos referimos especificamente ao Brasil — em três grupos distintos mas sempre interdependentes. Primeiramente, o que consideramos Academia propriamente dita, dentro da compreensão ampla de associação cultural com objetivos, organização e atuação temporariamente ilimitada, fixados em estatutos próprios. Definiam-se tanto pela atividade literária, como matéria de suas reuniões ordinárias, quanto pelos estudos e trabalhos históricos e até científicos, em cumprimento de planos previamente traçados ou de recomendações. Se há casos em que se verifica o predomínio da atividade literária, há outros, independentes ou simultâneos, em que o objetivo precípua são os trabalhos históricos em geral, com outras implicações já sugeridas, ou os trabalhos científicos.

Situadas no século XVIII, embora violentemos a cronologia do “movimento academicista” como um todo complexo, nós as colocamos em primeiro lugar no nosso plano geral de publicações. Foram englobadas, assim, no VOL. I — 1.<sup>a</sup> PARTE, distribuídas em sete tomos.

Vem em segundo lugar, o que aqui definimos como “ato acadêmico”, ainda que na origem tenha recebido genericamente o nome de “academia”. Certame ou tertúlia literária, com temário pré-fixado, organizava-se para funcionar em uma sessão com público seletivo em homenagem a um mandatário poderoso ou por outro motivo de alta importância

local e na vida do Brasil-Colônia. Correspondia, rigorosamente, a uma sessão literária ordinária de “academia própria dita”, sendo aquela, além de seleta, revestida de certa solenidade. Agrupadas, como as primeiras, na sua ordem cronológica própria, enfecham o VOL. II — 2.<sup>a</sup> PARTE, distribuídas em dois tomos.

Finalmente, os “festejos públicos”, constituídos de atos religiosos, iluminárias, cavalhadas, representações teatrais, às vezes comportando “atos acadêmicos”. Variavam, contudo, quanto à sua composição e caráter festivo ou fúnebre, havendo-os complexos, preenchendo dias consecutivos, ou reduzidos a um ou mais aspectos. No seu caráter predominantemente festivo, agitavam sem dúvida a população da vila que lhes servia de cenário. Motivados por fatos diversos, políticos, administrativos, religiosos, fúnebres, deles nos chegaram “relações” éditas e inéditas, simplesmente descritivas ou enriquecidas com matéria literária e histórica, além do que inferimos em numerosos “bandos” que os instituíam pelo Brasil afora, sem que tenhamos tido, nesses últimos casos, conhecimento das respectivas “relações”. Esse material, de inegável riqueza informativa, descritiva e criadora, como expressão da vida e da sociedade da época, constitui o VOL. III — 3.<sup>a</sup> PARTE, distribuído, também, de acordo com sua cronologia própria, em seis tomos.

Concilia-se, portanto, um critério de agrupamento por categorias com o cronológico, sendo que, em toda a sua extensão, conforme a documentação que temos em mão, o movimento academicista no Brasil estende-se de 1641 a 1820/22. A primeira data não pode ser rígida: ela recuará à medida que outros documentos ou publicações, se porventura existem, venham a ser encontrados. A segunda, porém, obedece a critério fixado: o movimento da Independência, de 1808 a 1820/22 com profundas modificações políticas, econômicas, sociais, culturais, o pré-romantismo e o advento próximo do Romantismo estimulam a renovação da nossa mentalidade conjuntamente com a revelação da consciência crítica da nacionalidade. Um novo condicionamento interno, isto é, na definição da própria nacionalidade, e o esgotamento do estilo barroco quanto às suas características históricas nos limites temporais em que se impôs — considere-se que a herança que nos legou foi riquíssima e fundamental para explicar os destinos da literatura e das artes visuais no Brasil — não aceitariam mais aquele espírito academicista sob a crosta do aulicismo. Poderíamos ainda relacionar resquícios deste movimento depois de 1820/22, mas como manifestações nitidamente anacrônicas.

O que se segue de fundamental reflete inegavelmente outro espírito, outra mentalidade e, embora trazendo no bôjo heranças legadas, alimentam outras perspectivas.

Quanto à sua intensidade, freqüência e distribuição geográfica conjuntamente com outras manifestações da arte barrôca — pintura, escultura, arquitetura, música — reafirmamos a nossa convicção de que não houve nada de mais expressivo no período colonial da nossa formação. Notadamente nos limites do século XVIII, contribuindo para o perfeito sincretismo das várias manifestações do Barroco que, por sua vez, integram por assim dizer os núcleos básicos do esquema de nossa organização social — no Maranhão, Pará, Pernambuco, Paraíba, Bahia, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Goiás — contribuindo assim para a consciência de uma unidade que repousasse nas inter-relações fecundamente estimuladas tanto por fatores externos quanto internos. O estudo conjunto dessas manifestações é imposição cada vez mais urgente à medida que se acumulam elementos novos trazidos por pesquisas nas diversas áreas das manifestações barrôcas no Brasil. Ver-se-á, então, com nitidez o que deve ao Barroco a cultura brasileira, sua sensibilidade e imaginativa.

4. A publicação ora iniciada de uma pesquisa tão extensa, nos impôs, em virtude da extrema sobrecarga material e dos seus objetivos, a necessidade da simplificação dos critérios de fixação dos respectivos textos, éditos e inéditos. Quanto aos éditos, podemos dizer que não há problemas. Sobre os inéditos, temos a considerar: 1.º) na sua maioria são apócrifos; 2.º) nem sempre copistas ou autores utilizaram cadernos, como é o caso dos apócrifos da Academia Brasileira dos Esquecidos, de forma que fôlhas avulsas, embora de tamanho uniforme, são ou iam sendo agrupadas em maços que formavam volumes; 3.º há mss. com letras claras e facilmente legíveis, outros de tinta bastante esmaecida bem como de grafias difíceis, sobretudo de assinaturas; 4.º) existência de mss. com páginas bastante corroidas, às vêzes de maneira a não permitir a reconstituição do texto. Quanto aos objetivos da publicação, pensamos evidentemente em especialistas de diferentes áreas, da história, da literatura, às ciências sociais, à lingüística, à geografia. Mas também no estudante e no estudioso que se inicia. Não resta dúvida de que se trata, de qualquer forma, de um público especializado e particularmente interessado neste ou naquele aspecto ou no todo conjunto da publicação. O texto apresentado poderá ser então ou de utilização definitiva ou um pretexto para se chegar

no apócrifo ou original da publicação. Por tôdas essas razões, mas sobretudo porque uma edição crítica e anotada exigiria mais alguns anos de trabalho, e de trabalho de equipe, foi que decidimos pela simplificação acima referida. Naturalmente, fica ressaltada a fidelidade do texto apresentado, tanto que fomos sempre que possível ao texto original ou apócrifo, não nos contentando somente com o microfilme.

Admitido esse critério, chamamos a atenção para os seguintes pontos relativamente à fixação dos mss.:

1.º) Modernizamos a ortografia, mas mantivemos rigorosamente a pontuação do texto, até mesmo em casos supérfluos, como por exemplo: “vinte, e cinco”, “Brito, e Lima”, etc.

2.º) Os pronomes de tratamento, cerimoniais, quando aparecem abreviados nos mss. em prosa são transcritos por extenso.

3.º) Os títulos, que aparecem ora em maiúscula ora em minúscula, são transcritos da primeira maneira; quanto às iniciais de versos, mantivemos a maneira pela qual se apresentam, ora em maiúscula, ora em minúscula.

4.º) Tôdas as citações latinas nos textos em prosa são transcritas em itálico.

5.º) Procuramos observar o mais possível a disposição gráfica das composições em verso, sendo que adotamos tipos diferentes para títulos, para o corpo da composição e para a assinatura ou o nome do autor.

6.º) O uso de colchêtes acompanha a reconstituição interna ou a indicação de autoria não especificada no ms., mas da qual não temos dúvida; dúvidas não resolvidas são indicadas por interrogação ou por reticências entre colchêtes.

Dissemos que vimos realizando esta pesquisa há mais de quinze anos. Durante muito tempo a fizemos sozinho, em diferentes lugares — Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo, em arquivos públicos, religiosos, em Institutos Históricos e Bibliotecas Públicas. Aí, colhemos quase todo o material que compõe o nosso plano de publicação dos éditos e inéditos do movimento academicista no Brasil. Além da nossa condição de professor universitário, contamos, em momentos diferentes, mas sempre em escalas parciais, com o apoio da FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO, do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO DO RIO DE JANEIRO, até

que, com a criação do INSTITUTO DE ESTUDOS BRASILEIROS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, transferimos para aí o nosso campo de trabalho.

Registramos, portanto, em primeiro lugar o apoio que nos deu a FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO, possibilitando, em dado momento, o prosseguimento da nossa pesquisa. Evidentemente, a partir de um plano apresentado, aquêlo apoio se deu nos limites propostos. Mas, como é natural, numa pesquisa vasta e complexa, todo e qualquer plano inicial tende a dilatar-se e a desdobrar-se.

Em segundo lugar, a contribuição valiosa do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO DO RIO DE JANEIRO. Conhecedor do nosso trabalho, o Prof. Dr. Afrânio Coutinho estabeleceu entendimentos com o Dr. Wanderley Pinho no sentido de aquêlo Instituto possibilitar a microfilmagem, cópia fotográfica e cópia final dos três volumes manuscritos da Academia Brasileira dos Esquecidos, ali existentes. Estabelecemos então um compromisso mútuo de cessão, por parte do INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO DO RIO DE JANEIRO, da cópia fotográfica daquele manuscrito e de subvenção necessária ao trabalho, de maneira a integrá-lo no plano geral de publicação dos éditos e inéditos do movimento academicista no Brasil (integram, presentemente, o Vol. I, tomos 1, 2, 3 e 4). O próprio Instituto pretendia também patrocinar a publicação. Surgiu, porém, a possibilidade de realizá-la pela Comissão de Literatura do Conselho Estadual de Cultura de São Paulo, o que efetivamente se concretizou, iniciando-se agora exatamente com o material da Academia Brasileira dos Esquecidos, com a certeza de que prosseguirá até ao fim, conforme o plano anteriormente exposto.

Em terceiro lugar, o apoio que nos deram, com colaborações oportunas e preciosas, o Prof. Dr. Afrânio Coutinho e o Dr. Wanderley Pinho, já mencionados, os meus ilustres colegas da Comissão de Literatura de São Paulo, que faço aqui representados pelo Dr. Péricles Eugênio da Silva Ramos, e o Prof. Dr. Antônio Soares Amora que nos cedeu microfilmes obtidos em Portugal, com "Dissertações" que compõem o Tomo 5 do Vol. I da Academia Brasileira dos Esquecidos e outro da "Academia dos Felizes" em homenagem a Bernardo José de Lorena (São Paulo, 1791) e que integra o Tomo 2, Vol. II.

Como colaboradores, na fixação de textos, contamos com a dedicação e competência do Prof. Dr. Isaac Nicolau Salum, relativamente aos textos latinos, e das Licenciadas Yêdda

Dias Lima, Miriam Siniscalco e Claudette Pedroso Oliveira Rosa. Ao transferirmos o prosseguimento da nossa tarefa para o Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, continuamos a contar, em caráter efetivo, dada a sua categoria de pesquisadora do quadro dêste Instituto, com a colaboração realmente inestimável da Licenciada Yedda Dias Lima.

São Paulo, setembro de 1967.

JOSÉ ADERALDO CASTELLO

... [Illegible text] ...  
... [Illegible text] ...  
... [Illegible text] ...  
... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

... [Illegible text] ...

Ordem de distribuição da matéria da  
Academia Brasílica dos Esquecidos  
conforme os Mss. existentes no Instituto  
Histórico e Geográfico Brasileiro.

VOL. I

1.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

[*Notícia da fundação*]

- *Oração, que na dominica in Albis vinte e três de abril dêste ano de 1724 abriu a Academia Brasílica o Doutor José da Cunha Cardoso.*
- *Sonêto, Secretário.*
- *Serenissimum DD. Ioannes Vus. Portugaliae Rex, [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimi DD. Ioanni V.<sup>o</sup> Portugaliae Regi [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimo DD. Ioanni V.<sup>o</sup> Lusitaniae Regi, [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimus DD. Ioannes 5. [...], Epigramma, [S.A.].*
- *In laudem Serenissimus DD. Ioannis 5. [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimo DD. Ioanni V.<sup>o</sup>, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Ad Serenissimum Regem Nostrum Ioannem V., [...], Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha.*
- *In laudem potentissimi Portugaliae Regis DD. Ioannis Quinti, Epigramma, Antonius de Oliveira Filho.*
- *Ao Muito Alto e Poderoso Rei Dom João V. [...], Sonêto, [Ioseph de Matos].*
- *Eidem Regis Maiestati, Epigramma, de Ioseph de Matos.*
- *Serenissimo Regi Domino Ioanni V., Epigramma, Iosephus Pereira de Castro.*
- *Augustissimo, ac Magnanimo Domino Ioanni Portugaliae Regi, [...], Epigramma, [Manuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud ad eundem, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Domine Serenissimo Rege, [...], Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha.*

- *Ao Sereníssimo Senhor Rei Dom João 5.º*, [...], *Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ad primum argumentum, Distichon, Ioseph de Oliveira Serpa.*
- *Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º* [...], *Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *A El-Rei Nosso Senhor* [...] — *Primeiro Assunto Acadêmico, Sonêto, Caetano de Brito Figueiredo.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses*, [...], [S.A.].
- *Ad Serenissimum Lusitaniae Regem* [...] *Vasco Ferdinando Caesare et Menesio* [...], *Epigramma*, [...] [S.A.].
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius*, [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei deste Estado* [...] *faz esta petição Antônio Cardoso da Fonseca*, [...], *Décima.*
- *Sonêto, Antônio Cardoso da Fonseca.*
- *Emblema*, [S.A.].
- *In laudem Excellentissimi Domini Vaschi Fernandii Caesaris Menesii*, [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Excellentissimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses* [...], *Elogiacum Carmen, Frater Franciscus a Sancto Bertholdo.*
- *Excellentissimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses*, [...], *Ode, Frater Franciscus a Sancto Bertholdo.*
- *In laudem Excellentissimi Domini Vaschi Fernandes Caesaris de Menesis*, [...], *Epigramma, Frater Franciscus a Sancto Bertholdo.*
- *De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Ad Praestantissimum, ac Excellentissimum Dominum, Vice-Regem Nostrum, Epigramma, Ex Francisciadam quodam.*
- *Nobili recens natae Academiae, Cui in Symbolum: Sol Oriens in Occiduo, Epigramma*, [S.A.].
- *Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Aliud*, [S.A.].
- *Congressui Academico Caesarem patronum habenti, Epigramma, Manoel Vieira Pinto.*
- *Excellentissimo Caesari Academiam Construenti, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro.*

- *In laudem Nobilissimi Domini, ac Excellentissimi Praesidii Vasco Fernandes Caesar de Meneses [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Excellentissimo Domino Vasquio Ferdinando Caesari, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Eximio Heroi, [...] Vasco Fernandes Caesari de Meneses, [...] Ode, Frater Anselmus a Sancta Euphrosina.*
- *Augustissimo, ac Preclarissimo [...] Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, Pater Antonius Ioannes a Cunha.*
- *Epigramma, [Idem].*
- *Eidem Excellentissimo Duci, Epigramma, [Idem].*
- *Excellentissimo Domino aliis excultissimis Dignissimo Encomiis Oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha.*
- *Excellentissimo Caesari nouam Musis Academiam construenti, Epigramma, [Manuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud, Manuel Nunes de Sousa.*
- *Expeditur ratis, [...] Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [Manuel Nunes de Sousa, provavelmente].*
- *Excellentissimo Domino Vasquio Fernandes Caesari Menesio [...] Encomium, [Antônio Gonçalves Pereira].*
- *Ao mesmo Senhor Vice-rei, Sonêto, Antonius Gonçalves Pereira.*
- *In Bahiensis Academiae Institutione sub auspicio Excellentissimi Domini Vaschi Ferdinandii Caesaris Menesii [...] Epigramma, [S.A.].*
- *De Excellentissimo Domino Vasco Fernandio Caesare Menesio [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Ad Excellentissimum Dominum Vascum Ferdinandum Caesarem, [...] Emblema, [S.A.].*
- *Excellentissimi Domini Vaschi Fernandis Caesaris Menesii, [...] Epigramma, [S.A.].*
- *In laudem Excellentissimi Domini Vasquii Fernandis Caesar de Meneses [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Excellentissimi Domini Vaschi Fernandii Caesaris Menesii [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Mencsius [...] Epigramma, [S.A.].*
- *Ao Excellentissimo Senhor Vice-rei, Sonêto alegórico, [S.A.].*

- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-rei do Estado do Brasil, [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *In laudem Excellentissimi Domini Vasqui Fernandis Caesaris Menesii, [...], Elogium, [S.A.].*
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Colendissimo, ac Laudatissimo Principi, [...], Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, [Pater Antonius Ioannes a Cunha].*
- *Principi Excellentissimo eidem, Epigramma, [Idem].*
- *Nostro Inuictissimo Principi, Epigramma, [Idem].*
- *Excellentissimo Principi laudibus aliis expolitissimis exornando, ac decorando inops oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha.*
- *In laudem Excellentissimi Domini Fernandis Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Heroi Inuictissimo, Strenuissimo Principi, [...], Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *De Heroe Inuictissimo, [...], Excellentissimo Domino Vasquio Fernandes Caesare de Meneses, [...], Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses nouam erigenti Academiam, Epigramma, [Iosephus de Matos Moreira].*
- *Aliud, [Idem].*
- *Aliud, [Idem].*
- *Aliud, [Idem].*
- *Aliud, Iosephus de Matos Moreira.*
- *Laudatur Excellentissimus Dominus Vascus Ferdinandus Caesar Menesius pro institutis Academiorum ludis, Epigramma, [S.A.].*
- *Em louvor do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Abrindo-se a Academia da história do Brasil com o título dos Esquecidos [...], Soneto, Acadêmico Obsequioso.*

- *Ao assunto acadêmico que se deu louvando-se a criação da Academia e a seu soberano protetor o Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, Soneto, Acadêmico Infeliz.*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, Do mesmo.*
- *Al asunto académico que se dió loándose la erección de la Academia [...], Soneto, Do Acadêmico Infeliz.*
- *Al mismo asunto, Soneto, Del mismo.*
- *Para louvar ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, João [Alv'res] Soares.*
- *Concedida a faculdade do Excelentíssimo Senhor como se supõe da sua ínclita benevolência, prossegue o dito Acadêmico em louvar o projeto [...], Soneto, João [Alv'res] Soares.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei Protetor da Academia dos Esquecidos, Soneto, José de Oliveira Serpa.*
- *De fragmentos do ingeniosíssimo Luís de Camões oferecido ao Excelentíssimo Senhor, Soneto, por Antônio de Oliveira.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César Vi-rei e Capitão General do mar, e terra do Estado do Brasil, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto Acróstico, Antônio Nunes de Siqueira.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei Protetor da Academia dos Esquecidos, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [S.A.].*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, [S.A.].*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil [...], Soneto, [S.A.].*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Soneto Acróstico, [S.A.].*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-rei do Oriente e do Ocaso, Soneto, [S.A.].*
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei, como Protetor da Academia, Epigramma, Do Ocupado.*

- *Ao Senhor Desembargador Caetano de Brito [de] Figueiredo Digníssimo Chanceler da Relação do Estado, e Compositor da nossa história natural, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao Doutor Caetano de Brito de Figueiredo Eminentíssimo Chanceler da Relação da Bahia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ad Eximium Doctorem, et Clarissimum Dominum Caetanum de Brito de Figueiredo Bahiensis Supremi Senatus Cancelarium Ludouicus Canelo de Noronha dedicat, Epigramma.*
- *Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Em louvor do Prestantíssimo Chanceler [...] o Senhor Doutor Caetano de Brito de Figueiredo, Romance, [S.A.].*
- *Sapientissimo Viro [...] Domino Caetano de Brito Freire [...], Epigramma, [S.A.].*
- *In laudem Nobilissimi Doctoris Caetani de Brito de Figueiredo [...], Elegia, Emanuel Nunes Leal.*
- *Ao Doutissimo Mestre o Desembargador Caetano de Brito [e] Figueiredo [...], Soneto, [S.A.].*
- *Sapientissimo Doctori Domino Ignatio Barbosa Machado, Epigramma, Ocupado.*

## 2.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA — Conferência de 7 de maio.

- *Ao Mestre da história eclesiástica Gonçalo Soares da Franca.*
- *Ad Reuerendissimum ac Nobilissimum Patrem Gundissalum Soares da Franca, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Aliud ad eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *In laudem Litteratissimi Praesidis Reuerendissimi Patri Gundissalui Soares, Francisciadum quodam.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Gonçalo Soares da Franca, Digníssimo Lente da História Eclesiástica, Soneto, Ocupado.*
- *Em louvor do Muito Reverendo Doutor e Singular Acadêmico o Padre Gonçalo Soares da Franca, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Padre o Senhor Gonçalo Soares da Franca, Décima, Antônio de Freitas do Amaral.*

- *Ao Senhor Reverendíssimo Padre Gonçalo Soares da Franca, Sonêto, Frei Pedro da Estrêla.*
- *Ao Eruditíssimo Doutor, Historiador Eclesiástico o Senhor Gonçalo Soares, Décima joco-séria, Francisco Xavier de Araújo.*

[ASSUNTO] (\*) — *Ao Mestre da história política o Desembargador Luís Siqueira da Gama.*

- *In Emeruditissimi Domini, [...] Ludouici a Siqueira e a Gama Obsequium, Epigramma, Nubilosus.*
- *Ad Sapientissimum Senatorem Praesidem Curiaem Eximiumque Magistrum etc., Epigramma, [S.A.].*
- *Maximo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ludouico de Cerqueira, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Aliud ad eundem, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Ao Sapientíssimo Mestre o Desembargador Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, [S.A.].*
- *Ao Meritíssimo Desembargador [...] o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Décimas, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao Senhor Doutor Ouvidor geral do Cível Luís da Siqueira da Gama [...], Décima, José Pereira de Castro.*
- *Ao Doutíssimo Historiador Político o Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Em louvor do Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Desembargador o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Em louvor do mui Meritíssimo [...] Senhor Luís Siqueira da Gama, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Assunto Heróico — Quanto deve a República Literária a El-rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao mesmo Assunto, Sonêto 2.º, do mesmo Autor.*
- *Ao primeiro Assunto, Sonêto, Ocupado.*
- *Ao primeiro Assunto, Sonêto, Secretário.*
- *Sonêto, João de Brito e Lima.*

(\*) Toda vez que aparece o enunciado precedido da palavra Assunto, entre colchêtes, indica-se não uma composição mas o assunto das composições que se lhe seguem. Ele ocupa sempre uma página do Ms., em letra do Secretário da Academia.

- Ao assunto heróico da Academia, Sonêto, [Idem].
- Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [Idem].
- Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [Idem].
- Ao mesmo assunto, Sonêto, [Idem].
- Sonêto, [Idem].
- Sonêto, [Idem].
- Sonêto, João de Brito e Lima.
- Sonêto, [Idem].
- Debaixo do mesmo assunto louvando ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei, Sonêto, [do mesmo Autor]
- Primeiro assunto. Quanto deve a República das letras à Majestade del-Rei Nosso Senhor verdadeiro Protetor delas, Sonêto, João Alv'res Soares.
- Ao assunto heróico, Sonêto, José de Oliveira Serpa.
- À Majestade del-Rei Dom João Quinto Nosso Senhor [...], Sonêto, José de Oliveira Serpa.
- Ao muito Alto e muito Poderoso Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira.
- Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira.
- Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira.
- Sonêto em louvor do mais feliz, e poderoso Rei de Portugal, Antônio de Oliveira.
- Assunto heróico — Quanto deve a República Literária a El-rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, João de Barbosa e Lima.
- Ao mesmo assunto, Sonêto, do mesmo Autor.
- Ao muito Alto, e Poderoso Rei, e Senhor, nosso Dom João Quinto Protetor das Academias do Reino e suas conquistas, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.
- Sôbre com que deve a República Literária a El-Rei nosso senhor, [...], Sonêto, Salvador Pizzaro de Carvalho e Albuquerque.
- Assunto Acadêmico — O Quanto deve a República das Letras a El-rei Nosso Senhor, Sonêto, Frei Avertano.
- Assunto heróico — Quanto deve a República Literária a El-rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, Gervásio Sueiro Franco.
- Agradece-se à Majestade del-rei nosso Senhor o muito que se lhe deve em ser o verdadeiro protetor da República das Letras, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto.
- Ao assunto heróico da Academia, Oitavas, [S.A.].
- Ao sereníssimo Rei nosso Senhor Dom João 5.º, [...].

- Oitavas, *Francisco Xavier de Araújo*.
- *A El-rei nosso Senhor*, [...], *Canção*, *André de Figueiredo Mascarenhas*.
- *Ad Clarissimum Doctorem Ignatium Barbosa Machado Iudicem Forensem Dignissimum*, *Epigramma*, *Emanuel Nunes de Sousa*.
- *Doctissimo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ignatio Barbosa Machado*, *Epigramma*, [*Emanuel Nunes de Sousa*].
- *Aliud ad eundem Brasilica bella scribentem*, *Epigramma*, *Emanuel Nunes de Sousa*.
- *Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Ignatium Barbosa Machado* [...], *Encomium*, *Emanuel Nunes Leal*.
- *Ao Meritissimo Senhor Juiz de Fora, Inácio Barbosa Machado, um dos quatro Mestres da Academia, lendo nela do nosso Brasil*, *Sonêto*, *Sebastião da Rocha Pita*.
- *Ao Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Meritissimo Juiz de Fora desta cidade*, *Décima*, *Luis Canelo de Noronha*.
- *Ao Doutissimo Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Juiz de Fora desta cidade Mestre da História militar Brasilica na Academia dos Esquecidos*, *Sonêto*, *Acadêmico Nubioso*.
- *Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, dignissimo Secretário da Academia Brasilica*, *Sonêto*, [*S.A.*].
- *In laudem Elegantissimi Domini Didaci Barbosa Machado*, [...], *Epigramma*, [*Secretário*].
- *Clarissimum Dominum Caetanum de Brito et Figueiredo Brasiliensis Status*, [...], *Epigramma*, *Secretário*.
- *Décima*, *Poeta Moderno*.
- *Em louvor do Senhor Doutor José da Cunha*, *Décima*, [*Idem*].
- *Sonêto, Criado de Sua Excelência*.
- *Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses* [...], *Ocupado*.
- *Excellentissimus Dominus Fernandus Caesar Menesius* [...], *Elogium*, *Idem*.
- *In laudem Excellentissimi Domini Vasici Fernandis Caesaris Menesius*, [...], *Elogium*, *Idem*.
- *Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses* [...], *Elogium*, *Idem*.
- *Ad Bahienses Academicos*, [...] *Elogium*, *Idem*.

1.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

- *Aos Acadêmicos, Invitatório Endecassílabo, Ocupado.*
- *Em louvor da Academia, Décima, [Idem].*
- *Conferência 1.<sup>a</sup>, Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-rei do Estado do Brasil, Labirinto Cúbico, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao eloqüente, e mui fecundo Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, escrevia Gonçalo Fernandes Gomes este Soneto.*

2.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

- *Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita. Presidindo na Academia Brasílica, (Sebastião da Rocha Pita).*

[ASSUNTO:] *Conferência de 7 de maio, Ao Presidente Sebastião da Rocha Pita, Conferência 2.<sup>a</sup>.*

- *Ao Senhor Presidente Sebastião da Rocha Pita, Soneto, Secretário.*
- *Em obséquio do Presidente o Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, Epigramma, Antônio Cardoso de Afonseca.*
- *Ao Assunto heróico, do mesmo autor, Epigrama.*
- *Elogii argumentum praebet Reuerendus admodum, et Eloquentissimus Dominus Gundissalus Suarius da Franca Sacra Brasiliae elementa, [...] Epigramma, Secretário.*
- *Sapientissimum Dominum Ludouicum de Siqueira da Gama, [...] Epigramma, Do mesmo Secretário.*
- *Primeiro Assunto. Quanto deve a República das Letras a Sua Majestade El-rei Nosso Senhor Protetor delas, Soneto, João Alv'res Soares.*
- *In laudem Doctissimi Praesidis Domini Sebastiani da Rocha Pita, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud ad eundem, Congratulatio Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Meritissimo Presidente desta Academia, Soneto, José de Oliveira Serpa.*
- *Ao Coronel o Senhor Sebastião da Rocha Pita, Soneto, Luís Canelo de Noronha.*

- *Em louvor do Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Acadêmico Real, e erudito desta Academia de que é também singular Acadêmico e primeiro Presidente dela, Décimas, [S.A.].*
- *Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, primeiro Presidente da Academia, Epigrama, Ocupado.*
- *Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Sapien-tíssimo Presidente, Soneto, Iosephus Pereira de Castro.*
- *Ap mui nobre e mui erudito Coronel Senhor Sebastião da Rocha Pita Presidente da presente Academia, Décimas ao joco-sérias, [S.A.].*

[ASSUNTO:] Conferência de 7 de maio. Segundo assunto. Problema, quem mostrou amar mais finamente Clície ao Sol, ou Endimião à Lua.

- *Supõe o Poeta como certo que Clície foi amada do Sol até o tempo da morte de Leucotoe, e só depois disso deixou de ser dêle querida, Décimas, Secretário.*
- *Ao Segundo Assunto Problemático. Quem mostrou ser mais amante, Clície do Sol, ou Endimião da Lua? Clície — Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Endimião — Soneto, do mesmo Acadêmico.*
- *Serenissimo DD. Ioanni V.º Portugaliae Regi [...], Elogium, [S.A.].*
- *Ao assunto lírico, Epigramma, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *De Clítia, et Endymione, Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha.*
- *Ad Clytien et Endimionem, Epigramma, São Francisco Anônimo.*
- *Quem obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao mesmo Assunto joco-sério, Soneto, Geraldo da Fonseca Carsão.*
- *Assunto Lírico. Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Da Academia unindo os dois assuntos heróico, e lírico neste Soneto, Iosephus Pereira de Castro.*
- *Mostra-se que foi Endimião mais fino em amar a Lua, que Clície ao Sol, Soneto, [S.A.].*
- *Assunto Lírico. Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua, Soneto, João de Barbosa e Lima.*

- *Pergunta-se quem mostrou ser mais amante Clície do do Sol, se Endimião da Lua? Soneto, Hierônimo Rotz de Crasto.*
- *Qual mostrou ser mais amante Clície do Sol, ou Endimião da Lua, Soneto, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Ao Assunto: Foi o amor de Clícia, para com o Sol, mais passivo; e por isso mais fino, que o de Endimião para com a Lua: Soneto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Certamen amoroso, em que se dá a decisão do problema proposto, Antônio Nunes de Siqueira.*
- *Ao mesmo assunto lírico, Silva joco-séria, Do mesmo Geraldo da Fonseca Carsão.*
- *Ao Assunto Lírico, Silva, José de Oliveira Serpa.*
- *Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Décimas, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao assunto lírico em que se mostra andou mais fina amando Clície ao Sol que Endimião à Lua, Décimas, [João de Brito e Lima].*
- *Ao mesmo assunto mostrando pelo contrário que mais fino foi o amor de Endimião com a Lua que o de Clície com o Sol, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Mais firme amante foi Endimião da Lua que Clície do Sol, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Ao mesmo assunto do mesmo autor, Romance joco-sério, Geraldo da Fonseca Carção.*
- *Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*
- *Qual amou mais, se Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Romance joco-sério, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Romance, Frei Antônio de Santa Maria.*
- *Ao assunto Lírico, Romance, Antônio Cardoso da Fonseca.*
- *Quem mais amou, Clície ao Sol ou Endimião à Lua? Romance, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao mesmo Assunto, Romance joco-sério, Francisco Pereira do Lago Barreto.*

### 3.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

- *Conferência de 21 de maio, Mestre da história militar, conferência 3.<sup>a</sup>.*
- *3.<sup>a</sup> Conferência de 21 de maio de Capitão João de Brito Lima, Oração Acadêmica.*
- *Ao Presidente o Senhor João de Brito e Lima, Décimas, Secretário.*

- *Ad Ducem Emeritum et Praestantissimum Dominum Ioannem de Brito e Lima, Epigramma, Ludouici Canelo de Noronha.*
- *Doctissimo, ac Ingeniosissimo Domino Ioanni de Brito Lima Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud ad eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Em louvor do Acadêmico Infeliz o Senhor Capitão João de Brito e Lima, no dia em que preside na nossa Academia Brasileira, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima, Digníssimo Presidente, Soneto, Frei Francisco da Conceição.*
- *Ao Capitão João de Brito e Lima, Soneto, Frei Antônio de Santa Maria.*
- *Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima, Soneto, [S.A.].*
- *Ao Capitão João de Brito e Lima, Digníssimo Presidente, Soneto, Frei Pedro da Estrêla.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima, Digníssimo Presidente, Soneto, Frei Manuel de Santa Maria.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima, Emeritíssimo Presidente, Soneto, Frei Manuel de Santa Maria.*
- *Em louvor do presente o Senhor Capitão João de Brito e Lima, Manuel Cerqueira Leal.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima, segundo Presidente desta Academia, Soneto, Ocupado.*
- *Em louvor do Eruditíssimo Presidente, Décima heróica, Francisco da Silva.*
- *Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente Digníssimo na Academia dos Esquecidos, Décimas, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Frei Manuel de Santa Maria.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Padre Frei Davi dos Reis.*
- *Ao Acadêmico Orador, Décima, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Ao Senhor João de Brito e Lima, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente da Academia, Romance, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Pôs Heróstrato fogo ao Templo de Diana na mesma ocasião que ela assistia ao nascimento de Alexandre Magno, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel.*

- Enquanto Diana assiste ao nascimento de Alexandre Magno, lhe põe Heróstrato fogo ao templo, Sonêto, José Pereira de Castro.
- Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria.
- A Diana assistir ao parto de Alexandre Magno, ao tempo que Heróstrato lhe queimava o seu Templo, Sonêto, [S.A.].
- A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno, ao mesmo tempo, que Heróstrato punha fogo ao seu Templo, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.
- Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno ao tempo que Heróstrato lhe estava queimando o seu Templo, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.
- Ao templo de Diana, que em Éfeso na mesma noite, em que se achava assistindo ao nascimento de Alexandre lhe queimou Heróstrato, Sonêto, [S.A.].
- Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe queimou o seu templo, Sonêto, João Álvares Soares.
- Ao mesmo assunto compreendendo melhor tôdas as circunstâncias dêle, Sonêto, João Álvares Soares.

[ASSUNTO:] Conf.<sup>a</sup> de 21 de maio. Foi primeiro assunto Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe estava queimando o seu templo.

- Epigramma, Secretário.
- Dum Alexandri Magni natali Diana praesidet, illius templum ab Herostrato flammis uastatur, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro.
- Conferência 3.<sup>a</sup>, Epigrama, Secretário.
- Ao incêndio que Heróstrato, por ser nomeado, fêz no Templo da Deusa Diana em Éfeso, quando obsequiosa assistia ao nascimento do grande Alexandre Príncipe da Macedônia, Sonêto, [Antônio Dias da Franca].
- Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Dias da Franca.
- A certa formosa que se não ria, por não mostrar a falta dos dentes, Romance: mas parecem redondilhas, Antônio Dias da Franca.
- Ad Diana templum, quod, Dea assistente Alexandro Magno in lucem prodito, flammis sternitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].
- Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.
- Ad [1 um] Argumentum, Epigramma, [S.A.].
- Ad [1 um] Argumentum, Epigramma, [S.A.].

- *A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre, Soneto, [S.A.]*.
- *Ao assunto heróico, Soneto, José de Oliveira Serpa.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Antônio Pinheiro Barreto.*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Vai Diana assistir ao nascimento de Alexandre em Macedônia, e deixa ardendo o seu Templo em Éfeso. Assunto heróico da nossa Academia Brasileira, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Nasce Alexandre Magno nas mãos da Deusa Diana no mesmo tempo, em que o templo desta Deusa se queimava, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao assunto Acadêmico heróico, em retrato não vulgar, Soneto, [S.A.]*.
- *Ao assunto do Templo, Frei Manuel de Santa Maria.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, Ocupado.*
- *Ao Assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo templo queimava Heróstrato, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Enquanto Diana assiste ao nascimento do grande Alexandre Heróstrato lhe queima o seu templo, Soneto, Manuel Nunes de Sousa.*
- *Ao mesmo assunto, Soneto joco-sério, [S.A.]*.
- *Ao assunto heróico, Canção, José de Oliveira Serpa.*
- *Primeiro Assunto, Diana assistindo ao nascimento de Alexandre ao mesmo tempo, que Heróstrato havia pôsto fogo ao famoso Templo de Éfeso, dedicado à mesma Diana, Romance Heróico, Acadêmico Nubiloso.*
- *Foi o segundo assunto uma dama formosa, mas com poucos dentes, que costuma falar pouco, por se lhe não ver aquela falta, Ao assunto lírico, Décimas, [S.A.]*.
- *Ad puellam edentulam, ideoque nunquam uidentem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Epigramma, [S.A.]*.
- *Ad puellam edentulam, Antonius de Oliveira.*
- *A certa Dama desdentada, que por não se lhe descobrir a falta dos dentes nunca falava, Soneto, Francisco da Silva.*
- *Ao assunto lírico, Soneto jocoso, José de Oliveira Serpa.*
- *Ao assunto, Soneto, tropológico, [S.A.]*.
- *A uma Dama Formosa sem dentes, que para encobrir a falta falava pouco, Segundo assunto, Soneto, Gervásio das Montanhas Eremita.*

- *A uma Dama formosa, mas com falta de dentes por cuja razão não falava, Soneto, Padre Frei Pedro da Estrêla.*
- *Uma Dama que sendo formosa não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Soneto jocoso, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Assunto da Dama, Soneto, [Frei Manuel de Santa Maria].*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, do mesmo Autor (provavelmente Francisco da Silva).*
- *Ao mesmo assunto e pelos mesmos consoantes, Soneto Do mesmo Autor (Francisco da Silva).*
- *A uma moça que por falta de dentes costumava falar pouco por se lhe não descobrir a falta, Soneto, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costuma falar pouco por se lhe não notar essa falta, Silva joco-séria, Acadêmico Obsequioso.*
- *A uma Dama desdentada que não falava por não mostrar o seu defeito; Silva jocosa, [Anastácio Ayres de Penhafiel].*
- *Décimas, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costumava falar pouco, para encobrir essa falta, Décima, João Alveres Soares.*
- *A Nise que lhe chamam desdentada, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *A uma Dama desdentada, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Décimas, Acadêmico Infeliz.*
- *A uma Dama formosa, que faltando-lhe os dentes, costumava falar pouco, por se lhe não ver aquela falta, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *A uma Dama desdentada, que por não mostrar que não tinha dentes, nunca falava, Francisco da Silva.*
- *A uma Dama muito formosa que falava pouco por encobrir a falta que tinha de dentes, Décimas joco-sérias, [S.A.].*
- *A uma Dama formosa, e sem dentes, Romance, Frei Antônio de Santa Maria.*
- *Uma Dama que sendo formosa, não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Romance, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa.*

- *A uma Dama formosa, e sem dentes, que para encobrir esta falta falava pouco, Segundo Assunto. Romance, Gervásio das Montanhas Eremita.*
- *Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*
- *Ao segundo assunto, Romance, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao 2.º, Romance, Anônimo.*
- *A uma Dama formosa que costuma falar pouco por não se lhe ver a falta, que de dentes padece, Romance, [S.A.].*
- *A uma Dama sem dentes, e por não mostrar a falta dêles sempre calada, Seguidilhas, Francisco da Silva.*

#### 4.ª CONFERÊNCIA

4 de junho

- *Oração que leu o Padre Francisco Pinheiro Barreto na Academia dos Esquecidos no dia 4 de junho de 1724, 4.ª Conferência de 4 de junho.*
- [Assunto]: *Conferência de 4 de junho. Ao Presidente que foi Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro.*
- *Reuerendo admodum Doctori Francisco Pinheiro Barreto, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães].*
- *Aliud, [Idem].*
- *Aliud, [Idem].*
- *Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*
- *Auunculo suo Reuerendo admodum, ac Dignissimo Praesidi Diui Petri Parochialis ecclesiae Rectori circa orationis thesim, Epigramma, Padre Ioseph Lopes de Araújo e Lanos.*
- *Reuerendissimo Doctori Francisco Pinheiro Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Reuerendo admodum eruditissimo Praesidi Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Franciscus Xaerius de Araújo.*
- *Praestantissimo Oratori Distichon, Franciscus Xaerius de Araújo.*
- *Doctori Eximio, Reuerendo admodum Vicario Diui Petri, nec non huius Academiae Praestantissimo Oratori, Epigramma, Franciscus Xaerius de Araújo.*
- *Eximio Doctori Reuerendo admodum Patri Francisco Pinheiro Barreto, Ecclesiae Diui Petri Vicario [...], Epigramma, [Ioannes Machado Barcelos].*

- *Aliud, Ioannes Machado Barcelos Artium Magister.*
- *Ad Reuerendissimo admodum Doctorem, Dominum Franciscum Pinheiro Barreto, Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha.*
- *Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Vigário de São Pedro presidindo na Academia Brasilica, Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Ao Reverendíssimo Vigário, e Sapiëntíssimo Doutor o Padre Francisco Pinheiro em ocasião em que fêz uma erudita oração na Academia da Cidade da Bahia, Soneto, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Soneto, Padre Frei Pedro da Estrêla.*
- *Ao Senhor Reverendo Padre Francisco Pinheiro, Digníssimo Presidente, Soneto, Padre Frei Pedro da Estrêla.*
- *Em louvor do Muito Reverendo Presidente Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral.*
- *Ao Reverendíssimo Padre Vigário de São Pedro o Senhor Doutor Francisco Pinheiro Digníssimo Presidente da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao Meritíssimo Presidente, o Doutor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, Oitavas, Caetano do Lago.*
- *Ao Presidente, Décima, Vigário da Vitória.*
- *Ao Eruditíssimo Orador\* Francisco Pinheiro, Décima, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Ao Eruditíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décima, Inácio de Araújo Lasso.*
- *Ao Muito Reverendo Senhor Padre e Vigário Geral [o Licenciado] Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, [Manuel Martins de Encarnação].*
- *Ao mesmo Reverendo Senhor, Décimas, Manuel Martins da Encarnação.*
- *Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Francisco Pinheiro Barreto Digníssimo Vigário da Matriz de São Pedro, com a circunstância de orar em dia do Espírito Santo, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao Ilustríssimo Reverendo Vigário o Sapiëntíssimo Presidente Francisco Pinheiro Barreto, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Conferência de 4 de junho — Foi o primeiro assunto o Senhor Rei Dom João o 2.º que se gloriava de conhecer os seus vassallos, Soneto, Secretário.*

- *Serenissimo Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui viros suos cognoscere gloriabatur, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Em louvor do muito Reverendo Padre Vigário o Senhor Doutor Francisco Pinheiro, orando na nossa Academia Brasílica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Presidente, Soneto, Vigário da Vitória.*
- *Serenissimo Lusitaniae Regi Domino Ioanni II, qui suos cognoscendo magnopere gloriabatur, Epigramma, Ioseph de Matos.*
- *Domino Ioanni Secundo Portugaliae Regi, qui in cognoscendo subditos suos prae omnibus gloriabatur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Gloriava-se o Senhor Rei Dom João 2.<sup>o</sup> de ver os seus vassallos, assunto heróico da nossa Academia Brasílica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Assunto primeiro — Gloriar-se o Senhor Rei Dom João o Segundo de ter conhecimento dos seus vassallos, Soneto, Acadêmico Nubíloso.*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Ao Senhor Rei Dom João o segundo, que se gloriava de conhecer os seus vassallos. Com alusão ao verso de Vergílio no Livro VI, Aenea. — Solemque suum sua sydera norunt, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Assunto Primeiro — O Senhor Rei Dom João 2.<sup>o</sup> que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Soneto, João Álvaro Soares.*
- *Ao Serenissimo Rei Dom João o Segundo de gloriosa memória, que se alegrava em conhecer os seus vassallos, Soneto, Luis Canelo de Noronha.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, João Barbosa e Lima.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *O quanto desejou El-rei Dom João 2.<sup>o</sup> conhecer os seus vassallos, Soneto, Anastácio Ayres de Penhaftel.*
- *Ao Senhor Rei Dom João Segundo que se gloriava muito de conhecedor de seus vassallos, Soneto, [S.A.].*
- *Ao muito Alto e Poderoso Senhor Dom João o Segundo Rei de Portugal que se alegrava de conhecer os seus vassallos, Soneto, Antônio de Oliveira.*

- *O Senhor Rei Dom João o 2.º que folgava-se (sic) de ver seus vassallos, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral.*
- *Ao Sereníssimo Rei de Portugal Dom João II que se gloriava de conhecer a seus vassallos, Décimas, José de Matos.*
- *A El-rei Nosso Senhor Dom João o Segundo glorian-do-se nos seus vassallos, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *A grande glória que o Senhor Rei Dom João o 2.º de Portugal tinha em conhecer aos seus vassallos, Romance, Antônio de Freitas do Amaral.*
- *Em louvor do Sereníssimo Rei Dom João o 2.º da gloriosa memória do grande conhecimento, que tinha dos seus vassallos, Soneto, [Primeiro nome ilegível] Cerqueira Leal.*
- *Em obséquio do Presidente o Reverendo Doutor Francisco Pinheiro Barreto, Epigramma, Antônio Cardoso da Fonseca.*
- *Ao mesmo Presidente, Décima joco-séria, Secretário.*
- *Epigramma, Do mesmo Autor.*
- *Ao Doutor Presidente, Décima, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao Preclaríssimo Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Soneto, [S.A.].*
- *[Assunto:] Foi o segundo assunto uma hera sustentando a um álamo seco, Conferência 4.ª.*
- *Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Cuidam Hederae siccam ulmum sustinenti, Epigramma, Ioseph de Matos.*
- *Ad Amantissimam haederam, quae iam sine viribus ulmum siccam adhuc bracchiis sustentat, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *A uma hera sustentando a um álamo seco, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Assunto segundo — Uma hera sustentando a um álamo seco, Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Uma hera enlaçada a um álamo seco, Soneto, Antônio de Freitas do Amaral.*
- *A uma hera enlaçada em um Álamo, ou choupo seco, Soneto joco-sério, Luís Canelo de Noronha.*
- *Sustenta uma hera significada em Baco a um álamo seco significado em Hércules aos quais são consagrados, Soneto, Antônio de Oliveira.*

- *Ao segundo assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao mesmo assunto, Soneto burlesco, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao Álamo sêco com a hera enleada, Soneto, Cerqueira Leal (?)*
- *Uma hera sustentando a um álamo sêco, Soneto, [S.A.].*
- *Ao assunto lírico, Soneto, João Machado Barcelos.*
- *A uma hera sustentando um álamo sêco, Ode, [S.A.].*
- *Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *A uma hera sustentando um álamo sêco, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *A uma hera sustentando um álamo sêco, assunto lírico da nossa Academia Brasileira, Décimas, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Mote, Glosa, João de Brito e Lima.*
- *Ao Álamo sêco que a Hera tinha abraçado, Décima, Antônio de Freitas de Amaral.*
- *Uma hera enlaçada a um Álamo sêco, Décimas, Antônio de Freitas de Amaral.*
- *Ao álamo sustentado da hera, Décimas, Manuel Muniz da Encarnação.*
- *A uma hera sustentando um álamo sêco, Décima, José de Matos.*
- *Ao mesmo assunto, outra décima com diverso sentido, José de Matos.*
- *Al segundo, Romance, Ocupado.*
- *Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*
- *Uma hera sustentando a um Álamo ou choupo, Romance, Salvador Pizza de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa.*
- *Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa.*
- *Ao segundo assunto, Quintilhas, Eusébio Peixoto.*

#### CONFERÊNCIA 5.<sup>a</sup>

- *Oração que leu o Padre Antônio Gonçalves Pereira sendo Presidente na Academia dos Esquecidos desta cidade da Bahia em 25 de junho de 1724, Discurso Acadêmico Filosófico.*
- *Ao Presidente, que foi o Reverendo Vigário do Rosário Antônio Gonçalves Pereira, Conferência 5.<sup>a</sup>.*

- *In laudem Reuerendissimi Vicarii Antonii Gonçalves Pereira nostrae inclutae Academiae V Praesidis [...]* Epigramma, [Frei Luís Botelho do Rosário].
- *Aliud eiusdem ad eundem, Frei Luís Botelho do Rosário Carmelita.*
- *Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Antonium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Ad Clarissimum Reuerendissimumque Domino Doctorem Antonium Gonçalves Pereira Academicum Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Admodum Reuerendo et Eruditissimo Praesidi Domino Antonio Gonçalves Pereira [...], Epigramma, Secretário.*
- *Em louvor do Ilustríssimo Presidente o Senhor Doutor Antônio Gonçalves Pereira [...], Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Ao mesmo. Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Aos dez anos de idade do Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor, pelo mesmo Autor, Soneto, [mesmo Autor].*
- *Ao Presidente, Décima, João Machado Barcelos.*
- *Assunto, Uma flor chamada amor-perfeito, metida em um mal-me-queres, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Em contraposição do assunto acima, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ad Reuerendum Patrum Antonius Gonçalves Pereira, Dignissimum Vicarium Ecclesiae Beatissimae Dominae de Rosario nuncupatae, Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha.*
- *Reuerendo admodum Doctori Antonio Gonçalves Pereira, [...], Epigramma, [Padre Estêvão Ribeiro Guimarães].*
- *Aliud, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*
- *Ao Brasil, Soneto, João Machado Barcelos.*
- *Ao Doutor Antônio Gonçalves Pereira [...], Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao mesmo, Décima joco-séria, Do mesmo.*
- *Em aplauso do Doutíssimo Orador o Reverendíssimo Vigário o Senhor Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *Ao Meritíssimo e mui Reverendo Senhor Padre Vigário Antônio Gonçalves Pereira, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao Doutor Presidente Antônio Gonçalves Pereira, Décima jocosa, Frei Avertano de Santa Maria.*

[ASSUNTO:] *Conferência de 25 de junho. Primeiro assunto celebrar os anos do Príncipe Nosso Senhor que Deus guarde e fez 10 em 6 do corrente.*

- *Alude à admirável compreensão, com que o Sereníssimo Príncipe Nosso Senhor tem recebido doutrinas, e notícias que em outros sujeitos não podiam caber na esfera de tão pouca idade, Soneto, Secretário.*
- *Ad Serenissimum Lusitaniae Principem Dominum Iosephum [...], [S.A.].*
- *Nascitur Serenissimus Princeps Domino Iosephus [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Extinto Serenissimo Principe Domino Petro Augustissimi Domini Ioannis Quinti [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimum Principem Dominum Iosephus [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Ad Augustissimum Decenium Serenissimi Principis Nostri [...], Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha.*
- *Ao assunto heróico, Epigrammata, João Machado Barcelos.*
- *Ao Serenissimo Senhor Príncipe, fazendo anos, assunto heróico da nossa Academia Brasílica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Príncipe Nosso Senhor cumprindo o décimo ano de sua florentissima Idade, Primeiro Assunto, Soneto, Caetano de Brito Figueiredo.*
- *Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Soneto, [João de Brito e Lima].*
- *Soneto, [do mesmo Autor].*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Ao primeiro assunto, Ocupado.*
- *Ao Príncipe Nosso Senhor fazendo dez anos em seis de junho, cômputo, que em opinião de São Hierônimo, alegorizando os números sôbre o capítulo quinto de Zacarias, significa felicidades: De nauium prospera significat, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao Assunto Heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Primeiro Assunto. Ao feliz complemento do décimo ano de idade do Serenissimo Príncipe Nosso Senhor em 6 de junho de 1724, Soneto, João Alveres Soares.*

- *Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José em ocasião de completar dez anos em 6 de junho próximo presente, Soneto, Anastácio Ayres de Penha-fiel.*
- *Aos dez anos, que faz o Príncipe Nosso Senhor, Soneto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao Sereníssimo Príncipe de Portugal o Senhor Dom José ajustando dez anos em uma oitava do Espírito Santo, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Aos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor na ocasião em que perfaz os dez, Soneto, Francisco Álvares.*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, do mesmo Autor.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Em louvor dos felizes anos do Príncipe Nosso Senhor, Canção, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *Segundo assunto uma dama dando a Fábio duas flôres, a saber um amor-perfeito metido em um mal-me-quer, Décimas, Secretário.*
- *A uma dama, pondo a Flor do Amor-perfeito, na Flor do Mal-me-quer, assunto lírico da Nossa Academia Brasileira, Soneto em agudos, Sebastião da Rocha Pita.*
- *A uma dama que deu a seu amante duas flôres, a saber um amor-perfeito dentro de um mal-me-quer, Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *A um amor-perfeito metido em um mal-me-quer, que a Fábio deu uma Dama, Soneto, Padre André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *A Lisarda, que deu a Fábio duas flôres, a saber, um amor-perfeito metido dentro em um mal-me-quer, Soneto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao assunto lírico, Soneto, João Machado Barcelos.*
- *Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *A Lisarda que dando duas flôres a Fábio [nela habitava] uma (sic) mal-me-quer e outra (sic) amor-perfeito, Silva joco-séria, [Anastácio Ayres de Penha-fiel].*
- *[Silva joco-séria], Décima, Anastácio Ayres de Penha-fiel.*
- *Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Foi assunto da Academia Nise dando a Fábio um amor-perfeito metido em um mal-me-quer, Décimas, [S.A.].*
- *Segundo assunto, Uma Dama dando a Fábio duas flôres — a saber um amor-perfeito metido em um mal-me-quer, Décimas, João Alveres Soares.*
- *Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima.*

- *A Lisarda dando umas flôres a Fábio a saber, um amor-perfeito metido dentro em um mal-me-querer, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *Dá Lisarda a Fábio um amor-perfeito metido em um mal-me-querer, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*

## VOL. II

CONFERÊNCIA 6.<sup>a</sup>

— *Oração, que se fêz em Academia da Bahia em 9 de julho de 1724 Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Religioso de Nossa Senhora do Monte do Carmo.*

[ASSUNTO] *Conferência de 9 de julho. Ao Presidente que foi o Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo de Santo Antônio religioso do Carmo.*

- *Ao Reverendo Presidente, Décima, Secretário.*
- *Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Digníssimo Presidente da Academia em que se escreve da Morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa Moscoso Osório, [...], Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Eloquentíssimo Praesidi, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Ao muito Reverendo Padre Mestre Frei Raimundo Boim de Santo Antônio Presidente Digníssimo desta Conferência Acadêmica, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao muito Reverendo Padre Mestre Presidente Frei Raimundo Boim de Santo Antônio, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao muito Reverendo Padre Mestre Presidente, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.*

● [ASSUNTO:] *Conferência de 9 de julho. Foi o primeiro assunto a morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia Dona Teresa de Moscoso.*

- *Ao primeiro assunto, Epitáfio, Secretário.*
- *In obitum Excellentissimi Dominae Theresiae de Moscoso Osório, Epigramma, [S.A.].*

[ASSUNTO:] Conferência 6.<sup>a</sup>.

- *In funere Excellentissimae Dominae Marchionissa a Sancta Cruce, Elogium Sepulcrale*, [S.A.].
- *Assunto, A morte tao digna de sentimento da Excelentissima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Soneto, Capitão Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio [...], Epitaphium*, [S.A.].
- *Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio, [...], Phalecium*, [S.A.].
- *Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce [...], Epigramma*, [S.A.].
- *Ad primum argumentum. Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio, [...], Epigramma*, [S.A.].
- *Ad primum argumentum. Excellentissima Domina Theresia Moscoso Osorio [...], Epigramma*, [S.A.].
- *In obitum Excellentissimae Dominae Theresiae de Moscoso Osorio, Epicedium*, [S.A.].
- *Nocte abiit Excellentissima Domina Marchionissa a Sancta Cruce, Epigramma*, [S.A.].
- *Ao primeiro assunto, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Na morte de Excelentissima Senhora Marquesa Aia; primeiro Assunto da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Expressão reverente de um magoado sentimento na Morte da Excelentissima Senhora Marquesa de Santa Cruz sucedida no dia de quinta-feira Maior, Soneto, O mais Fiel, e Humilde Criado.*
- *Soneto, [João de Brito e Lima].*
- *Soneto, [João de Brito e Lima].*
- *Soneto, [João de Brito e Lima].*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Na morte da Excelentissima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Primeiro Assunto, A morte da Excelentissima Senhora Marquesa Aia, a Senhora Dona Teresa Moscoso Osório, [...], Soneto español, João Alv'res Soares.*
- *Segundo assunto, A Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia a Senhora Dona Rosa de Távora [...], Soneto español, [João Alv'res Soares].*
- *A morte da Excelentissima Senhora Marquesa Aia, Soneto, Francisco Pereira Barreto.*

- *A morte de Excelentíssima Senhora Marquesa Aia, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *A morte de Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *A morte de Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz. Sonêto saudoso, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao sentimento da morte de Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Sonêto, Manuel Nunes Leal.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, João Machado Barcelos.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, João Machado Barcelos.*
- *A sentida morte da Ilustríssima Marquesa de Santa Cruz, Sonêto, Inácio Pires da Silva.*
- *A sentidíssima morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, [...], Sonêto, Gervásio de Pilares.*
- *Ao mesmo Assunto, Sonêto, do mesmo autor.*
- *Ao túmulo, Sonêto, do mesmo autor.*
- *Sentimento de pejo na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, João de Barbosa e Lima.*
- *Invectiva contra a Morte no falecimento da Excelentíssima Senhora Marquesa de Santa Cruz, Oitavas, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*
- *A morte da Excelentíssima Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, [...], Oração, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao primeiro, Elegia, Luís de Siqueira da Cama.*
- *Sentimentos na Morte da Excelentíssima Marquesa Aia a Senhora Dona Teresa de Moscoso Osório, Acadêmico Nubiloso.*
- *Silva Funeral, Anastácio Ayres de Penhafeil.*
- *Na morte da Excelentíssima Senhora Marquesa Aia filha dos Excelentíssimos Senhores Condes de Altamira, Epitáfio, Acadêmico Obsequioso.*
- *Conferência de 9 de julho, Foi o segundo assunto [a] Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia Dona Inácia Rosa, [...], Romance heróico, Secretário.*
- *Excellentíssima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Excellentíssima Domina Marchionissa de Gouvea, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Excellentíssima Domina Marchionissa de Gouvea [...], Epigramma, [S.A.].*

- *Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Excellentissimae Dominae Ignatiae Rosae de Tavora Se Monialium Syllabo adscribenti*, *Epigramma*, [S.A.].
- *Excellentissima Domina Marchionissa de Gouvea* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Ad Excellentissimam Dominam Marchionissam de Gouvea*, [...], *Epigramma*, *Luis Canelo de Noronha*.
- *A Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia, tomando o estado de Religiosa: segundo assunto da presente Academia*, *Sonêto*, *Sebastião da Rocha Pita*.
- *A Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia*, [...], *Sonêto*, *Acadêmico Nubiloso*.
- *Ao 2.º assunto*, *Sonêto*, *Seu Criado, Do Ocupado*.
- *Deixando o Século, e recolhendo-se a um Convento a Excelentissima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora*, [...], *Sonêto*, *Acadêmico Obsequioso*.
- *Segundo assunto*, *Sonêto*, [*João de Brito e Lima*].
- *Sonêto*, *João de Brito e Lima*.
- *A Excelentissima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora* [...], *Sonêto*, *André de Figueiredo Mascarenhas*.
- *A Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia* [...], *Sonêto*, *Anastácio Ayres de Penhafiel*.
- *Ao 2.º assunto*, *Sonêto*, *Francisco Xavier de Araújo*.
- *A recolher-se a Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia em um convento*, [...], *Sonêto*, *Hierônimo Roiz de Crasto*.
- *A Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia retirando-se a viver em um Convento*, *Sonêto*, *Gervásio de Pilares*.
- *Ao Segundo Assunto*, *Sonêto*, *João Machado Barcelos*.
- *Ao Segundo Assunto*, *Sonêto*, *João Machado Barcelos*.
- *Recolhendo-se a um Convento a Excelentissima Senhora Dona Inácia de Távora* [...], *Sonêto*, *Francisco Pereira do Lago Barreto*.
- *Ao segundo Assunto; em que se descreve ser a Excelentissima Senhora Marquesa de Gouveia*, [...], *na resolução, que tomou de ser religiosa*, [...], *Silva, Manuel* [...] *de Carvalho*.
- *Recolhendo-se a um Convento a Excelentissima Senhora Dona Inácia Rosa de Távora* [...], *Décimas*, *Acadêmico Obsequioso*.
- *Décimas*, *João de Brito e Lima*.

- *A Excelentíssima Senhora Marquesa de Gouveia, trocando as caducas pompas do Mundo pelas seguras aspezezas da Religião, Décimas, Francisco de Pinheiro Barreto.*
- *Ao mesmo Assunto, Romance, Sebastião da Rocha Pita.*

7.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

[ASSUNTO:] *Conf. 7, em 23 de julho de 1724, Oração Acadêmica, que em presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-rei do Estado do Brasil disse o muito Reverendo Padre Mestre Rafael Machado da Companhia de IESU Reitor do Colégio da Bahia.*

[OFERECIMENTO] *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-rei, que foi da Índia, e Vice-rei atual do Brasil Alferes-mor do Reino da Ordem de Cristo Comendador de São João do Rio Frio, e São Pedro de Lomar do Conselho de Sua Majestade, Rafael Machado.*

- [Oração] *Argumento da Oração. Mostra-se, que o descobrimento, que os Argonautas Lusitanos fizeram do Brasil, verdadeiramente foi descobrimento nôvo, ainda que essas terras nos séculos passados fossem descobertas por outras [nações].*

[JUSTIFICATIVA] *Conferência de 23 de julho, Foi Presidente nomeado o Reverendo Padre Salvador da Mata Jesuíta; e por não poder vir, o substituiu o Reitor do Colégio o Reverendo Padre Rafael Machado.*

- *In laudem Praesidis sapientissimi, Epigramma, Secretário.*
- *Religiosissimo Sapientissimoque; Magistro Raphaeli Machado Societatis IESU Rectori Eximio, Encomium, Emanuel Nunes Leal.*
- *Ad Reuerendissimum Patrem Magistrum, [...] Raphaellem Machado, [...], Epigramma, Padre Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ad Reuerendo Admodum huius Academiae Praesidentem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Raphael, idest, Medicina Dei, Distichon, Francisco Xavier de Araújo.*

- *In laudem Reuerendissimi Patris Sapientissimique Magistri Raphaelis Machado Societate IESU Rectoris Dignissimi*, [...], *Paralelus elogiacus*, Anastacius Ayres de Penhafiel.
- *Reuerendo admodum Patri Raphaeli Machado*, [...] *Epigramma*, Carlos de Azevedo.
- *Reuerendo Patri, Raphaeli Machado Academiae Praesidi*, *Epigramma*, Carlos de Azevedo.
- *Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi*, *Epigramma*, Carlos de Azevedo.
- *Reuerendo Patri Raphaeli Machado Academiae Praesidi*, *Epigramma*, Carlos de Azevedo.
- *Ad Reuerendissimum, et Sapientissimum Patrem Raphaellem Machado* [...], *Elogium*, [S.A.].
- *Ao Sapientissimo e Reverendissimo Presidente o muito Reverendo Padre o Senhor Rafael Machado* [...], *Sonêto*, Acadêmico Nubiloso.
- *Ao Sapientissimo e Reverendissimo Presidente o Muito Reverendo Padre o Senhor Rafael Machado Dignissimo Reitor do Colégio da Companhia. Com alusão ao primeiro Assunto de haver um Raio feito em pó a u'a estátua de Apolo*, *Sonêto*, Acadêmico Nubiloso.
- *Em louvor do muito Reverendo Padre Reitor Rafael Machado Presidente da Academia*, *Sonêto*, Carlos de Azevedo.
- *Ao Reverendissimo Padre Reitor, Idílios triplicados, de um seu muito venerador.*
- *Ao Engenhosissimo, e Religiosissimo Presidente* [...] *Padre Rafael Machado* [...], *Epigramma*, Salvador Piza de Carvalho e Albuquerque.
- *Ao muito Sábio, e Religioso Presidente o Reverendissimo Padre Rafael Machado* [...], *Epigrama*, Salvador Piza de Carvalho e Albuquerque.
- *Ao Facundissimo, e Religiosissimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado* [...], *Epigrama*, Salvador Piza de Carvalho e Albuquerque.
- *Ao Sapientissimo, e Religiosissimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado* [...], *Epigrama*, Salvador Piza de Carvalho e Albuquerque.
- *Ao Argutissimo, e Religiosissimo Presidente o muito Reverendo Padre Rafael Machado* [...], *Epigrama*, Salvador Piza de Carvalho e Albuquerque.
- *Ao Reverendissimo Padre Rafael Machado* [...], *Décima*, Luís Canelo de Noronha.
- *Em louvor do Muito Reverendo Padre Rafael Machado* [...], *Décima*, Pedro de Vasconcelos.

[ASSUNTO] Conferência de 23 de julho, Foi o primeiro assunto uma estátua de Apolo ferida e desfeita por um raio.

- Ao primeiro assunto, Sonêto, Secretário.
- Caindo um Raio sobre a Estátua de Apolo, Assunto Heróico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.
- Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].
- Sonêto, João de Brito e Lima.
- Ao primeiro Assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].
- Sonêto, João de Brito e Lima.
- Ao 1.º, Sonêto, Ocupado.
- Ao Primeiro Assunto, Sonêto, Acadêmico Nubiloso.
- A uma Estátua de Apolo abrasada de um Raio, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.
- A uma estátua de Apolo ferida, e arruinada por um raio, Sonêto, [André de Figueiredo Mascarenhas].
- Ao mesmo assunto, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.
- À Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel.
- Ao Assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.
- A uma estátua de Apolo ferida por um raio, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.
- Fere um Raio uma Estátua de Apolo, Sonêto, Antônio de Oliveira.
- Fazendo Trovões caiu um Raio, e fêz em pedaços a uma estátua de Apolo. Segundo assunto, Sonêto, Hermita Frei de Santo Antônio da Barra.
- Ao primeiro Assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.
- A uma estátua de Apolo, ferida, e arruinada por um Raio, Sonêto, Capitão Antônio de Araújo e Silva.
- Ao Assunto Heróico, Sonêto, João de Machado Barcelos.
- À Estátua de Apolo ferida de um raio, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria.

[ASSUNTO] Conferência de 23 de julho, Foi o segundo assunto uma dama que revolvendo na bôca umas pérolas, quebrou alguns dentes.

- Epigramma, Secretário.
- Ad Phylâdem, Epigramma, Antonius de Oliveira.
- Tomando uma Dama a bôca umas pérolas, se lhe quebraram alguns dentes. Assunto lírico da presente Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.

- *Ao segundo Assunto, Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *A uma Dama que brincando com umas pérolas na bôca, quebrou uns dentes, Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, João de Brito e Lima.*
- *A uma Dama, que revolvendo umas pérolas na bôca, quebrou com elas alguns dentes, Oitavas, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *A uma Dama que metendo várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Silva joco-séria, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao assunto lírico, Silva, Ioseph de Oliveira Serpa.*
- *Ao segundo assunto, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *A uma Dama que metendo na bôca algumas pérolas, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *A uma Dama, tendo uma pérola na bôca se lhe quebrou um dente, Décimas, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima.*
- *A uma Dama que tomando várias pérolas na bôca, e revolvendo-as quebrou alguns dentes, Décimas jocosas, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Acadêmico Nubiloso.*
- *Ao assunto lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao assunto lírico, Romance, João Machado Barcelos.*

### 8.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] *Conferência 8.<sup>a</sup> de 6 de agosto, Oração que disse na Academia o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima Desembargador da Relação Eclesiástica na conferência de 6 de agosto de 1724.*

- *Conferência, Cônego Antônio Roiz Lima.*

[ASSUNTO] *Conferência de 6 de agosto, Foi nesta conferência Presidente o muito Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima Desembargador da Relação Eclesiástica.*

- *Ao muito Reverendo Senhor Presidente, Décima joco-séria, Secretário.*
- *Ad Sapientissimum Praesidem [...] Antonium Rodericum Lima, Acrostichis, seu encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho.*
- *Ao muito Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima [...], Amanuense Cornélio Bruto.*

- *Ao muito Reverendo Doutor Antônio Rodrigues Lima, na presente Criação, Epigramma, Amanuense Cornélio Bruto.*
- *Sapientissimo Praesidi Domino Doctori Antonio Roiz de Lima, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Reuerendo admodum Canonico ac Domino Maximo Antonio Roderici huius Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem in illud; Antonius, id est "flos", Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Ao Reverendíssimo Cônego Senhor Padre Antônio Roiz Lima, Digníssimo Presidente da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Ad Reuerendissimo admodum Canonicum, Doctoremque Antonium Rodericum musarum Apollinem in hoc nobili Academia, Epigramma, [Iosephus Fernandis].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandis.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Cônego o Doutor Antônio Rodrigues Lima, Soneto, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Ilustríssimo Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego da Santa Sé, e Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva.*
- *Ao Reverendíssimo Senhor Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Soneto, Inácio Pires da Silva.*
- *Ao Presidente, Soneto, João de Barbosa e Lima.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego da Santa Sé sendo Provedor da Misericórdia, Soneto, De um afetuoso amigo.*
- *Em louvor do Sapientíssimo Presidente o Reverendo Cônego e Doutor o Senhor Antônio Roiz Lima, Décimas, Acadêmico Nubioso.*
- *Ao Senhor Doutor Antônio Roiz Lima Cônego Prebentado da Santa Sé da Cidade da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *Em louvor do Reverendissimo Presidente: por um seu amantissimo, Décimas, [S.A.].*
- *Ao Senhor Reverendíssimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Décima, Inácio Pires da Silva.*
- *Ao Senhor Reverendissimo Doutor o Cônego Antônio Roiz Lima Presidente da Academia, Décima, Inácio Pires da Silva.*

- *Em louvor do Reverendo Cônego o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente, o Cônego o Doutor Antônio Roiz Lima, Décima, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Reverendo Doutor Antônio Roiz Lima Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Ao Doutor Presidente o Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima em ocasião de suceder na presidência ao Padre Reitor Rafael Machado, Décima, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Em louvor da Oração do Senhor Reverendo Cônego Antônio Roiz Lima, Décima, Por um anônimo.*
- *Conferência 8.<sup>a</sup>, Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Antônio Roiz Lima, Cônego Prebendado na Santa Sé da Bahia, e Desembargador da Relação Eclesiástica, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Assunto. Um menino galhardo, que colhendo flôres, foi mordido por um áspide, de que morreu, Soneto, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*

[ASSUNTO] *Conferência de 6 de agosto, Foi o primeiro assunto desta conferência César que tendo notícia da morte de seu inimigo chorou.*

- *Ao primeiro assunto, Soneto, Secretário.*
- *Ad Ium argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Assunto. César vendo a cabeça de seu inimigo chorou, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ad primum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Ad Caesarem, truncato Magni Pompei capite, deplorantem, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Caesari Augusto, qui ad se nuntius translatis de inimici Pompeii acerbissima morte in lacrimas dissoluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Ao assunto heróico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo.*
- *A César compadecido de seu inimigo Pompeu, Epigramma, Cornélio Bruto.*
- *Foi César tão generoso, que chorou a morte de seu inimigo Pompeu, Assunto heróico da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*

- *Ao mesmo assunto heróico, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Ao primeiro, Sonêto, Ocupado.*
- *Sonêto, [João de Brito e Lima].*
- *Sonêto, [Idem].*
- *Sonêto, [Idem].*
- *Sonêto, João de Brito e Lima.*
- *Primeiro assunto, César, que tendo notícia da morte do seu maior contrário, chorou, Argumento moral sôbre o assunto, Sonêto, João Alv'res Soares.*
- *A César, que depois da vitória de Farsália chorou vendo a cabeça de Pompeu, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *César chorando à vista da cabeça de Pompeu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *A César, que vendo a cabeça de seu inimigo, chorou, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *A Júlio César por haver chorado na morte de um seu inimigo, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Chora César tendo da morte de seu inimigo Pompeu notícias, Sonêto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Fala César com Pompeu, João de Barbosa e Lima.*
- *A César, que sabendo da morte de seu inimigo, chorou, Sonêto, [S.A.].*
- *Ao mesmo assunto, Sonêto, [S.A.].*
- *Ao assunto heróico das lágrimas de César na morte de Pompeu, Sonêto, Jorge da Silva Pires.*
- *A chorar César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *A piedade, e clemência de César na morte de seu inimigo Pompeu, Sonêto, Cornélio Bruto.*

[ASSUNTO] Conferência de 6 de agosto. Foi o segundo assunto desta conferência um menino de gentil presença que colhendo rosas em um jardim, o mordeu um áspide, de que logo morreu.

- *Ao segundo assunto, Epigramma, Secretário.*
- *Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.A.].*

- *Ad secundum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Ad secundum argumentum, Elogium, [S.A.].*
- *A um menino gentil, que colhendo flôres o picou um áspide, de que morreu, Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao Assunto lírico, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo.*
- *Puero flores legenti, qui ex aspidis morsu factus est alius, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Ad puerum flores legentem, quem aspis inter illos adiacens interimit, Epigramma, [Iosephus Fernandes].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Iosephus Fernandes.*
- *Ao Assunto da Academia, do menino que colhendo flôres morreu mordido de um áspide, Epigramma, Cornélio Bruto.*
- *Ao mesmo Assunto lírico falando com o Áspide, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Um belo menino brincando em um jardim com as flôres o mordeu um áspide, e logo morreu. Assunto lírico da presente Academia, Falando com o menino, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao segundo, Sonêto, Ocupado.*
- *Um menino gentil, que entrando em um jardim a colher umas flôres, o picou um áspide, de que morreu, Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas.*
- *A um menino, que estando colhendo flôres picou um áspide, e morreu, Sonêto joco-sério, Luts Canelo de Noronha.*
- *A um menino especioso que colhendo em um jardim umas rosas foi mordido de um áspide do que morreu, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Andava um menino colhendo rosas, e mordendo-o um Áspide, morreu, Sonêto, Antônio de Oliveira.*
- *A um menino que sendo mordido de um Áspide ao tempo em que colhia umas rosas, morreu, Madrigal amburguês burlesco, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao Segundo Assunto do menino gentil que colhendo flôres o picou um Áspide, de que morreu, Silva, Jorge da Silva Pires.*
- *Colhe um menino rosas, e mata-o um Áspide, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Ao lindo menino, que colhendo flôres, morreu mordido de um Áspide, Décima, Cornélio Bruto.*

- *Ao menino que pegando em uma rosa mordeu um Áspide, Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *A um menino, que colhendo flôres lhe mordeu um Áspide, e morreu, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto.*
- *Um belo menino brincando em um jardim com as flôres, o mordeu um Áspide, e logo morreu, Assunto lírico da presente Academia, Endeixas, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Romance, João de Brito e Lima.*

CONFERÊNCIA 9.<sup>a</sup>

[ASSUNTO] *Conferência 9.<sup>a</sup> de 27 de agosto, Oração, que disse em 27 de agosto de 1724 o Presidente que foi o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes.*

- *Oração, Sebastião do Vale Pontes.*
- *Ao Presidente o Reverendo Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Secretário.*
- *Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Sebastiano do Vale Pontes [...], Elogium, Pater Iosephus Moreira Teles.*
- *Sapientissimo Reuerendissimoque Domino Sebasto do Vale Pontes [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Sapientissimo Doctori Sebastiano do Vale Pontes [...], Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Reuerendo admodum Doctori Sebastiano do Vale Pontes, [...], Epigramma, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*
- *In laudem Reuerendi admodum, Praeclari nimis Decani, Praesidis, ac Doctoris Sebastiani Vale Pontes, Distichon, Francisco Xavier de Araújo.*
- *In Praesidis laudem, Aliud, Franciscus Xauierius de Araújo.*
- *In laudem Praesidis, Epigramma, Francisco Xavier de Araújo.*

CONFERÊNCIA 3.<sup>a</sup>

[ASSUNTO] *Conferência de 25 de junho, Ao Presidente, que foi o Reuerendo Vigário do Rosário Antônio, Conferência 3.<sup>a</sup>.*

CONFERÊNCIA 9.<sup>a</sup>

- *Ao muito Reverendo Deão o Senhor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Assunto: Um naufragante às costas de um Delfim, que cortando os mares, o pôs em terra, Décima, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Outro, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ad Sapientissimum Academicum Praesidentem, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Ad eundem, Décimas, pelo mesmo Autor.*
- *Ao primeiro assunto Acadêmico, Sonêto, [Idem].*
- *Sonêto, [Idem], Ao segundo assunto.*
- *Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...], Sonêto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao Eruditissimo Deão [...] Sebastião do Vale Pontes [...] Sonêto, Alferes João Soares da Veiga.*
- *Ao Prestantissimo Herói [...] Senhor Sebastião do Vale Pontes, Sonêto, Alferes João Soares da Veiga.*
- *Em louvor do Reverendo Doutor Deão e Provisor da Sé Sebastião do Vale Pontes, [...] Sonêto, Padre Manoel Cerqueira Leal.*
- *Em louvor do Eruditissimo Presidente o Muito Reverendo Doutor Sebastião do Vale Pontes, [...] Silva, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Muito Reverendo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décimas, Antônio de Oliveira.*
- *Ao Reverendissimo Deão o Senhor Desembargador Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao Muito Reverendo Deutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Francisco Pereira.*
- *Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Clemente de Sousa.*

- *Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, André Vicente.*
- *Ao Muito Reverendo Doutor o Senhor Sebastião do Vale Pontes, [...], Décima, José Cardoso.*
- *Ao Reverendíssimo Deão o Senhor Doutor Sebastião do Vale Pontes [...], Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao Muito Reverendo Doutor Presidente o Senhor Deão Sebastião do Vale Pontes, Décima, Frei Avertano de Santa Maria.*

[ASSUNTO] *Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o primeiro assunto Agripina, que dizendo-se-lhe que seu filho Nero a havia de matar, se chegasse a ser Imperador, respondeu que o fôsse, ainda que depois a matasse.*

- *Ao primeiro assunto, Soneto, Secretário.*
- *Ad primum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Ad Agripinam, [...], Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Vi perit, Emblema, Antonius de Oliveira.*
- *Ao assunto heróico, Epigramma, João Machado Barcelos.*
- *Agripina [...] Assunto heróico da presente Academia, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Dizendo-se a Agripina que se Nero seu filho chegasse [a] imperar lhe houvera tirar a vida; [...], Soneto, [João de Brito e Lima].*
- *Ao [próprio] assunto pelos mesmos consoantes, Soneto, [Do mesmo autor].*
- *Ao próprio assunto, Soneto, [Do mesmo autor].*
- *Ao próprio assunto, Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Ao primeiro, Soneto, Ocupado.*
- *Pertence à Academia passada. Ao Heróico assunto, dizendo-se a Agripina que se imperasse seu filho Nero a havia de matar, [...], Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Agripina, dizendo-se-lhe que se seu filho Nero chegasse a imperar, seria matricida, [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ad secundum argumentum, Elogium, [S.A.].*
- *Agripina [...], Soneto, João de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*

- Na conferência de 20 de agosto, Primeiro Assunto, Agripina [...], Soneto, João Alv'res Soares.
- Ao 1.º assunto, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel.
- Sabe Agripina [...], Soneto, Antônio de Oliveira.
- Ao primeiro assunto. Soneto. Fala Agripina, João de Barbosa e Lima.
- A fineza de Agripina que dizendo-se-lhe se o filho impe-rasse a havia de matar, [...], Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto.
- Primeiro assunto, A Agripina [...], Soneto, Manuel Ferreira da Luz.
- Ao assunto heróico da Academia, Soneto, Jorge da Silva Pires.
- Ao Primeiro Assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Car-doso.
- Ao primeiro Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.

[ASSUNTO] Conferência de 20 de agosto, aliás de 27. Foi o segundo assunto um delfim salvando e conduzindo às costas um naufragante até a praia.

- Ao segundo assunto, Epigrama, Secretário.
- Ao assunto lírico, Epigrama, Francisco Xavier de Araújo.
- Ao assunto lírico, Epigrama, João Machado Barcelos.
- Um Delfim salvando das ondas, sôbre as suas espaldas a um homem. Assunto lírico da presente Academia, Soneto jocoso, Domingos Nunes Tibal.
- Um Delfim que conduziu à praia um naufragante, Soneto, Obsequioso.
- Um Delfim carregando um homem, e vencendo as ondas pelo conduzir à praia, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.
- Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.
- Caiu um Navegante ao mar e um Delfim o carregou e levou à praia, Soneto, Antônio de Oliveira.
- Ao segundo assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima.
- Ao segundo assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Car-doso.
- Ao segundo assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.
- Segundo assunto, Um Delfim, que livrou um naufra-gante dos mares, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.
- Ao segundo assunto lírico, Soneto, Manuel Correia.

- *Um Delfim conduzindo sôbre as espaldas um naufragante [vivo ao] pôrto, Silva, João de Brito e Lima.*
- *Um Delfim que carregando a um naugrafante [o pôs] em terra livre do perigo, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *A um Delfim [...], Idílio, Luís Canelo de Noronha.*
- *A um Delfim [...], Madrigal, Luís Canelo de Noronha.*
- *Um Delfim [...], Décima, João de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao Segundo Assunto do Delfim etc. Décimas, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Um Delfim [...], Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*
- *Padecendo Fileno um naufrágio, o salvou um Delfim, [...], Romance joco-sério, Sebastião da Rocha Pita.*

## 10.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA

[ASSUNTO] *Conferência 10.<sup>a</sup> de 10 de setembro de 1724. O Reverendo Doutor João Borges de Barros.*

- *Oração que disse na Academia dos Esquecidos no dia dez de setembro de 1724 o Doutor João Borges de Barros, Cura confirmado da Sé da Bahia, e Chanceler da Relação Eclesiástica.*

[ASSUNTO] *Em louvor do Presidente que foi o Reverendo Doutor João Borges de Barros Desembargador da Relação Eclesiástica e Cura na Sé desta cidade.*

- *Ao muito Reverendo Senhor Desembargador João Borges de Barros, Décima, Secretário.*
- *Sapientissimo Praesidi Academiae Domino Doctori Ioanni Borges de Barros, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Ad Doctissimum Praesidem, Epigramma, Frei Davi dos Reis.*
- *Reuerendo admodum Doctori Ioanni Borges de Barros, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.*
- *Reuerendissimo, ac ingeniosissimo Praesidi, Epigramma, João Borges de Barros.*
- *Reuerendissimo, et Sapientissimo Domino Ioanni Borges de Barros [...], Epigramma, Pater Iosephus Moreira Teles.*

- *Ad Doctorem ac Dominum Reuerendissimum Patrem Ioannem Borges de Barros, [...] Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao muito Reverendo Senhor João Borges de Barros [...], Sonêto, Acadêmico Nublado.*
- *Ao muito Reverendo Doutor João Borges de Barros [...], Sonêto, Padre Estêvão Ribeiro Guimarães.*
- *Ao Presidente, Sonêto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao Douto Presidente Reverendo Doutor Senhor João Borges de Barros, Sonêto, Belisário da Lerma.*
- *Ao muito Reverendo Padre o Doutor João Borges de Barros, [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros, [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao muito Reverendo Padre Doutor, e Desembargador Eclesiástico João Borges de Barros, [...], Epigrama, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Borges de Barros, [...], Epigramma, Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Doutor João Borges de Barros: [...], Décima, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros [...], Décimas, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Em louvor do mesmo Reverendo Presidente o Doutor João Borges de Barros, [...], Décima, Francisco Pires Longarito.*

[ASSUNTO] Conferência 10 de 10 de setembro. Foi o primeiro assunto um problema: aonde teve mais glória Traiano, se na vitória que alcançou, cujo triunfo não chegou a lograr, por se lhe antecipar a morte, ou se na sua estátua em que ostentou obséquios Adriano, a quem o Senado adjudicara.

- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Secretário.*
- *Ad Traianum per obitum in effigie sua triumphantem, Elogium, [S.A.].*
- *Traianus, ab hostibus obtenta victoria, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Traianus, Romanorum Praeclarissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Traianus, Romanorum Praestantissimus Imperator, [...], Epigramma, [S.A.].*

- *Ad Traianum*, [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Alcançou Trajano uma vitória*, [...], *Sonêto*, *Sebastião da Rocha Pita*.
- *Ao primeiro assunto*, *Sonêto*, *Acadêmico Nublado*.
- *Mostra-se que foi maior glória para Trajano alcançar a vitória* [...], *Sonêto*, [*João de Brito e Lima*].
- *Mostra-se pelo contrário que a maior glória de Trajano na vitória que alcançou foi a estátua que lhe erigiu Adriano por seu triunfo*, *Sonêto*, *João de Brito e Lima*.
- *Assunto heróico: onde mais glorioso Trajano*, [...], *Sonêto*, *Acadêmico Obsequioso*.
- *Mostra-se, que maior glória teve Trajano* [...], *Sonêto*, *André de Figueiredo Mascarenhas*.
- *Ao assunto heróico*, *Sonêto*, *Francisco Pinheiro Barreto*.
- *Ao primeiro assunto*, *Sonêto*, *Pela segunda parte*. *João de Barbosa e Lima*.
- *Qual foi maior glória a Trajano vencer, e não lograr o triunfo porque morreu, ou triunfar depois de morto?* *Sonêto*, *Antônio de Oliveira*.
- *Ao primeiro assunto*, *Sonêto*, *Manuel de Mesquita Cardoso*.
- *Ao primeiro assunto*, *Sonêto*, *Jacinto Ferreira Feio de Faria*.
- *Ao primeiro Assunto*, *Sonêto*, *Manuel Ferreira da Luz*.
- *Qual foi maior glória para Trajano*, [...], *Silva jocosa*, *Anastácio Ayres de Penhafiel*.
- *Ao primeiro assunto*, *Décima*, *Jacinto Ferreira Feio de Faria*.

[ASSUNTO] *Conferência décima de 10 de setembro. Foi o segundo assunto uma senhora, que perdendo um grande bem, cuida muito em se esquecer do bem perdido.*

- *A uma dama, que procurando esquecer-se de um bem, que perdera, o encomendava à memória*, *Epigramma*, *André de Figueiredo Mascarenhas*.
- *Conferência 10. A uma senhora que perdendo um grande bem, buscava meios de se esquecer do bem perdido*, *Sonêto*, *Antônio Ribeiro da Costa*.
- *Assunto. Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Borges de Barros* [...], *Sonêto*, *Antônio Ribeiro da Costa*.
- *Ao mesmo presidente*, *Sonêto*, *Pelo mesmo autor*.
- *Ad Assumptum Lyricum*, *Epigramma*, *Luís Canelo de Noronha*.

- *Perdendo uma senhora um grande bem, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao Segundo Assunto, Sonêto, Acadêmico Nublado.*
- *Assunto lírico: a uma Dama que perdendo um grande bem, se lembrava muito de se esquecer dêle. Sonêto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao 2.º. Sonêto, De dois engenhos, ambos da mesma terra, e do mesmo nome.*
- *A uma senhora que na perda de um grande bem, trazia atualmente na lembrança o esquecer-se dêle, Sonêto, Jorge da Silva [Pires].*
- *Ao segundo Assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao segundo Assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao segundo Assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *A uma senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *A uma Senhora que perdendo um grande bem trazia muito na memória esquecer-se do bem perdido, Silva jocosa, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *A uma Senhora que perdendo um grande bem cuida muito em se esquecer do bem perdido, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *A uma senhora, que perdendo um bem cuidava em descuidá-lo, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Ao segundo assunto, Décima, João de Barbosa e Lima.*
- *A quem procurava esquecer-se de um grande sentimento, Romance, Severino de Adova e Avilhaneda.*

#### CONFERÊNCIA 11.<sup>a</sup>

[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi o primeiro assunto, o valor e zelo, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses acudiu pessoalmente a apagar o incêndio, que já estava ateado nas paredes, e teto da Casa e Oficina, da pólvora, em que se achavam mais de 400 barris dela.

- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Secretário.*
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epigramma, [S.A.] .*
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar [...], Epigramma, [S.A.] .*

- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Excellentissimus Dominus Vascus Fernandes Caesar* [...], *Epigramma*, [S.A.].
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-rei, e Capitão General de Mar, e Terra de todo o Estado do Brasil, que desprezando a um grande, e evidente perigo, acudiu valorosa, intrêpidamente a apagar o fogo que se havia ateado na Casa da Pólvora desta Cidade em ocasião [...]* Assunto primeiro, *Sonêto*, Caetano de Brito e Figueiredo.
- *Ao primeiro Assunto, Conferência 11, Sonêto, Feliciano de Palmuse (sic).*
- *Assunto. A uma Dama que se pôs à janela para ver o seu amante, e o Sol lhe deu no rosto, que a cegou, e o não pôde ver, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Em louvor da generosa ação que fez o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...]* *Epílogo*, Antônio de Freitas do Amaral.
- *Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Encomiastichon*, [S.A.].
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima].*
- *Sonêto, [João de Brito e Lima].*
- *Sonêto, João de Brito e Lima.*
- *A prontidão, e presteza, com que o Excelentíssimo Senhor Vice-rei, sem atender ao risco, acudiu em pessoa ao fogo, que na Casa da Pólvora se ateava, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao 1.º assunto, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao valor com que Sua Excelência foi acudir ao fogo [...], Sonêto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *A presteza com que o Excelentíssimo Senhor Vice-rei acudiu ao fogo, [...], Sonêto, João de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto heróico, Sonêto, Ioseph de Oliveira Serpa.*
- *Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-rei desprezou a vida [...], Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Oitavas, Francisco Xavier Caput.*

- Ao primeiro assunto, *Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Pegando fogo na Casa em que se fabrica a pólvora, [...] Tercetos, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao fracasso, que prometia o fogo que se ateou na Casa da Pólvora, [...], Canção, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao valor com que o Excelentíssimo Senhor Vice-rei [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Ao primeiro, Elogio, Luís de Siqueira da Gama.*
- *Ao primeiro assunto, Romance heróico, Secretário.*
- *Ao assunto heróico da presente Academia, com u'a introdução joco-séria, Silva, Paulo da Silva Sarmiento.*

[ASSUNTO — ORAÇÃO] Conferência 11 de 24 de setembro. Em que presidiu o Reverendo Cônego Inácio de Azevedo, Inácio de Azevedo.

[ASSUNTO] Conferência 11 de 24 de setembro. Foi nela presidente o Reverendo Cônego Doutor Inácio de Azevedo, Desembargador que foi da Relação Eclesiástica e Vigário Geral dêste arcebispado.

- *Laudatur sapientissimus Praeses et Canonicus doctoralis Dominus Ignatius de Azevedo hoc Epigrammate, Secretário.*
- Conferência 11. Ao Reverendo Presidente, o Senhor Doutor Inácio de Azevedo, Cônego Doutral, Oitava, Belisário da Lerma.
- Ao primeiro assunto, *Décima, Feliciano de Palmuse (sic).*
- *Em louvor do Muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Inácio de Azevedo Cônego Doutral da Sé da Bahia, Sonêto, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- Ao mesmo, *Décima, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Em louvor do mesmo Presidente, Sonêto, Clemente de Sousa [Antônio Ribeiro da Costa].*
- Assunto. *Ao fogo da Casa da Oficina da Pólvora, e zêlo com que acudiu a êle o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-rei, e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Reuerendissimo Sapientissimoque Domino Ignatio de Azevedo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal.*
- *Reuerendo admodum Doctori Ignatio de Azevedo, [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.*

- *Reuerendissimo Doctori, Doctissimo Praesidi Ignatio de Azevedo [...], allegoriam Votem, Pater Ioseph Moreira Teles.*
- *Elogium, [Padre Ioseph Moreira Teles].*
- *Ad eundem Epigramma, Pater Ioseph Moreira Teles.*
- *Ad laudem Praesidentis, Epigramma, Carolus Teixeira Pinto.*
- *Ao Muito Reverendo Senhor Doutor Inácio de Azevedo Presidente da Academia, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Em louvor do Eruditissimo Presidente o Muito Reverendo Cônego doutoral Inácio de Azevedo, Décima, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Sapiientissimo Orador o Muito Reverendo Cônego Doutoral Inácio de Azevedo, Décima, Francisco Xavier Caput.*

[ASSUNTO] *Conferência de 24 de setembro. Foi o segundo assunto uma dama que chegando à janela a ver o seu amante, com os raios do Sol o não pôde ver.*

- *Ao segundo assunto, Décimas, Secretário.*
- *Chegando uma Dama à janela para ver o seu Amante [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Cíntia chegando à sua janela [para ver] a Fábio [...], Assunto segundo, Soneto, Acadêmico Nublado.*
- *A uma Dama que chegando à janela [...], Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Segundo Assunto. A uma Dama que querendo ver a seu amante [...], Soneto, Padre José Luís de Sousa.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *A uma dama, que querendo ver a seu amante [...], Epigramma, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima.*
- *A uma Dama, que desejosa de ver o seu amante [...], Soneto joco-sério, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, Francisco Alvares Seixas.*
- *Ao segundo assunto, Soneto, Antônio de Araújo e Silva.*
- *Ao segundo, Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *A Cíntia que chegando à janela para ver a seu amante [...], Silva, Anastácio Ayres de Penhafeil.*
- *Ao assunto lírico, Silva, Irmão Boticário de São Bento.*
- *Ao segundo, Décimas, João de Brito e Lima.*

- Ao segundo assunto, *Silva joco-séria*, Belisário da Lerma.
- *Chega Cíntia à janela*, Décima, Antônio de Oliveira.
- *A Cíntia que chegando à janela para ver seu amante [...]*, Décima, Anastácio Ayres de Penhafiel.
- *A Cíntia que saindo à janela [...]*, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria.
- Ao segundo, *Romance jocoso*, Francisco Xavier Caput.
- Ao segundo, *Seguidilhas*, Frei Albertano (sic).

## CONFERÊNCIA 12.<sup>a</sup>

*Conferência 12 de 8 de outubro. I.M.I. Oração Acadêmica na Academia dos Esquecidos. Disse-a João Alvares Soares: sendo a primeira vez, que se achou nas Conferências. Na presença do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-rei e Capitão General de Mar, e Terra do Estado do Brasil, em 8 de outubro de 1724.*

- *In laudem Sapientissimi Praesidis Domini Ioannis Alvares Soares, Distichon, Secretário.*
- *Conferência 12. Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor João Alvares da Franca, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ao mesmo Presidente, Soneto, [Francisco Pinheiro Longarito].*
- *Mote, Ser poeta, entre poetas, [Idem].*
- *Outra, Francisco Pires Longarito.*
- *In Reuerendissimi Praesidis encomium, Epigramma, Pater Ioseph Luis de Sousa.*
- *Ao muito Reverendo Padre o Senhor Acadêmico João Alvares Soares, [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Soneto, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Presidente, Soneto, Ioseph de Oliveira Serpa.*
- *Em louvor do Reverendo Senhor Presidente, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- *Ao muito Reverendo Senhor João Alvares Soares, presidindo na presente Academia, Soneto, Anônimo.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Padre João Alvares Soares Meritíssimo Presidente desta Academia, Soneto, Luís Canelo de Noronha.*

- Ao Reverendo Presidente o Senhor João Alvares Soares, Acadêmico Obsequioso.
- Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Alvares Soares, Décima, Jorge da Silva Pires.
- Ao muito Reverendo Doutor o Senhor João Alvares Soares, Décima, Manuel Ferreira da Luz.

[ASSUNTO] Conferência 12 de 8 de outubro. Foi o primeiro assunto: quem cala vence.

- Ad primum argumentum, Epigramma, Secretário.
- Assunto, Quem cala vence. [Antônio Ribeiro da Costa].
- Amor com amor se paga, ou se apaga, Décima, Antônio Ribeiro da Costa.
- Ad 2<sup>um</sup> argumentum, Victoria in silentio, Epigramma, João Alvares Soares.
- Quem cala vence, Assunto Acadêmico, Soneto, [João de Brito e Lima].
- Ao mesmo assunto, Soneto, João de Brito e Lima.
- Quem cala vence, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas.
- Ad 2<sup>um</sup> argumentum, Elogium, [S.A.].
- Vincit, qui tacet: nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.A.].
- Vincit, qui tacet: nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.A.].
- Vincit, qui tacet: nobile est hodiernae Academiae argumentum, Epigramma, [S.A.].
- Vincit, qui tacet —, Nobile est praesentis Academiae argumentum, Epigramma, [S.A.].
- Quem cala vence, Assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.
- Assunto primeiro, Quem cala vence, Soneto, Acadêmico Nubiloso.
- Quem cala vence, Soneto, Acadêmico Obsequioso.
- Ao Primeiro, Soneto, [S.A.].
- Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.
- Quem cala vence, Soneto, Antônio de Oliveira.
- Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Soneto, Luís Canelo de Noronha.
- Ao primeiro Assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.
- Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso.
- Quem cala vence, Soneto jocoso, Anastácio Ayres de Penhafiel.

- *Quem cala vence, Sonêto jocoso, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao primeiro assunto, Silva, Hierônimo Soares de Alcovia.*
- *Ao primeiro assunto, Silva, João da Rocha Maciel.*
- *Ao primeiro assunto, Silva, Bento Salgado.*
- *Ao primeiro assunto, Quem cala vence, Silva joco-séria, Belisário da Lerma.*
- *Ao primeiro assunto, Décimas, Frei Avertano de Santa Maria.*

[ASSUNTO:] Conferência 12 de 8 de outubro, Foi o segundo assunto. Dizem que amor com amor se paga; e o mais certo é que amor com amor se apaga.

- *Ad secundum argumentum, Epigramma, Secretário.*
- *Ad 2<sup>um</sup> assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Amor com Amor se paga, e Amor com Amor se apaga. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Um amor com outro se paga mas melhor se apaga, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Amor com amor se apaga, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao segundo assunto: Um amor com outro se apaga, Sonêto, Padre Luís Teixeira.*
- *Ao segundo assunto, Um amor com outro se paga, ou se apaga, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao segundo assunto, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ad 2<sup>um</sup> argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Ao assunto lírico, Silva, Irmão que foi Boticário de São Bento.*
- *Amor com amor se paga, mas o certo é que amor com amor se apaga, Silva jocosa, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Sendo o assunto amor com amor se paga e com amor se apaga, Silva, Antônio Viegas.*
- *Ao segundo assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao segundo assunto: Um amor com outro se paga, [João Teixeira].*
- *Outra, João Teixeira.*
- *Ao segundo assunto: Um amor co'outro se paga, Décima, João Teixeira.*

- *Amor com amor se paga, e o mais certo é, que amor com amor se apaga, Décimas, António de Oliveira.*
- *Ao segundo assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Em louvor do Senhor Frei Avertano de Santa Maria [...], Décimas, Irmão Andador da venerável Ordem 3.<sup>a</sup> do Carmo.*
- *Amor com amor se paga, e Amor com Amor se apaga, Assunto lírico da presente conferência, Romance, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Amor com amor se paga [é o] assunto; hoje assento tratar da paga de Adonis nas inclinações de Vênus, Francisco Xavier Caput.*
- *Ao heróico assunto e que vence quem cala, em despique contra o livreiro Paulo da Silva Sarmento, de frente da Misericórdia, Silva joco-séria, Francisco Pires Longarito.*
- *Em despique do muito Reverendo Frei Avertano de Santa Maria contra o senhor boticário de São Bento conforme o 2.<sup>o</sup> assunto; que é Amor com Amor se paga, Silva joco-séria, João Gomes Mênico.*
- *Ao segundo assunto, Silva joco-séria, Bento Salgado.*
- *Amor com amor se paga ou foi melhor dizer-se amor com amor se apaga, assunto lírico acadêmico, Décimas, João de Brito e Lima.*

## VOL. III

CONFERENCIA 13.<sup>a</sup>

[ORAÇÃO] Conferência 13.<sup>a</sup> de 22 de outubro. Oração Acadêmica, que a 22 de outubro de 1724 em dia dos anos de Sua Majestade, que Deus guarde, na sala Real do Palácio, governando este Estado do Brasil o Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, disse o Doutor João Calmon, Chantre da Sé da Bahia, Protonotário Apostólico de Sua Santidade, Desembargador da Relação Eclesiástica, Juiz dos Casamentos, Comissário do Santo Ofício, e da Bula da Santa Cruzada.

- *Praestantissimus praeses nostrae Academiae Dominus Doctor Ioannes Calmon in Bahiensi sede Praefectus Laudatur hoc Epigrammate, Secretário.*

- *Reuerendissimo sapientissimoque Domini Ioanni Calmon [...]* Epigramma, Emanuel Nunes Leal.
- *Sapientissimo Domino Doctori Ioanni Calmon [...]*, Epigramma, Antonius de Oliveira.
- *Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...]*, [Epigramma], Luís Teixeira de Mendonça.
- *Reuerendo admodum Bahiensis Sedis Chori Praefecto Doctori Ioanni Calmon, [...]*, Epigramma, Iosephus Pereira de Carvalho.
- *Admodum Reuerendo Patri Doctori Ioanni Calmon [...]*, Epigramma, Constantino da Rocha e Sousa.
- *In Praesidis Laudem*, Epigramma Encomiasticon, Ioseph Moreira Teles.
- *Ad Reuerendum admodum Dominum Ioannem Calmon, [...]*, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.
- *Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon [...]*, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.
- *Ao muito Reverendo Doutor o Senhor João Calmon de Almeida, [...]*, Sonêto, Acadêmico Nubiloso.
- *Em louvor do Senhor Presidente o Reverendíssimo Chantre e Doutor João Calmon de Almeida*, Sonêto, João Alv'res Soares.
- *Reverendíssimo Presidente*, [Sonêto], Idiota do Carmelo.
- *Ao muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon Presidente da presente Academia, Décima heróica*, Pero Botelho Caldeira.
- *Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima*, Francisco Pinheiro Barreto.
- *Ao Muito Reverendo Chantre o Senhor João Calmon presidindo nesta Conferência de 22 de outubro, Décima*, Anônimo.
- *Ao muito Reverendo Senhor Doutor o Padre João Calmon, [...]*, Epigramma, Acenso da Rocha.
- *Outro joco-sério*, do mesmo Autor.
- *Ao Reverendo Senhor Doutor Presidente, Redondilhas*, Jacinto Ferreira Feio de Faria.
- *Em louvor do Reverendíssimo Presidente o Doutor João Calmon, Décima*, Jorge da Silva Pires.
- *Em louvor do Reverendo Chantre Presidente o Doutor João Calmon, Sonêto*, [S.A.].

[ASSUNTO] *Conferência 13 de 22 de outubro. Foi o primeiro assunto celebrar os anos de Sua Majestade que Deus guarde.*

- *Ao primeiro assunto, Soneto, Secretário.*
- *Ad augustissimum Anniuersarium Serenissimi Regis nostri Ioannis V, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *In laudem serenissimi Rex Ioan V e Sophia matre nati, Elogium, [S.A.].*
- *Augustissimi Regis Ioannis V Natalitio 22 die octobris, Epigramma, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Assunto. Ao dia de 22 de outubro em que nasceu o nosso Serenissimo Rei, e Senhor, Dom João V, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Assunto, Descrever uma acuçena, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Admodum Reuerendo Patri Doctori Ioanni Calmon, [...], Iosephus Ayres Monfortius.*
- *Serenissimo Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Serenissimo, Augustissimoque Regi Ioanni V [...], Epigramma, [Idem].*
- *Felicissimo, Augustissimi Lusitaniae Regis [...], Elogium, [Idem].*
- *Ad Serenissimum Dominum Ioannem Quintum, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Natalem diem sortitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...], Elogium [Idem].*
- *Ad Serenissimum Lusitaniae Regem Dominum Ioannem Quintum, [...], Epigramma, [Idem].*
- *Qua die nascitur Serenissimus Lusitaniae Rex, Dominus Ioannes Quintus, [...], Epigramma, [Idem].*
- *Ad regium assumptum, Encomiastice, Emmanuelis Ferreira de Carvalho.*
- *Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde. [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Fazendo anos Sua Majestade, que Deus guarde. [...], Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *A El-rei Nosso Senhor no fausto, alegre dia dos seus anos, Soneto, Manuel Caetano de Brito Figueiredo.*
- *Ao primeiro. Soneto, Ocupado.*
- *Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Aos anos de El-rei Nosso Senhor, que hoje festeja a Bahia, Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Aos felizes, e faustos anos de El-rei Nosso Senhor, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*

- *Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *[Sonêto], Francisco Xavier Caput.*
- *Ao muito alto, e poderoso Senhor Rei de Portugal Dom João o Quinto. No dia em que fêz os seus anos, Sonêto, Antônio de Oliveira.*
- *Aos anos de El-rei Nosso Senhor, Sonêto, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Serenissimo, ac Potentissimo Lusitaniae Regi Ioanni [...], Epigramma, Ioseph de Passos.*
- *Ao mesmo argumento, Sonêto, Do mesmo Autor.*
- *Em louvor dos anos de suprema Majestade do Nosso Soberano [...], Sonêto, [S.A.].*
- *Primeiro assunto, Celebra os anos do nosso Augustissimo Monarca o Senhor Rei Dom João o V, Canção, João Alv'res Soares.*
- *Ao primeiro assunto, Romance, Hierônimo Roiz de Crasto.*

[ASSUNTO] Conferência 13.<sup>a</sup> de 22 de outubro. Foi o segundo assunto uma açucena.

- *Descrição de uma açucena. Assunto lírico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao segundo assunto, Sonêto, Manuel Caetano de Brito Figueiredo.*
- *Ao segundo, Sonêto, Ocupado.*
- *Ao segundo Assunto, em que se manda descrever uma açucena, Sonêto, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao segundo Assunto, Sonêto, Pero Botelho Caldeira.*
- *Ao Segundo Assunto, Sonêto, Jaques Draques Baques.*
- *[Oitava], Francisco Xavier Caput.*
- *Na descrição de uma açucena, Silva, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
- *Na descrição de uma Açucena, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *A uma Açucena, Assunto lírico da presente conferência, Décimas, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Ao segundo assunto, Décimas, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Descreve-se a Açucena, Décimas, Antônio de Oliveira.*

- *Ao segundo assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Décima, André Carvalho.*
- *Ao segundo assunto, Redondilhas, Secretário.*
- *Descrição da Açucena, Pelos dez Predicamentos, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto lírico, Romance, Francisco Pinheiro Barreto.*

#### CONFERÊNCIA 14.<sup>a</sup>

[ORAÇÃO:] *Em 12 de novembro de 1724 conf.<sup>a</sup> 14. Discurso Acadêmico Recitado na Academia Brasílica pelo Doutor Frei Ruperto de Jesus e Sousa. Monje de São Bento.*

[ASSUNTO:] *Conferência 14.<sup>a</sup> em 5 de outubro, aliás em 12. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Doutor Frei Ruperto de Jesus Monje Beneditino, e lente atual de Teologia.*

- *Ut Laudetur admodum Reuerendus et Sapientissimus Doctor [...] Rupertus e Iesu, [...], Epigrammati, Secretário.*
- *In laudem Sapientissimi Doctoris D. Fr. Ruperti, Epigramma, João Alv'res Soares.*
- *Ad Reuerendum admodum [...] Fratrem Rupertum de Iesu [...], Epigramma, Luis Canelo de Noronha.*
- *In laudem Reuerendi [...] Patris Fratris Ruperti de Iesu [...], Poema, Pascoal dos Santos.*
- *In Praesidis laudem, Epigramma, Pater Ioseph Moreira Teles.*
- *Religiosissimo, ac ingeniosissimo Fratre Roberto [...], Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud in eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *In laudem eiusdem, Epigramma, Pascoal dos Santos.*
- *In laudem eiusdem Sapientissimi Doctoris, Epigramma, Pascoal dos Santos.*
- *In laudem Reuerendi admodum Patris Fratris Ruperti de Iesu, [...], Epigramma, Pascoal dos Santos.*
- *In laudem Reuerendi admodum Patri Mestri, [...] Fratri Ruperti de Iesu [...], Epigramma, Pascoal dos Santos.*
- *Admodum Reuerendo Patri [...] Fratri Ruperto de Iesu, [...], Epigramma, Pascoal dos Santos.*

- *Ao muito Científico Presidente o Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus, Sonêto, João de Brito e Lima.*
- *Reuerendo admodum Doctor Fratri Ruperto de Iesu [...], Distichon, [S.A.].*
- *Ao mesmo, Sonêto, [Alberto Ferreira].*
- *Ao mesmo outro Sonêto, Alberto Ferreira Franca.*
- *Sonêto, Feito ao muito Reverendo Padre Mestre e Doutor Frei Ruperto de Jesus, [...], Alberto Ferreira.*
- *Em louvor do Reverendíssimo e Religiosíssimo Presidente o Doutor Frei Ruperto de JESUS [...], Sonêto, Jorge da Silva Pires.*
- *Em louvor do muito Erudito Presidente o Senhor Reverendo Doutor Frei Ruperto de Jesus etc., Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Ao muito Reverendo Padre Mestre o Doutor Frei Ruperto de Jesus digníssimo Presidente da Academia, Décimas, Frei Plácido de Santa Gertrudes.*
- *Ao muito Reverendo Doutor Presidente Frei Ruperto Monje do Patriarca São Bento, Décima, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Conferência 14.<sup>a</sup>. Em louvor do muito Reverendo Presidente o Senhor Doutor Frei Ruperto de Jesus, Religioso Monje do Patriarca São Bento, Sonêto exdrúxulo, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Conferência 14.<sup>a</sup>. Assunto. Um Senhora, que estando em um jardim ao fresco, pôs-se o sol, se pôs a chorar, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Conferência 14.<sup>a</sup>. Assunto. Quem deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, a Índia, ou a Bahia? Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Conferência 14.<sup>a</sup>. Ao mesmo assunto, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*

[ASSUNTO:] *Conferência 14.<sup>a</sup> de 5 de outubro aliás em 12. Foi o primeiro assunto o Estado do Brasil contendo com o da Índia sobre qual deve mais ao governo do Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses.*

- *Bahiensem Metropolem plus Caesari debere, quam Indiam concluditur, cum illa arces condideret, Epigramma, [S.A.].*
- *Contendunt Bahia, Indiaque; et quae nam plus Caesari debeat, inquirunt, Epigramma, [S.A.].*

- *Plus Caesari Bahiensem Metropolim [quam] India cum in illa maximum sub Caesare sit Literarum incrementum debere concluditur, Epigramma, [S.A.].*
- *Concluditur plus Caesari Bahiensem debere Metropolim, quam Indiam, cum in illa maximum sit, regnante Caesare, literarum incrementum, Epigramma, [S.A.].*
- *Plus Caesari Bahiam debere fatemur, quam Indiam cum ab illa famen Caesar expulerit, Elogium, [S.A.].*
- *Qualis debeat magis Excellentissimo Caesari India, cui praefuit, an Bahía, quae modo eum in deliciis habet Pro-regem? Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Comparando a India com o Brasil no Govêrno do Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses. Assunto heróico da presente conferência, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao mesmo assunto heróico, mostrando vantagens na América pela posse, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *A Bahía em competência com a Índia qual delas é mais obrigada ao Excelentissimo Senhor Vice-rei, Sonêto, [João de Brito e Lima].*
- *Pelos mesmos consoantes ao mesmo assunto, Sonêto, [Idem].*
- *Ao mesmo Assunto, Sonêto, [Idem].*
- *Ao mesmo Assunto, Sonêto, João de Brito e Lima.*
- *Julgando igual a obrigação que deve a Índia, e a Bahía ao Excelentissimo Senhor Vice-rei, Sonêto, Do mesmo Autor.*
- *Assunto primeiro. Qual mais deve ao Excelentissimo Senhor Vice-rei, Goa ou a Bahía, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao assunto heróico, Sonêto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao 1.º, Sonêto, Luís de Siqueira da Gama.*
- *Ao 1.º assunto, Sonêto, Secretário.*

[ASSUNTO:] 1.º assunto. *Quem está mais obrigada ao Excelentissimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses: se Goa, ou se a Bahía.*

- *Mostra-se natural, claro e fácilmente, que a Bahía, ou o Brasil está mais obrigado, Sonêto, João Alv'res Soares.*
- *Qual deve mais a Sua Excelência se a Índia, ou a Bahía? Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto heróico, Sonêto, Francisco Pinheiro Barreto.*

- *Aos dois Estados, do Brasil, e da Índia sôbre qual deve mais ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses, Sonêto, Anastácio Ayres de Penhafiel.*
  - *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei, Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria.*
  - *Ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei, Sôbre o primeiro assunto, Sonêto, Frei Manuel de Santa Maria.*
  - *Qual vive mais obrigada ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses a Índia ou a Bahia, Sonêto, Antônio de Oliveira.*
  - *Ao assunto heróico, em que se trata, quem em mais obrigação esteja ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei Vasco Fernandes César de Meneses se a Índia ou a Bahia, Sonêto, Jorge da Silva Pires.*
  - *Ao mesmo assunto, e pelos mesmos consoantes, Sonêto, Jorge da Silva Pires.*
  - *Ao primeiro assunto, Quem mais deve ao Excelentíssimo Senhor Vice-rei a Índia ou Bahia, Sonêto, Luís Canelo de Noronha.*
  - *Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel Ferreira da Luz.*
  - *Ao primeiro assunto, Sonêto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
  - *Ao primeiro assunto, Sonêto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
  - *Assunto primeiro. Por haver sido Vice-rei da Índia o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Canção Real Panegírica, Caetano de Brito e Figueiredo.*
  - *Questão, em que se propõe, quem deva mais ao Ilustríssimo, e Augustíssimo César, e Senhor Vasco Fernandes Vice-rei emeritíssimo da Bahia, se a Índia ou a Bahia, Décima, Emanuel Nunes de Sousa.*
  - *[Décima], Francisco Xavier Caput.*
  - *Ao assunto heróico, Romance, Acadêmico Obsequioso.*
  - *Ao 1.º Prosopopéia da Bahia, e Goa, Luís de Siqueira e Gama.*
  - *Ao 1.º assunto, Romance, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- [ASSUNTO:] *Conferência 14.ª de 5 de outubro aliás em 12. Foi o segundo assunto uma dama que tomando o fresco em um jardim quando viu pôr o sol começou a chorar.*
- *Ao 2.º assunto, Idílio, Secretário.*
  - *Ao segundo assunto, Epigrama, Luís Teixeira de Mendonça.*

- *Puellae, quae dum ambulat in horto inter flores animum ut a curis leuaret, occidente sole in lacrimas soluitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa].*
- *Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa.*
- *Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Uma Dama chorando por ver ao Sol pôr-se no Ocaso. Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao 2.º, Soneto, Ocupado.*
- *A uma dama, que estando em um jardim, porque se pôs o Sol, se pôs a chorar, Soneto, Acadêmico Obsequioso.*
- *Estando uma dama tomando o fresco em um jardim vendo pôr-se o Sol, se pôs ela a chorar, Soneto, João Alv'res Soares.*
- *Uma dama, que entrando em um jardim, se pôs a chorar, porque se punha o Sol, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto lírico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao Segundo Assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao 2.º assunto, Sonetos, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Délia ad funestram sub occasum solis lacrimatur, Epigramma, Carlos de Azevedo.*
- *Ao mesmo intento, Soneto, do mesmo autor.*
- *Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo recolher-se o Sol, chorou, Oitavas, João de Brito e Lima.*
- *A uma Senhora que saindo a um jardim a tomar o fresco, vendo que se lhe recolhia o Sol se pôs a chorar, Silva joco-séria, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao assunto lírico, Décimas, Acadêmico Obsequioso.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao Assunto lírico, em que se propôs uma Dama, que saindo a divertir-se, porque se punha o Sol chorou, Canção, Jorge da Silva Pires.*
- *Uma Dama que tomando o fresco em um jardim vendo pôr-se o Sol chorou, Romance, João de Brito e Lima.*
- *Ao segundo [assunto], Romance, Ocupado.*
- *Décima, André Carvalho.*

- Ao 2.º Assunto lírico, *Décima, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Andava uma Senhora em um jardim divertindo, e vendo que o Sol se ausentava pôs-se a chorar, Décimas, Antônio de Oliveira.*
- Ao 2.º Assunto, *Décimas, Hierônimo Roiz de Crasto.*
- Ao Assunto Lírico, em que se trata de uma Dama que saindo a divertir-se, se pôs a chorar, quando viu que se metia o Sol, *Décimas, Jorge da Silva Pires.*
- [Romance], *Francisco Xavier Caput.*

#### CONFERÊNCIA 15.ª:

[ASSUNTO:] Conferência 15 de 26 de novembro. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Franciscano, e lente jubilado.

- Ao Muito Reverendo Presidente, *Décimas, Secretário.*
- *Oração que disse o Padre Mestre Frei Luís da Purificação em 26 de novembro de 1724, Frei Luís da Purificação.*
- *Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico ac Purificatione [...], Epigramma, De um afetuossissimo amigo da mesma Ordem.*
- *Reuerendo admodum Patre Mestre Fratre Ludouico a Purificatione [...], Epigramma, [Idem].*
- *Aliud, De um afetuossissimo amigo da mesma Ordem.*
- *Ad Sapientissimum Academiae Praesidem Fratrem Aloisium, Dei eius nomine, Epigramma, De um obrigadissimo e afetuossissimo amigo da mesma Ordem.*
- *Sapientissimo Praesidi Fratri Aloisio ab Assumptione, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Reuerendo admodum Patre Mestre Fratri Ludouico [...], Epigramma, Pater Stephanus Ribeiro Guimarães.*
- *In laudem sapientissimi Magistri Fratris Ludouici Purificatione [...], Epigramma, De um Anônimo Franciscano.*
- *Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc., Soneto, Frei Manuel de Santa Maria.*
- *Ao Reverendíssimo Senhor Padre Presidente Frei Luís da Purificação etc. . . ., Soneto, Frei Manuel de Santa Maria.*

- *Em louvor do Religiosíssimo Presidente o Reverendo Padre Mestre Frei Luís de Cristo da Ordem do Seráfico Padre São Francisco, Soneto, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação Presidente da Academia. Alude àquela Cadeira de Ouro achada nas Praias de Grécia, [...], Soneto, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Presidente Frei Luís da Conceição, Soneto, [S.A.].*
- *Ao Doutíssimo Presidente, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Ao Reverendíssimo Padre Mestre Presidente, Décima, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao mesmo Presidente Frei Luís da Purificação, Décimas, Anônimo da Ordem.*
- *Ao Presidente, Décima, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao Muito Reverendo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao Senhor Presidente da Academia o Muito Reverendo Padre Mestre Frei Luís da Purificação [...], Romance, De um seu Obsequioso discípulo.*

[ASSUNTO:] *Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o 1.º assunto Cipião desterrado de Roma.*

- *Ao 1.º assunto, Soneto, Secretário.*
- *De exule Scipione, Epigramma, [S.A.].*
- *De exilio Scipionis, Epigramma, [S.A.].*
- *De exule Scipione, Epigramma, [S.A.].*
- *De exule Scipione propter invidiam, Epigramma, [S.A.].*
- *De exule Scipione, Epigramma, [S.A.].*
- *Scipio Africanus exilium petit, Hexastichum, [S.A.].*
- *De exule Scipione, Epigramma, [S.A.].*
- *Scipio Africanus, invidiam fugiens, exilium petit, Epigramma, [S.A.].*
- *Scipioni exilium petenti, Epigramma, [S.A.].*
- *Cipião desterrado de Roma, Assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao mesmo Assunto heróico, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Assunto primeiro, O desterro de Públio Cipião, Soneto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Cipião desterrado de Roma, Soneto acróstico, [João de Brito e Lima].*
- *Ao mesmo assunto, Soneto, [Idem].*

- *Ao mesmo, Soneto, [Idem].*
- *Ao mesmo, Soneto, [Idem].*
- *Ao mesmo [assunto], Soneto, [Idem].*
- *Ao mesmo [assunto], Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Cipião desterrado de Roma, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, Fala Cipião com Roma, João de Barbosa e Lima.*
- *Desterra-se Cipião de Roma, Soneto, Antônio de Oliveira.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, [Manuel Ferreira da Luz].*
- *Soneto, [Idem].*
- *Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao 1.º [assunto], Soneto, Do Menos Ocupado.*
- *Ao mesmo [assunto], Soneto, [Provavelmente do A. da composição anterior].*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *A Cipião desterrado de Roma, Soneto, Padre Manuel Cerqueira Leal.*
- *Cipião desterrado de Roma, Soneto de Dom Francisco de Quevedo, João de Brito e Lima.*
- *Romance, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao 1.º assunto de Cipião desterrado, Romance jocoso, Frei Avertano.*
- *Conferência 15 de 26 de novembro. Foi o segundo assunto Anaxarte convertida em pedra. Ao segundo assunto, Décimas, [S.A.].*
- *Ad 2um Assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Ao 2.º [assunto], Soneto, Menos Ocupado.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao 2.º assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao 2.º assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao 2.º assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*

- *Anaxarte convertida em pedra, Sonêto, Padre Manuel Cerqueira Leal.*
- *Assunto 2.º, Anaxarte convertida em pedra, Romance heroico, Acadêmico Nubiloso.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Silva joco-séria, João de Brito e Lima.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Assunto lírico da presente conferência, Décimas joco-sérias, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Décimas, Acadêmico Infeliz.*
- *Converte-se Anaxarte em pedra, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Décima, (Carêta das Sortes) André Carvalho.*
- *Anaxarte convertida em pedra, Romance, João de Brito e Lima.*
- *Ao 2.º Assunto de Anaxarte convertida em pedra, Romance joco-sério, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao assunto lírico de Anaxarte convertida em estátua de pedra, Romance, Anônimo Discípulo Obsequioso da Ordem do Padre Presidente Frei Luís da Purificação.*
- *Ao 2.º assunto, Romance joco-sério, João de Brito e Lima.*

#### CONFERÊNCIA 16.<sup>a</sup>:

[ASSUNTO] Conferência 16 de 21 de dezembro. Foi nela Presidente o Reverendo Padre Félix Xavier Mestre de Retórica no Convento da Companhia de Jesus.

- *In laudem Reuerendi Praesidis Felicis Xauerii, Epigramma, Secretário.*

[ASSUNTO] Oração do Presidente Félix Xavier 27 de dezembro de 724. Conferência 16.

- *Oração Acadêmica em que se discute esta questão curiosa: Qual foi o mais illustre descobrimento do Brasil: o primeiro, em que nêle se introduziram as armas Portuguezas, ou o segundo, em que nêle se descobriram os tesouros das Academias?*
- *Ingenioso, atque Reuerendo Patri Felici Xauerio in Caesareo Musaeo, et in Bahiensi Academia oratorem mirifice agenti, Epigramma, [S.A.].*
- *Reuerendo Patri Felici Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesides Praeclarissimo, Epigramma, [S.A.].*

- *Reuerendo Patri Felici Xauerio sapientissimo Bahiensis Academiae Praesidi, Epigramma, [S.A.].*
- *Reuerendo Patri Felix Xauerio inter Bahiensis Academiae Praesides Praeclarissimo, Epigramma, [S.A.].*
- *Sapientissimo, et ingeniosissimo Patri Felici Xauerio Societatis Iesu, [...], Epigramma, [S.A.].*
- *Reuerendo Patri Felici Xauerio circa orationem, quam habuit ad Bahienses Academicos, Epigramma, [S.A.].*
- *Reuerendo Patri Felici Xauerio, circa orationem, quam habuit ad Bahienses Academicos, Epigramma, [S.A.].*
- *Reuerendo Patri Felici Xauerio, circa orationem, quam habuit ad Bahienses Academicos, Epigramma, [S.A.].*
- *In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii Rhetoricae Praeceptoris, et Bahiensis Academiae Praesidis, Elogium, [S.A.].*
- *In laudem Reuerendo Patri Felicis Xauerii [...], Elogium, [S.A.].*
- *Religiosissimo Praesidi Academiae, cui nomem est Felix Xauerius, Epigramma, Antonius de Oliveira.*
- *Ao Reverendíssimo, e Sapientíssimo Padre Mestre atual da Retórica, orando engenhosamente na Academia Bahiense, Sonêto, Mestre Ferreiro do Colégio.*
- *Ao Presidente o muito Reverendo Padre Mestre de Retórica Félix Xavier da Companhia de IESU, Sonêto, Pilôto da Fragata.*
- *Ao muito Sábio, e Engenhoso Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Oitavas ao joco-sério, do Guarda dos Pátios.*
- *Ao muito Religioso, e Erudito Padre Félix Xavier da Companhia de IESU, [...], Décimas ao joco-sério, Do Mestre do Barco do Colégio.*
- *Ao Reverendo Senhor Presidente, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao muito Reverendo, e Douto Padre Félix Xavier [...], Romance joco-sério, Do Mestre Pedreiro do Colégio.*
- *Em louvor do Religiosíssimo Presidente, Sonêto, Antônio de Freitas do Amaral.*
- *Inauguratos Academiae Praeses, Vberrima ingenii facultate oratorem egit, Reuerendus admodum Pater Felix Xauerius, Epigramma, [S.A.].*
- *Aliud circa idem, [S.A.].*
- *Aliud circa idem, [S.A.].*
- *Assunto. Conferência 16. A comisseração em que se houve Alexandre, com as filhas de Dario: Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*

- Conferência 16. Ao mesmo assunto, Soneto, Antônio Ribeiro da Costa.
- Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o primeiro assunto a modéstia de Alexandre Magno quando se lhe houveram de apresentar a mulher, mãe, e filhas de Dario vencido, Ao 1.º assunto, Soneto, Secretário.
- De Alexandri Magni modestia, qua Daris capta uxorem excepit, Epigramma, [S.A.].
- Ad 1um assumptum, Epigramma, Luís Canelo de Noronha.
- Na ação de Alexandre com as filhas, e espôsa de Dario. Assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.
- Ao 1.º assunto, Soneto, Acadêmico Nublado.
- Soneto, [S.A.].
- Ao mesmo assunto, Soneto, João de Brito e Lima.
- Ao primeiro [assunto], Soneto, Acadêmico Menos Ocupado.
- Assunto 1.º A modéstia, e continência de Alexandre Magno em não querer ver a mulher, e filhas de Dario, Soneto, João Alvares Soares.
- Ao 1.º assunto, Soneto, João de Brito e Lima.
- Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto.
- Ao assunto heróico, em que se trata a grande modéstia, e clemência de Alexandre para com a mãe, mulher, e filhas de Dario, suas prisioneiras, Soneto, Jorge da Silva Pires.
- Ao assunto heróico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo.
- A modéstia com que se houve Alexandre Magno com as Rainhas cativas do Exército de Dario, Soneto, Antônio de Oliveira.
- Ao primeiro assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.
- Ao 1.º assunto, Soneto, Manuel de Mesquita Cardoso.
- Soneto, Manuel Ferreira da Luz.
- Ao primeiro assunto, Soneto, [Provavelmente do mesmo Autor].
- Ao mesmo assunto, Soneto, [Licenciado Jorge da Silva Pires].
- Ao heróico assunto em que se trata da grande clemência e modéstia de Alexandre Magno para com a mãe, mulher, e filhas de Dario, suas prisioneiras, Canção, Jorge da Silva Pires.

[ASSUNTO:] Conferência 16 de 27 de dezembro. Foi o segundo assunto *Pirene transformada em fonte*.

- *Ad 2um argumentum, Epigramma, Secretário.*
- *Pyrene in fontem conuertitur, Epigramma, [S.A.].*
- *Flebilis Pyrene in fontem conuersae Locutio, Elegia, [S.A.].*
- *Pirene convertida em fonte, Distichon, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Pirene convertida em Fonte, Assunto lírico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Pirene en fuente, [João de Brito e Lima].*
- *Al mismo asunto, Soneto, João de Brito e Lima.*
- *Ao Assunto Lírico, Soneto, Francisco Xavier de Araújo.*
- *A Fábula de Pirene, Oitavas, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao 2.º assunto, Canção, Luís Canelo de Noronha.*
- *Pirene transformada em fonte, Décimas, João de Brito e Lima.*
- *Converte a Deusa Diana a Pirene em fonte, Décima, Antônio de Oliveira.*
- *A Pirene convertida em fonte, Décima, De um Capucho Anônimo.*
- *Ao Segundo Assunto, Décima, João de las Vinhas.*
- *Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao segundo assunto, Redondilhas, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao 2.º assunto, Glosa em epílogos, Luís Canelo de Noronha.*
- *2.º assunto, Pirene transformada em fonte, Romance insensato, João Alv'res Soares.*
- *A Pirene convertida em fonte, No 2.º assunto, Romance jocosos, Frei Avertano de Santa Maria.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao segundo assunto, Romance, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *A Pirene convertida em fonte, Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo.*
- *A Pirene convertida em fonte, Romance joco-sério, De um Capucho Anônimo.*
- *Ao 2.º assunto, Endechas, Luís Canelo de Noronha.*

CONFERENCIA 17.<sup>a</sup>:

[ASSUNTO:] *Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725. Foi nela Presidente o Coronel José Pires de Carvalho Cavaleiro da Ordem de Cristo.*

- *Ao Presidente José Pires de Carvalho, Décimas jocosas, Secretário.*
- *Conferência do Coronel José Pires de Carvalho de 21 de janeiro de 1725.*
- *Ad Dominum Tribunum militum Iosephum Pires de Carvalho, [...], Epigramma, Padre Manuel da Fonseca Lemos.*
- *Ad Dominum Iosephum Pires de Carvalho Praesidem Academiae, Epigramma, [Idem].*
- *Ad eundem Iosephi nomine dictum, Padre Manuel da Fonseca Lemos.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho presidindo na presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Em louvor do Eruditíssimo Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Soneto, Licenciado Jorge da Silva Pires.*
- *Ao Presidente José Pires de Carvalho, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao Coronel José Pires de Carvalho, Digníssimo Presidente da Academia, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao Presidente, Soneto, Alude ao 1.º assunto, João de Barbosa e Lima.*
- *Sôbre a oração engenhosa, que fez o Senhor Coronel José Pires de Carvalho debdizo da metáfora de um erudito banquete, com reflexão no sobrenome de Pires, Soneto, Júlio Baculino.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente da presente Academia, Soneto, Cristóvão Roiz Marques.*
- *Em louvor do Senhor Presidente, Coronel José Pires de Carvalho. Soneto sem a letra vogal, A, [Antônio Ribeiro da Costa].*
- *Outro ao mesmo Presidente, sem as duas letras vogais E, e I, [Idem].*
- *Outro ao mesmo Presidente sem as duas vogais O, e U, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho orando engenhosamente na Academia Bahiense, Canção, Júlio Baculino.*
- *Em louvor do Senhor Coronel José Pires de Carvalho,*

*Décimas, João de Brito e Lima.*

- *Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, João Alv'res Soares.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho, Digníssimo Presidente da Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho sôbre a erudita, e engenhosa Oração, que fêz na presente Academia, sendo atualmente Cabo de Milícia, Epigramma, Júlio Baculino.*
- *Ao mesmo Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia, com reflexão no seu sobrenome de Pires, Epigramma, Júlio Baculino.*
- *Ao Senhor Coronel José Pires de Carvalho Presidente desta Academia com reflexão no seu sobrenome de Pires, Júlio Baculino.*
- *Ao Coronel o Senhor José Pires de Carvalho, Digníssimo Presidente, Décima, Manuel Mesquita Cardoso.*
- *Em louvor do Senhor Presidente o Coronel José Pires de Carvalho, Décima, Sem as três letras vogais I, O, e U, Antônio Ribeiro da Costa.*

[ASSUNTO] *Conferência 17 de 21 de janeiro de 1725, Foi o primeiro assunto Diógenes buscando com uma luz nas horas do dia um homem na Praça de Atenas.*

- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Secretário*
- *Diogene Cynico, Ad propositum argumentum, [S.A.].*
- *Diogene Cynico, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Diogeni ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.]*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, Acadêmico Nubiloso.*
- *Sonêto, [João de Brito e Lima].*
- *Ao mesmo assunto, Sonêto, João de Brito e Lima.*
- *Diógenes, que na maior fôrça do dia buscava com uma Luz um homem pelas ruas de Atenas, Sonêto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao primeiro assunto, Sonêto, João de Barbosa e Lima.*
- *Ao 1.º, Sonêto, [S.A.].*
- *Primeiro assunto, Diógenes que buscava com uma candeia ao meio-dia, na praça de Atenas um homem sábio etc. Censura-se a demasia dêste filósofo neste sonêto, João Alv'res Soares.*
- *Ao 1.º assunto, Sonêto joco-sério, Luís Canelo de Noronha.*

- *Ao primeiro assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao Cínico Filósofo, que ao meio-dia com uma facha acesa na mão [...], Soneto, Júlio Baculino.*
- *Ao Assunto Heróico, Soneto burlesco, [S.A.].*
- *Ao primeiro assunto, Soneto, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao 1.º assunto, Soneto, Manuel Mesquita Cardoso.*
- *Ao 1.º assunto, Soneto, Luís Canelo de Noronha.*
- *Caeco, et Claudio ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Caeco, et claudio ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Mutuo auxilio, claudi, et caeci ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*

[ASSUNTO] Conferência 17 de 21 de fevereiro de 1725.  
*Foi o segundo assunto um cego trazendo às costas a um coxo, que o governava com a vista ajudando-se reciprocamente para a comodidade de ambos.*

- *Ao 2.º assunto, Epigrama, Secretário.*
- *Ao assunto lírico, Soneto burlesco, [S.A.].*
- *Ao 2.º assunto, Soneto, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Ao assunto lírico, em que se trata de um cego que para haver de andar tomou sobre os ombros um coxo, e servindo-lhe este de guia foram caminhando, Soneto, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao 2.º [assunto], Soneto, Do Menos Ocupado.*
- *Ao Assunto lírico, em que se trata que um cego, e um manco; para haver este de andar se pôs sobre o cego, para servir de guia; e [usando-lhe] dos pés foram caminhando. Silva joco-séria, Jorge da Silva Pires.*
- *Ao 2.º assunto, Décima, Manuel de Mesquita Cardoso.*
- *Ao 2.º assunto, Espinela, [S.A.].*
- *Ao segundo assunto, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao 2.º assunto, Redondilhas, de quebrados, Luís Canelo de Noronha.*
- *Ao segundo assunto, Romance, [S.A.].*
- *Ao segundo assunto, A um cego levando às costas a um manco, [S.A.].*
- *Um cego trazendo um coxo às costas, ajudando-se reciprocamente, Romance, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *Ao segundo [assunto], Romance, [S.A.].*

CONFERÊNCIA 18.<sup>a</sup>

*Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Com que se fechou e concluiu o 1.º ano, Foi nela Presidente o Padre Manuel de Cerqueira Leal Coadjutor na Freguesia de São Pedro.*

- *Em louvor do Presidente e Padre Manuel de Cerqueira Leal, Sonêto, Secretário.*
- *Ad Praesidem, Epigramma macharonicum, Luis Canelo de Noronha.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Presidente Coadjutor de São Pedro, Romance, Boaventura Afonso.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Doutor Presidente da Academia do Entrudo o Senhor Doutor Manuel de Siqueira coadjutor digníssimo da Freguesia de São Pedro, Romance, [Provavelmente de Frei Avertano].*
- *Ao Reverendo Padre Coadjutor o Senhor Manuel de Cerqueira Leal, presidindo na última conferência da nossa Academia, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Em louvor do Reverendíssimo Padre Mestre Doutor Manuel de Siqueira [...], Sonêto, De um seu grande amigo.*
- *Ao Sábio, discreto e erudito Presidente o muito Reverendo Padre o Senhor Coadjutor de São Pedro Manuel de Cerqueira, Sonêto, O Padre Pedro Roiz Annes.*
- *Em louvor do Reverendo Presidente o Senhor Manuel de Siqueira digníssimo coadjutor da Paroquial Igreja de São Pedro desta Cidade da Bahia, Sonêto, Antônio Ribeiro da Costa.*
- *Ao Reverendo Senhor Presidente, Sonêto, De um seu devoto.*
- *Décima heróica ao Prezado Presidente, De um seu amigo, e muito venerador que éle bem sabe.*
- *Em louvor do Reverendo Senhor Presidente Manuel Cerqueira Leal, Décimas joco-sérias, João de Brito e Lima.*
- *Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Décima, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*
- *Ao Reverendo Padre Coadjutor Manuel de Cerqueira Leal, Presidente da presente Academia, Décima, Francisco Pinheiro Barreto.*
- *Em louvor do engenhosíssimo, e eruditíssimo Presidente, Décimas, Sacristão da Igreja Matriz do Senhor São Pedro.*

- *Ao Senhor Reverendo Presidente, Décimas, Do mesmo Autor.*
- *Ao muito Reverendo Senhor Padre Manuel de Cerqueira: Presidente da Academia, Manuel Ferreira da Luz.*
- *Em louvor do muito Reverendo Senhor Presidente Digníssimo Coadjutor de São Pedro, Décima, João Alv'res Soares.*
- *Em louvor do Senhor Padre Manuel de Cerqueira Leal, Ode Alcáica, Antônio de Oliveira.*
- *Ao Reverendíssimo Senhor Presidente, Epílogo, De um seu paroquiano afetuoso.*

[ASSUNTO] *Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o primeiro assunto as damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias de uma armada contra seus inimigos.*

- *Ao 1.º Assunto, Soneto, Secretário.*
- *Carthaginensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *De Matronis Carthaginensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *De Matronis Carthaginensibus, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Carthaginensibus feminis, Ad propositum argumentum, Epigramma, [S.A.].*
- *Dando as Damas de Cartago os seus cabelos para enxárcia da Armada cartaginesa, assunto heróico da presente conferência, Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- *Cortando as Damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Soneto, João de Brito e Lima.*
- *As damas de Cartago dando as tranças de seus cabelos para enxárcias das naus, que contra seus inimigos armou a pátria, Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- *A Cidade de Cartago em louvor das Matronas, que cortaram os cabelos para enxárcias. Soneto aludindo aos ramos de ouro com que Enéias alcançou de Plutão o falar com seu pai Anquises, Antônio de Oliveira.*
- *Cortando as damas de Cartago os cabelos para enxárcias da Armada, Oitavas, João de Brito e Lima.*
- *Faltando cordas para aprestarem as naus cartaginesas deram e cortaram as damas de Cartago os seus cabelos para suprirem a falta, Segundo assunto, Romance heróico, Acadêmico Nubioso.*

- Ao primeiro assunto, *Romance heróico, Acadêmico Nublado*.
- Primeiro assunto, *As damas, que ofereceram as tranças dos seus cabelos para enxárcias da armada etc. Romance chistoso, por variar do vocábulo joco-sério, João Alv'res Soares.*
- Ao primeiro assunto, *Décima heróica, Jacinto Ferreira Feio de Faria.*

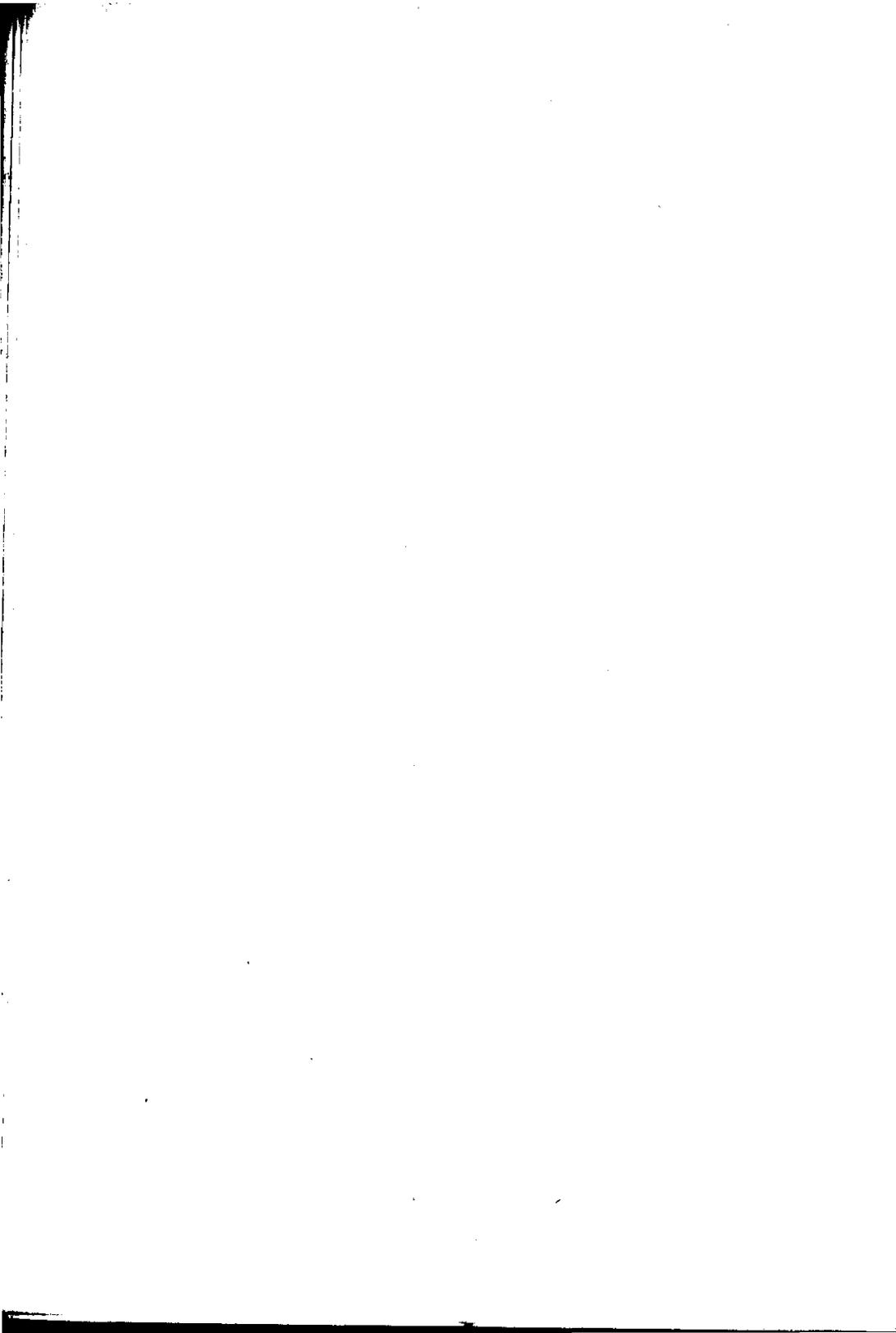
[ASSUNTO:] Conferência 18 de 4 de fevereiro de 1725. Foi o segundo assunto o inspirado [retiro], que fez de Lisboa o Padre Bartolomeu em 25 de setembro.

- Ao segundo assunto, *Epigrama, Secretário.*
- *Poema Historiographicus, Do Acadêmico Quebra [...]*
- Na suspensão que faz a nossa Academia com a última conferência, *Soneto, Sebastião da Rocha Pita.*
- Ao Doutor Bartolomeu Lourenço de Gusmão retirando-se ocultamente de Portugal, *Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas.*
- Ao Segundo assunto, *Soneto, De quem quer que fôr.*
- *A Cíntia que chegando à janela para ver o seu amante, com os raios do Sol o não pôde ver, Décimas, [S.A.].*
- Assunto, *A fuga que fez de Lisboa o Doutor Bartolomeu Lourenço, Décimas, Antônio Ribeiro da Costa.*
- Assunto próprio, *Quem foi o primeiro plantador da vide, e os bens e males que causa o vinho a quem o bebe, Quartetos, Antônio Ribeiro da Costa.*
- Assunto próprio: *Quem foi o primeiro que deu princípio às guerras, e os inventores das armas para guerrearem, Romance, Antônio Ribeiro da Costa.*

ACADEMIA BRASÍLICA  
DOS ESQUECIDOS  
NOTÍCIA DA FUNDAÇÃO \*

---

\* O título é atribuído, não constando nos originais.



O *Excelentíssimo* Senhor Vasco Fernandes César de Meneses incomparável Vice-rei do Estado do Brasil, que no seu inclito nome traz vinculada com a profissão de ilustrar as armas, a propensão a honrar as letras, para dar a conhecer os talentos que nesta província florescem, e por falta de exercício literário estavam como desconhecidos, determinou instituir uma Academia; a cujo fim fêz chamar por cartas circulares as pessoas seguintes, o Reverendo Padre Gonçalo Soares da Franca, o Desembargador Caetano de Brito Figueiredo, chanceler dêste Estado, o Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Ouvidor Geral do Cível, o Doutor Inácio Barbosa Machado, Juiz de Fora desta cidade, o Coronel Sebastião da Rocha Pita, o capitão João de Brito Lima, e José da Cunha Cardoso; aos quais na tarde de 7 de março de 1.724 comunicou a vontade, com que se achava de erigir e estabelecer a Academia, cuja resolução abraçaram uniformes os sete convocados como filha de tão excelente e generoso espirito; e com seu beneplácito escolheram por emprêsa o Sol com esta Letra sol oriens in occiduo, assentando entre si com louvável modéstia intitular-se os Esquecidos.

Tomaram por matéria principal de seus estudos a História Brasilica dividida em quatro partes, a natural que corre por conta do já nomeado chanceler, a militar que se encarregou ao Douto Juiz de Fora, a eclesiástica cujo emprêgo se deu ao Reverendo Gonçalo Soares da Franca, e a política cuja incumbência caiu em sorte ao Ouvidor Geral do Cível.

Dos sete Acadêmicos principais, o primeiro se denominou com o título de Obsequioso, o Chanceler tomou cognome de Nubiloso, o Ouvidor do Cível de Ocupado, o Juiz de Fora de Laborioso, o Coronel de Vago, o Capitão de Infeliz, e o último de Venturoso. A êste nomeou o *Excelentíssimo* Senhor Vice-rei e

*Protetor da Academia por Secretário, para orar na primeira conferência que se determinou fôsse na tarde de 23 de abril, dia 8.º depois da Páscoa do ano já referido.*

*Assentou-se que as expedições acadêmicas se fizessem em palácio, reiterando-se de 15 em 15 dias, e alternando-se os quatro mestres de dois em dois em reciproca sucessão; dando-se princípio a cada um daqueles atos com uma oração ou discurso que terá o Presidente nomeado pelo seu antecessor com beneplácito do Excelentíssimo Senhor, e fundador da Academia; ficando a cada um dos Presidentes a eleição livre da matéria, ação, questão, ou problema sobre que quiserem discorrer.*

*Ficou por estatuto que em obséquio dos engenheiros poéticos se dariam para tôdas as conferências dois argumentos ou assuntos, um heróico, outro lírico; e as poesias a êles feitas lerá o Secretário o douto José da Cunha Cardoso (depois de recitadas as prosas do Presidente, e Mestres) admitindo-se também poemas anônimos.*

*Não pareceu bem se dessem especiais assuntos poéticos para a conferência do primeiro dia, porque tôda ela se reputou por breve para os merecidos encômios do nosso augustíssimo Protetor, e da sempre heróica, e felicíssima criação da nova Academia; em cujo nome se ordenou ao Secretário chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distinção; o que êle observou por cartas, escrevendo também um papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames literários.*

●

1.a CONFERÊNCIA  
DE 23 DE ABRIL



Oração, com que na domínica in Albis e vinte, e três de abril dêste ano de 1724 abriu a Academia Brasília o Doutor José da Cunha Cardoso (\*)

**Non habeo ingenium; Caesar sed iussit, habeo.  
Quid me posse negem, posse quod ille putat?**

Cantou o poeta Ausônio. Este notável dístico, que a diverso intento se compôs, parece que com idéia alegórica se fêz para o nosso intento. Se naquele poeta (como inculca, e recomenda o nome *uates*) resplandecera espírito profético, em nenhuma ocasião, como nesta parece se verificava a profecia.

Decretou o nosso Excelentíssimo, e Augustíssimo César coroar as armas, que professa, com as Letras, que autoriza, trasladando na melhor cidade da América a mais célebre da Grécia, e instituindo uma palestra literária, de quem fôsse protótipo o Ateneu; e como pelo nosso grande descuido, ou pequena reflexão nos escondiam as sombras do esquecimento a muitos sujeitos raros, com que a decretada Academia se podia enobrecer, quis o Soberano autor dêste nôvo teatro da erudição, fôsse eu o antesignano (sic), que fazendo estandarte da voz publicasse o destêrro daquelas sombras, que desvaneceu, expondo aos olhos do mundo o esplendor desta Academia, que instituiu.

E aihda que com antecipada precaução protestei me faltava um, e outro engenho, o natural, e o adquirido, representando a conhecida desproporção de tão fracos ombros a tão grave pêso,

---

(\*) Em página destacada, indica-se: "Ao Vice-Rei", contudo, esta primeira conferência não teve assunto determinado, cf. a "Notícia de fundação": "Não pareceu bem se dessem especiais assuntos poéticos para a conferência do primeiro dia, porque tôda ela se reputou por breve para os merecidos encômios do nosso augustíssimo Protetor, e da sempre heróica, e felicíssima criação da nova Academia; em cujo nome se ordenou ao Secretário chamasse e convidasse a muitos, particularmente a pessoas de distinção; o que êle observou por cartas, escrevendo também um papel, que os curiosos podiam tomar como cartel de desafio para certames literários."

não se revogou o decreto, atribuindo-se à modéstia a ingênua confissão da minha fraqueza. Enfim resignou-se um pigmeu por força de obediente em o que não fariam as forças de um Atlante; mas se ainda esta resignação merece a nota de arrojada, bem recomendada fica a absolvição do meu arrôjo nas nobres atenções, que respira a minha veneração. Que importa pois me falte o talento, diz o poeta em meu nome, *non habeo ingenium*, se me obriga o preceito de César, *Caesar sed iussit*? Que importa que eu não seja o que êle imagina, se êle imagina o que eu não sou: *quid me posse negem posse quod ille putat*? Não há mais remédio, que sacrificar nas aras do respeito a vontade própria, como vítima.

Porém se o meu defeito é indispensável, quem há de suprir êste defeito? Quem pôs o preceito, responde Ausônio. Eu que antes desta eleição carecia de talento, *non habeo ingenium*, com o preceito dela o hei de ter: *Caesar sed iussit, habebo*. Que essa é a regalia do Príncipe, e a propriedade do Sol, dar o ser a quem era nada, dar a luz a quem a não tinha. Dêste esclarecido Herói espero o suplemento ao que me falta para encher o lugar, em que me pôs a sua grandeza.

Êle nasceu com privilégios de Sol, sendo pelas duas linhas da mais estirada, e lustrosa ascendência filho herdeiro de tão illustre Casa, que como primogênito dela com razão lhe podemos chamar o morgado da luz, título próprio do Sol. Cresceu com êle o luzimento, e tão veloz, que prevenindo o juízo ao tempo, a prudência à idade, os acertos aos anos, já no Oriente da infância se não deixava observar, brilhando, como Sol no Zênite; singularidade anexa ao seu grande nome, pois de César Augusto se escreve lançava dos olhos raios tão ativos, que a quem com atenção os queria ver deslumbavam, como Sol.

E porque a jurisdição dêste planêta não cabia em um só hemisfério, dispôs com prudente acôrdo o invictíssimo, e previdentíssimo Senhor do Império Lusitano, que depois de ilustrar a Europa, fôsse resplandecer em terras de África, e Ásia; as quais sem dúvida o têm hoje por imortal objeto de uma eterna, e saudosa lembrança.

Faltava a maior, e não sei se a melhor parte do mundo para gozar de tão luminoso, e benigno astro; e ou fôsse por acaso da nossa ventura, ou por destino da alta providência no Brasil se acabou o seu Zodíaco, concluindo aqui o primeiro giro, que deu como Sol para alumiar o Universo. Na Bahia teve o seu fim êste primeiro giro, próspero auspício dos que se lhe hão de seguir; e foi para nós tão feliz, que sendo na ordem os últimos, fomos na dita os principais. Assim succede no sensitivo, e também no vegetal: o último alento do Cisne é a harmonia: a

última respiração da árvore é o fruto. Na nossa Região, em que este Sol faz a última presidência, tem sido mais que em tôdas benéficos os seus influxos, não se excetuando alguém da glória de haver recebido a benigna influência, e afluência dos seus raios; de que se hão de achar atestações incontestáveis até na bôca da ingratidão.

Este planêta pois nos há de comunicar a luz a mim, e a tôdos os que quizerem ter parte neste Acadêmico asterismo, luzindo como estrêlas no firmamento, em que êle é Sol. Assim o vereis, ó nobres habitantes da Brasília Metrópole, na nova Academia da história Brasília, que para em tudo se conformar com o seu egrégio fundador tomou por emprêsa o Sol com este lema — *Sol oriens in occiduo* —. Neste felicíssimo ocidente nasceu o Sol para a Bahia: agora lhe amanheceu, porque agora se verá a Bahia convertida em Atenas: agora sairão à luz os que o nosso descuido cobria com as sombras do esquecimento, que por isso tão entendidos, como modestos se apropriaram o título dos Esquecidos.

Grave título, e tão admirável, que a sua grandeza maior consiste na contradição da sua grandeza. Achar o bem no bem não é excesso, tirar bem do mal é vantagem. Derivar honra da honra não é milagre, deduzir glória do seu contrário é prodígio. E isto fizeram os nossos Acadêmicos na eleição daquele título. Chama-se o esquecimento consequência da morte, filho do Letes, e o que mais é símbolo do inferno, assim o cantou o Mantuano, o confessa Rávisio, e o conhecem todos. E que inventaram os nossos Acadêmicos para eternizar o seu nome? trocaram a morte em vida, em memória o esquecimento, e o inferno em glória. Tomou a Academia o nome que significa morte para ser imortal; tomou o nome que apaga a memória para se fazer memorável; tomou o nome, que simboliza inferno para ficar gloriosa. Ou quis explicar-se irônicamente naquele sentido, e contraposição, em que o bosque se chama lucus, a guerra belum, e Parca a que a ninguém perdoa, ocultando-se com o véu da antifrasede para recomendar melhor a sua memória debaixo do esquecimento. Se não é que prevendo os nossos Acadêmicos a imensa esfera dos seus merecimentos, e progressos futuros, como estes não podiam caber em tôdas as vozes da fama, nem circunscrever-se em tôda a jurisdição da memória, perdoaram à memória essa fadiga, poupando-lhe o dissabor, em que havia de condenar a sua impossibilidade. Tomem embora outros Acadêmicos títulos mais pomposos, ou por pregoeiros da sua grandeza, ou por fiadores da sua lembrança; que para os nossos o silêncio há de ter línguas, o esquecimento vozes, sendo o mesmo silêncio o seu panegirista, e o mesmo esquecimento precursor da sua memória.

No dia sétimo de março, que misteriosa, e não casualmente foi em terça-feira em congresso feito por ordem superior do primeiro móvel dêste Céu Acadêmico, se nos participou a notícia de tão alto pensamento; e como se o propor fôra convencer, inenos tempo levou a obediência, que a proposta; com que logo os Protógenes, e Apeles dêste vistoso quadro delinearam a perigrafe da pintura, reservando o dia de hoje para a ostentação da primeira cena. Não sei se reparais nas circunstâncias. O Erector da Academia Sol a tôdas as luzes; a emprêsa dos Acadêmicos Sol; a letra da emprêsa *Sol oriens in occiduo*; o dia de hoje domingo consagrado ao Sol; e o dia sétimo de março dia muitas vêzes solar, pois entre outros testemunhos do seu luzimento, não sô é dedicado ao mesmo Apolo, como eram todos os dias sétimos de cada mês, mas é especialmente dia do Príncipe dos Teólogos, aclamado no mundo por verdadeiro Sol das escolas São Tomás de Aquino.

Ó feliz, e para sempre fausta Academia americana (1)! Ó illustres, e venturosos Acadêmicos! que raios de ciência serão os vossos no meio-dia com tais ensaios no oriente? Qual será depois a luz das vossas obras tendo por prelúdio tanta luz? Que resplendor darão de si os vossos livros, de que tantos Sóis são o prólogo?

No dia sétimo (não recorrendo à Filosofia de Pitágoras, e Platão, que faziam pelos números os seus prognósticos) reconhecem todos o número mais perfeito, mais excelente, e misterioso; e sem mencionar outras muitas notabilidades, que neste número têm sido reparo da curiosa observação, notou a pena, que escreveu da melhor Ave, que sete são os planêtas, sete os movimentos naturais de um vivente; sete as idades do homem; sete os climas do mundo; sete as classes das criaturas; o maior Vice-Rei, e libertador do Egito foi filho sétimo; o dia sétimo ordenou o preceito divino fôsse para o nosso descanso; e ao sétimo dia santificou o Supremo Opífice quando descansou da maior obra, que fêz. Não se chame já o número de sete climatérico, críptico sim pelos seus profundos segredos, que o tempo fará públicos por desempenho do que promete o meu vaticínio.

Mas quem poderá duvidar do que êle promete, sendo êste nôvo Liceu um seminário de letras? São as letras a antorcha universal do mundo, sem a qual todo êle seria um caos, e se o homem é microcosmo, ou mundo pequeno, ao homem sem notícias chamou um oráculo mundo às escuras. Desta opinião foi Demócrito, que para se não divertir da contemplação dos estudos com a distração dos olhos, se privou dêles voluntário,

---

(1) A palavra "americana" aparece como acréscimo ao texto.

comprando com a falta da luz a luz da ciência, e entendendo que só andava em trevas quem vivia sem saber. São as letras, como progenitoras de toda a perfeição; pois não há prenda, ou virtude, a que elas não dêem o realce; e com êle o segundo ser, tanto mais nobre que o primeiro, quanto vai de sepultar-se logo no cemitério da ignorância a construir-lhe altar no templo da eternidade.

As mesmas armas, que no mundo se têm levantado com a coroa da estimação, porque enfim são as que dão, e tiram coroas, quem duvida o muito que devem à sociedade das letras? Não é o meu ânimo disputar-lhe a preferência, assunto comum, por não dizer particular empenho, que neste lugar tomam regularmente os oradores Acadêmicos; porque suposto há tratados, e livros inteiros, que neste difícil brocárdico deram sentença contra as armas, não estou pela sentença. Nem à ciência, nem à milícia posso dar precedência sem manifesta injúria do seu grande protetor, porque seria agravo da sua grandeza não ser igual em todos os seus predicados. Armas, e letras são filhas de um mesmo parto, ou partes de um mesmo corpo: conselho, e fôrças, olhos, e mãos. Aquela indigência, que as armas têm das letras, nem argúi nas letras senhorio, nem nas armas sujeição; é fraternidade natural, não dependência servil; amam-se como antífilas (sic), ajudam-se como irmãs, porque o são em armas.

Agudo símbolo desta verdade é a seta na qual o ferro, que há de ferir, se move pelos vãos da pena. Os raios, com que Júpiter faz guerra ao mundo, administra-os a águia geroglífico de um agudo engenho. Esta união nos insinuou, e ensinou a bem advertida antigüidade distribuindo pelos sete planétas os sete dias da semana, não consentindo, que mediasse nem um só dia entre Mercúrio, e Marte. Toda se equivoca a campanha literária com a república militar. Por isso o mais civil Imperador de Roma com discreto hipérbato lhe comutou os vocábulos, persuadindo que a Majestade se devia condecorar com as armas, e armar com as letras. Que bizarra analogia já no nome, já na entidade tem a ciência com a milícia! É a milícia um substantivo indiferente, com quem igualmente concorda, e lhe compete a denominação de togada, e armada. Marco Túlio, e Sêneca chamaram ciência ao valor. Fôlha é a do livro, e também a da espada. A mesma divindade é Palas, e Minerva: o soldado lhe tributa obséquios, o erudito lhe consagra cultos; porque a mesma que na campanha dá calor às armas, na Academia dá espírito às letras. Desta cogação, e reciproca amizade procede ser entre elas tudo comum; e assim como o lustre, e esplendor das letras se comunica às armas, toda a honra, e glória das armas se participa às letras. Bem comprova o que digo a fundação desta nossa

escola da ciência, para a qual não sem mistério concorreram Marte, e Apolo: ambos lhe deram o seu dia; êste o do nascimento, e ambos o da criação; êste um domingo, e ambos uma terça-feira, que pelo ser, e por ser de março é por dobrado título consagrada ao Deus da guerra, e por ser dia sétimo, ao Deus da sabedoria. Tanto se dão as mãos as armas, e as letras.

Com glorioso exemplo se acredita esta união, por lhe não chamar identidade no nosso preclaríssimo Protetor, verdadeiro, e excelente emblema das letras, e das armas, a quem tanto devem as direções militares, como as políticas, e Acadêmicas; tão advertido no que respeita à milícia, como armado da prudência, que é a ciência maior; amável honrador de quem segue as armas, e de quem professa as letras; igualmente aplicado ao estado civil, como ao militar; a erigir Academias, como a levantar fortalezas; todo de ambos os empregos, e todo de cada um. Se lhe observo as disposições em um, e outro instituto, estão êles tão complicados, que duvido se naquela testa assiste Marte, ou naquele braço Mercúrio. Se olho para o vice-cetro, que empunha, não decifro se é insígnia de mestre, ou distintivo de General, se é caduceu, ou se é bastão. Mas assim havia de ser, porque era César, em cujo nome são como hereditárias tão altas prerrogativas. Mandou-se Júlio César esculpir sôbre o globo do Mundo, com a espada em uma mão, e um livro na outra; e a inscrição dizia assim — *ex utroque Caesar* —. Para qualquer homem se constituir grande, basta que seja um famoso professor das armas; para qualquer sujeito se fazer exímio, basta que seja um insigne cultor das letras; mas para um César é necessário tudo, *ex utroque Caesar!*

Não me estranheis, ó Acadêmicos, nem avalieis por digressão êste parecido episódio, que realmente o não foi, antes é filho natural do discurso, que vou seguindo; porque sendo o meu principal intuito, e o sistema dêle mostrar, que a profissão Acadêmica vos faz credores de tôda a glória, por esta conexão da ciência com a milícia, por esta mútua participação, e inseparável sociedade de uma com outra, por êste animado, e excellentíssimo emblema de armas, e letras, que são os dois pólos de tôda a grandeza do mundo, vos dou a conhecer quão illustres, e grandes vos fará no mundo a Minerva, que seguís, a Academia, que professais.

Mas descendo do genérico ao particular, que direi da história Brasilica, primeiro emprêgo dos estudos Acadêmicos, e objeto de atribuição do seu principal instituto? Resplandece na história a propriedade da profecia, descobrir o oculto, ensinar o ignoto. Sem que a esta lhe mude, ou altere a substância a diversidade dos tempos, pois segundo as aprovações do Supremo Vice-

-Deus, Oráculo do cristianismo nas sagradas apoteoses, quando a notícia revelada o não podia ser naturalmente, tanto se conhece aquêlo espírito no presente, como no pretérito, e futuro, que são diferenças puramente accidentais. E como a substância consiste em declarar o que se ignorava, e descobrir o que se não sabia, isto que faz a profecia, é o múnus próprio da história; esta pelo desvêlo do estudo, aquela pelo dom da revelação; devendo por isso justamente denominar-se a história profecia do passado, assim como intitulou o Sol dos engenhos à profecia história do futuro.

É no homem muito próprio, e natural o desejo de saber: com êle cresce esta inclinação menos nutrida com o leite da arte, que criada aos peitos da natureza. Mas esta propensão, que geralmente falando, é atributo do racional, sobe de ponto, quando especialmente se dirige ao pretérito, ou futuro. Não há despertador mais sensível da curiosidade humana, do que a dificuldade: quanto mais distante, e longínquo se nos representa o objeto, mais cresce a vontade de o saber, e desejo de o alcançar. Não são os nossos entendimentos como os nossos olhos. Na esfera dos olhos, como a distância lhe enfraquece a vista, fogem de olhar para o que difficilmente podem ver. Mas nos olhos do entendimento trocam-se os têrmos à perspectiva; e como nos parece mais grande o que fica mais longe, por isso o mais remoto é o mais apêtedido, o futuro quanto mais distante, o passado quanto mais antigo.

Sendo pois no homem tão natural o desejo de saber, e particularmente de saber o que mais se lhe difficulta, para saciar êste desejo, vos ofereço, ó sábios Acadêmicos, na vossa palestra o exercício, e lição da história, para todos os ouvintes tão proveitosa, e necessária, que seria ofensa do seu juízo a minha recomendação. É a verdadeira história um claro espelho do bem, e do mal; dêste para o detestar, daquele para o seguir. É a mais fiel cópia da formosura, que nos deve atrair, ou da fealdade, que devemos evitar. Tem virtude miraculosa com emulações de divina, pois em fé da sua narração renasce o que acabou, ressuscita o que morreu. Sabe aprisionar o fugitivo tempo, que passa, e não torna, deixando com admirável reprodução tão bem informados os olhos pelo que lêem, como pelo que viram. Excita nobremente os ânimos dos pequenos a imitar os grandes, dos magnânimos a exceder-se a si. Quanto deve o renome de Alexandre à lição da *Iliada*, que todos os dias o provocava ou para as competências, ou para as invejas de Aquiles! Que maior desafio para um espírito brioso, que ver na pintura da história o retrato de um herói? A história de Alexandre fêz um Júlio César, e a de César fêz muitos Alexandres. De Quinto Máximo, e Públio

Cipião refere Salústio saíam pelos lugares de Roma a ver as estátuas, para nelas tomar lição de virtude, e de valor. E que tem que ver a persuasão da estátua, que não fala, com a da história que se explica? Ela é retórica sem enfeites; eloqüente sem afetações; mestre que melhor nos ensina; aviso que mais nos desperta; conselheiro, que nos não engana; amigo que nos não lisonjeia.

E se isto passa em qualquer história, que será na própria, e vernácula? Quanto maior será o estímulo com o exemplo do que obraram os nossos, que do que fizeram os estranhos? Neste mesmo país, e terreno, que pisais, jazem talvez os vossos maiores menos queixosos da terra, que os oprime, que do esquecimento, que os esconde. Para dar satisfação à sua queixa, ou ressurreição à sua vida dividiu a vossa Academia o múnus desta história em quatro partes, em que discorrem quatro eminentísimos mestres; melhor dissera cofres da sabedoria, tesouros da erudição; a natural, a militar, a eclesiástica, e a política.

A primeira se encarregou ao Senhor Caetano de Brito e Figueiredo, compêndio universal de prendas, e meritíssimo chanceler dêste Estado, com quem a natureza foi tão liberal em consumir-lhe os dotes, que apostou não depender das perfeições da arte, e com quem a arte foi tão pródiga de perfeições, que se empenhou em vencer os dotes da natureza. A segunda se encomendou ao Senhor Inácio Barbosa Machado, arquivo de letras, biblioteca viva, e digníssimo Juiz de Fora desta cidade, de quem os Tucídides, os Márcias, os Suetônios, e os Lívios ofendidos da maioria, que lhe confessam, só se desafrontam com a prioridade do tempo, como se em ser primeiro, consistira o ser melhor. A terceira pertence ao muito Reverendo Senhor Gonçalo Soares da Franca, mimoso, e adorado objeto das irmãs de Apolo, e eloqüentíssimo orador Evangélico, a quem só venero por coronista, pois a vastidão de suas notícias o habilitou para escrever das coroas, sendo só a sua pena proporcionada para a sagrada matéria de tão alta hierologia. A última incumbe ao Senhor Luís de Siqueira da Gama, verdadeiro simulacro da ciência, e prestantíssimo Ouvidor Geral do Cível, em quem a nossa felicidade vê renascidos os Alcíatos, Tiraquelos, e Gotofredos, fazendo não só compatíveis, mas inseparáveis na Academia os estudiosos exercícios, na Jurisprudência os incansáveis estudos.

E se para a história nos concedeu a fortuna quatro mestres tão insígnies, na Oratória, e na Poética não há de ser menor o número dos mestres. Tôdas as conferências Acadêmicas se hão de autorizar com a presidência de um elegantíssimo Orador. Em tôdas se hão de exercitar os engenhos, que na planta do bruto voador bebem a doçura da Hipocrene; e assim será prosí-

métrico o corpo dêste Museu, logrando-se a um tempo na elegância do metro, e na eloquência da prosa, nos preceitos da Poética, e nas leis da Retórica, retratos vivos de Homero, animadas estampas de Demóstenes. Mas se acaso neste ponto esperais de mim vos explique as inexplicáveis excelências destas duas ocupações, bem pudera dizer-vos a muita, e mútua semelhança, que têm as cadências da prosa com as consonâncias do metro, e que sem obstar o muito em que também diferem, as mesmas frases, tropos, e figuras, que dão ornato à prosa, deve o verso a sua gala. Pudera dizer-vos, que na poesia achareis uma transcendente lição de tãda a facúndia, porque ela é a abelha vagabunda, que para compor os seus favos, sem incorrer em furto, colhe pelos prados dos livros o suco das boninas, que a primavera dos engenhos entesourou naquelas fôlhas. Pudera dizer-vos a incomparável eficácia da eloquência, especialmente da patética, ou flexanima, que com suave tirania reputando outras vitórias por inferiores ao seu poder, não se preza menos, que de vencer, e ter domínio nos ânimos. Pudera dizer-vos, que a verdadeira melodia teve o berço no Parnaso criando-se ao colo das Musas antagonistas das Sereias; e que o canto que nas Sereias foi fábula só é verdade no encanto da poesia. Pudera dizer-vos, que o Hércules francês tão eloquente, como valoroso, como palavras de ouro na bôca tinha a clava de ferro nas mãos; mas àqueles, que não podia render o rigor da clava, conquistava, e prendia a sutil cadeia da bôca. Pudera dizer-vos quão poderoso, e forte é o feitiço da poesia, que disputando vantagens com o de Circe, ostenta maior império nas suas transformações, pois se esta (degenerando o bom em mau) fazia dos homens brutos, aquela (trocando o mau em bom) com mais venturosa, e suave metamorfose converte os brutos em homens. Pudera dizer-vos, que à eloquência de Túlio vincularam o indulto muitos delitos; e muitas inocências o triunfar das calúnias. Pudera dizer-vos, que da elegância de Vergílio pendiam nos teatros de Roma os êxtases da universal suspensão. Pudera dizer-vos, que a arte Oratória fêz assento em cabeças de coroados Príncipes, mais heróicos pela arte, que pelas coroas. Pudera dizer-vos, que a Poética não só ilustrou diademas imperiais, mas tiaras Pontifícias. Pudera dizer-vos, houve mais de uma nação em que sendo o trono eletivo, era a eloquência o maior mérito, e o primeiro degrau para subir ao trono. Pudera dizer-vos, que se na monarquia literária tivessem as ciências Rainha, nenhuma empunharia o cetro mais que a Poética.

Mas pondo tudo isto de parte, direi sòmente por servir à brevidade, que se na boa prosa se incluem também qualidades da Poesia, como vulgarmente dizem os que dela escrevem, tudo

o que compete a uma, se predica da outra, e assim nenhuma delas pode clausurar-se nos âmbitos da nossa compreensão, por ser o nascimento da Poesia tão sublime, e remontado, que quem lhe buscar a raiz, não lha pode achar na terra, pois de ramo em ramo vai subindo até entroncar na divindade. Não tem a Poesia menos autor, que o autor da natureza. Frustrâneo foi o trabalho de alguns escritores, que lhe buscaram outro princípio, porque o seu princípio é quem nunca o teve. Desta fonte bebeu aquêlê dom o primeiro homem, que em boa opinião foi o primeiro, que honrou a poesia, para êle ciência infusa, e derivada da divina onisciência; mas com esta circunstância prodigiosa, que para a estrutura do racional palácio, que criou em Adão, antes de lhe infundir aquêlê dom, já o arquiteto increado lhe tinha lançado o risco nos Céus, e nos elementos. Que outra coisa é êsse bem concertado, e harmônico movimento das esferas mais que um estrelado original da consonância da Poesia? Isto mesmo significa a composição dos elementos puros, e das suas qualidades nos corpos mistos. Enfim o divino Platão estimou os poetas como divinos. Tão elevado é o juízo, que dêles formam os homens de maior juízo. Eu me persuado ninguém lerá com atenção qualquer poema bem ajustado, e composto, que refletindo nêle não subscreva o juízo, ou sentença de Platão; porque o harmonioso contento, discrição, e formosura de qualquer poesia lá está cintilando faíscas, que mostram ser de fogo mais sublime, e respiram divindade.

Aquela valentia de espírito, que chamamos furor poético, não é do Libreto, é do Céu, pois só do Céu podia sair prenda, que sendo uma só arte, se compõe de muitas ciências; arte que em muitas, e deleitáveis compreensões promete aos homens o fim mais útil da honesta recreação, ociosa ocupação de bom-gôsto, fidalgo divertimento do ânimo, alvo a que fazem tiro as maiores agudezas; fértil campina do discurso semeada de conceitos; especioso jardim das mais vistosas flôres; alegre exercício do engenho; suspensão da alma, empório de sutilezas, fadiga que não molesta, trabalho gostoso, desvêlo das Musas, morgado de Apolo, troféu da discrição, vitória do entendimento, sempre laureada com triunfos, credora sempre de imortais aplausos.

Esta, ó sábios Acadêmicos, a Poesia, e a Eloquência, de que a vossa literária floresta se há de ver felizmente cultivada. Restava agora por peroração convidar-vos para a cultura de tão deliciosa floresta. Mas não será êsse o empenho do meu epílogo, assim porque à vista dêste discurso já sobejam persuasões, como por ser a matéria dêle tão alta, útil, e deleitosa, que por si mesma se recomenda. Seja pois a conclusão do discurso o parabém (sic) que vos dou, e a figura, que vos levanto. Seja-vos parabém (sic)

o Augustíssimo Mecenas, que vos protege; o claro Sol que tomais por emprêsa; o discreto Ateneu, em que sois co-alunos; e o nunca assaz louvado exercício, em que ocupais os vossos talentos.

E se o entendimento quando discorre também sabe presagiar, eu vos prognostico, e seguro que as aves do Caistro melhorando de culto, e esquecidas do Castálio côro, se lembrem só dos Esquecidos; eu vos seguro que as vozes do vosso aplauso dêem tal brado na América, que retumbe o eco na Europa; eu vos seguro que das penas, com que escreverdes, se aproveite a Fama para multiplicar as asas; que de tão generosas premissas não pode deixar de seguir-se consequência tão gloriosa. Assim o crê o meu afeto, e o espera o meu alvoroço, que a glória dos Esquecidos há de ser mais que eterna na memória dos que hão de vir, de sorte que excedendo os horizontes da posteridade, a mesma immortalidade lhe deva restituições. E porque não é justo que eu pareça ingrato ao caráter honorífico, que recebo em se servir de colega tão inútil um congresso tão grave; dai-me licença, já que na minha esfera não cabe maior elogio, para acrescentar outra epigrafe por baixo da emprêsa Acadêmica, se não por monumento da vossa grandeza, por índice da minha gratulação; e sejam êstes dois versos, que tendo em Roma semelhante assunto, só na Bahia, e para vós são próprios.

Olim habuit. Cypris sua tempora, tempora Manors

Olim habuit, sua nunc tempora Pallas habet.

Conferência de 23 de Abril.

Ao Presidente.

Ao Doutíssimo Senhor Doutor José da Cunha Cardoso, Digníssimo Secretário da Academia Brasília orando na sua primeira conferência.

### ROMANCE HERÓICO

Se a noite triste com Opacas Sombras  
cobria ao resplendor dêste Hemisfério  
e densas névoas ocultando ao dia  
o infausto inculcavam no funesto.

Se adormecidos em obscuro ócio,  
não se ouviam sonoros instrumentos,  
predominando a rude dissonância,  
sendo o descuido Vítima ao Silêncio.

Já aparece a Luz, já no Horizonte  
madruga o Sol, já brilham seus reflexos,  
que fazendo Oriente dêste ocaso  
intenta eternizar os Luzimentos.

Já do Templo de Apolo as portas abre  
Discreto Secretário, nôvo Homero,  
dando leis à oratória, e à Poesia,  
com frase têrça, se elevado metro.

As Portas abre, os áditos franqueia  
patentes vêdes já Dêlfico Templo;  
donde a todos será Adoratório,  
quanto no Secretário é Magistério.

Das Ciências Oráculo infalível,  
das Musas os mistérios, os segredos  
guarda: mas se os publica, é que de Apolo,  
quando registra as leis, passa os decretos.

Ponderando, revendo, discernindo,  
instruindo, expondo, praticando, lendo  
faz calar aos Demóstenes Romanos,  
faz que emudeçam êstes Túlios Gregos.

É não só Secretário, mas Coluna,  
que sustém do Parnaso o firmamento;  
Líbico Alcides, Majestoso Atlante  
só seus ombros merecem tanto pêso.

Mas quem senão Cardoso, douto, e sábio  
das Ciências será o fundamento?  
sendo Cardoso, e Cunha destas portas  
a maior segurança, o melhor fêcho.

Com maior energia, e mais decôro,  
luminar Apolíneo o considero:  
que é só de Delfos digno candelabro,  
quem do Parnaso pode ser luzeiro.

Já das Musas se ouve o Côro Sacro,  
 já das Graças se vê o airoso terno,  
 já se escutam suaves harmonias,  
 já ressoam harmônicos concertos.

Graças, e Musas alternando aplausos,  
 tecendo, e prevenindo em vosso obséquio  
 ilustres c'roas, floridas Grinaldas  
 multiplicam os votos, nos respeitos.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso,  
 Meritíssimo Secretário da nossa Academia,  
 oferece mais a verdade, que o afeto (não  
 sendo pequeno) o elogio dêste Sonêto.

Pode a Lira do músico Tebano  
 sonora construir soberbo muro;  
 fêz do Louro Pastor, o acento puro,  
 o que depois desfez o Grego engano.

Conseguiu o solfista do Oceano  
 na borrasca maior, maior seguro;  
 as penas entreou do Reino escuro,  
 quando as pedras movia, o Trácio ufano.

Tanto puderam todos; mas vós tanto  
 mais que todos podeis, que inda receio  
 comparar a seu canto o vosso canto:

Se a memória consulto, o ouvido creio,  
 pois quando vos escuto, encontro espanto  
 a Anfião, a Apolo, a Arion, a Orfeu.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Sapientissimo Domino, Eruditissimoque Doctori  
Iosepho da Cunha Cardoso, Oblitorum  
reseranti Academiam.

### EPIGRAMMA

Obliti ualuas, conuerso cardine, torquent  
Musaei, ut retegant limina Castalides;  
Tu Cuneus, Cardo es nostri, portaeque Lycaei;  
Conueniunt quoniam nomina saepe uiris.  
Tu solus poteras Cardo recludere limen,  
Gymnasii Musis uestibulum reseras:  
Pande fores, caetus resonet concentus acutus,  
Vertitur hic primum Cardo rei placidae.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao eloquente, e mui fecundo Doutor o Senhor  
José da Cunha Cardoso, escrevia Gonçalo  
Fernandes Gomes êste

### SONETO

Ao Sacro furor de luz Febéia  
que tanto o vosso grave peito inflama,  
altares lhe consagra a mesma fama,  
e cultos lhe oferece Caliopéia:

Com doríferas flôres Amaltéia  
prepara Diadema dessa rama  
com que no Pindo o cortesão se aclama  
de singular saber, e rara idéia.

Doze Rimas, Senhor, que dedicadas,  
ao senhor Vi-Rei, vão remetidas  
primeiro a vossas mãos, para, emendadas,

E não temo que sejam repreendidas,  
que se de Apolo são patrocinadas  
hão de sair correntes, e luzidas.

[*Gonçalo Fernandes Gomes*]

Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso em  
resposta da notícia, que da nova Academia  
Brasílica, de que é digníssimo Secretário,  
foi servido dar ao menor criado seu.

### TERCETOS

Pois que, Douto José, me dais notícias  
Das que dêste Brasil com glória suma  
Colhe Apolo Acadêmicas primícias,  
Vá de versos, (por mais que vos consuma  
A paciência esta vez) que a poesia  
Sempre em tais exercícos se costuma.  
Enfim que nessa côrte da Bahia,  
Que só estreita de um César a grandeza,  
Inda agora se abrisse Academia,  
Quando nela empenhada a natureza  
Nos famosos engenhos, de que a dota,  
Produz menos açúcar, que agudeza!  
Salve ilustre Museu, palestra docta,  
Vive eterna entre tôdas nas memórias,  
Que Apolo só por sua a ti te adota.  
Mas que muito consigas tantas glórias,  
Se tens em teu princípio ao Sol propício,  
De que cada reflexo são vitórias?  
Para seres feliz, que mais auspício,  
Que ser o grande César o Luzeiro,  
Que em sua esfera te desse o exercíco?  
Porém um César só era o que primeiro  
Te podia erigir, a quem só deve  
Das Musas celebrar o Côro inteiro.  
Cujas altas ações, que não se atreve  
Minha pena anotar, nota a da Fama,  
Que em mármore as grava, em bronze escreve.  
Mas enquanto amar Febo a ingrata rama,  
A terra circular o mar profundo,  
E contrária das águas fôr a chama,  
Sereis, César invicto, sem segundo,  
(Que eu ao vosso valor nada termino)  
Incremento ao Brasil, exemplo ao mundo.

E as Musas tanto amais, não sem destino,  
 Porque o metro sòmente estima aquêlo,  
 Que é por suas ações do canto digno.

E de vós, Acadêmicos, que dêle  
 Os favores lograis, também seguro,  
 Que em louvar-vos a Fama se desvele.

Que todos Astros sois, se bem o apuro;  
 Mas que muito sejais Astros luzidos,  
 Se do Sol vos ilustra o raio puro?

Podeis ser por ditosos aplaudidos,  
 Pois que sendo vós tantos os chamados,  
 Todos fôstes também os escolhidos.

Com razão fôstes sete os nomeados,  
 Como Planêtas sois, em tais extremos,  
 Ficastes té no número ajustados:

Ou é, que o desigual, como sabemos  
 Número estima Deus: ou é que sete  
 Espécies principais de verso temos:

Se não é finalmente, que compete  
 O número também coas celebradas  
 Maravilhas, quem em vós hoje repete.

Vivei pois, ó felizes, que chegadas  
 Ao pôrto as esperanças vêdes vossas,  
 Que a Fortuna vos tinha preparadas.

Que a mim bem que, Fortuna, muito possas,  
 Não podés nada dar-me, que a desgraça  
 Tem comigo uas contas muito grossas.

Que importa, que o favor digno me faça,  
 Se faz a Sorte má, que me desterra,  
 Que o favor chegue tarde, e tarde a graça?

Quando sorte fatal de cima cerra,  
 Costuma aos desgraçados, por mais pena,  
 O socorro chegar depois da guerra.

Mas espero que à dita, que me ordena  
 Soberano favor, não possa a sorte  
 Destruir, que ao destêrro me condena.

Antes hão de também da mesma sorte  
 Conseguir hoje os montes igualmente  
 Atenções, que sòmente logra a Côrte.

E que muito que o monte agora intente  
 Conseguir os favores, que alcançaram  
 Os que a sorte no Paço só consente?

Também Deuses nos bosques habitaram,  
 Páris, que estrago foi dos muros Frígios,  
 No monte Divindades o buscaram.

E depois que de Eurídice os vestígios  
 Perdeu o triste Orfeu, por sua incúria,  
 Faltando à lei dos cárceres Estígios,

Não podendo vencer da sorte a fúria,  
 Sem que o preço faltasse à sua Lira,  
 Nos montes assistiu, deixou a Cúria.

A estimação no monte não expira,  
 (Não o digo por mim) que se eu me achara  
 Com méritos na Côrte só assistira.

Mas quando a fantasia me enganara,  
 Ou acaso Filaucia, a que me exalte,  
 De ficar sem lugar não me queixara.

Porque o lugar, se bem serve de esmalte  
 Inda às prendas maiores, eu quisera,  
 Que a estátua antes, que o mérito me falte.

Mas no monte o favor dessa alta esfera,  
 Sem o mérito, a estátua me concede,  
 Que na Côrte talvez a não tivera.

Porque dêsses Planêtas, a que cede  
 Luzes o firmamento, estando perto  
 O maior luzimento ao pouco impede.

Deixai logo, Senhor, que êste deserto  
 Minha ignorância occulte, porque à vista  
 Na Côrte êrro será do monte o acêrto.

Porém nesta distância bem que assista,  
 Fico a vossos preceitos sempre exposto,  
 Sem que falte ua mínima ou resista  
 Ao aceno menor do vosso gôsto.

*O Padre André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso  
 Digníssimo Secretário da Academia Brasílica,  
 Corregedor, que foi da Cidade da Bahia.

### SONETO

Ó, José, de Ministros alta idéia  
 Só vossa retidão fizera rara,  
 Que a que na vossa mão pareceu vara,  
 Na balança o nível fôsse de Astréia!

Quantas nessa doutíssima assembléia  
 A Fama, que já corre, lhe prepara  
 Coroas ao Brasil, também declara,  
 Que créditos por vós são, que granjeia.

Entre as Musas tiveram tal decôro  
 Quantos êsse Museu Ritmos compunha,  
 Que de Apolo os julgaram no Sonoro.

Mas dos vários, que Euterpe ali propunha,  
 Vi que Apolo mandou ao sacro côro,  
 Que só corram por seus versos do Cunha.

De seu mais obrigado, e fiel criado  
*André de Figueiredo Mascarenhas.*

Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso  
 Meritíssimo Secretário da nossa Academia.

### SONETO

Insigne Cunha que da nova Atenas  
 a máquina moveis mais peregrina,  
 e da nossa moderna Cabalina  
 as Águas represais sempre serenas.

As Portas nos abri áureas, e amenas  
 desta douta Palestra, Aula divina  
 já que tendes as chaves da Oficina,  
 e sois guarda do Tombo das Camenas.

Como dos pensamentos mais perfeitos  
 illustre Arquivo sois, fecundo Erário,  
 nos provei da agudeza, e seus efeitos.

Pois em prosa elegante, e metro vário  
 só pode dar despachos de conceitos  
 quem é do entendimento Secretário.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

## Ad Praesidem

## EPIGRAMMA

Bosphorus ex ortu percurrere lumina solis  
 Assolet, et terris nuntiat esse diem:  
 Bosphorus hic melior melioris lumina solis  
 Nuntiat, Vrbe nouum dum fabricatur opus.  
 Desinit ille maris spinis absconditus umbris,  
 Aequora trans pelagi clarior iste micat.  
 Felices alii, sua qui post funera uiuunt,  
 Plus felix, uiuus quisquis ubique sonat.  
 Ad uiuum doctis aeuum celebrabere in omne:  
 Viuet inextinctum nomen ubique tuum.  
 Parca ferox, hominum uitae quae stamina torques,  
 Hinc excede procul non erit iste tuus.

[*Manoel Nunes de Sousa*]

## ALIUD

Regnat Apollo nouem musis Helicone sacrato,  
 Hic alter musis regnat Apollo nouis  
 Ergo magnifico solio descendat Apollo:  
 Scande nouus, priscus cedat Apollo tibi.

*Manoel Nunes de Sousa.*

[Assinatura com letra diferente]

## DÉCIMA

Atento, e agradecido  
 vos pretendo sublimar,  
 engrandecer, e exaltar,  
 com o encômio mais subido:  
 mas tenho em mim conhecido  
 não posso tomar o vau,  
 com que, se o verso fôr mau  
 ficarei qual outro mudo,  
 pois me falta pelo estudo  
 ser Cunha do mesmo pau.

De um Poeta moderno.

[*Sem indicação de Autor*]

## Em louvor do Senhor Doutor José da Cunha.

## DÉCIMA

Nesta douta Academia,  
que eu chamo Museu de Apolo,  
do nosso Antártico Pólo,  
levais hoje a primazia:  
assim eu me persuadia  
que a vossa douta oração  
em tudo primeira ação,  
havia em discreto, em ensaio,  
por ser da ciência Raio,  
dar brado como trovão.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso,  
Corregedor e Ouvidor que foi da Comarca  
dêste Estado, Cientíssimo e Digníssimo  
Secretário da Academia Americana na  
Cidade da Bahia.

## SONETO

Inundaram as fontes o Cristal,  
e formaram um rio de furor.  
Correu um científico rumor,  
por métricos de líquido caudal.

Mais que de Atenas neste Ocidental,  
do mar Americano é o licor,  
pois seus cristais duplicam o valor,  
do impulso de seu essencial.

Sem violência as veias a correr,  
bem que para em seu centro descansar,  
que sempre os centros são de receber.

Das veias às correntes foram dar,  
fontes ao Rio, o rio ao seu ser,  
e parou a afluência no seu Mar.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso,  
digníssimo Secretário da Academia Brasílica.

### SONETO

Míncio no heróico sois, cisne suave;  
Em Castália banhais o bico de ouro,  
De Aganipe no líquido tesouro  
Bebestes o cristal agudo, e grave:

Pois vosso canto é de melhor ave,  
Convosco os outros cisnes têm desdouro;  
A vossa frente só merece o Louro;  
Pois conceitos fechais com doce clave,

Cláusulas, de harmonia bem sonoro  
Formais em consonância, e melodia,  
Inspirações do acento mais canoro.

Vosso estilo é tão grave na harmonia,  
Que admirações causando ao musal côro,  
Apolo canta em vós, vós em Talia.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 23 de Abril

Ao Senhor Vice-Rei

### SONETO

Excelso Criador da nossa Atenas,  
Duas vêzes por vós instituída,  
Pois se como Erector lhe deste a vida,  
Lha haveis de conservar como Mecenas,

Pelas desta Academia ilustres cenas  
Trocar Apolo as suas não duvida;  
E para fundar nelas se convida  
Melhor côro de harmônicas camenas.

Aos sábios desta Atenas comparados  
Por vós, farão no mundo conhecidos  
Das cem bôcas da fama os grandes brados.

Dêstes não de ser tais os estampidos,  
Que no mundo por vós fiquem lembrados  
Os que estavam na América Esquecidos.

Secretário

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Protetor da  
Academia dos Esquecidos.

### SONETO

João aquêlê Rei alto, e potente,  
dos homens pasmo, inveja das Potências,  
exercitando as armas, e as Ciências,  
o Império dilatou à sua gente;

Com ambição gentil, mas reverente,  
(que cultos são honradas competências)  
procura hoje as mesmas incumbências,  
mais, que os de Roma, um César excelente.

Seguir quer ao Rei, não excedê-lo,  
como sombra do Sol mais animada,  
ainda pôsto no mesmo paralelo.

Quer mostrar com fineza acreditada,  
que por servir ao Rei, e defendê-lo,  
numa mão tem a pena, noutra a espada.

*De Francisco Pinheiro Barreto.*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Excellentissimo Domino Vasco Fernandes Caesari  
de Meneses totius brasiliensis status Celsissimo  
Pro-Regi.

ELOGIACUM CARMEN

Rumpe Aganippeos Latices Cytheia Virgo,  
Et noua tymbraeo carmina prome modo.  
Nunc Heliconiades hilares impellite chordas,  
Ambrosiosque sonos associate Lyrae.  
Pergite de lucis Driades, de collibus altis  
Pegasides; repetit dum mea Musa modos.  
Dum mea carminibus praeclaro stemmate VASCUM  
Caesaribus genitum tollit ad astra Virum.  
Pro-Regemque suum celebrat Brasilicus Orbis,  
Atque cothurnato carmine Musa canit;  
Auratus roseos Phoebus uibrauerat ortus  
Inter Apollineos, Cynthia Virgo, chorus.  
Aethereis Aurora rubet fulgoribus astra,  
Rumpit et in radios lumina tanta uibrans  
Mox citus astrigeros orbis patefactus Eous.  
Caelorum roseo punicat ore polos;  
Cum rubicunda suum radiantia pingit Olympum  
Lumina dispargens, uestit et igne plagas.  
Astra coloratos radios torquere uideres,  
Ignitosque globos, puniceasque rosas.  
Excitat in choreas, in plausus emicat aether,  
Dulcisonae cytarae, nablia pulsa sonant:  
Pressit hyperboreos uolitans super astra pyropos  
Herculeos umeros ingrauat ipsa pede  
Splendidior regina Venus comitata leporum  
Et uenerum turma sic mihi uerba refert:  
Rustice Castalidum cultor nimis ause dearum  
Pone manu Calamum, siste parumper opus.  
Verte gratum modulis, numeros suspende Camena,  
Quaeris et Icarias, et Phaetontis Aquas?  
Atque cothurnato Pro-Regem carmine tentas  
Caesaribus genitum sic celebrare Virum?

Daedaleas uersare paras, et sumere pennas?  
Perseos loros, Tritolimique Rotas?

Pieridum exhaurire putas torrentia fontis?  
Ingenioque uacas CAESARE digna cani?

Dixit, et aethereos agili pede proterit orbis;  
Caelorumque uias uestit odora rosis.

Attonitus monitu mitto uerba irrita uentis:  
Siste gradum, refugis? fugit et ipsa plagas.

Tunc calamum dextra, leua cum suscito plectrum,  
Inuoco tunc Phoebum, Phoebigenasque Deas.

In modulos in uerba manum iam sumo canoram  
Musa lyram recinens carmina digna uiro:

VASCUS hic est Pro-Rex regali sanguine cretus  
Caesarum gladio regificante genus.

VASCUS hic est Pro-Rex regis diademate dignus,  
Atque lacertoso robore clarus Eques.

VASCUS hic est Pro-Rex Brasilicus, Indicus ante,  
Denique Bahiae quintus et ipse simul.

VASCUS hic est Pro-Rex praeclaro nomine  
[ CAESAR  
Indica, qui gladio regna subegit ouans.

VASCUS hic est Pro-Rex orbis celsissimus Heros,  
Qui calamo praebet regia iura uiris.

VASCUS hic est Pro-Rex praestante robore uictor,  
Qui gladio, et calamo CAESAR uterque simul.

VASCUS hic est Pro-Rex simul inuictissimus Atlas  
Qui noua barbaricis intulit arma plagis.

VASCUS hic est Pro-Rex dextra qui puluere Martis  
Arripuit famae clara trophaea suae.

VASCUS hic est Pro-Rex Phoebus, qui carmine  
[ Musis  
Occiduis normas stemmata mille ferens.

Namque supercilio amandato suscitatur omnes.  
Heroum fastus nobilitate suos;

Atque mineruales doctus tentare Camenas  
Occiduis geniis, ingeniisque ciet.

Proh quantum affulget et doctrix Academia nostra!  
Te duce Phoebus Pallade VASCE tua.



Proclama auito stemmata CAESAREM  
 Atlanticum pro Caesaribus decus,  
 Illustre, praecellensque culmen  
 Brasiliensibus usque terris.

Dic Indiarum culminis aulici  
 Pro-Regis aruis arma micantia,  
 Vastantis igni CAESARISque  
 In calamo, in gladioque Martis.

VASCO timendo subditur India  
 Ingens ouanti puluere bellico,  
 Vexilla foedato petenti  
 Indica barbara castra Marte.

Sic et superbit Principe nobili  
 Vt se minorem credidit India,  
 Vastante rhomphaeo phalanges  
 Hercule, CAESARE, Marte VASCO.

Pestes tuarum, CAESAR amabilis,  
 Laudum triumphi sanguine fulgidi,  
 Rerumque Gestarum cohortes,  
 Puluere robore martialis.

Te qui trophaeis saecula congeris,  
 Qui tot feroces puluere suppressis  
 Mauortis Indos et Sabaeos  
 Barbarico Duce profligato,

Orbis tubarum murmura consonent,  
 Et te Camenis carmina CAESAREM  
 Bahia nouantem Virorum  
 Hinc Academia nostra tollat,

Assueta flores spargere rhetorum  
 Nunc omnium sic prouocet, ut tibi  
 Laudum cateruatim, et rosarum  
 Rhetorices faciemus imbrem;

Dum te recuruo poplite nobilis  
 Vrbs Bahiensis uocitat Herculem,  
 Heroa, Pro-Regem, Caestoremque  
 Hannibalem, Enceladum, atque Martem.

Ut laureatum fama beatior  
 Inter polorum culmina collocet  
 Excelsa proclamans ad astra  
 CAESAR IO! superansque CAESAR.

*Frater Franciscus a Sancto Bertholdo.*

In Laudem Excellentissimi Domini VASCI  
 Fernandes Caesaris de Meneses, Brasiliensis Status  
 Pro-Regis Celsissimi ac Praeclarissimi

EPIGRAMMA

Caesareum celebrant titulum tibi scribere Musae  
 Tollentis dextrae clara trophaea tuae.  
 Si faciem inspiciunt regali in fronte serenam,  
 Pompilium credunt; si genus Hannibalem,  
 Si uires Alcidem, in mentis lumine Phoebum,  
 Si decus Enceladum, dum tua gesta canunt.  
 Non equidem Enceladus, nec Phoebus cum Hercule  
 [ iunctus,  
 Pompilius non laus, Hannibal atque tibi.  
 Laus tua maior honor praecelso Caesare dignus;  
 Omnia nam istorum nomina iuncta tenes.  
 VASCE tibi Enceladus, iam Phoebus cum Hercule  
 [ iunctus  
 Pompilius cedunt, Hannibal atque tibi.

*Frater Franciscus a Sancto Bertholdo.*

Excellentissimo Caesari  
 Academiam Construenti

EPIGRAMMA

Pierium dum condis opus, miracula mundi  
 Crescunt, et uirtus, Caesar, in orbe tua.

Pyramidum fama Memphis celebrata tot annis  
 Iam sileat: stupeat iam Babylonis honor.  
 Aures effugiat Triuiæ memorabile templum.  
 Auratis pereat cornibus ara Iouis.  
 Nec Cariae superent Regis monumenta sepulchri,  
 Aethere quod pendens uxor amica tulit  
 Supremum tantum superet, maneatque supremi  
 Caesaris ipsa manus quod fabricauit opus.

*Iosephus Pereira de Castro.*

Augustissimo, ac Preclarissimo huius Bahiensis  
 Orbis Duci, et ab utroque latere Vice-Regi,  
 aliisque quamplurimis inscriptionum  
 ornamentis Excellentissimo, Vasco  
 Fernandes Caesari.

### EPIGRAMMA

Caesaris antiqui titulos nunc tollere fictos,  
 Naso, tace; ueros, tolle recentis habes.  
 Hoc segetem plenam titulorum carmine carpes  
 Caesare, ad huc uereor, ne tua Musa satis.  
 Non alius, nisi tu Princeps laudare poesis (sic)  
 Principis alterius maxima facta potes.  
 Hic poteris solis radios exquirere, Martis  
 Caesarei ferrum, et iura Catonis ea.  
 At reor esse horum aeternus cuicumque poetae  
 Quodque labor; plures ergo referre iuent.  
 Caesare crede alio mihi, Dux uenerande, figuram,  
 Esse figuratus: Caesar io melior!

*[Pater Antonius Ioannes a Cunha]*

Excellentissimo Caesaris nomini:

### EPIGRAMMA

Est Libani, Caesar, cedrus de uertice caesus  
 Optimus, incolumis, nomen odoriferum.

Vellet Alexander Magnum mutare libenter  
 Caesaris in nomen si loqueretur ei.  
 Omnibus inuidiae est nomen, cur fugerit illos,  
 Principibus, talem quod probat esse uirum.  
 Caesaris hoc maneat nomen felicibus annis;  
 Floreat incolumis Caesar odore cedri.

[*Idem*]

Eidem Excellentissimo Duci.

### EPIGRAMMA

Aurea auena potes modulari encomia solam  
 Dux, tua, qua careo: non mea auena rudis.  
 Musarum concurre chorus, modulamine, tandem  
 Rector Apollo lyra facta sonare Ducis.  
 Sanguinis exaltate sonis genus ante parentum  
 Magnifice illustris nobilitate dice.  
 Facta quoque alternate modis operata secundo  
 Fortia Marte modo Caesare digna nouo.  
 Caesaris auditis aliorum gesta silentur  
 Factis cuncta uirum, lumine quippe carent.  
 Nunc tandem resona, chorus, huius Caesaris aequum  
 Huc regimen; semper, rexit ubique, pium.  
 Persoluat grates, Bahiensis gaudeat orbis,  
 Principe pro tanto, qui regit ore Dei.  
 Caesareum persolue, chorus, iam carmine cantum;  
 Parcarum ut Caesar noxia texta secet.

[*Idem*]

Excellentissimo Domino alliis excultissimis  
 Dignissimo Encomiis

### OBLATIO

Offero, Magnanimus, studioso pectore, Caesar,  
 Munera; nunc quamuis, accipe, parua tibi.

Quidquid habet, quamquam paruum, dare seruus  
 [ adimplet,  
 Insipidumque; bonum est omne quod egit amor.  
 Ergo ades, et placide paulum mea munera uultu  
 Respice, quae cecinit subditus iste rudis.  
 Excellentissimi  
 Subditus fatetur

*Pater Antonius Ioannes a Cunha.*

Colendissimo, ac Laudatissimo Principi, huius  
 status Duci, armorum ac Tribunalium Praesidi,  
 Vice-Regi Clarissimo, aliisque innumeris (ne  
 morer eos proferre) titulorum maximis  
 decoramentis exornatissimo satis superque  
 Excellentissimo Vasco Fernandes Caesari.

#### EPIGRAMMA.

Festinate iterum menti aspirare Camenae  
 Caesari inexhausto laudem aperire meae.  
 Magne tuum nomen rerum mensura tuarum!  
 Laudum fama: puta, ut uincere nemo queat.  
 Caesar es, exprimitur uirtus sat fortis Achillis [.]  
 Caesar es, Alcidis uis manifesta manet.  
 Caesar es, aptatur Cato seruantissimus aequi:  
 Sanguinitas Phoebi Caesare clara uiget,  
 Pendet et augurium uerborum Caesare moram,  
 Quae olim defectu Caesaris huius erant.  
 Dux, laetare tibi fuerit correctae uetustas;  
 Et facis antiquos laude carere uiros.  
 Ergo uiris pro istis solus, uenerande, colaris;  
 Maximus hinc tibi nunc accumulatur honos.

[*Pater Antonius Ioannes a Cunha*]

Principi Excellentissimo eidem.

EPIGRAMMA

Nunc mihi mille sonos, peteret quis nubila Caesar,  
 Maeonide, uellem, et carmen inesse tuum  
 Icarus immunis qualis petat aethera casus;  
 Laus sublimem alis, non fuga, cogat enim.  
 Has solidas Titanis edax non atteret alas  
 Flamma ac Caesareas nomine cinget aquas.  
 Quid Dedali natus? si tractat plaustra parentis  
 Vt Phaeton Phoebi lucida mente satis.  
 Rectius hic componit equos Phaetonte paternos,  
 Qui tenebras terris attulit igne ruens.  
 Praecipue hic tutus Bahiensis, luceat orbis;  
 Quod Phaeton noster sat moderatur equos.  
 Is supplere statum genitoris luce cucurrit:  
 Hic status in tenebris manserat usque malis.

[*Idem*]

Nostro Inuictissimo Principi.

EPIGRAMMA

Armorum imbellis quid uado agitare [palaestram];  
 Non mea militia: Caesaris arma manent.  
 Vnius ille tulit penitus uersare [palaestram]  
 Martis, et euasit tempore Martis honos.  
 Armipotens Caesar, referunt tua facta lacertum  
 Forte, ac inuictum Marte fatente simul.  
 Magnanimi heroes tibi dant, uelut Hector Achilles,  
 Iure manus, ponunt sub pede tela tuo.  
 Arma triumphatae urbes qualia Caesaris edant;  
 Arma triumphantis semper ubique canent.  
 Ecce neget quis Alexander sub Caesare uelle  
 Immo cubare armis, quem arma mouere manu.  
 Victor Alexander modo Caesar semper ouauit:  
 Quid uellet? dextras offerat ille quoque.  
 Omnia sub uerbo dicam, Dux, Caesari inesse,  
 Aut nihilo mirum, Principis ille gradus.

[*Idem*]

Excellentissimo Principi laudibus aliis expolitissimis  
exornando, ac decorando inops oblatio.

Accipe, Magnus, rursus mea munera, Princeps,  
Principe digna procul, quae tibi sponte damus.  
Magnanimo confido tibi, placitura benignae  
Illa uoluntati, sint tibi parua licet.  
Principibus, legimus Dauidem, confidere nullum;  
Hunc uero excipio; fidere quisque potest.  
Excellentissimi  
ueneratur pedes.

*Pater Antonius Ioannes a Cunha.*

Eximio Heroi, Excelso Principi, Magnanimo  
Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses,  
Brasiliensis Emporii Pro-Regi Ter et amplius  
magno, Eiusdemque Academiae singulari  
Patrono, Numquam satis laudato.

### ODE

Maecenas atavis edite Regibus,  
Lusorum decus inclutum;  
Quo te magnificem carmine, nescio;  
Nam laudis modulos tuae  
Nescit Terpsichore promere cantico,  
Confuse feriens chelym.  
Vndosum ingreditur Musa uelut mare,  
Dum nomen memorat tuum.  
Immensum refugit currere gurgitem  
Ventis undique concita.  
In cautes metuit frangere lubricas  
Ignorans caput, et lyram.  
Nam illic pro scopulis regia sanguinis  
Insurgit soboles tui.  
Insanit pro tumidis fluctibus aequoris  
Inuictus manuum uiror.  
Hinc pro turbineo denique uertice  
Doctrinae tumet impetus.

Si chordis proavos Terpsichore Dea  
 cantet sanguine nobiles,  
 Impactam in scopulos obterit impios,  
 Nec tangit cithara scopum.  
 Si dextrae indomitae fortia robora,  
 Et pectus ualidum canat,  
 Incerti mediis fluctibus aequoris  
 Demersam citharam uidet.  
 Si tandem ingenium concinat acrius  
 Praestantemque scientiam  
 Turbata aequoreis turbinibus lyram  
 Immergit fidium sonum.  
 Non est, qui ualeat, Maxime Principum,  
 Te umquam tollere laudibus.  
 Non est, qui capiat sanguinis incluti  
 Antiquum titulis genus.  
 Non est, qui celebret robora dexteræ,  
 Inuictique animi decus.  
 Non demum poterit lingua retexere  
 Cultae mentis acumina.  
 Magnum facta probant te tua grandia:  
 Parnasiae sileant Deae.  
 Indos imperio Memnonios tenens,  
 Depexum et moderans genus;  
 Illic intrepido Marte ferocior  
 Calcasti fera pectora.  
 Pro-Rex atque iterum Brasiliensibus  
 Oris promerito datus;  
 Hic prudens animi, mentis et arduae  
 Perfectum retines modum;  
 Facundae studiis Palladis, insimul  
 Armis deditus horridis.  
 Iure ergo in prodromum faustum Academia  
 Te exoptat Bahiensium.  
 Exultansque animo plausibus intonat,  
 Gaudens pro Duce Caesare:  
 Non Caesar fuerit robore clarior  
 Chrysippusque scientia.

*Frater Anselmus a Sancta Euphrosina.*

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei e Capitão General dêste Estado, mandando instituir a Academia Brasílica, e declarando-se seu Preclaríssimo Protetor.

### SONETO

Excelso, Augusto Herói, seu timbre herdado  
 tanta Palma, e Triunfo conseguido  
 vos negaram de César, o Apelido.  
 César sois, e sois mais no executado.  
 O pêso todo dêste grande Estado  
 Não vos detém: que em tudo prevenido  
 Quereis dar hoje às Musas o sentido,  
 que de Marte aos Troféus é destinado.  
 César sois, que não só na semelhança  
 se divisa; porém com maior Glória  
 a Pena exercitais, brandis a Lança.  
 César, só escreveu a sua História  
 vós, a um nôvo Mundo dais Lembrança,  
 e assunto dais às Filhas da Memória.

D. O. C.

Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei dêste Estado, e Protetor desta Academia, faz esta petição Antônio Cardoso da Fonseca, para que o admita nesta 2.<sup>a</sup> conferência, por ignorar na 1.<sup>a</sup> que se dava lugar a todo o curioso.

### DÉCIMA

Preclaríssimo Senhor,  
 Ilustre César, em quem  
 esta Academia tem  
 um Mecenas Protetor,  
 das armas Governador,  
 e das Letras General  
 no Brasil, e Portugal;  
 Lá dos conselhos do Rei,  
 cá do Estado Viso-Rei,  
 in utroque sem igual.

## SONETO

Diz hoje a vossos pés um pretendente,  
 que por ter na Bahia o nascimento,  
 vem lá donde habita o esquecimento  
 buscar a luz que jaz cá no Ocidente:

Porque vós como Sol, que do Oriente,  
 ao Ocaso passaste a dar-lhe aumento,  
 dos raios que produz vosso talento  
 um nôvo Sol gerais no Continente.

E porque ao Museu vem o suplicante  
 tomar ao mesmo Sol por sua emprêsa,  
 pede à Vossa Excelência aqui reinante

Lhe admita a êste Museu sua rudeza,  
 pois se Febo lhe dá fôrças de Atlante,  
 as Luzes lhe dará vossa Grandeza.

*Antônio Cardoso da Fonseca.*

Abrindo-se a Academia da história do Brasil com  
 o título dos Esquecidos — debaixo da proteção  
 do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes  
 César Vice-Rei e Capitão General  
 dêste Estado, etc.

## SONETO

Hoje que, remontada ao firmamento,  
 Fênix pretende do Brasil a história,  
 das flamas emplumar-se da memória  
 sacudindo os carvões do esquecimento.

À vossa proteção o seu intento  
 com justa confiou digna vanglória,  
 que onde as armas, e as Letrás têm vitória,  
 têm os anos, e os tempos rendimento.

Não tema pois, a história a cinza obscena,  
se eloqüente uma mão, e outra alentada,  
põe na estampa dos Céus qualquer Camena:

Que era força lograsse eternizada,  
para os vôos, arrojados nesta pena,  
para os rasgos, impulsos nessa espada.

Do Acadêmico Obsequioso  
[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ad Praestantissimum, ac Excellentissimum  
Dominum, Vice-Regem nostrum.

### EPIGRAMMA

Tu pugnax, fortis, doctus, facundus et Heros:  
Sed sat erat solum dicere Caesar ades.

*Ex Francisciadum quodam.*

Ao Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, como  
Protetor da Academia.

### EPIGRAMMA

Príncipe excelso, César sublimado,  
ao vosso asilo devem as Camenas,  
como das Letras ao melhor Mecenas,  
magnânimo favor, régio sagrado:

Na vossa proteção, no vosso agrado  
acham seguro as doces cantilenas;  
estimadas por vós mais hoje as penas  
vencem suaves o rigor do fado:

Sem movimento estavam suspêndidos  
os plectros de ouro; porque a outra idade  
desdenhava os engenhos entendidos;

Mas hoje, conhecida já a verdade,  
serão por vós, os que antes esquecidos,  
mais lembrados, Senhor, à eternidade.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, do conselho de Sua Majestade, Vice-Rei, e Capitão General de Mar e Terra dêste Estado do Brasil. Escrevia Gonçalo Fernandes Gomes.

Juntam-se nesse Olimpo Luminoso  
os deuses de maior acatamento,  
fazem conselho em um salão famoso,  
onde tem cada um dourado assento.  
Júpiter em um Trono Majestoso  
indicando respeito e valimento,  
desta maneira fala ao congresso  
por um modo gentil, claro, e expresso.

Já sabeis regedores, e assistentes,  
alunos meus em tudo sublimados,  
que aquêles heróis mais suficientes  
andam na eterna fama colocados,  
tanto os discretos como os que valentes  
por seus feitos heróicos, e esforçados  
alcançaram no mundo eterna glória  
por deixarem de si viva memória.

Em Roma, Atenas, e Cartago forte  
muitos varões ilustres floresceram  
incitados da fôrça de Mavorte  
com que tanto seus nomes estenderam,  
outros também, a quem propicia a sorte,  
pela sabedoria que tiveram  
deixando fama são engrandecidos  
com júbilos, e vivas repetidos.

Mas nenhum dêstes têm prerrogativas  
 aonde outro herói mais se adianta  
 porque gozando prendas tão altivas,  
 soube adquirir no mundo glória tanta,  
 que as Musas jamais serão esquivas  
 em o papel que cada uma canta.  
 Sendo primeiras para o elogio  
 Calíope, Talia, Euterpe, e Clio.

Vasco Fernandes César de Meneses  
 (Mecenas que agora louvar quero)  
 a quem podem render as altivezas  
 no discreto, Horácio, Ovídio, Homero;  
 o canoro metal por muitas vêzes  
 retumbe aplausos com estrondo fero  
 desde o Pólo, a que chamamos Ártico  
 até essas distâncias do Antártico.

Augusto César, que de Otaviano  
 logrando preferências jubiladas,  
 sem que possa o Príncipe Romano  
 adquirir maiorias decantadas;  
 vós só Ilustre, heróico, e mais ufano,  
 ínclito Vice-Rei, tendes gravadas  
 as armas, nos escudos vencedores  
 de vossos imortais progenitores.

Permitam-me um louvor adequado  
 a tão preclaro Heitor esclarecido,  
 com tantas excelências de soldado,  
 quantas prerrogativas de entendido.  
 No Márcio jôgo sempre antecipado,  
 no galão mais bizarro que Cupido,  
 e sem dar à modéstia prejuízo,  
 galhardo Adonis, e gentil Narciso.

Vós que sois uma rama florescente  
 daquele César mais que Júlio forte,  
 em todos os estados Excelente  
 gala de Marte, e cortesão da côrte:  
 Sempre leal ao Rei, e confidente,  
 com obras nas ações de muito porte,  
 para que diga o vulgo que o aclama  
 que do bom tronco nasce a boa rama.

Agora que Erector da Academia  
os engenhos convida a tal efeito,  
que já nenhum pejado na Bahia  
deixa de fabricar todo o conceito.  
Nêles está o nectar da poesia  
correndo de tal sorte e de tal jeito,  
que abismando os quatro Presidentes  
são engenhos moentes e correntes.

Isto dizendo Júpiter Tonante  
os mais Deuses com êle conferiram,  
Netuno não pôs nada por diante  
mais que só o tridente que ali viram.  
Marte com um benévolo semblante,  
fêz vênia, os mais Deuses o seguiram,  
Saturno mais risonho do que insano,  
conveio com Mercúrio, e com Vulcano.

Dizendo todos a uma voz louvasse  
o Vice-Rei de aplausos muito digno,  
e que seus elogios se cantassem  
desde o Carpátio Mar, até o Euxino;  
e logo que a Vulcano encarregasse  
por eleição segura do destino  
as salvas, nas armas que forjaram  
os Ciclopes que nelas trabalharam.

Despediram-se todos publicando  
mil excelências do General famoso,  
Mercúrio por correio anunciando,  
no canoro metal, o generoso,  
foi por todo êsse orbe retumbando,  
um harmônico eco sonoro,  
e eu que para o bosque me remonto,  
já não prossigo mais, e faço ponto.

[*Gonçalo Fernandes Gomes*]

In laudem Nobilissimi Domini, ac Excellentissimi  
Praesidii Vasco Fernandes Caesar de Meneses,  
Asiae, Brasiliaeque Vice-Regis Eximii.

#### EPIGRAMMA

Quod splendor stellae Phoebos lucente, quod una  
Gutta mari, aut unus gressus ad antipodes;

Caesaris, hoc est, si coner praedicere laudes,  
 Caesari et hoc est, si scribere digna uelim  
 Eulogia: haud igitur tibi nunc encomia scribo,  
 Caesar; lux, decus, ac urbis, et orbis amor.  
 O scriptum aureolum! O dignissima lemmata Cedro!  
 Famam a qua laudes excipiesque tibi.  
 Viue, decus mundi: altae nobilitatis imago:  
 Cultoresque tuos, uiue, subindē beans!

Incluti tui nominis studiosissimus uenerator

*Emanuel Nunes Leal*

[Assinatura com letra diferente]

In Laudem Excellentissimi Domini Vasquii  
 Fernandis Caesar de Meneses Singularis  
 Academiae Patroni hoc suum Emmanuelis  
 de Lima Musa C.O. ac V.

### EPIGRAMMA

Qui Latium perferre malum fatale coegit,  
 Gorgonis anguicomae qui tulit ense caput;  
 Hesperidum uigili qui Luso poma furatus,  
 Rupibus Alpinis cui uia facta placet;  
 Omnibus aeternas lauros his fama sacrauit,  
 Marmoribus qui dedit nomina scripta legi.  
 Cuncta sed in zephiros, ac Pythagorea recedunt  
 Somnia, dum Caesar surgit ad astra meus.  
 Vltcrius famae nec laus Pompeiana per astra,  
 Scipiadaeue alas unus, et alter alant;  
 Aut qui (Caesareo non spreto nomine) primi  
 Imperium geritis, Romulumque forum.  
 Tu quoque, Dux Macedo, cui tot quot bella  
 [triumphos  
 Praenestina dedit Marte fauente Dea,  
 Cede modo, sileatque tui omnis gloria: fama  
 Te simul atque meum non capit una ducem.  
 Has tantum commendat opes, Academia, nostro  
 Patrono Pindi turba nouena iugi  
 Tu modo da reliquum: sic et mihi porrige dextram;  
 Caesaris in laudes est manus una parum.

*Emanuel de Lima*

Ao assunto acadêmico que se deu louvando-se a criação da Academia e a seu soberano protetor o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses.

## SONETO

Esse do dia escândalo flamante  
 (Gentil emulação da Pira ardente)  
 Enquanto inculto subterrâneamente  
 Fúnebre Caos sepulta o ser brilhante.

Se do profundo albergue sai triunfante  
 A impulso de um cuidado diligente;  
 Com nítido vigor, o refulgente  
 Raio tremula, vibra a luz radiante.

No centro dos descuidos sepultados,  
 E da Fama nos ecos esquecidos  
 Fomos brutos diamantes desprezados.

Porém já com razão desvanecidos  
 Seremos (por um César hoje achados)  
 Na orbicular esfera conhecidos.

Do Acadêmico Infeliz.  
 [*João de Brito Lima*]

Ao mesmo assunto

## SONETO

Quando (ó nobre Congresso) te assegura  
 Um César isentar da sorte avara;  
 Se para ti, verde laurel prepara  
 Para si, novos créditos procura.

Porque se com razão se conjetura  
 Esta razão, que faz a razão clara,  
 Aqui foi para ti ventura rara  
 Para este César foi rara ventura.

Bem, que da Fama no clarim de prata  
 Nas glórias, que aumentaste solícita  
 Mais, que o teu, o seu nome se dilata.

Porque demais ditoso se acredita  
 Quem faz ditosos contra a sorte ingrata,  
 Que quem por dita logra a maior dita.

Do mesmo.

[*João de Brito e Lima*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
 de Meneses Vice-Rei dos Estados do Brasil,  
 [e ora] como Protetor, e Patrono da Academia  
 novamente levantada nesta cidade da Bahia.

### SONETO

Cesse a romana glória memorável  
 de César, tantas vezes repetida,  
 quantas tem na excelência de aplaudida  
 celebrada a vanglória de admirável:

Porque outra mais famosa, mais notável  
 (ao Lusitano César só devida)  
 prepara a fama em línguas dividida,  
 repete em vozes o eco perdurável:

Pois na que inova douta Academia  
 tantos fabrica templos na memória,  
 quantos admira Engenhos a Bahia;

Digno por esta ação de imortal glória,  
 se já nas que do acêrto a fama fia  
 não dera assunto a mais subida história.

*João de Brito e Lima*

Al asunto académico que se dió loándose la erección de la Academia y su soberano protetor el Excelentísimo Señor Vis Rey Vasco Hernández César de Menezes.

### SONETO

Si el Alba perlas no llorara bellas,  
Si no prestara el Sol sus splendores,  
Marchito el cielo, no ostentara flores,  
Obscuro el campo, no alentara estrellas.

De aquella el llanto libra sus querellas,  
Deste la luz ilustra sus fulgores,  
Para exalar suavísimos olores,  
Para brillar flamígeras centellas.

Lánguidas flores, Astros con desmayos,  
Mustios vivimos, tristes hasta ahora,  
En seco estío, en fúnebres ensayos.

Pero ya la desdicha se mejora,  
Más debiendo al influxo de otros rayos,  
Que al Sol los Astros, flores a la Aurora.

Do Académico Infeliz.

[*João de Brito e Lima*]

Al mismo asunto

### SONETO

En este (como vuestro) alto proyecto  
A que hoy preludio dais César invicto,  
Con aplauso seréis siempre infinito  
Del orbe pasmo, de la Fama objeto.

A vuestra protección, a vuestro afecto  
Debe el Brasil la gloria que repito,  
Y como en todo sois César perito,  
Añadís lo discreto, a lo discreto.

Este certamen pues por excelente,  
 En que assistís (oh César) se adelante  
 Aquél de quien Apolo es presidente.

Y para que la envidia más le espante,  
 Nuestros aplausos, vuestro aplauso aumente,  
 Y nuestra fama, vuestra fama cante.

Del mismo.

[*João de Brito e Lima*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil, que a exemplos de El-Rei nosso Senhor, que antes fundara em Portugal a Real Academia, fundou agora na côrte da Bahia a Academia Brasília dos Esquecidos, de que é Protetor.

### SONETO

Lá funda em Portugal Academia  
 O Monarca do Reino grande aumento,  
 Cá dos passos Reais em seguimento  
 Outra fundais, ó César, na Bahia.

Tanto preço em vós há, tanta valia,  
 Que tem ações de Rei vosso talento;  
 Mas um César de tal merecimento  
 Suprir de um Rei na falta só podia.

Que inda que Rei não sois, dais nesta emprêsa,  
 E nas mais, de que a Fama ao Mundo atroa,  
 De ser Rei nas ações cabal certeza;

Que, como em vosso aplauso se pregoa,  
 Se o Cetro vos negou a natureza,  
 As ações vos seguram a coroa.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari  
de Meneses nouam erigenti Academiam.

EPIGRAMMA

Viuite felices tanto sub Apolline Musae;  
Qui modo gymnasium fundat in urbe nouum.  
Ludite certatim, cantumque mouete sonantem;  
Non bene delicam conuenit esse lyram;  
Fila minutatim digitis percurrите; nostrum  
Pollice magnanimum plaudite utroque Ducem.  
Phoebus ab excelso uictus cadet alter Olympo;  
Dignior hic proprium scandat Apollo polum.

[*Iosephus de Matos Moreira*]

ALIUD

Iuppiter in caelo Princeps Augustus in orbe  
Regnat; et imperium cum Ioue Caesar habet.  
Ille Giganteos, cataphracto Marte, furores  
Contudit, hic [*Arabam*] uictor uterque fuit  
Vos igitur, [*Superi*], magnum laudate Tonantem;  
Qui gessit forti praelia multa manu.  
Huc quoque terrigenae pariter ueniatis ad unum;  
Laudibus inuictum ferte per astra uirum.  
Non quercus te sola decet, non laurea Caesar;  
Crescat ut in palmos sed tibi palma uiret.

[*Idem*]

ALIUD

Primo sub Augusto surgens Auctore penates  
Intra Caesareos iure palaestra uenit  
Caesare non alium maiorem noscimus; urbis  
Aut Orbis Princeps dum fuit est et erit.  
Dicere principium solo de Principe posset  
Haec schola, quam Pallas Caesariana colet.  
Quisquis ad hoc sistis, mirari desine; Pallas  
Non nisi Caesareo de Ioue nata foret.

[*Idem*]

## ALIUD

Non ego fatorum factum sine sorte putarem,  
 Doctus ut Aprilem ludus apertus amet.  
 Aprilem memorant ab aperto tempore dictum,  
 Omnia quo frondes, uere repente ferunt.  
 Hoc inmerse solent hilares garrire uolucres,  
 Herba quae gramineum uestit amara solum.  
 Haec quoque producet uarios Academia flores  
 Florida; nam fructus non sine flore dabit.  
 Illa coronabit, Caesar, te fronde perenni  
 Auctorem; uolucres uel tua facta canent.

[*Idem*]

## ALIUD

Maxime Lusiadum Caesar, moderator et ingens,  
 Haec ait ante tuos nostra Thalia pedes.  
 Ride uiros, quos fama canit, quos orbis adorat;  
 Amplus enim maius te nihil orbis habet.  
 Donec in Oceano pulsabunt litora uenti;  
 Dum mare uoluet aquas, dum uotet astra polus;  
 Semper honos, nomenque tuum, laudesque  
 [manebunt,  
 Saecula tot uiues, quot tua fama dabit.

*Iosephus de Matos Moreira.*

Ao Excelentíssimo e Prestantíssimo Erector,  
 e Protetor; e à Academia erecta e protecta.

## SONÊTO

Esta, que habitação foi algum dia  
 Das trevas superiores da ignorância  
 Sendo Assento Silvestre, rude Estância,  
 Lugar Inculto, bruta Monarquia;

Hoje, que já brilhante **Estrêla** a guia,  
 Que já um **Astro** lhe dá Luz de abundância,  
 Que um **Planêta** lhe dá tôda a prestância,  
 Que um **Sol** a faz luzir, brilha a Bahia.

Bem assim, porque um Sumo Apolo nela  
 Consagra por divino e alto intento  
 Um Côro Celestial, Morada bela:

Ficando, por lugar da Terra isento,  
 Para o **Sol**, o **Planêta**, o **Astro**, a **Estrêla**,  
**Monarquia**, **Lugar**, **Estância**, **Assento**.

[*Luís Canelo de Noronha*]

Ao mesmo assunto

### DÉCIMA

Não temas, Academia,  
 que deixes já de crescer,  
 porque para florescer  
 te dá Abril alegre dia;  
 O César por outra via  
 mais sublime te coroa:  
 Canta já, hinos entoa,  
 anima-te em tal presença,  
 pois de César na defesa  
 corta a Espada, a Pena voa.

*Luís Canelo de Noronha.*

Herói Inuictissimo, Strenuissimo Principi,  
 Pro-Regi non semel Emeritissimo, Excellentissimo  
 Domino Vasquio Fernandes Caesari de Meneses,  
 Cui iam ab incunabulis Mars ense, calamum  
 Minerua obtulerunt.

### EPIGRAMMA

Certamen subeunt Pallas, Neptunus, Athenis  
 Vtrum hic imponat nomen, an illa suum.

Produxit Neptunus equum, sed Pallas oliuam:  
Indicat haec pacem, Martis et ille minas.

Obtinet en palmam Pallas, Graecumque Mineruae  
Illa urbs de Graeco nomine nomen habet.

Arma triumphatu superat sapientia; doctas  
Altera namque artes, alter et arma tenet.

Huic urbi pariter, Caesar praeclare, Bahiae  
Nomen Athenarum iam positurus ades.

Ense tenes Martis, calamo praeclara Mineruae  
Munera: dic, Calamo uincis, an ense tuo?

Munera sed, Princeps, Altissime, uincis utroque,  
Vtraque cum teneat munus utrumque manus.

Scribere uel calamum facias, aut arma uibrare,  
Semper nomen habet Brasila terra tuum.

*Offert Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

De Heroe Inuictissimo, Strenuissimo Principe,  
Pro-Rege non semel Emeritissimo, Excellentissimo  
Domino Vasquio Fernandes Caesare de Meneses,  
qui Pro coronide suarum laudum toto terrarum  
orbe ab eo illustrato, Marti ensem deponit, et  
Apollini calamum committit, et Musas in suam  
recipit Regiam.

#### EPIGRAMMA

Vrbis, et orbis habens palmas, et Martis et Artis,  
Iam uictor Musas qui modo quaerit, erit.

Sic Phoebus calamum, Marti iam tradidit ensem,  
Nam pacem, Musas qui modo clamat, amat.

Dicat ubi ponet Mars ensem Caesaris? Aris.  
Ponet ubi calamum dicat Apollo? Polo.

*Offert Antonius de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses preclaríssimo Vice-Rei do Estado do Brasil, que em seu Palácio dá entrada às Musas do Parnaso, as quais (como de Mercúrio) invocam do mesmo Senhor a eloquência.

### SONETO

Achado no Poema do Príncipe dos Poetas Espanhóis.

Mercúrio de eloquência soberana,	--	Canto 10. oita. 89. verso 7.
Que de Fortuna justa acompanhado	--	" 10. " 56. " 8.
Conhecido no Mundo, e nomeado	--	" 2. " 113. " 4.
Festeja a Companhia Lusitana.	--	" 6. " 2. " 6.
O licor de Aganipe corre, e mana	--	" 3. " 2. " 4.
Undívago, ou da Pátria desterrado,	--	" 8. " 67. " 2.
Que a mais por tal Senhor está obrigado	--	" 2. " 5. " 8.
Mais do que prometia a fôrça humana.	--	" 1. " 1. " 6.
Das Musas sereis sempre engrandecido;	--	Canto 10. oita. 22. verso 6.
Que a tamanhas emprêsas se oferece	--	" 1. " [44.] " 2.
O valoroso officio de Minerva.	--	" 3. " [57.] " 2.
O prêmio lá no fim bem merecido,	--	" 9. " 88. " 7.
Que os peitos generosos enobrece,	--	" 2. " 75. " 6.
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva.	--	" 3. " 97. " 6.

*Por Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

## SONETO

De fragmentos do ingeniosíssimo  
Luís de Camões oferecido ao  
Excelentíssimo Senhor

1	2	3	4
1	VASCO, Augusto,	César já inclinado	
1	2	3	4
2	A vosso Régio sólio	Excelente	
1	2	3	4
3	Se humilha, de ver	Só o Potente	
1	2	3	4
4	CÉSAR, vosso assento	Avantajado	
1	2	3	4
5	O livro na mão	Régia celebrado	
1	2	3	4
6	Fica neste Parnaso	De presente	
1	2	3	4
7	Em maior senhorio,	E juntamente	
1	2	3	4
8	Rendido a melhor	Mão fica ilustrado.	
1	2	3	4
9	No império de Roma	Engrandecido	
1	2	3	4
10	A Apolo foi César	Não famoso	
1	2	3	4
11	No sólio venerar real	Erguido.	
1	2	3	4
12	Da fama pore' vossa mui	Zeloso	
1	2	3	4
13	Em mil Musas Apolo	Esclarecido	
1	2	3	4
14	Se humilha a vós	Senhor mais poderoso.	

- |  |   |   |
|--|---|---|
| 1  | 2 | 3 |
| 1 Canto, 1. <sup>o</sup> oitava, 44 verso, 1. <sup>o</sup> cant., 2. oit. 53 v. 2. cant. 1. oit. |   |   |
| 4  |   |   |
| [13. v. 2, cant. 1. oit. 16. v. 4.   |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 2 Cant. 8. oit. 24. v. 5. Cant. 6. oit. 93. v. 4. cant. 10. oit. 146. v. 6.                      |   |   |
| 4  |   |   |
| [cant. 4. oit. 8. v. 8.  |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 3 Cant. 8. oit. 24. v. 5. cant. 2. oit. 58. v. 8. cant. 2. oit. 65. v. 4.                        |   |   |
| 4  |   |   |
| 5  |   |   |
| [cant. 1. oit. 6. v. 1. cant. 2. oit. 52. v. 4.  |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 4 Cant. 1. oit. 13. v. 2. cant. 6. oit. 93. v. 4. cant. 1. oit. 22. v. 3.                        |   |   |
| 4  |   |   |
| [cant. 2. oit. 113. v. 6.  |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 5 Cant. 6. oit. 18. v. 1. cant. 1. oit. 63. v. 2. cant. 2. oit. 31. v. 3.                        |   |   |
| 4  | 5 | 6 |
| [cant. 7. oit. 72. v. 8. cant. 10. oit. 54. v. 3. cant. 1. oit. 4. v. 3.                         |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 6 Cant. 2. oit. 69. v. 1. cant. 3. oit. 1. v. 4. cant. 1. oit. 32. v. 4.                         |   |   |
| 4  | 5 |   |
| [cant. 1. oit. 103. v. 5. cant. 1. oit. 7. v. 5.   |   |   |
| 1  | 2 | 3 |
| 7 Cant. 1. oit. 9. v. 8. cant. 4. oit. 29. v. 4. cant. 3. oit. 7. v. 6.                          |   |   |



1    2    3

14 Cant. 8. oit. 24. v. 5. cant. 8. oit. 2. v. 8. cant. 1. oit. 4. v. 1.

4    5    6

[cant. 10. oit. 146. v. 8. cant. 1. oit. 3. v. 8. cant. 1. oit. 8. v. 1.

*Por Antônio de Oliveira.*

### Conferência I

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
de Meneses, Vice-Rei do Estado do Brasil.

Labirinto

Cúbico

I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S	A	R
N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S	A
U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E	S
T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C	E
R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E	C
O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U	E
Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q	U
U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O	Q
E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R	O
C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T	R
E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U	T
S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N	U
A	S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I	N
R	A	S	E	C	E	U	Q	O	R	T	U	N	I

**I** = invicto Vasco, César, sempre Augusto,  
**N** = ome é o vosso, que lido em tôda a parte,  
**V** = vocifera, e convoca do DEUS Marte,  
**T** = odo o peito que é forte, e é mais robusto:  
**R** = égio pois: mas suspende, e não sem susto,  
**Ó** = Musa o pletro, e a lira põe de parte,  
**Q** = ue quem canta elogios com pouca arte,  
**V** = em a ser nos encômios sempre onusto.  
**E** = esclarecido César, se os Romanos  
**C** = om louvor ao seu César não sucinto  
**E** = sta letra aplicaram lá em seus anos;  
**S** = abei, que com afeto não distinto,  
**A** = vós aplicam hoje os Lusitanos  
**R** = reduzida de amor a um labirinto.

### ANAGRAMA

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César,  
 Vi-Rei e Capitão General do mar, e terra do  
 Estado do Brasil.

### SONETO

Inclito César que da Lusa Atenas  
 Dais palestra real à Poesia  
 Sublimando os engenhos da Bahia  
 Do Brasil remontando as doutas penas:

Vós cuja fama dilatada apenas  
 Pela voz da dulcíssima Talia,  
 Tantos créditos dais à Academia  
 Que sois seu diretor, sois seu Mecenas:

Protegei-a (Senhor) já que a memória  
 De tão célebre emprêgo vos inflama  
 Para assunto maior de uma alta história:

Aplicai-a, pois vossa hoje se aclama  
 Para que dela sempre a imortal glória  
 Vos dê novos assuntos para a Fama.

é anagrama do nome

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Excellentissimo Domino Vasquo Fernandes Caesari  
Menesio, Meritissimo Brasiliae Pro-Regi,  
Institutori nouae Academiae laudatissimo.

ENCOMIUM

Grande opus instituis, clarissime Caesar, at illa  
Vincit in aeternum fama, decusque tuum.  
Auro dum Lydiam ditat Brasilia, ditas  
Nobiliore auro tu quoque Brasiliam.  
Aurum nobilius nobis Academia praestat,  
Quantum scire aurum longius exuperat.  
Visceribus terrae se Sol ostendit auarum,  
Absconditque aurum per latebrosa suum.  
Largior es Phoebos, riseras dum claustra sciendi  
Omnibus ut prosis, cura laborque tuus.  
Perge modo, radiisque tuis splendesce, Goanos  
Atque Bahidos condecorando sinus,  
Et qua Sol oritur, qua Sol immergitur undis  
Irradiando tuis omnia luminibus.

[*Antônio Gonçalves Pereira*]

Ao mesmo Senhor Vice-Rei.

SONETO

Foi de invicto valor Vasco da Gama,  
Um cordovês Fernandes também forte,  
De um Meneses a Líbia admira o corte,  
E de um César na voz, Roma inda clama.  
Êstes quatro Heróis, que o mundo aclama,  
De quem jamais triunfou a infausta sorte;  
Pois souberam unir à mesma morte  
Os troféus, que adquiriram para a Fama:

Cada qual de per si da glória cede,  
Alcançada entre bélicos arneses  
Que outra glória maior já a Fama pede.

Seja digno só dela muitas vêzes,  
Pois em letras, e em armas cá os excede  
Vasco Fernandes César de Meneses.

*Antonius Gonçalves Pereira.*

Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari  
de Meneses nouam Academiam erigenti ac per  
consequens inter alios Caesares primatum obtinenti.

### EPIGRAMMA

Quaesierat fortuna uirum, quem cauta bearet,  
Cuius et ornaret texta corona caput.  
Te stetit inuento, Caesar, fortuna libenter,  
Cui tribuit merito Pallas utrumque decus.  
Caesar at ille, suo quod deturbatur honore  
Flacescat priscus, Caesar et iste uiret.  
Caesaris ille prius, fateor, sub nomine creuit,  
Ast nostro coram Caesare primus abit.  
Pullulat in laudes primus sub — Caesare — : primum  
Nanque secundat ouans sorte secundus: Aue.

*[De Manoel Vieira Pinto]*

### ALIUD

Surgit ab Eoo Phoebus, petit ardua caeli,  
Inque suo zenith lucis acumen habet.  
Surgit ab Eoo Caesar, mediatque; nitescat  
Ille polo solus, Phoebus et iste solo.

*[Idem]*

Congressui Academico Caesarem  
patronum habenti

EPIGRAMMA

Caesaris auxilio puppi nauclerus in illa  
Euasit saluus, deposuitque metum.  
Noster adest Caesar, deponat uterque timorem,  
Pro nobis telum suscipit ipse manu.  
Implicuit dextrae pennam, ferrumque sinistrae  
Ille quidem, noster Caesar [utrumque capit].  
Penna canit laudes, et ferrum deficit hostes,  
Huic pennae poenas hi quoque forte dabunt.

*De Manoel Vieira Pinto.*

Em louvor do Excelentíssimo Senhor Vasco  
Fernandes César de Meneses, Vice-Rei, e  
Capitão geral de Mar, e Terra dêste  
Estado, Instituidor, e Protetor da nossa  
Academia Brasílica, que se faz em  
Palácio na sua presença.

SONETO

Ao César Português brando, e severo  
que irmanando o valor com a prudência  
sabe ser absoluto, e ter clemência,  
ser Alcides valente, sem ser fero,

Não César, mas Deidade o considero  
formando uma Palestra da ciência,  
que há de ser vida ilustre da eloquência,  
alento de Platão, Alma de Homero.

Dos Alunos desta Aula tão ciente  
 não é Minerva o Nume que os comove  
 quando tem êste Júpiter presente.

Só esta causa superior os move  
 pois se Minerva os produziu da mente  
 ela nasceu do Cérebro de Jove.

O Acadêmico Vago.  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Protetor da  
 Academia dos Esquecidos.

### SONETO

Sôbre o Tempo domina soberano  
 O nosso Protetor esclarecido,  
 Que das Estâncias fúnebres do olvido  
 Nos levanta a Memória um Templo ufano.

Seja ao Esquecimento desengano  
 Que a Academia lhe rouba o apelido,  
 Porque cada Acadêmico Esquecido  
 Faz capricho do que lhes fôra dano.

O clarim de cem bôcas desafia  
 As Palestras de Europa, quando aclama  
 A César Protetor da Poesia;

Pois no afeto com que êle as letras ama  
 Faz que êstes Esquecidos da Bahia  
 Fiquem lembrados no pregão da Fama.

*José de Oliveira Serpa.*

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Augustíssimo Vice-Rei dêste Estado Americano; Erector, e Protetor desta sempre nobre Academia.

### SONETO ACRÓSTICO

Voe da fama, ao sempre merecido  
Aplauso, que vos deve eternamente,  
Sonora turba com trinado ardente,  
Clamor perpétuo de eco enobrecido;  
O vosso nome aclame (que esculpido  
Firme de bronze lâmina eminente  
Expende) eternizando-o felizmente  
Raro assombro, e jamais nunca excedido  
Zênite: Diga que sois o mais glorioso  
César, prodígio insigne da eloquência,  
Exemplo singular do valeroso:  
Sol, que com predigníssima excelência,  
Ainda no Ocidente, luminoso  
Repartis, sempre igual, vossa influência.

*Antônio Nunes de Siqueira.*

Para louvar ao Excelentíssimo Senhor Vasco  
Fernandes César de Meneses incomparável  
Vice-Rei dêste Estado, pede licença o  
Acadêmico João [Álv'res] Soares neste

### SONETO

Senhor, permita, vossa urbanidade,  
que esta voz no respeito emudecida,  
se com justo temor amortecida,  
logre com vosso influxo atividade:

Ostentai vossa gran benignidade,  
alentai minha língua entorpecida,  
dai ao peito valor, às vozes vida,  
fôrça às razões, alentos à humildade:

Fazei enfim que chegue à digna meta  
do louvor esta voz, que por vós chama.  
Tudo é justo, Senhor, que me prometa.

Que uma voz, que em louvar-vos se derrama,  
nunca pode ser, não, rouca trombeta,  
pois se ostenta clarim da vossa fama.

[*João Alv'res Soares*]

Concedida a faculdade do Excelentíssimo Senhor como se supõe da sua ínclita benevolência, prossegue o dito Acadêmico em louvar o projeto quase Divino, com que o Excelentíssimo Senhor sabe segurar a luz da sabedoria das trevas da ignorância, ilustrando êste nôvo mundo com os científicos resplendores da nova Academia.

### SONETO

Quando a luz com as trevas confundida  
no mundo novamente fabricado,  
nem o dia se achava separado,  
nem a noite se via dividida.

Foi emprêsa de Deus reconhecida  
(dividindo das trevas o nublado)  
fazer que o dia fôsse celebrado,  
fazer que a luz não fôsse escurecida:

Assim vós neste mundo Americano  
a luz da ciência, em fausto peregrino,  
qual um Deus, separais do néscio engano;

Porque ilustrar um mundo, em tal destino,  
é transcender os âmbitos de humano,  
é lograr atributos de Divino.

Do indigno Acadêmico  
*João Álvares Soares.*

Excellentissimo Caesari nouam Musis Academiam  
construenti.

EPIGRAMMA

Mos erat antiquis magnos celebrare triumphos  
Caesaris, et Lusi prodere facta sui:  
Illis parua quidem restabat portio laudis:  
De nostro nobis Caesare maior adest.  
Materiam superabat opus, celebrare uetustas  
Dum tentat laudes Caesaris ipsa sui:  
Materies sed opus superat de Caesare nostro  
Dicere dum tento maxima facta, decus  
Scribere restauit [priscis] de Caesare nullum,  
Dicere de nostro non satis omne mihi.

[*Manoel Nunes de Sousa*]

ALIUD

Aethereum totum peregrat Sol igneus orbem,  
Exerit in terram luminis unde faces:  
Alter terrestrem peregrat sol clarior orbem,  
Exerit in caelum nominis unde decus.  
Clara Sol cernens huius Sol lumina solis  
Attonito similis sic ait ille Polo:  
Clarior alter adest, posthac mea lumina condam;  
[Luceat] hic maior, condar et ipse minor.

*Manoel Nunes de Sousa.*

Expenditur ratis, ob quam Excellentissimus  
Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius,  
Martialibus interim curis ualedicto, Mineruae  
studiis incumbat.

EPIGRAMMA

Ergo ne Cecropiis mollescent corda coturnis,  
Mulcet et Aonidum pectus inerme melos?  
Iam tibi belligerae referunt fastidia turmae,  
Caesar, et obstreperae displicuere tubae.

Primus Athaeneas, fuerant ubi castra, palaestras  
Instituis, doctos cogis et ire sophos.

Hic Lacedaemonii te coram iura Licurgi,  
Necnon Socraticae discutuntur opes.

Otia uictori non inuidisse parantur  
Iola, triumphato qui redit, orbe, domum.

Nam tibi cum totus, Caesar, iam pareat orbis,  
Euaginato non opus ense foret.

[*De Manoel Nunes de Sousa,  
provavelmente*]

Ad Serenissimum Lusitaniae Regem...

De Excellentissimo Domino

Vasco Ferdinando Caesare et Menesio...

Brasiliensis Status Pro-Rege Meritissimo, Duceque

General Dignissimo

Enthusiasmus Reipublicae Bahiensis.

Si legas anagrammatice nomen Excellentissimi

Domini, nempe:

*Vascum Ferdinandum Caesarem et Menesium,*

reddit iisdemmet litteris hanc sententiam:

*Fac Ducem; meretur enim, ne a se adimas munus.*

## EPIGRAMMA

Qui modo Brasilici, Rex inuictissime, clauum  
Supremum Imperii, te statuente, regit:

Sanguinis ut splendore micat, sic nomine Caesar;  
Minos iustitia est, et grauitate Cato.

Praefuit hic oris, quas alluit Indus Hydaspes;  
Cuius actus querulo murmure facta refert.

Postquam ibi Caesareo dignissima gesta cruore  
Edidit, ad Brasilas appulit ille plagas.

Hic, ubi mirificis populum regit artibus, auget  
 Cultum etiam tota, Pallas, in Vrbe tuum.  
 Clamitat hoc Brasilum princeps Respublica, Regem  
 Teque modo his urget uocibus illa suum.  
 Fac, Rex, ergo Ducem: ne munus, quod dabis,  
 [unquam  
 A se adimas, supplex oro; meretur enim.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius  
 Caesar Menesius, Verus Brasiliae Caesar,  
 probatissimus utriusque Palladis cultor,  
 pro instituta Bahiae Academia, commendatur.

### EPIGRAMMA

Caesarea quis te, Pro-Rex, de gente negabit,  
 Inspiciat mores si prius ille tuos?  
 Seu lubet hostiles contundere Marte phalanges;  
 Dat uirtus tanto Caesare quisque manus.  
 Seu placet Aonio Musas deducere cliuo,  
 Se chorus hic tanto Praeside iactat ouans.  
 Quamlibet aduersis contraria numina curis,  
 In te concordēs Mars, et Apollo sedent  
 Hic strepitus inter bellorum carmina fingit:  
 Ille nec in Musis desinit esse ferox.  
 Adiicienda tuis fuit haec uictoria factis:  
 Ipse homines, Caesar, uincis, et ipse Deos.

[*Sem indicação de Autor*]

In laudem Excellentissimi Domini Vasici Ferdinandii  
 Caesaris Menesii, qui post deuictos in oriente  
 Serenissimi Lusitaniae Regis hostes, nunc per  
 Prouinciam Brasiliae Pro-Rex Meritissimus,  
 institutae Academiae opera Bahiensium  
 animos sibi tandem deuinxit.

### EPIGRAMMA

Qui prius Eoum studiis regalibus orbem  
 Rexerat, ad Brasilas uenerit ille plagas.  
 Hic formidandum non sede ciuibus offert,  
 Caesar, ut aduersis hostibus esse solet.  
 Vobis Apollineas inter moderamina lauros  
 Carpit, Iuleis(1) quae micuere comis.  
 Cur Arabis ferro, Brasilos cur Pallade uicit?  
 Res erat haec sophicis exagitanda uiris.  
 Caesaris officium geminis ostentauerit orbe,  
 Conspicuosque toga conspicuosque sago.  
 Caesar ubique fuit, dum Pallade uicit utraque:  
 Haud aliter notus Caesar in orbe foret.

[*Sem indicação de Autor*]

De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando  
 Caesare Menesio Bahiensis Academiae  
 Strenuissimo Auctore, totiusque Brasiliensis  
 Prouinciae Pro-Rege Meritissimo.

### EPIGRAMMA

Artibus eximiis quos excoluistis, Athenae,  
 Ausonium fama ast nobilitasse forum:  
 Quasque Lycaoniis hausere in fontibus artes,  
 In Latio posthac euomuisse solo.

(1) No texto, **Iulaeis**.

Sic quoque quos Lysium lactauerat ante Lycaeam,  
Clarere in Brasilo uidimus orbe uiros.

Hos tibi plausuros Caesar iam destinat, orbis  
Urbs Ameriaci gloria, et ipsa caput.

Hinc tibi quantus honos, uir praestantissime!  
[namque  
Hos simul in laudes quis neget ire tuas?

Vnica lingua uiro est, uox unica: congrua tanto  
Vnica non satis est linguaque, uoxque uiro.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimo Domino Vasquio Ferdinando  
Caesari, Totius Brasiliensis Status Supremo  
Duci, Bahiensis urbis Pro-Regi Vigilantissimo  
Optime de uniuersa Republica merito Hoc  
suum Minerua D., ac V.

### EPIGRAMMA

Posteritas celebret nec te diuturna, [Philippe],  
Nec te per superos ducat, Adraste, gradus.

Nec memorata uolet uirtus Diomedis in astra;  
Nec, quibus agnomen Africa terra dedit.

Magnanimis Fabiis, plectenti et crimina dextra  
Decepta placeat regna uidere Stygis.

Cosse, tuos flocci fac, et, Marcelle, triumphos;  
Destituatque tuam gloria, Marce, domum.

Sulla ferox, titubet, Marii cruor ossa [relinquat];  
Occupet et Curios, Fabriciumque metus.

Caesarea dextra cedant. Dux inclute, complet  
Sat tua sidereos gloria, fama polos.

[*Sem indicação de Autor*]

In Bahiensis Academiae institutione sub auspicio  
 Excellentissimi Domini Vasici Ferdinandii Caesaris  
 Menesii, per uniuersam Brasiliam Dignissimi  
 Pro-Regis; assumpto in argumentum Diogenis  
 facto, cum accensa lampade in frequenti foro  
 sub ipsa meridiana luce hominem, hoc est,  
 Virum sapientem, quaeritabat.

## EPIGRAMMA

Huc ades, o Cynicum Caput, et domiporta  
 [sophorum:  
 Nostrum, age, proscripta discute luce forum.  
 Quod male perdideras oleumque, operamque,  
 [Tonantis  
 Nunc lucro apponi gnata diserta iubet.  
 Quae uicina foro subiectum spectat in aequor,  
 Mille dabit doctos Caesaris Aula uiros.  
 Quae sedes hic, ueteres academica turba Magistros  
 Creditur, et uestros uincere posse sophos.  
 In Brasiliis quae se occuluit sapientia siluis,  
 Rustica deseruit, ciuica tecta colit.  
 Flecte caput, Cynicoque caue sermone iocari:  
 Odit, et impropere seria Diua iocos.  
 Dolia, ni facias, minime coluisse fatebor;  
 Sed potius dicam te uacuasse mero.

[*Sem indicação de Autor*]

De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinandio  
 Caesare Menesio Bahiae recens institutae  
 Academiae Auctore simul, et Strenuissimo  
 Patrono, totiusque Brasiliae Pro-Rege  
 Meritissimo.

## EPIGRAMMA

Qui modo Lemniacis Mauors uelut alter in armis  
 Ambierat tantum bellica signa sequi:  
 Nunc Ducis exuitur cura, nunc docta Mineruae,  
 Vestraque, Pierides, otia Caesar amat.

Caesaris impaudae sacrum penetrale subite:  
 Caesarea dabitur tutus in aede locus.  
 Altior haec uestro est sedes Helicone: sacratur  
 Ista Deo longe nobiliore dōmus.  
 Terreat armato non milite ianua: Musis  
 Definit miles sumpta per arma uiam.  
 Nam turba haec foribus non ferro accincta minaci  
 Excubat, ut uestros arceat inde pedes.  
 Non illam hic Caesar moturus bella, Puellas  
 Sed tantum imbelles ut tueatur, habet.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad Excellentissimum Dominum Vascum  
 Ferdinandum Caesarem, et Menesium huius  
 Metropolitanae Urbis Pro-Regem Clarissimum,  
 Xauerianam thensam publica in supplicatione  
 gestantem umeris.

### EMBLEMA

Inter aues omnes soli sublimius haeret  
 Illa coruscantis fida ministra Iouis.  
 Maluit hanc reliquas inter sibi Iuppiter unam,  
 Utque alias longe nobilitate praeit.  
 Tunc soli haerebas, cum spectabare sacratam  
 Ferre umeris molem Xauerianus Atlas.  
 Quis neget ergo, aquilam nodo te effigiare,  
 [propinquo  
 Solares quando sic bibis ore faces?  
 Creditur hinc Princeps sibi te uoluisse ministrum,  
 Vel cui regales traderet ipse uices.  
 Sit generis modo stemma tui; sub sole nitere:  
 Cum iam umeris pulchre sederit ille [tuis].

[*Sem indicação de Autor*]

**Excellentissimi Domini Vasca Fernandis Caesaris  
Menesii in orientali plaga rei gestae  
Strenuissimi Principis Magnitudinem testantur.**

EPIGRAMMA

Cedite Caesarei, quos iactat Roma, triumpho,  
De Capitolino sint procul arma iugo.  
Lysius Eoos qui bello fregerit hostes,  
Caesar adest, Brasilas qui regit ipse plagas.  
Caesare quin etiam maior fuit ille Quirino:  
Hic animos hominum uinxerit, ille manus.  
Iura recusantum uincit qui corda, profecto  
Victor hic, et quouis Caesare maior erit.

[*Sem indicação de Autor*]

**Excellentissimi Domini Vasca Fernandii Caesaris  
Menesii animum depraedicant, tum in oriente,  
tum in Brasilia Laudabiliter obita regimina.**

EPIGRAMMA

Indica te sensit tellus dare iura per orbem;  
Lysia te coluit: Brasilis ora capit.  
Diceris merito, Caesar, par omnibus unus:  
Ora quod Augustum non capit una uirum.

[*Sem indicação de Autor*]

**Excellentissimus Dominus Vascus Fernandus Caesar  
Menesius post gloriosa armorum studia, primo  
erecta Bahiae Academia, litteris uacat.**

EPIGRAMMA

Cur modo dulciloquis iuuat indulgere Camaenis,  
Caesar, et Aonidum sollicitare choros?  
Siccine Castaliis permutas fontibus Hebrum?  
Anne placet lituo praeosuitue Lyrum?

Cum tua sanguineo insignita est dextera ferro,  
 Haec et Apollineas cur modo tractat opes?  
 At bene: cui dextra ferrum, pariterque libellus,  
 Caesaris hic potius nomine dignus erit.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar  
 Menesius ex nouae Academiae institutione  
 gloriam sibi per quam maximam comparauit.

### EPIGRAMMA

Caesar, Palladis cur incubuisse labori,  
 Pieridumque acies [se] iuuat inde sequi?  
 Vnde sibi causa haec Phoebi modo cura, Gradiuo  
 Dedita quae forsā iam fuit ante Deo?  
 Facta quidem meritis auge maioribus, unus  
 Praemia queis Mauors reddere digna nequit.  
 Munera sic gemino uenient tibi numine; palmas  
 Mars dabit, et lauro nectet Apollo comas.

[*Sem indicação de Autor*]

In laudem Excellentissimi Domini Vasqui Fernandii  
 Caesaris Menesii, pro instituta Bahiae Academia.

### ELOGIUM

Bene habet:  
 Musarum satis Caesar cum ambias,  
 certe gratissimum nobis conuiuium paras.  
 Bellatori numini Saliorum sacra grata credebantur:  
 Lusitaniae Marti strenuissimo  
 parari etiam ex Salibus bona liceat.  
 Phoebi Solium in solio micans intueris,  
 ubi scilicet Musae te modo colant ut Apollinem,

quae quondam ut alumnum excoluerunt.  
 Ecce tibi inuictae Palladis tirocinium.  
 Pellici pulueris insigne praeludium,  
 ubi lauro coronari affabri didiceris.  
 [Graecae] uirtutis apex ille Themistocles  
 triumphantes lauros radius egerat in Musaeo,  
 eaque postea egerat,  
 quae mundus uidit, et inuidit.  
 Suum in te etiam Bahia Themistoclem nanciscitur,  
 te Bellona finxit Alcidem,  
 Apollinem Minerua efformauit;  
 uno uerbo  
 inuictum Caesarem orbi dedit Lusitania:  
 qui non minus egregie gladios uersasti,  
 quam libros,  
 ingenii simul et ferri aciem acuisti.  
 At si tuis nimium impar eloquentia sit,  
 certi iis non detrahit,  
 quos uenerabunda suspicit, et obsequiosa depraedicat,  
 non quantum uelit, sed quantum ualet:  
 tua enim pristina laus est  
 numquam posse satis laudari.

[Sem indicação de Autor]

**Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar  
 Menesius ex Praestantissimi, ac uere Caesarei  
 animi uirtute commendatur.**

### EPIGRAMMA

Iam neque laurigerum sub sidera tollat Iulum,  
 Iactat et Augustos Martia Roma suos.  
 Caesar adest maior: tituli nouos aemulus ipse  
 Caesarei, factis maior at ipse suis.  
 Haud sibi degenerem Mars est expertus ultrumque:  
 Gloria Castalidum Caesar uterque fuit.  
 Tempora si reputes, illo est certe iste secundus;  
 Si gesta expendas incluta, primus erit.

[Sem indicação de Autor]

In laudem Excellentissimi Domini Fernandii  
 Caesaris Menesii ob partas feliciter in Oriente  
 uictorias numquam satis commendandi.

### EPIGRAMMA

Dum tua dextra uibrat ferrum, super Asia: collo  
 Caesariana subit uincola uictus Arabs.

Iuppiter arma tibi submittit sponte: micantem  
 Aegida dat Pallas, Mars quoque tela dabit.

Scilicet, inuicto te belligerante, Deorum  
 Nil, quod agat, uirtus, Caesar in hoste manet.

Maxima sunt, fateor, tria numina: si tamen addo  
 Te super his: quartum Tu mihi Numen eris.

[*Sem indicação de Autor*]

Laudatur Excellentissimus Dominus Vascus  
 Ferdinandius Caesar Menesius pro institutis  
 Academiorum ludis.

### EPIGRAMMA

E cerebro prognata Iouis sapientia bello  
 Praesidet, ingenii subtilitate potens.

Haec cedit, dum Caesar adest sapientior: ipsa  
 Caesaris aspecta dexteritate fugit.

Quaesita, quae causa fugae, pudibunda reponit:  
 Omnia sub tanto Principe uicta cadunt.

[*Sem indicação de Autor*]

**Praeclaris** admodum uiris Bahiensis Academiae  
 initia ponentibus sub auspiciis Excellentissimi  
 Domini Vasici Ferdinandi Caesaris de Meneses  
 per Brasiliam uniuersam Pro-Regis Meritissimi;  
 cui gentile in stemma triremis quinque: iocante  
 etiam Musa dicto illo Romani Caesaris apud  
 Plutarchum in graui tempestate: *Macte, uir  
 generose, aude, nihil metue. Caesarem uehis,  
 et fortuna eius simul nauigantem.*

## EPIGRAMMA

Res Mare Palladium est bene multis plena periclis;  
 Cuique nec ex toto fiderit ipse Plato.  
 Sed tamen o! parcas, Academica turba, timori;  
 Quaque uocant, tuto tendere perge uias.  
 Nam licet horruerit tibi Palladis unda procellis:  
 At ratis incolumem Caesaris alta feret.

[*Sem indicação de Autor*]

**Ad Bahienses Academicos Cogente Sapientissimum  
 Senatum Excellentissimo Domino Vasco  
 Ferdinando Caesare Menesio totius Brasiliae  
 Pro-Rege, Duceque Generali Dignissimo.**

## EPIGRAMMA

Quem prius horruerat Mars horrida bella ferentem,  
 Praeficit hunc Misis docta Minerua suis;  
 Quidquid enim poterant, haec artibus, illeque bello,  
 Hoc simul in solo Caesare uterque uidet.  
 Audiit haec alio de Caesare Roma, libellum  
 Prae manibus, gladium prae — que ferente —

[ labris.

Ergo absit metus hinc omnis, Coryphaeia turba,  
 Quam Brasilum cogunt facta canenda uirum.  
 Caesar adest, cui cum geminum Tritonia numen  
 Commodet, hic uobis nomen utrumque dabit.

[*Sem indicação de Autor*]

Vrbs Bahiensis instituta ab Excellentissimo Domino  
 Vasco Fernandio Caesare Menesio Academia  
 locupletata, sibi perquam maxime gratulatur.

### EPIGRAMMA

Quae modo barbaricis inculta magnalibus, inter  
 Mortiferas iacui pene sepulta feras;  
 Alleuor aethereas tandem rediuiua sub auras,  
 Caesare uictricem sponte ferente manum.  
 Hic mea Castalios deducit in arua liquores,  
 Ipse rudem docili Pallade ditat humum.  
 Iam minor Ausoniae me suspicit ora uolantem,  
 Miraturque, nouo dum uidet ore loqui.  
 Non alius tanto me dignaretur honore,  
 Si procul hinc uirtus Caesariana foret.  
 At me barbaricis dum moribus exuit, aegre  
 Hunc habeam, morem ni quoque grata geram.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari  
 de Meneses Brasiliae uniuersae Dignissimo  
 Pro-Regi, ac Nobilissimo Institutori Musaei  
 Bahiensis, sub illo lemmate Sol oriens  
 in occiduo.

### ELOGIUM

Nihil sub sole nouum,  
 [As] de sole nouum aliquid.  
 Quis umquam fore credidit,  
 Vt ueluti in rogo cunae,  
 Oriens in occasu offenderetur?

Sed illuc tamen (quidquid rei est insolitae)  
 Tibi contigisse uidimus,  
 Cum in occatu te internitentem  
 Nitatur lux tua probare,  
 Approbareque omnes nitantur.

Hinc sub te, ac sub sole, Princeps Excellentissime,  
 In occiduis etiam plagis, ueluti ex oriente,  
 Musaeum hocce exortum est,  
 Vt nascente sole in occasu,  
 Litterarum haec Palaestra  
 Diem aeternum habeat,  
 Nesciatque occasum suum.

Nec uane sub schemmate orientis solis in tenebris,  
 Te auctore, exorta est,  
 Vt scilicet tua sub umbra  
 Maiori affugeat lumine.

Nec solem te ullus [insciabitur],  
 Nam solem, Caesar, solus ille te nescit,  
 Cui solis lux inaccessa est,

Solis nomen largiter meruisti,  
 Qui in occiduis etiam plagis,  
 Occasusque tenebris [dealbiscis];  
 Nam albo, ut [aiunt],

Et niueo [Etiam in occasu] Signandus lapillo es.  
 Solem itaque uerum agis;  
 Nam solis numere si dies elucescunt,  
 Geniales tu quoque dies.

Queis Brasile ingenia e tenebroso obliuionis  
 [naufragio emergerent ad lucem,  
 Ex genio claro tuo instituisti,  
 Dies utique hosce geniales,  
 Sub te sole,  
 Prae omnibus maximos existimo;  
 Namque, ut maiores euaderent,  
 Non, ut solet, sol uolat,

Sed in Musaeo, te sedente, sedet,  
 Quod profecto Musaeum sub tua dextera  
 Curret utique non sinistro pede.

[Sem indicação de Autor]

Excellentissimus Dominus Fernandius Caesar  
 Menesius Maximum Bahiae felicitatem  
 auspicatur ex noua ibi laudabiliter  
 instituta Academia.

## ELOGIUM

Otiantem post bella Caesarem timete, hostes:  
 Non id imbellis animi argumentum,  
 Fuerit strenuissimi ducis dexteritas,  
 Vt sinistro in uos Marte descendat,  
 Redintegratis per otium uiribus.  
 Arma interim deposuit, non animum  
 Martis inducias tantisper agit,  
 Ferociores in aciem milites inducturus,  
 Fatale per quietem meditatur exitium,  
 Vobis impune sentiendum,  
 Cum denuo ad castra Caesar exeat.  
 Nullus iam uobis Bahiam aditus patet;  
 Vias huc omnes preclusit hostibus,  
 Parnassi ostio reserato;  
 Vt iam exterarum gentium spem deluderet,  
 Mineruae ludos instituit;  
 Quis ad gloriosam de uobis uictoriam proludit.  
 Non ideo inermem uos urbem credite;  
 Dum litteris uocat,  
 Munitissimam Caesar ut redderet,  
 Literarum monumentis obuallauit.  
 Palaestras ibidem extruxit,  
 Vt obtusas mentis acies acueret.  
 Huc decertaturos iuuenes lubens inuitat:  
 Hic Academicorum ingenia committit  
 In pugnâ sanguinis licet,  
 Non gloriae expertes.  
 Hostium insidias uigilantissimus praecauit,  
 Cum torpescentes animos Palladi iubet  
 [ inuigilare.  
 Non ille rudes, ac nouillos iuuenes  
 Huic militiae uoluit adscribi:  
 Sapientissimis, et aetate grauibus palaestritis  
 Tuendae urbis curam commisit;  
 Qui nocturnis expallere chartis assuefacti,  
 Viso hoste, neutiquam expallescent.

Hoc milite decertaturus olim Caesar,  
 Certum potest triumphum animo praesagire.  
 Vos interim terga uertite:  
 Nullus iam hic praeda uobis, sed admirationi  
 [ locus est.

[*Sem indicação de Autor*]

In laudem Excellentissimi Domini Vasici Fernandis  
 Caesaris Menesii, cuius animi amplitudo nullo  
 potius argumento, quam ex instituta Bahiae  
 Academia Commendatur.

### ELOGIUM

Caesarum nosse qui uelit,  
 Facta inspiciat, non fastos;  
 Nulli enim potuerant fasti esse,  
 Qui tanti Principis magnitudinem caperent.  
 Pulchriorem Caesaris imaginem  
 Quid poterit, nisi laurus, [adumbrare]?  
 Hec in amoenissimo Caesaris uiridario semper uiruit,  
 Multo quidem irrigata sanguine;  
 Vel quem ex augusto hauserat parentum fonte,  
 Vel quem ex ruptis hostium uenis profuderat.  
 Sterilis utcunque laurus  
 Visa sub illo cultore fructificare:  
 Fecundos primo dedit bellicae uirtutis fructus,  
 Nunc in facunda litterarum germina pullulauit.  
 Cum antea terrarum orbem ferro subegisset,  
 Multo nunc sapientiae auro nouum orbem deuicit.  
 Illustrior hic prae [caeteris triumphus] fuit,  
 Quo Americae barbariem iugulauit.  
 Bahiam Brasiliae caput,  
 Vt firmo pede incolumis staret,  
 Mineruae studiis excolendam curauit.  
 Obliuionis iniuriam uindicaturus,  
 Nouos milites Palladi conscripsit;  
 Qui non iam armorum acie,  
 Sed mentis acumine decertarent.  
 In boni ominis signum,  
 Oblitorum nomine dici en uoluit;  
 Quod oblitorum opera

In posterorum memoria melius perennaret.  
 Sopita Bahiensis urbis ingenia  
 E tenebris reuocauit ad lucem;  
 Vt non iam saccharum stillarent, sed Palladis oleum.  
 At non ex eo operam perdent  
 Brasiliae segetes;  
 Iam enim auro commutantur,  
 Quae uili hactenus pretio aestimabantur.  
 Militum uoluptati blanditurus,  
 Dulciora parauit obsonia, non ex saccharo,  
 Sed ex dulcisono Musarum concento.  
 I nunc, Brasile,  
 Et huic Caesaris uictoriae triumphos age.

[*Sem indicação de Autor*]

Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari  
 de Meneses per Brasiliam uniuersam Pro-Regi  
 Meritissimo, Bahiensis Academiae Auctori.

### ELOGIUM

Vix tamte nobilis uir magne, rescis Academicae Palaestrae  
 [Auctorem,

Vbi,

Quae foede hactenus factorum malignitate marcuesant,  
 Perinde sit refluuisse Brasilis ingeniis,  
 Ac ingenuis artibus,  
 Prope fuit, ut samunite ipse Iouem inaugurarem;  
 Quippe cuius etiam fecundo olim e uertice  
 Facunda Pallas erupisse traditur.  
 At satius me e re tua facturum duxi,  
 Sinon alius a Caesare habearis.  
 Hoc enim uno sub nomine  
 Opportunius opis sobole numen latet,  
 Quod expirantibus iam ferme literis  
 Opem ferat.

Nam,

Vt Iuppiter sapientem Deam in lucem ediderit:  
 At difficile tamen, partuque ignobili;  
 Vtpote qui inter fumo plenas,  
 Malleoque armatas Vulcani manus;  
 Cum a te nunc porro pronptioris Mineruae homine

Inter famosas maiorum tuorum imagines  
 Facilius sit, feliciusque prognata;  
 Et, si non plente apud Rhodios auro e caelo:  
 At certe gemente sub immenso auri pondere  
     Vniuerso terrarum orbe:  
 Vel potius gentem America  
     Sub te aureo Principe;  
 Ne hoc etiam ingens nunc decus in tantae uirginis natalibus  
     Desideraretur.  
 Quem iam uero hinc gloriae cumulum  
     Nomini tuo responsarum crediderim!  
 Danat dum arriperem exhauriendum [dolium],  
     Si quae omnia hoc tibi ex fonte fluent  
     Recensenda susciperem  
     At sane Pallas;  
 Quam sic eximie colis,  
     Illas famae tuae alas  
     Assuet,  
 Quae per omnium mortalium ora longe te inuehant,  
     Perge igitur ire ulterius;  
 Et quoniam par Romano Caesari  
 Arma simul amas, ac litteras,  
     Fac suam quisque ex Academicis  
     Mentis aciem ita instruat,  
     Vt tibi triumphent.

[Sem indicação de Autor]

Ad Bahienses Academicos, oblitorum sibi tesseram  
 usurpantes; qua luce primam litterariam  
 uelitationem posuere, cogente sapientissimum  
 senatum Excellentissimo Pro-Rege, Domino  
 Vasco Ferdinandio Caesare Menesis,  
 Brasiliensis Prouinciae Moderatore Supremo.

### ELOGIUM

Quicumque Palladem colitis,  
     Inferte huc pedem;  
 Porrigit uobis Caesar auxiliatricem manum.  
     Quam modo palaestram instituit  
     Sublimandae Minerua gratia,

Sedulus etiam promouet in uestram gloriam.

Quamuis sero,

Nemo hactenus de hoc tam serio cogitauit,

Ponens in maxima reipublicae lucro litterarios ludos.

Quos improba fati negligentia silentio presserat,

Garrulae Famae alis ad Caelum euehentos imponit,

Vindicaturus illorum memoriam,

Quos dederat obliuioni frequens aeuo nostro uirtutis

[ iniuria.

Pro dea uirgine fecit ex palatio gynaeceum;

Certus tanto propitiatum se gnatam Iouis officio,

Caesareae domui iamdudum familiariter assuetam.

Huic olim Germanicus in cubiculo aram exstruxit,

Fecitque secreti participem,

Administraturos pro debito publicam potestatem,

Quae uos hodie, uates, quae uos, oratores, excipiat,

Patent Lusitani Caesaris iam modo fores in foro:

Et fore quidem felices ominor,

Quas quisque dederit lucubrationes in lucem

Sub tanti Principis umbra,

Sede quid Phoebos cum foro?

Agitur hic Musarum causa,

Sedentibus protribunali iudicibus. .

Omne procul hinc furtum:

Vt maxime ad unguem placeant expolita carmina,

Latrocinantibus inurendam [uilissimae] censurae poenam,

Lata lege, Caesar indixit.

Ligatis pedibus rapitur in quaestionem Poesis;

Torquentur ingenia:

Quique ipsi comparandae fama ardore flagrant,

Rigent uatis sub metu infamiae.

Vt cumque numerosum opus absolueris,

Non censebitur dignum Caesaris aure,

Nisi graui rotunditate tonuerit.

Certatur hic ad immortalitatem nominis,

Non gladiis, sed mentis acie.

Telorum loco subrogantur acumina,

Victoribus destinata lauro;

Quae, quoniam Apollini sacra,

Vatem reddet affinem caelitibus.

[Sem indicação de Autor]

## SONETO

E entre as cinzas mortais do esquecimento  
te lamentas, Brasil, já sepultado!  
mas agora, que estás ressuscitado  
meu pranto vertes em contentamento.

Quem pode dar-te tão ditoso alento?  
quem te pôs, dize, em tão feliz Estado?  
aquêlê César, que te viu prostrado,  
foi o ilustre autor dêste portento?

Ó Triunfante Herói magnipotente!  
por esta ação sòmente sem segundo  
vos aclamam do Ocaso até o Oriente:

Pois quem tira os mortais lá do profundo,  
excede as excelências de vivente,  
e fica sem segundo `em todo o Mundo.

De um criado de Sua Excelência.  
[Sem indicação de Autor]

Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei.

## SONETO ALEGÓRICO

Senhor augusto, com ditosa sorte,  
hoje a Bahia timbres apregoa,  
merecendo de tão Real Pessoa  
a presença, por Sol, a Luz por Norte:

Na pompa belicosa de Mavorte,  
Citeréia gentil galas entoa;  
deixando de ser forte já Lisboa,  
[Tôo,] por ser ela majestosa forte?

Vivas cortesês, em qualquer idade  
vos deve dedicar nossa prudência,  
(cultos dignos da vossa autoridade).

Mas se aos grandes louvar é imprudência  
quem vos há de louvar a Majestade,  
que não possa ofender vossa Excelência?

[Sem indicação de Autor]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil.  
Erector, Protetor da Academia Brasílica.

### SONETO

Régio Palácio, Pindo transmutado,  
Passo é de Minerva da Excelência,  
que excede de Minerva a afluência  
onde o melhor Apolo é excelsado.

Nesse Côro Musal mais inspirado,  
como encerrada, tem a Presidência  
razão de estado da magnificência,  
não se expor quando tem razão de estado.

Erector, Protetor e Presidente  
é tudo o Soberano da Deidade  
que uniu o Majestoso ao excelente.

Na virtude da mesma imunidade,  
tudo quanto se encerra faz presente,  
por excelência a tanta autoridade.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil.  
Erector, Protetor da Academia Brasílica.

### SONETO

Régio Palácio, Pindo dedicado,  
Passo é de Minerva da Excelência,  
que excede de Minerva a afluência  
onde o melhor Apolo é excelsado.

Nesse Côro Musal mais inspirado,  
como encerrada, tem a Presidência,  
razão de estado da magnificência,  
não se expor quando tem razão de estado.

Erector, Protetor e Presidente,  
é tudo o Soberano da Deidade,  
que uniu o Majestoso ao excelente.

Na virtude da mesma imunidade,  
tudo quanto se encerra faz presente,  
por excelência a tanta autoridade.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei do Estado do Brasil, em quem ajuntou e dotou a natureza superabundante, as prendas de todos êstes Monarcas: Protetor dos Doutos, melhor Mecenas dos Singulares da Academia Americana.

### SONÊTO ACRÓSTICO

Vespasiano; em liberalidade.

Antonino; por pio e virtuoso.

Segismundo; aos bons sempre amoroso.

Constâncio; nos costumes e piedade.

Ordonho; sempre na benignidade.

Flávio Júlio; na fé mais fervoroso.

Eurico; nos progressos vitorioso.

Rodolfo; em singular felicidade.

Nestor; o mais perfeito na prudência.

Aurélio; vencedor sem ser vencido.

Na paz e guerra, arte de Ciência.

Dos Doutos Protetor esclarecido,

Esclarecido César na ascendência,

Sifebuto; Mecenas aplaudido.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Oriente e do Ocaso.

### SONÊTO

Luzeiro mais que o Sol, Sol Majestoso,

de pólo a pólo a luminosa face,

sem haver Prometeu que a luz roubasse,

respeitando-vos Jove poderoso.

Será o Sol Rei, Celeste Luminoso,  
desde seu Oriente donde nasce,  
que sábio nasce o César e renasce,  
do Oriente ao Ocaso, mais ditoso;

Na cítara suave canto o caso,  
ouvi César sem menos do excelente,  
ao pobre Pegureiro do Parnaso.

De maior Luminar preeminente,  
o Oriente trouxestes ao Ocaso,  
e do Ocaso fizestes Oriente.

[*Sem indicação de Autor*]

Parabéns à Bahia por se ver enobrecida com a  
notável Academia, que nela estabeleceu o  
Excelentíssimo Senhor Vice-Rei.

Por um Natural

### SONETO

Alvíssaras, ditosa Pátria amada,  
cobra brio, respira nôvo alento,  
pois das cinzas do teu esquecimento,  
como Fênix, te vês ressuscitada.

Mas donde tanta glória agora achada  
ó Bahia! Será porque és assento,  
Trono sempre elevado, e opulento,  
da melhor pena, da melhor espada?

Quem duvida que a tanta Majestade,  
grandeza, e superior preeminência,  
te subiu a real benignidade,

Timbre, brio, braço, magnificência,  
daquele grande Herói que nesta idade  
César mereceu ser por excelência.

[*Sem indicação de Autor*]

Sobre a instituição e promoção da nova Academia nesta Cidade da Bahia, cujo Autor, e Patrono é o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses a fim de se compor, e dar à luz pública uma História, ou Relação universal de todo o Brasil cujo cuidado se cometeu a Ministros doutíssimos, Presidentes da mesma Academia.

### DÉCIMAS

Dar do Brasil na Bahia  
uma História universal,  
é todo o fim principal  
desta nobre Academia.  
Só ter um César podia  
tão fidalgos pensamentos;  
concorrendo sempre atentos  
ao timbre das suas glórias,  
para tão doudas memórias  
tão sábios entendimentos.

Foi por muitos dividido  
desta notícia o cuidado,  
para que fique êste Estado  
inteiramente servido.  
Tôda a potência, e sentido  
se vê na obra empenhar-se.  
O não chegue em vez de dar-se  
(como é bem que seja) ao prelo  
de tanta noite o desvêlo  
algum dia a mal lograsse.

Desse à luz êsse desenho  
na fé do grande partido,  
que já logra, em ver-se unido  
para o purgar, tanto engenho.  
Ponha-se em praxe êsse empenho;  
faça-se um grande Tratado,  
no qual da Europa invejado  
com frase e estilo profundo,  
corra pelo velho mundo  
êste nôvo debuxado.

E tu Brasil beija os pés  
 ao César, que te governa,  
 por dar-te uma fama eterna  
 neste obséquio que te fêz.  
 Quão soberbo desta vez  
 ficarás! mas com razão,  
 vendo-se nesta ocasião  
 Ministros tão consumados  
 tanto à porfia empenhados  
 nesta tua Relação.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César  
 de Meneses.

### SONETO

A lança forte, e pena nunca ingrata  
 de César contendiam a porfia  
 e enquanto a pena com tinta escrevia  
 com sangue escreve a lança em mar de prata.

Aquela que do corpo almas desata  
 e essa que de inveja enche a Talia  
 de Anfião imitando a harmonia,  
 e de Hércules prisões com que almas ata.

Com pena, e lança César mais se adorna  
 a quem Marte, e Minerva fazem claro  
 dando prêmio de louro sempre verde.

Com vantagem ao mundo um César torna  
 que aquêle em pelejar, e escrever raro  
 à vista dêste a lança, e pena perde.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 23 de Abril — à Academia

À Empresa da Academia *Sol oriens in occiduo.*

### DÉCIMAS

Nascer o Sol no Ocidente,  
 quem jamais tal coisa viu,  
 se na Oposição caiu  
 ser Sol pôsto, e Sol Oriente?  
 Mas bem caiu, que um Luzente  
 e mais gigante farol,  
 mostrando nôvo arrebol  
 quando aquêle Sol caía,  
 Sol mais claro então se erguia  
 para ser o Sol do Sol.

Pôr o Oriente no Ocaso,  
 fazer do morrer nascer,  
 inuí maior poder,  
 e faz assombroso o caso;  
 faz divina e não acaso  
 esta empresa, pois que assombra,  
 que se um Sol ao Sol assombra,  
 e o Sol uma Sombra fica,  
 em que seja Sombra rica  
 é do Sol o Sol a Sombra.

*De Luís Canelo de Noronha.*

Em louvor da nossa Academia com o título  
 de Brasília.

### SONETO

Esta Aula do Brasil heróica empresa,  
 que Academia Brasília se chama  
 cuja luz há de dar brilhante flama,  
 cuja Esfera há de ter tôda a grandeza:

Se do Brasil a célebre franqueza  
 com tal consternação a move, e inflama  
 quanto aos brados terá soberba fama,  
 quanto às composições grande riqueza.

Nesta América podem ter segura  
 execução os seus altos empenhos,  
 todos os seus escritos formosura.

Pois não hão de faltar aos seus desenhos  
suavidade na Pátria da doçura,  
agudeza na terra dos Engenhos.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita*

Em louvor da nossa Academia com o título  
dos Esquecidos.

### SONETO

Nesta ilustre Academia a quem a História,  
e a Poesia hão de dar o fundamento  
competindo uma, e outra alento, a alento  
se há de cantar por ambas a vitória.

O ser dos esquecidos tem por glória,  
mas com diverso efeito, e sentimento,  
quanto se humilha mais no esquecimento,  
tanto mais se levanta na memória.

Os seus Alunos sairão prezados  
do silêncio em que estavam escondidos  
a vida nova, empregos duplicados.

E se em outras Potências, e sentidos  
os vivos podem ser ressuscitados,  
êles serão lembrados, e esquecidos.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita.*

Sôbre a Empresa da Academia, o Sol nascido  
no Ocidente.

### SONETO

Mudou o Sol o Berço refulgente,  
ou fêz Berço do Túmulo arrogante  
galhardo onde se punha agonizante  
com Luz no Ocaso, e sombras no Oriente.

Não morre agora o Sol, quer diferente  
no Aspecto, se na vida semelhante  
no Oriente nascer menos flamante,  
e renascer mais belo no Ocidente.

Fênix de raios a uma, e outra parte  
comunica os incêndios, e fulgores,  
porém com diferença hoje os reparte.

Nasce lá no Oriente só em ardores,  
no Ocidente a ilustrar Ciência, e Arte  
renasce em Luzes, vive em resplendores.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita*

Na reflexão feita no dia em que se deu forma à  
nossa Academia, sôbre ser o de Santo Tomás  
de Aquino.

### SONETO

No dia da maior honra de Aquino  
se instituiu o emprêgo soberano,  
de falar dêste Império Americano  
por belo, e por remoto peregrino.

No trânsito de tal Herói divino  
tão alto emprêgo, não parece humano  
não houve escolha em tempo, não engano,  
pareceu contingência, e foi destino.

Na ocorrência que um Santo se venera  
por coluna da fé veio a ventura  
dar forma à nossa literária Esfera.

E se teve mistério a conjuntura  
que há de durar a Fábrica se espera  
que em fé, Coluna, e sorte se assegura.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita*

Em louvor da nossa Academia, compreendendo  
os Assuntos dos seis Sonetos antecedentes.

### ROMANCE

Douta Palestra de sábios,  
das Letras alto edificio,  
Templo da memória adonde  
são os simulacros vivos.

Capitólio venerando  
onde é Ídolo o Juízo,  
são vítimas os conceitos,  
e os Estudos sacrifícios.

Anfiteatro da Fama,  
das ciências obelisco,  
Troféu adonde as Potências  
têm suspensos aos sentidos.

Compêndio da Erudição,  
de toda a elegância Arquivo  
em que a lição chega a pasmo,  
passa o discurso a prodígio.

Com o Protetor que tendes  
tão excelso, e tão invicto  
a quem deu o Tejo cultos,  
e pagou párias o Indo,

Que Vice-Rei de dois Impérios  
opulentos, e estendidos  
só das ações fêz Tesouro,  
das riquezas desperdício,

Permanecereis eterna  
apesar do rigor nímio  
do tempo, e suas injúrias,  
da morte, e seus homicídios.

Bem por emprêsa tomastes  
no Ocidente ao Sol nascido  
manifestando-lhe o Berço  
adonde tinha o jazigo,

Porque o nosso Protetor  
por Esfera, e glória altivo  
para abundar ao Ocidente  
de luzes, e benefícios,

Quando no Oriente estêve  
tendo até no Sol domínio  
não quis trazê-lo no carro,  
e no Berço o tem trazido.

Com fantasia contrária  
chamar-vos dos esquecidos  
gentil ênfase parece,  
ou foi discreto delírio.

Título mal conformado,  
Enigma bem entendido  
informando esquecimentos,  
e memórias prevenindo.

Nesta Figura se vê,  
como em rascunho indistinto,  
que os esquecidos lembrados  
hão de ser por êste arbítrio.

Caducarão as memórias  
de Túlio, Salústio, e Lívio,  
andarão a rasto as penas  
de Ovídio, Homero, e Vergílio.

Porque hão de subir mais alto  
em Metro, Elegância, e estilo  
um Cunha, um Gama, um Barbosa,  
um Soares, e dois Britos.

Se do Brasil derivais  
o sobrenome, é preciso,  
serem liberais os partos,  
pois o terreno é tão rico.

Doce há de ser o trabalho,  
e suaves os escritos  
onde o açúcar anda a montes,  
onde corre o mel a Rios.

Foi ponderação piedosa  
dos vossos Alunos dignos  
o dia em que se formou  
êste Colégio erudito.

Porque veio a ser no próprio  
de Santo Tomás de Aquino,  
sendo êste sucesso acaso  
como se fôra previsto.

Porém não foi contingência,  
mas especial auspício  
pois só um Doutor celeste  
pudera dar-lhe princípio.

Florescei Palestra insigne  
logrando em seguro Asilo  
no Protetor tanta glória  
no Santo tal Patrocínio.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita.*

Repente ao qual deram assunto os acidentes do tempo, e as circunstâncias do dia 23 de abril (conjunção de Lua nova) em que se abre a nossa Academia Brasílica.

### SONETO

A ver do Sol o nôvo nascimento,  
a nova Lua veio prontamente  
um e outro Planêta no Ocidente  
trazendo o seu efeito, e movimento.

O Sol em raios grande luzimento,  
a Lua em águas copiosa enchente  
assistindo a Academia mais ciente,  
e concorrendo a dar-lhe o fundamento.

Para encher ao Congresso de favores  
mais se expende um Planêta, outro mais arde,  
o dia repartindo em seus primores.

Ambos fazem do seu obséquio Alarde  
um em cristais, e outro em resplendores,  
a Lua de manhã, e o Sol de tarde.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita.*

### Ad Academiam

### MONITIO POETICA

Prodeat in lucem Bahiana Academia, gratum  
Quae nemus ad doctos gignat alumna uiros;  
Sic quia Brasilicis surgens nemorosa palaestris  
Flores, et fructus. Arte uirente dabit:  
Crescet inobscurans priscarum Luce nitores  
Solis ut obscurat sidera mane iubar.

*Emmanuelis Ribeiro Rocha,  
Artium Magistri.*

## In Brasiliensis Academiae Symbolicum Iconismum:

Sol oriens in Occiduo.

## EPIGRAMMA

Igniuomis qui lustra equis rapidissimus orbem  
 Naturae seriem mirifice uariat.  
 Phoebus ab occiduo quadrigas iungit, et auget  
 Lumina, et [eoa] funera luce parat.  
 Haeret im obtutu quis non defixus in uno?  
 Sed lucem stupido picta tabella dabit.  
 Anidum Praeses cum sol sit fuluus Apollo,  
 Nascitur unde ortum sacra Poesis habet.  
 decantabat

*Iosephus de Oliveira Serpa.*

Em louvor da preclaríssima nova Academia  
 dos Esquecidos.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

O Livro dos Esquecidos  
 desencadernado andava,  
 mas já na memória impresso  
 hoje sai livro de pasta.  
 Oculto andou por não ter  
 capa que encobrisse as faltas,  
 porém de tudo hoje zomba  
 por ter Excelente Capa.  
 Ora pois se tanto brilha  
 deixando a forma em que estava,  
 em sinal de aplauso e festa  
 quero levantar-lhe estátua.  
 A Estátua de Nabuco  
 aqui vem como pintada,  
 e a trago de Babilônia  
 por ter composições várias.  
 Cabeça de ouro excelente  
 é quem a Academia ampara  
 e por ser cabeça excelsa  
 merece ser coroada.  
 Com a prata os Epigramas  
 Canções e Silvas compara  
 a Musa, que estas Poesias

são lindas como uma prata.  
 Saem de bronze os Sonetos  
 que por valentia rara  
 armados de ponto em branco  
 têm da Poesia a vanguarda.  
 São de ferro as Glosas lindas  
 por prenderem bem limadas  
 como em correntes os Motes  
 com que as Décimas rematam.  
 Finalmente os meus Poemas  
 por não terem boa massa  
 são de barro quebradiço  
 que se estima em pouco, ou nada.  
 Vinda do monte da inveja  
 nem a pedrinha nos falta,  
 pois há quem a mão esconda  
 e atire ao barro a pedrada.  
 Mas aqui desejo rir-me,  
 por ver na história trocada  
 tornar-se conveniência  
 a ruína que esperavam.  
 Cuidava fazer-me a peça,  
 mas o Néscio não repara  
 que o barro quando tem pedra  
 melhor fortalece a Taipa.  
 Debaixo dos pés a meto,  
 e fique a pedra embarrada  
 porque é justo assim se vejam  
 pedrinhas que a tudo embarram.  
 A pedra enfim se aniquila,  
 e a nossa Estátua se exalta  
 que o que lá cresceu na Pedra  
 aqui nos cresce na Estátua.

*José de Oliveira Serpa.*

### EMBLEMA

Solis ab exortu capiunt sibi Sidera lumen,  
 Solis ab exortu lumen et orbis habet.  
 Sol tamen haud lucet, lucent dum Sidera; namque  
 Sole cadente, micant, sole micante, cadunt.  
 Sed quia in occiduo, Caesar, te uidimus Orbe,  
 Sol oriens, solem uidimus, astra simul.

Aula polus, Sol Caesar, sunt qui deinde sequuntur,  
Sidera, quae solis lumine clara micant.

[*Sem indicação de Autor*]

Nobili recens natae Academiae, Cui in Symbolum:  
Sol Oriens in Occiduo.

### EPIGRAMMA

Nasceris, occiduis Phoebos exoriente sub undis:  
Eque rogo ad cunas retroagente gradus.  
Dumque uides tanto lucem sub Sidere, quid ni  
Te manet aeternus, clara Palaestra, dies.

[*Sem indicação de Autor*]

Em louvor da Academia.

### DÉCIMA

A louvar venho, Senhores,  
esta nova Academia,  
que neste Mês principia  
qual primavera de flôres:  
se o Sol com seus resplendores  
se ostenta no Mês de Abril,  
vereis aberta ao buril  
em quatro estampas famosas,  
pelas mais sublimes Rosas  
a história do Brasil.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 23 de Abril

Aos Acadêmicos.

## ROMANCE ENDECASSÍLABO

Quem, senão vós, ó sábios Esquecidos,  
Neste Liceu daria heróico assunto,  
Se para glórias do Brasil famoso,  
Para brasões do César mais augusto?

Quem, senão vós, no ritmo os mais suaves,  
Quando na eloquência os mais facundos,  
Faria com louvável rendimento  
Calar o Cisne, emudecer Mercúrio?

Quem, senão vós, sendo em ciência raios,  
Por não dizer que sois de Apolo alunos,  
Saberia do louro seu contrário  
As coroas tecer para os triunfos?

Quem, senão vós, formara em tal palestra  
Do mesmo Céu um natural debuxo,  
Para melhor que o Sol na esfera quarta,  
Neste vosso apogeu dar luz ao mundo?

Quem, senão vós, logo ao nascer mostrara  
Os fulgores claríssimos, que muito  
Tem por troféus da luz já consumados,  
Não sendo mais que de esplendor prelúdios?

Quem, senão vós, fizera ao Museu vosso  
Os antigos Museus pagar tributo,  
Se de alabanças em gostoso obséquio,  
De adorações em reverente culto?

Quem, senão vós, fundara neste monte  
Templo às Musas tão grato, e tão jocundo,  
Que apesar do Parnaso, e mais do Pindo  
Por amor dêste monte deixam tudo?

Quem, senão vós, enganara a Febo,  
Fazendo-lhe entender que o seu mais puro  
Luzimento de gala mais alegre  
Comparado com o vosso é triste luto?

Quem, senão vós, pudera milagroso  
Fazer que a luz fôsse das trevas fruto,  
Senão a vossa memória ilustre, e clara  
Filha do esquecimento mais escuro?

Quem, finalmente senão vós, pudera  
Com os impérios do Sol, Mecenas Luso,  
Nesta hora trocar a noite em dia,  
Régios feitos, do seu nobre influxo?

Gozai-vos pois, ó palestritas sábios,  
Dêste bem, sendo nêle tão diuturnos,  
Que a mesma ave de Arábia em vós aprenda  
A vencer imortal, do tempo o curso.

Lustrai famosos, triunfai brilhantes  
Da inveja dos séculos futuros,  
Tendo para mais glória o lustre vosso  
Perpétua duração de eternos lustros.

Desejo, mas não sei, melhor louvar-vos;  
Perdoai-me benignos êste absurdo,  
Pois levam os erros meus nos meus afetos  
A recomendação para os indultos.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Aos Acadêmicos.

## INVITATÓRIO ENDECASSÍLABO

Se até agora esquecidos na memória,  
fosteis, ó Cisnes, do terreno pátrio,  
glória de Luso, nunca defectível,  
lustre de Ulisses sempre soberano;

Do hoje em diante mais esclarecidos,  
sereis da fama, Heróis, venerados,  
já pelo acento das Canoras Musas,  
já pelas Vozes do Sonoro Canto;

Se até agora a fortuna por escassa,  
negou cega o favor, cega o cuidado,  
de exaltar vossos nomes sempre excelsos,  
lá mais acima do planêta quarto.

Nem sempre a sem razão do esquecimento  
pode ajudada do invejoso fado,  
aos méritos negar o louvor justo,  
o prêmio subtrair aos feitos claros;

Desde agora cantando, e escrevendo  
cláusulas ternas de contentos sábios,  
fareis, que namoradas as Camenas  
lá vos construam Solios no Parnaso.

Não sei, se a Sorte só foi o motivo,  
que causou à memória tal estrago?  
quiçá dêsse lugar ao esquecimento  
estareis no Ocidente transplantados:

Aquela flor do Sol amante, e fina,  
que desde o berço o idolatra tanto,  
lânguida pára; quando vê detido,  
ou pôsto o Sol na pira de alabastro;

No Zênite, no Oriente, aquêles povos,  
que a Délio ofereciam holocaustos;  
as costas lhe voltavam pouco amantes,  
assim que o Sol passava para o Ocaso:

No Ocidente, Senhores, vossos pletros  
até agora suspensos, e parados,  
que assunto deram para mais memória,  
entregues sedentários ao descanso?

De hoje porém, que abris a Academia  
antes dos esquecidos, já lembrados,  
empregos dais à fama tão crescidos,  
que temo lhe causeis mil sobressaltos;

Já desde agora para eternamente,  
os nomes vossos ficarão gravados  
nos padrões sempre firmes da lembrança,  
e nunca o Letes poderá inundá-los;

Não poderá cruel o esquecimento  
os caracteres apagar dourados,  
com que escreveis em lâminas de bronze  
de vossos elogios os aplausos;

Vivei pois, Fênix novos, escrevendo,  
escrevei, claros Cisnes, sempre dando,  
empenho à fama, resplendor ao Pindo,  
à Côrte admiração, ao Mundo pasmo.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Aos Nobilíssimos Acadêmicos no abrir da  
Academia.

### SONETO

Achado no Poema do Príncipe dos Poetas Espanhóis.

Enchem-se os peitos todos de alegria	Canto 2. oitava 89. verso 5
Com tantas qualidades generosas,	" 1. " 74 " 6
Que excedem as sonhadas fabulosas	" 1. " 11 " 6
As festas dêste alegre, e claro dia.	" 10 " 75 " 7
Eis aparecem logo em companhia	" 1. " 45 " 1
Musas, de engrandecer-se desejosas,	" 1. " 11 " 4
Que coroas vos tecem gloriosas	" 10 " 142 " 8
Com mostras de devida cortesia.	" 1. " 56 " 4
Quanto pode de Atenas desejar-se	" 3. " 97 " 5
Tudo o soberbo Apolo aqui reserva	" 3. " 97 " 6
No templo da suprema eternidade.	" 1. " 17 " 8
E de Helicon a Musas fêz passar-se	" 3. " 97 " 3
O valeroso officio de Minerva	" 3. " 97 " 2
Ilustrado com a régia dignidade.	" 10 " 54 " 3

*Por Antônio de Oliveira.*

Em louvor dos Senhores Acadêmicos da nossa  
Academia Brasílica no dia em que ela se abre.

### SONETO

Nobres Atletas, que em gentil porfia  
pretendeis abalar Platão, e Apolo  
transferindo o Parnaso ao nosso Pólo,  
Atenas colocando na Bahia.

Sereis aos Doutos Norte, aos sábios guia,  
e em vossas obras hão de achar sem dolo,  
os pensamentos remontado idolo,  
elevados primores a Poesia.

Quinta Essência serão, e outro portento  
da Hipocrene as sutis Águas serenas,  
e darão aos engenhos nôvo alento

Quando forem, com glória das Camenas,  
recolhidas ao vosso entendimento,  
e destiladas pelas vossas penas.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

[Conferência de 23 de Abril

Ao Mestre da história natural

Chanceler Caetano de Brito Figueiredo.]

Clarissimum Dominum Caetanum de Brito et  
Figueiredo Brasiliensis Status, Emeritissimum  
Cancelarium, de naturali Brasilia graphice  
disceptantem prosequitur hoc

### EPIGRAMMA

Materiam tibi latam nostra dum America praesta;  
de naturali disseris historia.

Plinius egregius de naturalibus auctor:

Ecce grauis scriptor, Plinius ecce nouus.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Senhor Desembargador Caetano de Brito  
Figueiredo Digníssimo Chanceler da Relação  
do Estado, e Compositor da nossa história  
natural.

### SONETO

Com discreta, e madura providência  
vos coube Brito a natural história:  
a Engenho tão raro, a tal memória,  
era mui natural esta incumbência.

Entrar coa natureza em competência,  
é fazer desperdício da Vitória,  
quando o pincel em lides dessa glória  
acredita em desmaios a excelência.

Este impossível nunca superado  
do pincel mais perito na destreza,  
a vossa pena o tem facilitado;

Escreveis com tal arte, tal viveza  
o natural, tal alma lhe haveis dado  
que é história, e parece natureza.

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro

Praeclarissimo Senatori, Cancellarioque Brasiliae  
integerrimo, nec non Historiae Meritissimo  
Praeceptorum, Domino Caetano de Brito de  
Figueiredo.

### EPIGRAMMA

Historia alma creat, productique arte magistros,  
Ipsam tu doctor gignis, et altus alis:  
Edocet urbanum, ciuile dat esse magister,  
Historia altorem te sonet eximum.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ad Clarissimum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo, Cancellarium Meritissimum.

EPIGRAMMA

Carmen olorinum quisquis capis ore bibaci,  
Carmen olorinum cui penetrale capit.

Brittullianus olor chartis modulatur in istis,  
[Has] cape te caput Brittullianus olor.

Incluti tui nominis studiosissimus  
uenerator.

*Emanuel Nunes Leal.*

Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem  
Caetanum de Brito de Figueiredo in Bahiensi  
Ciuitate Cancellarium Eximium.

EPIGRAMMA

Aurea saecla cupis, sed iam sunt lapsa: quid imo  
Adsunt, si illa cupis, te lege, et illa dabis.

Addictissimus et humillimus seruus.

*Emanuel Nunes Leal.*

In Laudem Nobilissimi Doctoris Caetani de Brito  
de Figueiredo Brasiliae Cancellarii nec non  
Academici Aulici Meritissimi.

ELEGIA

Inter honoratos ciues quot Teutonibus orbis  
Iactat, ut antiquos inter adorat auos.

Parcite felices animae! iam dignus honore est  
Brittus, in ingenio clarus, et arte potens.

Qualis odoriferis exsurgit citrus in hortis,  
Illustratque suis fructibus omne solum:



Ao Doutor Caetano de Brito e Figueiredo  
Eminentíssimo Chanceler da Relação da Bahia  
e Mestre Eruditíssimo da história natural na  
Academia dos Esquecidos.

### SONETO

Douto Brito, eu quisera encarecer-vos  
Pelo muito que alcanço em contemplar-vos  
Quando não fôra então aniquilar-vos  
O empreender totalmente engrandecer-vos.

Tão sublime, e tão alto chego a ver-vos  
Que quero de alabança excetuar-vos,  
Porque aquilo que fôr mais que admirar-vos  
Será mais que obrigar-vos, ofender-vos.

Mais em acovardar-me agradecer-me,  
E mais dever-me em não aventurar-me  
Podeis agora, e não em atrever-me.

Pois sendo a razão de acovardar-me  
Desigual ao louvor, em conhecer-me  
Mais vos sirvo, e assim deixo de empenhar-me.

*Reverendo Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Sapientissimo Viro Emeritissimo Cancellario  
Nobilissimo Domino Caetano de Brito Freire  
Pro rostris Academica methodo  
Perquamoptime dicenti.

### EPIGRAMMA

Lingua oratori praecisa est uiuida Marco,  
In te transpositam quam, Caetane, reor.  
Queis igitur modulis caruit facundia Marci,  
Hisce attestamur non caruisse tuam.  
Totum opus est oris, quo Marci lingua resedit,  
Lingua ualet Marci nil, nisi in ore tuo.

Oferece um amantíssimo venerador  
e obrigadíssimo servo.

Etc.

[Sem indicação de Autor]

Em louvor do Prestantíssimo Chanceler desta  
crudita relação o Senhor Doutor Caetano  
de Brito de Figueiredo.

## ROMANCE

Douto Chanceler, que tanto  
brilhais neste claro Olimpo  
constelação soberana,  
astro harmonioso e subido.

Hoje com os Astros quero  
compor-vos um vilancico,  
de que são luzes as vozes  
em contrapontos luzidos.

E assim para que vos louve  
com acento a vós devido;  
pôsto que da terra a solfa,  
será Angélico o tonilho.

Na vossa inscrição, as linhas  
com admiração diviso,  
que parecem transportadas  
dêsse papel de [safiro].

Os Astros são as figuras  
as chaves os pólos fixos,  
o tempo a eternidade  
de louvores infinitos.

Os signos são os celestes,  
e bem por certo colijo  
sendo em notícias tão vasto,  
sois em seus motos perito.

Estrêlas errantes fazem  
o compasso; em cujo estilo  
não podem descer as vozes,  
pois sobem a competir-vos.

Tenho dado fim ao tono,  
que em brilhantes epicídios,  
cantará eterna a fama  
com mais harmoniosos hinos.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao Doutíssimo Mestre o Desembargador Caetano  
de Brito e Figueiredo Meritíssimo Chanceler.

### SONETO

Apeles merecendo ser aceito  
de Alexandre, Monarca generoso,  
lhe manda por decreto rigoroso,  
que o Sol retrate, com pincel perfeito:

O Pintor entendido, sendo eleito,  
para a cópia sutil do Sol formoso,  
uma sombra só pinta temeroso —  
de não poder guardar tanto preceito.

Quando êle a causa disto perguntava;  
logo Apeles discreto lhe dizia,  
que do Sol só a sombra se pintava.

Eu querendo louvar, quanto em vós via,  
Ó Douto Mestre? a mim me aconselhava  
Que tanto, nem por sombras se fazia.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 7 de Maio \*

Ao Mestre da história eclesiástica

Gonçalo Soares da Franca

Elogii argumentum praebet Reuerendus admodum,  
et Eloquentissimus Dominus Gundissalus  
Suarius da Franca Sacra Brasiliae elementa,  
cuiusque ecclesiasticos progressus mirifice  
disceptans huius in encomium dicatur hoc.

## EPIGRAMMA

Te chronico, felix ecclesia fausta superbit,  
Nam Sacrum eloquium penna sacrata decet.

Ecce coronaris dum extollis, Macte, Coronas,  
Nam qua alios effers, ipsa corona tua est.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

---

\* Deslocadas as composições em homenagem a Gonçalo Soares da Franca para a 1.<sup>a</sup> Conferência, cf. o critério geral estabelecido.

Em louvor do Reverendíssimo Padre o Senhor  
Gonçalo Soares da Franca.

DÉCIMA

Na Academia da história  
pela que agora escreveis,  
eu prometo que fiqueis  
entre os homens em memória.  
Também com perpétua glória  
hão de ficar memorados  
vossos versos sublimados;  
de sorte que entre os nascidos,  
bem que sois dos esquecidos,  
sereis sempre dos lembrados.

*De Antônio de Freitas de Amaral.*

Ao Eruditíssimo Doutor, Historiador Eclesiástico o  
Senhor Gonçalo Soares.

DÉCIMA JOCO-SÉRIA

Gonçalo, ledes a História  
Com tão relevante estilo,  
Que eu não me atrevo aplaudi-lo,  
No que é vossa estranha a glória:  
Mas buscando na Memória  
(Por não ir a história insôso)  
O sal do rifão não môço:  
Da Igreja a telha goteja;  
Digo: que em vós tem a Igreja  
Já de Letras feito um poço.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao Senhor Reverendíssimo Padre Gonçalo Soares  
da Franca.

SONETO

Qual Túlio, em sutileza mais luzido,  
qual Cícero, no saber mais apurado,  
se ostenta hoje mais avantajado,  
o grão Soares em tudo mais subido.

Justo é, o se veja engrandecido  
 um sujeito em saber tão sublimado,  
 que parece fica ali mais exaltado,  
 que o que fôr mais discreto, e entendido.

Publiquem pois as vozes mais sonoras  
 do mais luzido Soares os louvores,  
 para que eterno fique, e na memória:

E triunfando enfim dos vencedores,  
 com sutilezas altas, e deloras, (sic)  
 ficando ali afamado pela história.

*O Padre Frei Pedro da Estrêla;*

Religioso de São Francisco.

In laudem Litteratissimi Praesidis Reuerendissimi  
 Patri Gundissalui Soares.

#### EPIGRAMMA

Exurgas Praeses Musarum Docte Soares,  
 Non apta est sedes ista cathedra tibi;

Quem tripodem docti septem renuere mereret,  
 Quos pingues fructus Graia terra dedit,

Illo tu dignus, tibi soli seruat Apollo,  
 Hac sola solus sede sedere meres.

*Ex Francisciadum quodam.*

Ao muito Reverendo Senhor Gonçalo Soares da  
 Franca, Digníssimo Lente da História  
 Eclesiástica.

#### SONETO

Entendido Orador, preclaro Lente,  
 que da Igreja infundis vida à História,  
 com tanta erudição, com tanta glória,  
 que imortal vivereis eternamente:

Só podíeis bem vós condignamente,  
 com desmedida, insólita, e notória  
 vantagem, nesses livros da memória,  
 a verdade fazer-nos tão patente.

Retumbe o eco dessa voz; e seja  
 do mundo admiração a emprêsa grave,  
 que saber o Brasil tanto deseja;

Douto sòmente vós, claro, e suave  
 abrir podíeis o íntimo da Igreja,  
 porque da História Sacra sois a chave.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Em louvor do muito Reverendo Doutor e Singular  
 Acadêmico o Padre Gonçalo Soares da Franca.

### DÉCIMAS

Só vós com sorte ditosa  
 Soares pelo Universo,  
 admirais no vosso verso,  
 suspendeis na vossa prosa.  
 Se esta estimo por famosa  
 por grande aquêle venero,  
 de sorte, que considero,  
 que sois (dando à pátria glória)  
 nôvo Lívio pela história,  
 pela poesia outro Homero.

Tão canora melodia  
 vossa prosa, e versos têm,  
 que se não distingue bem  
 o que é prosa, o que é poesia.  
 Pois de uma parte a harmonia,  
 e de outra parte a elegância  
 medeia uma tal distância,  
 que julgo (sem muito estudo)  
 não sendo uma coisa tudo,  
 tem a mesma consonância.

Do Acadêmico Infeliz.  
*João de Brito e Lima.*

Ad Reuerendissimum ac Nobilissimum Patrem  
Gundissalum Soares da Franca, Academicum  
Ingeniosissimum.

### EPIGRAMMA

Doctos fama duos celebrat pennata Soares:  
Nominis eiusdem testius alter adest.

Hic autem fama maior, factisque duobus,  
Vnicus ingenio, dignus et eloquio:

Iure igitur merito tempus laudetur in omne,  
Fatali gladius uictus uterque cadet.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

### ALIUD AD EUNDEM

### EPIGRAMMA

Moribus egregiis omnes deuincis ad unum,  
Eloquio pariter, sed probitate magis.

Crede mihi, terris numquam felicior alter:  
Delebunt famam saecula nulla tuam.

Immortale tibi nomen, comitante Minerua,  
Nec te aliud dignum plus, reor, esse potest.

Sidera deinde petes Superis praeclarior ipsis,  
Dicere sic punctum te omne tulisse queam.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

## Conferência de 7 de Maio \*

Ao Mestre da história política

O Desembargador Luís de Siqueira da Gama

Sapientissimum Dominum Ludouicum de Siqueira  
da Gama Meritissimum totius Americae  
ciuilium causarum Praetore, et Elegantissimum  
Academiae Magistrum de ciuili, seu politico  
Brasiliae statu perbelle disserentem plaudit  
hoc Epigramma.

Iurgia qui Brasilum dirimit ciuilia Praetor,  
Ciuita nunc Brasilos ipse statuta docet.

Mora ciuilia ciuilis Praetor adornat,  
Dum nostra proponit, pristina dumque refert.

Ciuile ingenium ciuilia munera poscunt,  
Quid ciuilius hoc munere, et ingenio?

Do mesmo Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Doutíssimo Historiador Político o Senhor  
Desembargador Luís de Siqueira da Gama.

## SONETO

Não se diga, que a Fênix se eterniza:  
Não se ouça, que a Águia nobre o Sol conversa:  
Pois com glória, à de Fênix, mui diversa,  
Seu nome o Douro Gama immortaliza!

---

\* Deslocadas as composições em homenagem a Luís de Siqueira da Gama para a 1.ª Conferência, cf. o critério geral estabelecido.

Melhor, que a Águia, do Sol a esfera pisa:  
 Mais, que Fênix, não teme a Parca adversa:  
 No que espera viver, a glória versa:  
 Na posse do que sabe, se entroniza.

Mas se ainda quem vós sois não tenho dito;  
 Pois a mais vossa glória assim me chama:  
 Mostrai-vos menos, que Águia, em ser perito:

Dareis de então dizer lugar à Fama:  
 (Se nas armas não sois um Gama Invicto)  
 Que nas Letras (só Fênix) sois um Gama.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao Senhor Doutor Ouvidor geral do Cível Luís de  
 Siqueira da Gama sapientíssimo Acadêmico.

#### DÉCIMA

Tôda esta Academia  
 De ouvir-vos se suspende,  
 Pois com vosso estilo entende  
 Se esgota a Filosofia.  
 Aristóteles diria  
 Vendo engenho tão subido:  
 Gama, sêde preferido,  
 De sábio tende o louvor,  
 Que se sois bom Ouvidor  
 Melhor deveis ser ouvido.

*José Pereira de Castro.*

In Eruditissimi Domini, Eximiique Senatoris  
 Ludouici a Siqueira e a Gama Obsequium.

#### EPIGRAMMA

Nil intentatum Lodois, nil linquit inausum,  
 Cum uoce adstrictos traxerit iste uiros.  
 Omnia Seruatatus solerti indagine mentis  
 Digerit, et docta luce nitere iubet.

Offert uouetque Nubilosus.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao Meritíssimo Desembargador Ouvidor Geral do  
Cível o Senhor Luís de Siqueira da Gama  
recitando a história, que compõe na Academia.

### DÉCIMAS

Se Atenas aqui assistira,  
se Arpinas aqui ditara,  
uma fugindo escutara,  
outra escutando fugira;  
mas a Bahia, que admira  
elegância em vós maior,  
se vos atende orador,  
publica em vossos louvores;  
de Ouvidor de tais primores  
se pode ser ouvidor.

Só não sei acomodar,  
nem menos sei resolver,  
como assim sabe dizer  
quem assim sabe julgar;  
de vós se pode formar,  
vendo em vós tantas distâncias,  
um argumento de instâncias  
com notáveis diferenças,  
pois sois justo nas sentenças,  
e largo nas elegâncias.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Em louvor do mui Meritíssimo Doutor Ouvidor  
Geral do Cível Singular Acadêmico o Senhor  
Luís de Siqueira da Gama.

### DÉCIMAS

Prudente jurisconsulto  
a quem nas Letras, que observa  
guarda decoros Minerva,  
e Apolo sagrado Culto.  
Lograis Gama o raro indulto  
de gravares na memória  
vosso nome, tendo a glória,  
que na história, que escreveis,  
das próprias Letras teceis  
o fio da vossa história.

Vosso estilo é tão subido,  
que qualquer o não penetra.  
Um conceito é cada Letra,  
cada palavra um sentido.  
De poucos sendo entendido  
jamais sereis imitado,  
pois com vôo remontado  
vossa pena; a Fama ordena,  
não voe mais outra pena  
donde a vossa tem voado.

Do Acadêmico Infeliz.  
*João de Brito e Lima.*

Ao Desembargador o Senhor Luís de Siqueira da  
Gama prestantíssimo Ouvidor Geral do Cível.

### SONETO

O Gama aquêlé a quem o Orbe aclama  
Argonauta das Ondas do Oceano,  
Passando ainda além do Ser humano  
As balizas foi pôr na mesma Fama.

Também desta o clarim sonoro clama  
O curso remontado e Soberano,  
Que no Mar da Ciência corre ufano  
Argonauta melhor hoje outro Gama.

Um e outro adquirindo suma glória,  
A Fama lhes tributa Vencimento,  
Mas distinta porém essa Vitória;

Porque se é cada qual Sumo portento,  
Aquêlé ficará só por memória,  
E êste por memória, e entendimento.

*Luís Canelo de Noronha.*

Em louvor do Senhor Desembargador Luís de  
Siqueira da Gama, Acadêmico Ocupado, e  
Lente de Política na nossa Academia Brasileira.

### SONETO

Douto Gama, Acadêmico ocupado,  
que de empregos gentis enobrecido  
por fadigas, e acertos conhecido  
o título fizestes bem logrado.

No Pletro, e na Política empregado  
apareceis de acento tão subido  
nas regras de Platão esclarecido,  
com as Ramas de Apolo coroado.

Ditosa ocupação que tanto aumento  
sabe trazer à vossa antiga glória,  
e em tal Esfera põe vosso talento.

Soltai o metro, prossegui a história,  
pois aos cultos do vosso entendimento  
hão de sobrar Altares na memória.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita.*

Maximo, ac Ingeniosissimo Academico Domino  
Ludouico de Cerqueira.

### EPIGRAMMA

Aethereo donec cantat solio pennata iuuentus,  
Hymnisonas uoces, dulcisonasque refert.

Nunc melius Cerqueira refert modulamine crebro  
Dulcisonas uoces, concinit atque magis:

Iure ergo cantus, muto sermone relinquat,  
Dum canis, et cedat laeta iuuenta tibi.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud ad eundem, qui, sicut Sol obscuritates  
effugat, ita ignorantiae caliginem  
perspicacissimo mentis acumine expugnat.

### EPIGRAMMA

Phoebus ut in solio claris lucente smaragdis,  
Lumina difundis, clarior imo micas.  
Vnde tibi Phoebus uictus sua lumina subdit,  
Dum micat iste, mihi lumina nulla placent.  
Ne timeat mundus, sopito sole tenebras,  
Nam retinet soles, hoc rutilante duos.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ad Sapientissimum Senatorem Praesidem  
Curialem Eximiumque Magistrum etc.

### EPIGRAMMA

*Ex [...] in § [...] Siquis in aliena  
34. Inst. de rer. diuis. e etc. (1)*

Historiam ueterum sibi uendicat Aula Priorum,  
Quae iessere sui facta decora Patres?  
Flutua contendis, multo uariata colore,  
Pumice rasa, nouis uermiculata modis.  
Hanc dirimet facilis pro te, sententia litem:  
Materiae eximium, cedere nescit opus.  
Astraeae radios dum uibras, utque Senator  
Curia ciuilis te colit eximium.  
Iustitiae cultus scriptis splendescere cernens,  
Et quidquid iusta dat Themis aequa, manu.

---

(1) Duas linhas de citação, das quais só se identificam formas isoladas.



[Conferência de 23 de Abril

Ao Mestre de história militar

Doutor Inácio Barbosa Machado]

In laudem Elegantissimi Domini Didaci Barbosa  
Machado in Americana metropole  
Absolutissimi iudicis, de militari Brasiliae  
historia deserta disserentis.

### EPIGRAMMA

Barbosa eximius ciuilia praelia pandit.  
Tu Martis lites, docte magister, agis.  
Quisnam excellat, si quaerant, me iudice, neuter;  
quilibet in signis nam mihi semper erit.

Secretário

[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Doutíssimo Senhor Doutor Inácio Barbosa  
Machado, Juiz de Fora desta cidade Mestre  
da História militar Brasília na Academia  
dos Esquecidos.

### SONETO

Treme a Terra, o Ar foge, o Mar se altera  
ouvindo retumbar o horror de Marte  
já ferve a guerra, de uma, e outra parte,  
amedronta-se o Sol, turba-se a Esfera.

Quem da vossa Elegância tal dissera!  
mas tanto pode dar Eloquência a Arte,  
que nas vivas imagens que reparte  
mostra quanto Vulcano só impera.

Vulcano é fogo, se fogo o Entedimento,  
que luzindo com bélicos ensaios,  
quer encher de terror cada Elemento.

Cedem em vosso obséquo os seus desmaios  
no furibundo não, no Heróico alento  
luzes admiram, quantos temem raios.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Sapientissimo Doctori Domino Ignatio Barbosa  
Machado.

### EPIGRAMMA

Marmoreas potuisse olim modulamine tures  
Vinci a Threicio, garrula fama refert:

Fortior ast illo tures non allicit; ipsum  
Threicium Ignatius torruit igne suo.

Do Ocupado

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ad Clarissimum Doctorem Ignatium Barbosa  
Machado Iudicem Forensem Dignissimum.

### EPIGRAMMA

Quem duo suscipiunt concordi Marte laborem,  
Mutua seruata perficit arte manus.

Scriptaque dum tua coniungis, Barbosa, diserte,  
Clarius a docto prodit utroque labor.

Sic fera quod nunquam ualeat delere uetustas,  
Unica seruabit nomen utrumque dies.

Quod quoque tam iunctis Machadus praeficis Orbi  
Scriptis, se iactet nunc Bahiana tuis.

Tuus Venerator.

*Emanuel Nunes Leal.*

Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem  
Ignatium Barbosa Machado in Bahiensi  
Ciuitate Iudicem forensem Meritissimum.

### ENCOMIUM

Aeterna iam fama uiget super aethera fama,  
Virtutemque refers, dum arma, uirumque canis.

Tantus in ore lepos, tanta est facundia, quantum  
 Ad uotumque meum scripta diserta tua.  
 Sed tantum doctrina alios tua praeterit omnes,  
 Ante citos quantum Pegasus ibat equos.  
 Caetera perge igitur tua opuscula prodere, tanto  
 Nec nos priuatos fac, precor, esse bono.  
 Principio Rapis hoc omnes: si cetera dones!  
 Nulla tibi dicent saecula dedisse parem.

Tuus uenerator.

*Emanuel Nunes Leal.*

**Ao** Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado,  
 Meritíssimo Juiz de Fora desta cidade.

#### DÉCIMA

Inácio, quem não diria  
 sois singular entre os mais,  
 quando sois no que mostrais  
 Inácio, sem companhia?  
 inda um Barbosa seria  
 convosco mal comparado,  
 que se em direito é alegado  
 por cortar bem no direito,  
 vós melhor o tendes feito  
 pois sois, Barbosa, Machado.

*De Luís Canelo de Noronha*

**Ao** Meritíssimo Senhor Juiz de Fora, Inácio  
 Barbosa Machado, um dos quatro Mestres  
 da Academia, lendo nela do nosso Brasil.

#### SONETO

Barbosa insigne, cujo engenho agudo  
 é de Minerva o parto que mais preza.  
 Águia na elevação, e sutileza  
 único Fênix, singular em tudo.

Já não pode o meu livro ficar mudo  
pois se ledes da América a grandeza,  
tomando por emprêgo a minha Emprêsa  
deixais acreditado o meu estudo.

Agora alcançará mais alta glória  
a minha voz, seguindo o vosso brado,  
o louro será meu, vossa a vitória,

Porque aos cortes gentis dêsse Machado  
o tronco há de ficar da minha história  
mais útil, mais vistoso, e bem lavrado.

O Acadêmico Vago.

*Sebastião da Rocha Pita.*

Doctissimo, ac Ingeniosissimo Academico Domino  
Ignatio Barbosa Machado.

#### EPIGRAMMA

Olim qui tantum ciuili iure periti,  
Barbosas multos nunc in fama refert.

Nominis eiusdem, Barbosa, peritior extas,  
Ingenii reliquos dexteritate premis:

Te solum porro celebret, sileatque uetustos  
Fama, solo siquidem par sibi nemo fuit.

*[Emanuel Nunes de Sousa]*

Aliud ad eumdem. Brasilica bella scribentem.

#### EPIGRAMMA

Arma tibi Mauors donat, Phoebusque sagittas,  
Solus quidquid habet Mars, et Apollo, tenes.

Cedat Apollo tibi, cedant Mauortia tela,  
Victus uterque cadat, bis dominator eris.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

2a CONFERÊNCIA  
DE 7 DE MAIO



## Oração Do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Brasília

A sorte, e não o merecimento me põe hoje neste prezadíssimo lugar por aquêlo Império, que sôbre a virtude costuma ter muitas vêzes a fortuna, e pôsto que o meu demérito seja tão notório, que faz escusada esta minha confissão, se fôr desnecessária para desculpa dos meus erros, é precisa para testemunho da minha humildade, e para realçar mais a grandeza da honra que recebo na presidência de uma eruditíssima Academia de que sou o Aluno mais indigno, porém a mesma Deidade, que com o emprêgo me deu as Asas, me há de conceder a Esfera, se não fôr para voar a dos seus altos atributos, será para discurrer outros Hemisférios, pôsto que menos remontados sempre relevantes ao meu talento e difíceis à minha compreensão.

É o nosso Instituidor insigne, e Protetor excelso o Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Príncipe que não emulando, porém excedendo a glória dos antigos Césares do seu ilustríssimo apelido protege a tôdas as ciências, e anima a todos os talentos, os quais só com o seu patrocínio podem conseguir os pleiteados louros nos contenciosos Certames das Literárias Palestras. Floresceram na proteção de Otaviano Augusto César, os Poetas Vergílio, e Horácio; na de Cláudio Tibério o Escritor Tito Lívio; na de Domício Nero floresceram Quinto Cúrsio, Sêneca, Epiteto, Sílio Itálico, e Lucano; na de Flávio Vespasiano Plínio o maior; na de Domiciano Flávio os Poetas Estácio, Marcial, Juvenal, o Orador Quintiliano, e o Filósofo Apolônio, e no amparo de Úlpio Trajano luziram o segundo Plínio, Plutarco, Lúcio Floro, Suetônio, e Cornélio Tácito.

Na grandeza a todos aquêles Césares Romanos excede o nosso incomparável César Português, e na glória a todos aquêles Escritores, e Poetas igualam os nossos Cientíssimos Acadêmicos

pelo vivo Numen de que são Alunos, que ordenou esta Academia para lhes eternizar os nomes. Erigiu o Francês Carlos Magno César do Ocidente a Academia de Paris, e lhe deu por Mestre ao insigne Alcuino famoso Oráculo das ciências naquele Século. Fundou Frederico 2.<sup>o</sup> César Germânico a Academia de Viena; o César Carlos 4.<sup>o</sup> Boêmio formou a Academia de Praga, e cada um dêles no tempo do seu Império lhes pôs por Mestres os Varões que havia em Europa mais célebres nas Letras.

Instituiu o nosso ínclito Protetor invicto César Lusitano esta Academia do Brasil, elegendo-lhe por Mestres os talentos maiores, que hoje se acham na América Portuguêsa os Senhores quatro eruditos Lentes, cujas elevadas penas têm servido aos remontados vôos da fama em outros elegantísimos escritos, e cujos nomes não repito por estarem já pelo Senhor meritíssimo Secretário rubricados, e esculpidos neste soberbo Obelisco, que se vai erigindo às suas memórias, ou neste eterno Monumento, que se vai consagrando à nossa posteridade.

Tudo conseguiremos pelo Esclarecido Protetor que logramos, em quem estão tanto em Equilíbrio o valor, e a ciência, que faz se não diferenciem a armas, e as Letras mais que nos instrumentos, assim como só no nome se distinguem Palas, e Minerva: Herói a tôdas as luzes grande, que por todos os Hemisférios traz ocupado os clarins da fama. Para as cenas das ruínas de Pompeu foram necessárias as três partes do Mundo até então descobertas; quatro partes ainda não bastam para teatros das glórias do nosso César, que soube encher os atributos do seu apelido melhor, que Fábio Máximo as medidas do seu nome. Hércules de maior emprêgo, Aquiles com melhor fortuna, Alexandre que achou mais Mundos que dominar, e César que não acha contrários a quem vencer.

Cuidadoso, e vacilante o meu pensamento no assunto que havia de tomar para fazer a minha oração nesta preclaríssima Academia, cujo sistema deixa ao arbítrio dos Presidentes a eleição da matéria em que hão de discorrer se me ofereceram muitas à imaginação. Já se me representava digno objeto do discurso o emprêgo de alguns Heróis, que celebrou a gentildade, cujas ações nas Fábulas correm com licença de verdades, e fazê-las possíveis com o verdadeiro exemplo dos generosos feitos de tantos Heróis Portuguêses, que a memória sôbre as Asas da fama levou à immortalidade.

Parecia-me mostrar, que as peregrinações do nosso Infante Dom Pedro foram maiores, que as jornadas de Teseu, que as aventuras do nosso Cavaleiro andante Dom Álvaro Vaz de Almada, excederam as emprêgas de Hércules, que as observa-

ções do nosso Infante Dom Henrique falando com as Estrélas, e medindo os Mares se avantajaram às do Gigante da Mauritânia, que pela contínua contemplação dos Astros fingiram que tinha o Céu aos ombros, que as viagens dos Argonautas Lusitanos Dom Vasco da Gama, e Fernando de Magalhães deixaram muito atrás as do Grego Jason, e as dos Cartagineses Hanon, e Magon.

Já variando de objeto me levava a fantasia a fazer um exímio Paralelo dos nossos Autores aos mais célebres do Mundo; entre os Escritores João de Barros com Tito Lívio; Frei Bernardo de Brito com Marco Túlio; Manuel de Faria com Cornélio Tácito, e Jacinto Freire com o segundo Plínio; entre os Poetas Luís de Camões, Gabriel Pereira de Castro, Francisco de Sá de Miranda, e Antônio Barbosa Bacelar; com Vergílio, Tasso, Petrarca, e Marino, mas o cuidado ia ainda atrás de outras matérias, mais políticas, e não menos próprias do instituto Acadêmico.

Viam os olhos do pensamento algumas Repúblicas antigas, e me inclinava o desejo a notar os seus Estatutos. Na[s] Ateniense[s] leis tão encaminhadas à liberdade, que passando à excessiva licença a reduziram a uma dura servidão; na Romana tanta ambição de dominar, que por ela se veio a perder; na Lacedemônica, ou Espartana, tal licença nas mulheres, e tanto arrôjo nos homens, que se não pôde conservar; na Cretense, ou Candiana tão demasiado poder no Povo, que como a Víbora trazia no ventre os filhos que a haviam de roer, e a chegaram a destruir; na Cartaginesa também a nímia ambição com que pretendeu senhorear tôda Espanha, e tôda Itália, e o rigor com que punia por leves culpas aos seus maiores Capitães, e Patrícios pelo que veio a perecer. Considerava esta consumida nos seus incêndios, aquelas sepultadas nas suas ruínas, e ainda estava suspenso o meu cuidado na escolha do meu assunto.

Porém, ocupando-me tôda a imaginação a fantasia, e ambição dos homens, e considerando que as suas cegueiras foram causa daqueles defeitos, e estragos, o muito a que tem chegado o seu empenho em adquirir domínios, e que ainda não acharam inventiva com que saciarem o luxo dos seus apetites, nem baliza onde porem termo ao excesso das suas vaidades, me resolvi a discorrer sôbre o fausto dos homens, sôbre as fadigas com que fundaram Monarquias, os meios com que as adquiriram, e ampliaram, pretendendo um só Monarca dominar muitos Impérios, que do seu próprio pêso carregados vieram a cair; as mudanças que tiveram, os domínios a que passaram; e finalmente que a Monarquia Portugêsa há de ser no Mundo Católico mais per-

manente, e mais firme que tôdas as que viu o Mundo Gentílico. Pôsto que o assunto é tão vasto (acomodando-me ao ato, e ao tempo) será breve o discurso.

Largo curso de anos depois do Universal dilúvio com que o Céu quis castigar aos homens, e da sacrílega Fábrica com que os homens intentaram escalar ao Céu não havia mais Edifícios que os Montes, depois se levantaram Montes de Edifícios, Babilônia os Muros, Tróia o Ilião, Éfeso o Templo, Rodes o Colosso, os Anfiteatros, e Coliseus, Roma. Primeiro a[s] ervas do Campo, e as frutas das Árvores eram aos homens suficiente, e regalado alimento da sua vida, depois todos os frutos, e criações da terra, tôdas as criaturas, e produções do mar não bastaram para satisfação da sua gula dispendendo Armarrites, Sardanapalo, Marco Antônio, Nero, e Heliogábalo nas mesas as rendas das suas mais ricas Províncias, e Cleópatra mandando derreter nos manjares as mais preciosas pérolas das orelhas por fazer mais custosos os seus convites, enfasiado o apetite humano dos Faisanes de Milão, e dos Francolins de Chipre se de certo houvera Fênix aquela fantasia de côres, ou fábula de penas, não faltara quem por se singularizar com tão peregrino prato privara ao Mundo da maravilha das Aves, Mãe, e filha de si própria.

O subôrno de um cordeiro foi merecimento em Jacó para alcançar a bênção, e morgado de Isaac, depois as maçãs das Hespéridas, as vitórias do Leão, e da Idra não foram em Hércules serviços para merecer os agrados de Euristeu. Primeiro o Campo de Hebron entre os Hebreus era a sepultura dos seus Patriarcas, Adão, Set, Abraão, Isaac, e Jacob, e entre os Gentios pouca porção de terra o sepulcro dos seus Príncipes, e Capitães Heitor, Ajax, Patrócolo, e Aquiles: uma fogueira o entêrro de Hércules; e outra o de Dido. Depois vestindo a morte as galas, e vaidades da vida fabricaram soberbíssimos Edifícios aos esqueletos dos seus cadáveres, e ao pó das suas cinzas: os Reis do Egito nas Pirâmides, a Rainha de Caria no Mausoléu, os Imperadores de Roma nas Agulhas, e Obeliscos, e até entre os Católicos, grandes Príncipes levantaram para Túmulos suntuosos Templos com maior atenção à fama dos seus jazigos, que ao culto da sua Religião.

Pois o muito que obraram os homens por adquirirem domínios, e pelos ampliar, não tem têrmos a retórica para o expender, nem há nos (sic) Hipérboles encarecimentos com que o declarar em fadigas, forças, indústrias, traições, e impulsos, que se supunha não caberem na Esfera do poder humano, e pôsto que a Natureza parece que dividiu às Nações os Domínios separando-os já com Montes, como em Espanha os Pirineus, em Alemanha os

Alpes, em Itália os Apeninos, em Albânia os Acreseraunos, as Serranias do Atlante em Mauritânia, e do Tauro em Armênia; já com Rios como o Tejo, o Sena, o Pado, o Danúbio, o Gânges, e o Nilo, em Espanha, França, Itália, Alemanha, Ásia, e África; já com os cinco mares Oceano, Mediterrâneo, Vermelho, Pérsico, e Cúspio. Os Montes se viram cortados com ferro, e fogo por Alexandre, por Aníbal, por Ápio Cláudio, por Pompeu e por César: os Mares superados por Jason, por Xerxes, por Enéas, e por Ulisses; e aos Rios mudado o curso natural das correntes como fêz João Hircânio aos de Samaria, Hércules Tebano ao Alfeu, e o Hércules Português Afonso de Albuquerque tratava fazer ao Nilo, servindo-se os homens nas guerras para conseguirem as empêras até das criaturas irracionais, fazendo dos Camelos carros, das Mulas trem, dos Cavalos Esquadrões, dos Elefantes trincheiras, e Baluartes, das Águias Pendões, e das Pombas correios.

Pela ambição, e ciúme da soberania faltaram os homens nos mais estreitos vínculos do sangue, matando os filhos aos Pais, como Asaradax a Senacherib, Filo Pater a Tolomeu Evergetes, Nino o segundo a Semíramis, Nero a Agripina, os Pais nos filhos, como Herodes a Aristóbolo, Tolomeu Dionísio a Beronice, a primeira Cleópatra a Seleuco, e a Imperatriz Irene mandando na sua mesma presença tirar os olhos a seu filho o Imperador Constantino 7.<sup>o</sup>, crueldade de que se scandalizou o próprio Sol, que estando até aquêle ponto no maior vigor dos seus Resplendores súbitamente se escondeu; e por espaço de dezessete dias não quis mostrar-se a Constantinopla por não alumiar com as suas luzes tão abominável tirania. Deixo em graus de parentescos mais apartados, e nas leis da sujeição, e da amizade semelhantes exemplos por serem infinitos.

Foi tão insaciável nos humanos a cobiça de dominar, que alguns Monarcas intentaram reduzir o âmbito da terra ao círculo da sua Coroa, como Alexandre, que se lastimava de não haver muitos Mundos para os conquistar, sem atenção a que um só ombro não pode sustentar excessiva carga, e que um homem não tem talento para o govêrno do Mundo. Adão o primeiro que nêle houve, saindo flamante das mãos de Deus, teve tão pouca capacidade em o reger, que em poucas horas o perdeu, a gentildade que encarece tão robustas fôrças no seu Atlante, mostra que lhe foi preciso passar o pêso aos ombros de Hércules; não só com dois olhos, porém com muitos (qual outro Argos) se pinta o Cetro.

Só pode dominar, e reger tudo quem de tudo foi Autor, e ainda assim o mesmo Deus por nos ensinar criou vários substitutos da sua Onipotência, dando à terra por governadora a Natu-

reza, ao dia por presidente ao Sol, à noite a Lua por visitadora, e até na Fábrica dos Céus dividindo Esferas, repartindo espaços; pôs tantos Ministros quantos são os Planêtas, os signos, as constelações, diversas Estrêlas, umas fixas, outras errantes, delegando-lhes os poderes com que estão influindo, e concorrendo para a conservação do Mundo, e concôrto dos mesmos Orbes celestes.

E que conseguiram os homens em juntar Estados, e ampliar domínios? se não somente apresar-lhes as ruínas, e reduzi-los aos fins, porque a carga moderada pode sofrer-se, a excessiva não pode sustentar-se: com êste conhecimento mandou Antioco Rei de Síria agradecer ao Senado Romano o tirar-lhe muitas Províncias da sua Monarquia; porque com lha diminuir o livrava das fadigas de a sustentar. Os maiores Impérios acharam na sua extensão a sua ruina, vindo a cair derribados do seu próprio pêso, causa porque Augusto deixou escrito por documento a seu Sucessor Tibério, que restringisse até certos limites o Romano, e pôsto se duvidasse então se o dizia por benefício, ou por inveja, o tomou depois por conselho Adriano, e pôs têrmos à Monarquia, mandando derribar a Ponte que Trajano fêz lançar sôbre o Danúbio, e determinando que para o Oriente fôsse o Rio Eufrates a última baliza do Império, abandonando o muito, que já adiante se tinha conquistado.

A duração é inimiga da grandeza, e o tempo nos corpos mais dilatados imprime os maiores golpes. Das sete maravilhas do Mundo, as de Máquina mais soberba viram o seu fim mais abreviado; os Muros de Babilônia arruinados por Ciro; para triunfar da soberba dos Assírios; o Templo de Diana queimado por Eróstrato para deixar memória do seu nome, das tempestades do Ar, e dos acidentes do Tempo, derribadas as Pirâmides do Egito, o Colosso de rodes (que não pôde conservar-se mais que cinqüenta e quatro anos) pôsto por terra ao excesso do seu próprio pêso, e até nos corpos humanos os de mais agigantada estatura (a juízo dos Médicos) estão sujeitos a maiores, e mais contínuas enfermidades.

A existência consiste na mediania, e só no Equilíbrio das potências podem conservar-se os Impérios, porque a proporção é alma de tudo, e assim como no Microcosmos do composto humano, que também é Mundo abreviado, quando as qualidades contrárias de que se compõe andam em competente grau proporcionadas sem entre si terem vantagens não periga a vida, da mesma sorte se no Mundo material as Monarquias estivessem em tal igualdade ordenadas, que não pudessem oprimir umas às outras não se arruinariam tôdas.

Por falta dêste Equilíbrio se não puderam sustentar os Impérios, e foi esta a causa da sua mudança, e da variedade com

que passaram de uns a outros Monarcas, pois vemos que o dos Assírios veio a ficar sujeito ao dos Medos em Arbaces; o dos Medos passou ao dos Persas em Ciro, e no mesmo Ciro tornou outra vez a passar o dos Assírios aos Persas, o dos Persas, e dos Egípcios passou ao dos Gregos em Alexandre, das porções do grego se engrandeceu o dos Romanos ao qual passou o dos Cartagineses nos Cônsules Cipiões maior, e menor, e o dos Partos nos Imperadores Trajano, Severo, e Caracala. Dos fragmentos do Romano se formaram as Monarquias dos Godos, dos Arabes, e últimamente a dos Turcos, e se alguns destes Impérios fizeram mais dilatado o curso da sua ruína foi para castigo de algumas Nações, como o dos Egípcios, e o dos Assírios para flagelo dos Hebreus no cativoiro do Egito, e de Babilônia, o dos Romanos para vingança dos insultos do Mundo, e de si próprios, e hoje o dos Turcos para castigo dos pecados da Cristandade.

Só do Império Lusitano há de ser permanente a Monarquia, e apostar com o Mundo a duração. Sendo entre muitas causas a principal para a sua existência a grande constância com que a Nação Portuguêsa se esmerou sempre na pureza da nossa Fé Católica, desde que a recebeu sem deferir, nem desviar um ponto do sentimento da Igreja Romana; prerrogativa em que se avantajou às outras Nações Cristãs. Esta foi a Pedra fundamental, sôbre que Cristo Senhor nosso quis estabelecer um Império que levasse o seu sagrado Nome às partes remotas, como o prometeu no Campo de Eurique ao primeiro Rei Lusitano, e como o tem feito, e vão sempre executando seus Descendentes, e Successores os Augustos Monarcas Portuguesees.

É a Religião a maior prerrogativa dos mortais, a mais firme coluna das Monarquias. Os Gentios pôsto que erraram tanto no emprêgo da verdadeira Fé, se empenharam de forma no culto da cega Idolatria, que nenhuma coisa antepunham à adoração das suas Deidades: os Tesouros que Enéas salvou da abrasada Tróia foram os Deuses Penates, que levou à Itália: Numa à Deusa Egéria fêz Protetora do Reino de Roma; Licurgo debaixo do patrocínio de Apolo deu leis aos Lacedemônios; Caronda a Cartago no amparo de Saturno; Minas a Creta no auxílio de Júpiter; Sólon a Atenas, no favor de Minerva, e ao Egito Trismegisto na sombra de Mercúrio; os Cônsules, e Senadores Romanos não entravam à conferência dos negócios sem primeiro incensar os Idolos.

Os Gregos attribuiam, as suas fortunas à grande Religião de Alexandre, como os Cartagineses as suas desgraças à pouca fé de Aníbal, êste tão perjuro que faltava quase sempre aos juramentos que fazia pelos seus Deuses, e aquêle tão pio, que até ao Deus que tinha por estranho rendia adorações, como o mos-

trou tomando o Reino de Judéia, pois vendo diante de si com as vestes Pontificiais ao Pontífice Jado se lhe prostrou por terra, e mostrando-lhe os Judeus a profecia de Daniel, em que se lhe prometia o domínio do Mundo os livrou dos tributos, e sacrificou a Deus no Templo. Entre os mesmos Gentios até aquêles que negaram a imortalidade da alma, disseram que era a Religião uma mentira necessária, e útil ao bom govêrno das Repúblicas, e à conservação dos Impérios.

Unidos em um corpo, e uma cabeça os Romanos, e Gregos receberam a Fé no grande Imperador Constantino, e prevaricaram em Constâncio Arriano, em Juliano apóstata, e depois divididos em Império Ocidental, e Oriental acabou um em Augústulo pouco constante na Religião, e outro em Constantino Paleólogo totalmente cismático, e contrário aos Dogmas Católicos. O Império de Alemanha Católica na sua Ereccão no Imperador Carlos Magno prevaricou em Frederico I chamado o Barba-Roxa, em Frederico II, em Ludovico V, rebeldes aos Pontífices, e declarados por Inimigos da Igreja Romana, e depois grande parte daquela vastíssima Região recebeu a heresia do Pérfido Martim Lutero, que separou do Grêmio da Igreja muitos Estados, grandes Províncias, que permanecem na sua cegueira sem lhes poder dar remédio então um dos mais pios, e valerosos Monarcas do Mundo o Imperador Carlos V, nem hoje os seus Augustos Descendentes Sucessores da sua Dignidade, do seu esforço, e das suas virtudes.

Recebeu o Reino de França a Fé Católica em El-Rei Clodoveu, e prevaricou em Henrique III fator de Hereges, em Henrique IV nascido, e criado na heresia, a qual deixou depois de estar na posse da Coroa com grande glória do título de Cristianíssimo estirpando êste tão grande Monarca, como famoso Herói, e seu filho, e neto Luís XIII, e Luís XIV, as heresias dos Ugonotes, e Calvinistas, que em trinta anos de guerras civis haviam senhoreado grande parte daquele florentíssimo Reino.

Itália o Solar da Cristandade recebendo a Fé pelo mesmo Imperador Constantino, tornou em muitas das suas Províncias, e na mesma Roma a continuar as Idolatrias, e depois de extintas, se exerceram em várias partes dela as heresias dos Maniqueus de África, dos Albigenses de França, e as dos seus Naturais, os Fraticelos, os Albados, as de Dulcino, e Margarita, que com grande trabalho pelo curso de muitos anos se vieram a extinguir. Espanha o Patrimônio da Fé a recebeu (estando ainda sujeita aos Romanos) pelo glorioso Apóstolo São Tiago, com licença dos que negam a sua vinda, depois foi prevaricando com a heresia de Prisciliano Galego; com a de Árrio Alexandrino no domínio dos Godos, e tornando à Religião Católica o seu pio Rei

Recaredo degeneraram os seus Sucessores Uvetiva, e Rodrigo desobedientes à Sé Apostólica, e anatematizados pelos Pontífices Romanos.

Porém o nosso nunca assaz louvado Reino de Portugal, recebida a Lei Evangélica, que lhe pregou o mesmo Santo Apóstolo, permaneceu nela tão constante, que no domínio dos Romanos, e os Godos, dos Alanos, e dos Mouros, combatido de tantos contrários da Religião Católica, nunca se apartou da sua observância por temor, fôrça, ou algum outro acidente, florescendo contra a violência daqueles Bárbaros, muitos varões, que dando as vidas em argumento da Religião subiram a ser antorchas no Céu. Donzelas inumeráveis, que receberam o martírio em prova da Fé, e defesa da virgindade, e sendo açucenas da pureza, lírios da castidade, com mais merecimento, e verdade que as flôres da capela de Ariadna, passaram a ser Estrêlas no firmamento.

Depois na obediência dos seus Naturais Monarcas, foi crescendo sempre em perfeição Católica por gratificação dos favores divinos, feitos a El-Rei Don Afonso Henrique, Gedeão Português, a quem falou Deus animando-o contra os Mauritanos, como ao Gedeão Hebreu, contra os Madranitas um, e outro Campeão parecidos nos emprêgos, e nas virtudes as quais comunicadas por êste primeiro Rei Lusitano aos seus Sucessores as viu o Mundo resplandecer com glória incomparável em um Dinís, um Duarte, um Manuel, um Sebastião, um Henrique, dois Santos, dois Pedros, cinco Joãos, e seis Afonsos. Dilatando a Religião Católica pelas mais remotas partes do Mundo, e não querendo em recompensa das grandes ações, e preciosas ofertas, com que serviram à Igreja Romana, mais que o prezado título de obediëntíssimos.

As virtudes de todos êstes Monarcas, se acham epilogadas no seu Augustíssimo Sucessor Rei, e Senhor Nosso Dom João V, Real compêndio vivo de todos os seus atributos, como o tem mostrado, desde que tomou as rédeas da Monarquia na obediência do Pastor Universal, e no culto dos sagrados Templos, não havendo Santuário, que não freqüente com repetidos votos, e dádivas generosas, mandando reedificar uns, e erigir outros, e chegando a sua piedade, e grandeza, não só aos de tôdas as suas Conquistas, mas até aos da mesma Roma, e o seu amparo a tôda a Cristandade, em cuja defesa enviou as suas Armadas, sendo no ano de 1717 a que mandou em socorro da Praça de Corfu no mar Jônio, o desempenho das armas Católicas, contra as Otomanas alcançando-se do Inimigo comum a mais gloriosa vitória, que nos vizinhos Séculos viram aquêles mares.

Esta é a causa porque há de permanecer o Império Português, que em cumprimento do Oráculo divino se vê dilatado nas quatro partes do Mundo, compreendendo na belicosa Europa a nobilíssima Lusitana porção mais Ocidental de Espanha, que escolheu para descanso das suas fadigas o Sol, fertilizada com as suaves correntes dos floridos Rios, Tejo, e Douro, e com as puras águas do delicioso Lima, ou fabuloso Letes. O abundantíssimo Reino dos Algarves, as frescas, e mimosas Ilhas da Madeira, e dos Açôres. Na robusta África, tôda a Costa de Guiné, as vistosas, e verdes Ilhas em que tiveram as Hespéridas o Jardim com Pomos de ouro, e aquela grande parte por onde corre o estupendo Rio Zaire, segundo Nilo, que não concede vantagens ao Egípcio.

Na riquíssima Ásia, a Região mais fecunda, e mais soberba que regam os férteis cristais dos célebres, e caudalosos Rios, Indo, e Gânges, onde não chegou com os seus Exércitos Alexandre, que vencendo em Campanha ao agigantado Poro Rei da Índia, se não atreveu a entrar nela, e voltou para Babilônia. Na América famosa a vastíssima porção que cercam com Vales de neve por um, e outro lado os portentosos Rios, Grão Pará, e da Prata, e corta o de São Francisco pouco inferior aos dois, sendo os três maiores do Mundo; opulentíssimo Brasil, cuja situação não alcançou a diligente Geografia de Ptolomeu, cujo continente não viu a temerária ousadia dos Argonautas, e cujas minas deixou de ver a ciência infusa de Salomão. Servindo o Orbe todo de Base ao Trono do Augustíssimo Senhor Rei Dom João V, de firmeza, e extensão à sua dilatadíssima Monarquia.

Conferência de 7 de Maio

Ao Presidente Sebastião da Rocha Pita

Conferência 2.<sup>a</sup>

Ao Senhor Presidente Sebastião da Rocha Pita.

### SONETO

Rocha eminente, cuja prosa e metro  
 Sôbre as asas da fama aos astros voa,  
 Porque a harmonia, que o teu pletro entoa,  
 Mais mostra ser do Céu, que do Libetro,

É tanta a majestade do teu plectro,  
 Que reverente o Sol desce em pessoa  
 A prostrar aos teus pés cetro, e coroa,  
 Por honrar a coroa, e mais o cetro.

Quando em prosas discretas tanto avultas,  
 E tanto excedes do Caistro as aves,  
 Vejo que a Homero, e Cícero sepultas.

Mas ignoro quais sejam mais suaves,  
 Se em valente eloquência as prosas cultas,  
 Se em furor elegante os versos graves.

Secretário

[*José da Cunha Cardoso*]

Em obséquio do Presidente

O Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita.

#### EPIGRAMMA

Dulcissimas adeo loqueris modulamine uoces,  
 Vt nemo melius te modulare queat.  
 Orpheio, an dubitem, sinum surrexerit alter,  
 Praesidet ingeniis Orpheiis alter enim.  
 Quid facit ille metro? Rupes de sede trahebat,  
 Quidque facis, Rupes, carmina rupe trahis.

*De Antônio Cardoso de Afonseca.*

Ao Assunto Heróico

Do mesmo Autor.

#### EPIGRAMMA

Imperat imperio toga, regna regente Ioanne,  
 cedunt arma togis, arma togata regunt.

Littera et arma Regi multum debere fatentur:  
debent arma manus, littera mentis opus.

Nobilior plusquam manibus mens esse notatur;  
Plus ita debet huic littera quam arma Regi.

Oh felix Academia! fac numerare Triumphos;  
et manus acta Regis, mentis et acta tui.

[*De Antônio Cardoso de Afonseca*]

Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita  
Sapientíssimo Presidente.

### SONETO

De Moisés afirmou a antigüidade  
Que ferindo coa vara a pedra dura,  
Qual rôta veia livre da atadura,  
Manara água com grã velocidade.

Hoje também verá a posteridade  
Quiçá com maior gala, e formosura  
Pela vara de Apolo uma abertura  
Em rocha brotar de água quantidade.

O que pôsto se ao meu entendimento  
Competisse julgar a preferêcia,  
Que se dá entre um, e outro portento:

Eu dissera, que a Rocha reverência  
Preste a pedra; pois dá pobre elemento,  
e Rocha brota um mar de alta ciência.

*Iosephus Pereira de Castro.*

Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita,  
primeiro Presidente da Academia.

### EPIGRAMA

Do canto como troféu,  
Orfeu a rocha atraía;  
desta Rocha a melodia  
também atrai a de Orfeu.

### GLOSA

Até 'gora se esquecida,  
desta Academia a voz clara,  
dificultou, que gozara  
glória o Brasil tão crescida:

Já ninguém hoje duvida,  
que imortal êste Museu  
há de ser; pois timbre seu,  
quer leveis na precedência  
o estandarte da ciência  
do canto, como troféu.

De uma rocha, que nascera  
a cabalina, e que Orfeu  
atrair com o canto seu  
as mesmas rochas pudera;

Eterna a história assevera:  
eu bem cuido, poderia  
tanto, e mais a melodia;  
pois não é coisa tão rara,  
que como a rocha abrandara,  
Orfeu a rocha atraía.

Mas é tal a consonância,  
tal de outra Rocha a brandura  
que atrai a si a doçura  
do próprio Orfeu, sem jactância.

Quanto consegue a elegância,  
 tanto consegue a margia;  
 igualmente hoje Talia  
 adora, como portento,  
 daquela voz o concento,  
 desta Rocha a melodia.

Orais tão suavemente,  
 quando sábio presidis,  
 que as atenções atraís,  
 mais que Orfeu discretamente:

Sois, Senhor tanto eloqüente  
 esplendor dêste Museu;  
 que do Pindo o Corifeu  
 já de vossa voz aclama,  
 que como atraí as da fama,  
 também atraí a de Orfeu.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Em louvor do Senhor Coronel Sebastião da Rocha  
 Pita Acadêmico Real, e erudito desta  
 Academia de que é também Singular  
 Acadêmico e primeiro Presidente dela.

## DÉCIMAS

Rocha louvar-vos suspeito  
 fôra da grandeza minguá,  
 querendo expressar coa língua  
 o que mal pode o conceito.  
 E se o calar é respeito,  
 que inculca glória maior;  
 calar-me será melhor,  
 sabendo, que é nesta emprêsa,  
 não louvar vossa grandeza  
 o mais sabido louvor.

Querer aos mais igualar-vos  
por meios de engrandecer-vos,  
são mais razões de ofender-vos,  
que motivos de obrigar-vos.  
Sem louvor quero louvar-vos;  
pois se digno vos fizestes,  
do louvor que merecestes;  
porém o não saber dar,  
assim vindes alegrar  
o louvor que não tivestes.

Porém se em tão alta emprêsa  
rompem ditames discretos  
os impulsos dos afetos  
os créditos da grandeza  
darei com tôda a certeza  
que nesta Rocha excelente  
se erige o monte eminente  
Parnaso, donde sem dolo,  
é hoje o melhor Apolo  
dêste côro, Presidente.

Tanto assim, que no Horizonte  
desta Rocha Cristalina,  
com a pura cabalina,  
e não do fingido monte.  
Qualquer Cisne desta fonte  
se libar o argento puro,  
que há de exceder-lhe seguro  
ao que de Tebas formou  
os muros, e ao que tirou  
a mulher do centro escuro.

[*João de Brito e Lima*]

Ao Coronel o Senhor Sebastião da Rocha Pita.

### SONETO

Fere a Pedra Moisés co' a sua vara,  
E brotar logo fêz água abundante;  
Toca Apolo essa Rocha de diamante,  
E sair logo faz fonte mais clara.

A da Pedra foi pura e fonte rara,  
 Que um impulso a fêz ser reverberante,  
 A da Rocha um só toque a fêz manante  
 E ser veia mais pura se declara.

Se a da Pedra por doce e cristalina  
 Se bebeu quando estava na torrente,  
 A da Rocha embebeu a Cabalina:

Mas enquanto se bebem na vertente  
 Aquela soube bem por doce, e fina,  
 Esta sabe melhor por mais corrente.

*Luís Canelo de Noronha.*

Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita  
 Meritíssimo Presidente desta Academia.

### SONETO

Ferida no Helicon da Bruta pata  
 A Rocha, donde a Lira Délio afina,  
 Rota do centro a veia cristalina  
 De aljôfar em corrente se desata.

Ficou sendo ao Museu a Fonte grata,  
 E logo o douto Apolo lhe destina,  
 Que concite o furor da Arte divina  
 Seu mentido cristal, líquida prata.

Rocha dêste Museu sem semelhante,  
 Fonte, em que o Nume Cíntio se recreia,  
 Sois co' influxo melhor, mais abundante.

Pois qual outra Hipocrene sempre cheia,  
 Nessa fundamental Rocha elegante  
 Tem a Prosa corrente, o Metro veia.

*José de Oliveira Serpa.*

In laudem Doctissimi Praesidis Domini  
 Sebastiani da Rocha Pita.

### EPIGRAMMA

Tadibus est nactus magnum moderatus honorem,  
 Lucanusque tibi, Corduba docta, decus:

Impiger Antonius Nebrissae, nomine parto,  
 Viuit adhuc fama: saecula prisca ferunt.  
 Plus Bahia suo tandem celebratur alumno,  
 Efferturque super clarior astra poli:  
 Immemor ergo suum taceat Nebrissa, relinquat  
 Lucanum, et Senecas Corduba doctus suos,  
 Laudis enim solum Bahia meretur honorem,  
 Annis posterior, nobilitate prior.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud ad eundem.  
 Congratulatio

### EPIGRAMMA

Inclute, quid referam tantis de laudibus, Heros?  
 Si laudis munus non satis omne tibi.  
 Eloquium superant laudes, de Praeside tanto  
 Attamen hoc unum musa diserta feret:  
 Magnis ingeniis tellus fecunda redundat  
 Brasilia, sed maius non habet ingenium.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ao mui nobre e mui erudito Coronel  
 Senhor Sebastião da Rocha Pita Presidente  
 da presente Academia.

### DÉCIMAS AO JOCO-SÉRIAS

Ser hoje a Rocha ostentais,  
 em que o monte se levanta,  
 do qual a Pegásea planta  
 verteu líquidos Cristais.  
 Com razão tanto avultais  
 no verso altivo, eloqüente  
 na Prosa tão sôltamente,  
 que para afetos prender  
 sempre nos mostrais trazer  
 o vosso engenho corrente.

Dou, que se possa outro achar  
 com seus fumos de Poeta:  
 mas ou lá, ninguém se meta  
 em querer se avantajár.  
 Quando vos queira igualar,  
 será triste a sua dita;  
 pois com distância infinita  
 de sorte o cachimbareis,  
 que a seu pezar ficareis  
 dêsses seus fumos o Pita.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 7 de Maio

### Primeiro Assunto

Quanto deve a República das Letras a  
 Majestade del-Rei Nosso Senhor que Deus  
 guarde verdadeiro protetor delas.

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Cale-se a presunção, cesse a vaidade  
 Dêste quarto planêta, que algum dia  
 Da ciência as escolas protegia;  
 Que isso incumbe a mais régia divindade.

João quinto, que é no trono, e majestade  
 Planêta da suprema jerarquia, (sic)  
 É sol, que à literária monarquia  
 Na proteção segura a eternidade.

Das letras a república, que cega  
 De outro Nume era idólatra, já agora  
 Em melhor Nume seu obséquio emprega.

Já busca agradecida o Sol, que adora,  
 E se ao planêta quarto os cultos nega,  
 Nos que rende ao rei quinto, se melhora.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

Sôbre com que deve a República Literária a  
 El-Rei nosso senhor, que Deus guarde, seu  
 Promotor, e real Patrono.

### SONETO

Quanto o zêlo real tem promovido  
 A tôda a Literária Faculdade,  
 Se capricho não foi da Majestade,  
 Mais que fôrça de gênio há parecido.

Como em bronze estampada, no sentido  
 Deve andar esculpida esta verdade;  
 Senão para incentivo da vaidade  
 Para ser-lhe o Brasil agradecido.

Apare o Douto a pena, o estilo apure,  
 E publique esta nobre Academia  
 Quanto deve ao Monarca Lusitano.

E para que de ingrata a não censure  
 Pague em fôlhas se quer, que escreva um dia  
 O fruto que colhêr em todo um ano.

*Salvador Pizarro de Carvalho e Albuquerque.*

Ao sereníssimo Rei nosso senhor Dom João 5.º,  
 a quem deve a República das Letras, entre  
 os notáveis incrementos de seu ser, o muito  
 alto benefício de sua conservação.

### OITAVAS

Em coros, o Parnaso vão subindo  
 As Naides, que o licor castálio bebem:  
 As Oreades sabendo as que têm vindo,  
 No mais alto do monte já as recebem.  
 Outras tantas Coreas o alto Pindo,  
 O Helicon consagrado em si concebem;  
 E de todos retumba alegremente:  
 Apolo viva, viva eternamente.

Mas, vós Musas, que em vossa alta ciência,  
 Êstes vivas haveis assim querido,  
 Se de Apolo admira a excelência,  
 Com que as Letras no Mundo há produzido;  
 Argumento maior de onipotência  
 Vêde agora num João esclarecido,  
 Num Português, num Rei, do nome o Quinto,  
 A quem melhor se dera o Aracinto.

Vêde, como a ciência êste conserva:  
 No que obra maravilha tão notória;  
 Pois só Deus, que do mal tudo preserva,  
 Preservou para si tão grande glória  
 De Apolo, pois ó Musas, de Minerva,  
 De Mercúrio deixai qualquer memória;  
 E fazei que só louvem os concertos,  
 A quem devem as Letras incrementos.

E vós ó Letras, se até aqui esquecidas,  
 Pois manter-vos não pôde mais Apolo,  
 Em breve ver-vos-ei assaz crescidas;  
 Pois um Rei para vós prepara o colo.  
 Florescei pois felizes; que Luzidas,  
 Dareis a conhecer em todo o Pólo:  
 Que é João, quem vos alenta, sem segundo,  
 Se sois vós, quem sustenta os Reis do Mundo.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao muito alto, e poderoso Rei, e Senhor nosso  
 Dom João Quinto Protetor das Academias  
 do Reino e suas conquistas.

### SONETO

Ditosa idade, século dourado,  
 em que têm as Ciências primazia,  
 nobre Palestra, ilustre Academia,  
 onde os preceitos são razões de Estado;

Ao Monarca mais pio, e mais amado,  
 que de Luso regeu a Monarquia  
 o nôvo ser que tens deves Bahia  
 atento ao teu amor, o seu cuidado.

As Letras acredita o Rei gostoso  
na Côrte, e na conquista reverente  
a projeto tão alto, e poderoso;

Para fazer a tódos mais patente,  
que ser Rei mais prudente, é mais famoso,  
o soldado mais sábio, é mais valente.

*De Francisco Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Serenissimo Regi Domino Ioanni V.

### EPIGRAMMA

Regibus una Sol et tantum spectare corona;  
At te, Ioannes, bina corona decet.  
Regia te domus una, una te donat Apollo:  
Ergo inter Reges bis numerandus eris.

*Iosephus Pereira de Castro.*

Agradece-se à Majestade del-Rei nosso Senhor o  
muito que se lhe deve em ser o verdadeiro  
protetor da República das Letras.

### SONÊTO

A vós a quem por protetor ciente,  
respeita o globo esférico que avulta  
donde aparece, até donde se oculta,  
êsse dos astros Príncipe Luzente.

A Lusitana América obediente,  
tanto zêlo agradece, pois resulta,  
sendo de aulas métricas inculta,  
começar a ser nelas florescente.

Como Atenas é já esta cidade,  
por Apolo vos tem e em fino rogo  
de rei vos quer, venera-vos Deidade.

E eu me [ofereço] em sacrifício logo,  
 para cuja oblação é na verdade  
 vítima o coração, o amor, o fogo.

*De Hierônimo Roiz de Crasto.*

A El-Rei Nosso Senhor que Deus guarde  
 Expondo quanto deve a República das Letras  
 à Majestade do mesmo Soberano Senhor  
 verdadeiro Protetor delas.

Primeiro Assunto Acadêmico

### SONETO

Quanto Atenas, e Roma, viu o Mundo,  
 grande, sublime, raro, e portentoso,  
 cede, ó Rei Soberano, ao Majestoso  
 favor, que as Letras dais, grato, e jocundo.

Tudo, a tanta Grandeza, não. Segundo,  
 mas ínfimo, e menor; respeitoso  
 vos admira: por Sábio, e Generoso,  
 por Invicto, Magnânimo, e Profundo.

As ciências, que ilustrais, só dignamente  
 da Vossa Proteção Áureo volume  
 podem compor, com método eloqüente.

Em vós, quanto vos devem, se resume:  
 que sois Incompreensível; Preeminente  
 Real Enciclopédia, Sacro Nume.

D.O.C.

*Caetano de Brito e Figueiredo*

## Assunto Heróico.

Quanto deve a República Literária a El-Rei  
Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor.

## SONETO

Deve, Senhor, o ver-se ressurgida  
à vossa augusta mão a douta história;  
mas se vós lhe emprestais altiva glória,  
ela vos satisfaz com eterna vida.

Antes de ser por vós restituída,  
alma apenas lograva transitória;  
mas também sem os ecos da memória,  
vossa fama não fôra repetida.

Da história vossa, a estampa só terrena,  
(quando tal proteção a história inflama)  
curto fôra papel, margem pequena:

E assim para subir a etérea chama,  
vós impulsos unis à sua pena,  
asas ela compõe à vossa fama.

Do Acadêmico Obsequioso.  
*Gonçalo Soares da Franca.*

## Ao mesmo assunto.

## SONETO 2.º

Cale-se de Alexandre, e de Otaviano  
sublime proteção a doudas penas;  
que proteção mais alta à nossa Atenas  
canta a fama do César Lusitano.

Quanto expõe liberal, Rei soberano,  
das Letras no Museu as Lusas cenas,  
faz que escasso pareça inda Mecenas,  
deixa que escuro fique inda Graciano.

Mas se por tal ação, favor tão raro,  
nas páginas, que o tempo não consome,  
de João se há de ler o nome claro:

Paga seja, não dívida se some,  
que se as Letras vos devem régio amparo,  
vós lhes sois devedor de eterno nome.

Do mesmo Autor.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

## Assunto Heróico

Quanto deve a República Literária a El-Rei  
Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor.

### SONETO

São, Senhor, hoje as artes, e as ciências,  
pelo lustre, ou valor, a vós devido,  
os tesouros de preço mais subido,  
o ouro de mais altas preeminências.

Sois vós o Sol mais fértil de excelências,  
Real Astro, Planêta o mais luzido,  
que ao mundo, hoje por vós esclarecido,  
amparais com benignas influências.

E se em tudo sois Sol, Monarca ilustre,  
e as ciências são ouro na valia;  
com vossa proteção êste se alenta:

A vós devem as Letras todo o Lustre,  
que o ouro das ciências se não cria,  
sem o favor do Sol, que só o aumenta.

*De Gervásio Sueiro Franco.*

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Quanto as luzes, os astros, e os planêtas,  
 nesse de estrêlas reino sublimado,  
 do Sol devem aos raios, e ao cuidado;  
 sábios devem a El-Rei tanto os poetas:

Inspira o Sol aos astros as secretas  
 influências, com que dão vida ao prado,  
 e as letras em João acham sagrado,  
 com que sempre imortais serão discretas:

Mais devem muito à sacra Majestade  
 do Lusitano Sol, as Letras claras,  
 nesta de ouro feliz, e nossa idade;

Eclipsam-se alguma vez as luzes raras;  
 mas com tal proteção, da eternidade  
 hão sempre as letras presidir nas aras.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Assunto Heróico.

Quanto deve a República Literária a El-Rei  
 Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor.

### SONETO

Invicto Rei da Lusa Monarquia,  
 Patrono augusto do Castálio côro,  
 por quem respira com gentil decôro  
 de Euterpe a lira, o pletro de Talia:

Vós que do Pindo a métrica harmonia,  
 vós que de Apolo o cântico sonoro  
 nas vozes elevais do mais canoro  
 Museu, que a fama a glórias desafia.

Fazci, Senhor, que as Tágides Camenas,  
já que as ampara Majestade tanta,  
tenham do pasmo os ecos por divisa;

Que eu sei que tendo em vós um tal Mecenas,  
cada pena u'a estátua vos levanta,  
cada rasgo um padrão vos eterniza.

*De João de Barbosa e Lima.*

Ao mesmo assunto.

### SONETO

Isento já das Leis do tempo avaro  
o pletro afina Apolo altissonante,  
e já a discreta Musa o relevante  
estilo ressuscita a influxo raro.

A régia proteção, auspício claro  
Minerva a fúria vibra de Tonante  
nos rasgos da cadência mais flamante,  
nas vozes do conceito mais preclaro.

Não temam pois do Pindo as doudas Aves  
no canto articular quebras canoros,  
nos quebras afinar cadências suaves;

Que tendo a impulsos tais régios decoros,  
o pasmo lhes consagra aplausos graves,  
o assombro lhes dispõe troféus sonoros.

Do mesmo Autor

*[João de Barbosa e Lima]*

### SONETO

Com mais sólido, e justo fundamento  
(Como pede o discurso) parecia,  
Que fôsse a singular sabedoria  
Abôrto do Apolíneo pensamento.

Mas acaso não foi, foi sim portento  
Lhe desse o natalício, quem regia  
Melhor as armas, e a razão pedia  
Fôsse do valor filho, o entendimento.

Isto, que fabulou a antigüidade,  
No Lusitano Rei hoje se observa,  
Sem falência, com tôda a integridade.

Mostrando nas ciências, que conserva,  
Que o valor da mais régia Majestade  
Na Lísia produziu, outra Minerva.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

Ao assunto heróico da Academia.

### SONETO

Augustíssimo Rei, claro Mecenas,  
Das prendas de Minerva peregrinas,  
Com cujo amparo as águas cabalinas  
Correm mais afluentes nas Camenas.

Dando da Lísia Côrte a triste Atenas  
Queixas por bôca de Megera indignas;  
Vossas ações de raro pletro dignas  
Nos vôos subiram das doutas penas.

Com caracteres de ouro (a quanto inflama  
Nas lâminas agrave da memória)  
Esse amante infeliz da esquiva rama.

Porém melhor será, que nesta história,  
Voe com vossa glória, vossa Fama,  
Exalte a vossa fama, vossa glória.

[*Idem*]

Pelos mesmos consoantes.

### SONETO

Se o Luso Império logra um Rei Mecenas,  
Para amparo das Letras peregrinas,  
Desatem-se em cristais as cabalinas,  
Em seu louvor, se ocupem as camenas.

Menos desvanecida fique Atenas  
Com quem das brutas máximas indignas  
O jugo sacudiu, e as leis mais dignas  
Co'a espada defendeu, gravou co'as penas.

Que se a Licurgo o amor da pátria inflama,  
E agradecida tão feliz memória  
Lhe consagra o laurel de loura rama.

De João Coronista nesta história  
(Pelo âmbito do Mundo) seja a fama,  
Se em sua esfera cabe tanta glória.

[*Idem*]

Pelos mesmos consoantes.

### SONETO

Não duvido que houvesse outros Mecenas,  
Que as Letras protegessem peregrinas,  
Separando das águas cabalinas  
Infecta turba, de ínfimas Camenas.

Mas nenhum como o Rei da Lusa Atenas,  
Quando livra do centro das indignas  
Turvas correntes, tantas penas dignas  
De dar aos Alexandres, dignas penas.

Que se ao Magno a de Homero o peito inflama,  
Por repetir de Aquiles a memória,  
E de invejoso lágrimas derrama:

Nesta do Luso Rei máxima história  
(Geralmente invejada a sua fama)  
A muitos dará pena a sua glória.

[*Idem*]

Pelos mesmos consoantes.

### SONETO

Mais do que a minha voz (régio Mecenas)  
As do Côro vos louvam peregrinas,  
Dêsse, que move as águas cabalinas,  
Dêsse, que afina os pletros das Camenas.

Cheguem seus ecos à invejosa Atenas;  
Porque veja, que são de aplauso indignas  
Suas glórias, e só de glórias dignas  
Estas dos Cisnes, ocupando as penas.

Para que assim voando a quanto inflama  
De Febo a Pira, sempre na memória  
Laureado vivais da esquiva rama.

E gravada nos bronzes vossa história,  
Daquelas penas asas forme a Fama  
Para voar com elas, vossa glória.

[*Idem*]

Ao mesmo assunto.

### SONETO

Pelas armas (ó Rei do Luso Império)  
Que empunhais forte, com razões temidas,  
Sem repugnância deixareis vencidas  
As partes mais remotas do hemisfério.

Porém nas Letras, que êsse raio etéreo  
Faz da vossa grandeza hoje luzidas,  
Serão vossas ações esclarecidas,  
Da mesma eternidade vitupério.

Bem sei que vossa espada vencedora,  
Por Alcides famoso vos aclama,  
Desde o fúnebre Ocaso, à branca Aurora;

Mas tudo o Tempo acaba, tudo infama,  
Só dos Heróis a fama não devora,  
Porque apesar do tempo vive a Fama.

[*Idem*]

## SONETO

Por discreto axioma está julgado,  
 E dos régios Monarcas admitido;  
 Ser o maior Império mal regido  
 Se não é pelas Letras governado.

O poder grande mal disciplinado,  
 Do mais pequeno às vêzes é vencido,  
 Porque o pouco poder bem instruído  
 Deixa o néscio poder desbaratado.

Fundado nesta máxima vos juro  
 Tendes (ó Rei Supremo) o vosso Império,  
 Nas Letras mais, que no valor seguro.

Que se estas ao poder dão vitupério,  
 Tirando-as vós do feio Lete, escuro,  
 Monarca sereis de um, e outro hemisfério.

[*Idem*]

## SONETO

Os Príncipes, que as Letras ilustraram,  
 Nelas tanto seu nome engrandeceram,  
 Que as memórias dos mais escureceram,  
 É só na fama a sua eternizaram.

Com glória seu estado amplificaram,  
 Aos inimigos tímidos venceram,  
 As mais árduas emprêsas cometeram,  
 Porque as armas coas letras rubricaram.

Assim (ó Luso Rei) espero dome  
 Vossa grandeza, a máquina estrelada,  
 Apesar de que os mármoreos consome.

E com glória aos mais Reis avantajada,  
 Chegará valeroso, o vosso nome,  
 Donde chegar discreta, a vossa espada.

[*Idem*]

## SONETO

Discreto Marte, bravo Apolo Luso,  
 Monarca, o mais augusto, e generoso,  
 Que irmanando o discreto, ao valeroso,  
 Dais às Letras valor, às armas uso.

Legítimo Senhor, e não intruso  
 Vos considero (ó Príncipe ditoso)  
 De quanto ilustra o raio luminoso,  
 Pelo esférico globo circunfuso.

Que se nestes doces pólos estribada  
 Das Letras, e valor, tendes a glória,  
 Bem a podeis julgar eternizada.

Adquirindo por meio desta história,  
 O caduco, o valor da vossa espada  
 O imortal, (pelas Letras) na memória.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

## SONETO

As Letras ama quando mais temido,  
 O Luso Rei, no mundo venerado,  
 E sendo pelas armas respeitado,  
 Se faz (honrando as Letras) aplaudido.

De Marte pode ser favorecido  
 Tanto um supremo Rei, como um soldado,  
 Mas da douta Minerva o sublimado  
 Atributo, é de poucos merecido.

Se disto compelida a Lusa Alteza  
 (A Ciência, que o tempo tinha em calma)  
 Aumentando-a, aumentou sua grandeza;

Renda ao discreto o valeroso a palma,  
 Que se é dote o valor da natureza,  
 A Ciência é melhor, que é dote da alma.

[*Idem*]

Debaixo do mesmo assunto louvando ao  
Excelentíssimo Senhor Vice-Rei.

SONETO

Do Nume, que por sábio em nada erra,  
Jove supremo, seus acertos fia;  
Porque se valeroso a paz regia,  
Discretamente governava a guerra.

Mais, que êste o grande Júpiter da terra,  
De outro Mercúrio os créditos confia,  
Que com armas, e Letras da Bahia  
O frio mêdo, e ócio vil desterra.

Se nas ações do bélico alvorôço  
Tanto (ó César) seguís do Rei a história,  
Que eterno o seu fazeis, e o nome vosso;

Trazendo os esquecidos à memória,  
Que o Lete submergiu, jurar vos posso  
Fareis do Rei, e vossa eterna a glória.

*Do mesmo autor*

Ao assunto heróico da Academia.

OITAVAS

Não só da graça que no nome explica  
Se exorna a Majestade portugêsa;  
Mas tanta dita o céu lhe comunica,  
Que a dita a graça, iguala na grandeza.  
No entendimento, e no valor publica  
Quão liberal andou a natureza;  
Pois nela mais (que em todos) deposita  
Valor, entendimento, graça, e dita.

Este Rei pois, com soberano indulto  
Tem pôsto as Letras no lugar mais alto.  
Porque entende é jardim um Reino inculto.  
Sobrado de valor, de Letras falto.  
Quem a Minerva deu devido culto,  
Lhe não pode dar Palas sobressalto;  
Que parece, que a paz tem confirmada  
A brava pena, coa discreta espada.

Nas Letras, e o valor, a Monarquia  
Do Príncipe prudente se conserva.  
Claudica sem ciência a valentia,  
Sem valor a ciência mal se observa.  
Tão sinônimos são, que se avalia  
A que se chama Palas, por Minerva,  
Tirando-se daqui, por consequência,  
Que anda unido o valor, sempre à ciência.

Logra esta dita o Luso Rei potente,  
Em cujo nome, e ações para mais glória,  
Recopilada em si, vemos presente  
Dos Monarcas passados a memória,  
Que do Lete isentaram sãbiamente  
Sua feliz, e singular história,  
De quem glorioso herdou neste Hemisfério  
O nome, a dita, o valor, o Império.

E se a dita a João no nome cresce  
Por si, e pelos reis antepassados,  
Em quem o Mundo ao próprio reconhece  
Os brios no valor recopilados:  
Por ser o quinto em número, merece  
Para seu nome aplausos duplicados,  
Que entre todos os números, suspeito,  
É o número quinto, o mais perfeito.

Tem Letras cinco, o nome de Maria,  
Também com cinco, o de Jesus se escreve,  
Cinco mil golpes deu a tirania  
No cordeiro mais cândido, que a neve.  
Sacramentou-se o pão no quinto dia,  
Cinco extremos a Cruz de Cristo teve,  
Com cinco escarchas a romã se enfeita,  
Cinco dedos a mão tem por perfeita.

Por rubis cinco o mundo foi comprado,  
 Com cinco pedras Golias é rendido,  
 Quinto foi Carlos de valor sobrado,  
 Quinto Sertório foi, jamais vencido.  
 No Céu quinto está Marte colocado,  
 Foi Quinto Cúrcio em Letras conhecido,  
 A cinco Reis (intrépido guerreiro)  
 Valeroso venceu o Rei primeiro.

Cinco palavras trazem Deus à terra,  
 Cinco ao ladrão da terra ao Céu levaram,  
 Cinco em si fôlhas, a açucena encerra,  
 Cinco ao Tabor a Cristo acompanharam.  
 Cinco preceitos guarda o que não erra,  
 Cinco virgens o óleo só guardaram,  
 Cinco sentidos tem vivente o homem,  
 Com cinco pães, cinco mil almas comem.

Quinto foi Pio, e pio muitas vêzes,  
 Festeja-se a Ascensão no quinto dia,  
 Também é quinto o príncipe dos meses  
 Que fragância exalando as flôres cria.  
 Cinco Reis houve invictos portugueses  
 Que exaltaram a Lusa Monarquia  
 Do nome dêste, que a memória aclama  
 De Megera terror, mimo da Fama.

Se no nome e apelido estão notados  
 Êstes no Luso Rei, graves apodos,  
 Que melhor que por mim significados  
 Os tem dado a entender por régios modos:  
 Aplaudidos serão, nunca imitados  
 De quantos Febo viu, Monarcas todos,  
 Dando seu nome (sem que nada o estorve)  
 Crédito à Lusitânia inveja ao Orbe.

*[Provavelmente de João de Brito e Lima]*

## Assunto Acadêmico.

O quanto deve a República das Letras a  
El-Rei Nosso Senhor.

## SONETO

Se aos Assírios que as Letras inventaram  
Deve o mundo em geral sua valia,  
E a Aristóteles, da Filosofia  
Os princípios que a muitos se ditaram.

Se aos Egípcios primeiros que observaram  
Dêsse mapa brilhante a Astrologia,  
E a Apolo também deve a Poesia  
Quanto em metros Orfeus destros cantaram.

A vós Monarca Excelso deve o mundo  
Mais que a todos, das Letras o desvêlo,  
Neste tempo, e êste século jocundo.

Nenhum corre convosco paralelo,  
Pois sois Quinto no nome, e sem segundo,  
Sábio Rei, digno enfim de imortal prelo.

[*De Frei Avertano de Santa Maria*]

A El-Rei nosso Senhor, a quem, como a  
verdadeiro Protetor seu, deve hoje a  
República das Letras o maior aumento.

## CANÇÃO

Vós, que às minhas humilde (sic), se não culto,  
Vozes apenas fôstes sempre, ó Montes,  
Eco só, mais que aplausos até'gora,  
Ouvi hoje essas vozes, que Horizontes  
Penetrando mais altos, já são culto  
A Deidade maior, que o Luso adora.  
E tu Musa, que o canto desde a Aurora  
De meus anos primeira me ditaste,

Sem ofensa dos bosques, que habitaste,  
 Depõe êsse, que glórias tuas soma,  
 Saial, púrpura toma,  
 Que de corte o vestido  
 Teu acento fará mais atendido,  
 Pois na côrte a libré tem grã valia;  
 Se não é que também de qualquer sorte  
 A tua Poesia  
 É mais própria do monte que da côrte.

Vós João, Quinto sim, mas o primeiro,  
 A quem devem das letras altas cenas,  
 Nada menos, que as armas, tanto aumento,  
 Que à Grécia Portugal melhor, que Atenas,  
 Servir pudera agora de roteiro.  
 Bem que em vós de Alexandre ações atento  
 O Mundo reconhece, ao pensamento  
 Não vos venha invejar a grande dita,  
 Que Aquiles em Homero lhe limita,  
 Que se a vossa atenção tanto consente,  
 Vereis que brevemente  
 Homeros com mais vista  
 Esquecidos renova esta conquista,  
 Que até eu, que desigual me considero,  
 Se da emprêsa a Fortuna me faz digno,  
 Inda por vós espero,  
 Que não me vença Orfeu, nem vença Lino.

Louvem outros embora aquela suma  
 Religião, que faz vosso desvêlo  
 Ser ao culto divino tão afeto,  
 Que em vós notando a fé, medindo o zêlo,  
 Perde Roma as memórias do seu Numa:  
 Aplaudam o valor, digam quão reto  
 Astréia vos coroa, que eu prometo,  
 Que aos Monarcas sejais em tudo exemplo;  
 Mas por hora sòmente em vós contemplo  
 O aumento seu maior, que em vosso amparo  
 Acham as letras raro,  
 Tomando por emprêsa  
 Eternizar a história Portuguêsa.  
 Porém sòmente vós, de quem se espera,  
 Que volume pequeno à vossa história  
 Há de ser tôda a esfera  
 Podíeis dar às Letras tanta glória.

Mais que ao primeiro Afonso, que o liberta  
Do tirânico jugo, que o oprimia  
A vossa proteção o Reino deve.  
Ele o Reino fundou coa valentia  
Do seu braço alentado sempre certa:  
Vós, a quem o inimigo não se atreve,  
Segurança lhe dais, que nunca teve,  
No presídio das Letras, que o Togado  
Vantagens ao valor não cede armado:  
Não foi menos Ulisses destro, e vário,  
Que Aquiles necessário  
Contra o muro Troiano;  
E em Felipe vereis, se não me engano,  
Que fundada em razões da experiência  
A sua presunção em nada néscia  
Temia com prudência  
Só a Demóstenes mais, que a tôda a Grécia.

Faz Afonso, que as terras, que conquista,  
Respirando dos bárbaros concursos  
As melhoras consigam na cultura:  
Vós fazeis, que se ilustrem os discursos,  
Desterrando a ignorância, que os alista,  
O favor vosso às Letras, que segura  
Real Academia, em que se apura,  
Não só com mais vantagem, com mais dita,  
Quanto Grécia ensinou, e Roma dita.  
Invejem os passados Portuguézes  
Esta dita mil vêzes,  
Que se como alentados,  
Por mares nunca de antes navegados,  
Fundaram nôvo Reino em nôvo Mundo,  
Os presentes, a quem as Letras belas  
Dão discurso profundo,  
Como sábios, dominam nas estrêlas.

Qual diamante sem luz, ouro sem toque  
Sentia oculta a ciência sem respeito  
Sempre contrária a sorte a seu desenho;  
Mas já logram as Letras tal conceito,  
Que eu fico, que ao estudo se provoque  
Todo o Orbe Português com tanto empenho,  
Que mui cedo verá, que a seu engenho,  
Na palestra das Letras, que defende  
Soberano favor, o pálio rende

O que a Fama mais sábio Antagonista  
 Em seus anais alista.  
 Ditoso vós Monarca,  
 A cuja proteção, que o Mundo abarca,  
 Quanto ao fogo o metal, que mais se preza,  
 Quanto a pedra mais fina ao polimento  
 Tanto em sua grandeza  
 Hoje devem as letras ornamento.

Pois que estais Letras hoje tão validas,  
 Do Real Protetor a benefícios,  
 Que vos dão as estrêlas preferências,  
 A porfia nos vossos exercícius  
 De vós, em seu aplauso sempre unidas,  
 Tropo, ou flor não se forme de eloquência,  
 Em que, mais que ditames da ciência,  
 De João, de Monarcas alta idéia,  
 Protetor vosso o nome se não leia.  
 Êste dos Reis escrito o nome seja,  
 Que nas flôres se veja,  
 De que sábias Abelhas  
 Em plausíveis, se não iguais parellas,  
 Libando perfeições, mostrem, que ao favo  
 Da Colméia, que ocupa o Lusitano,  
 Dos mais Reis sem agravo,  
 O compõe quanto há nêles soberano.

Canção quando na Côrte  
 Os aplausos te [dê] benigna sorte,  
 A púrpura não creias, que te adorna,  
 Pois na Côrte o louvor todo é quimera;  
 E para o monte torna,  
 Que o saial que deixaste, aqui te espera.

*De André de Figueiredo Mascarenhas.*

Fidem Regis Maiestati.

### EPIGRAMMA

More uolans aquilae sapiens capit astra Ioannes,  
 Excelsique poli sidera clara petit.  
 Hinc probat ad solem pullos; ut luce micantes  
 Rectius humanis rebus adesse sciant.  
 Hos igitur pullos Aquilae iam mente probatos  
 Publica Res, totus qua patet orbis, amet.  
 Palladis electos merito commendet alumnos:  
 Principis est uirtus maxima, nosse suos.  
 Hoc etenim nostro Regi Respublica debet,  
 Artibus illustres dum colit illa uiros.

*De Ioseph de Matos.*

Ao Muito Alto e Poderoso Rei Dom João V.  
 Conservando em seu Reino e Conquistas  
 estudos gerais com aumento universal das  
 Repúblicas.

### SONETO

Quem duvida que Febo luminoso  
 Suspenso fica sem passar avante,  
 Vendo a outro Sol mais brilhante  
 Com novos planêtas mais lustroso.

É Sol claro Dom João poderoso;  
 São planêtas por meio participante  
 Os homens sábios que no Reino amante  
 Logram os influxos do Sol majestoso.

Conheçam logo todos igualmente  
 Quem na República se manifesta  
 Nas armas e nas Letras excelente:

Tôda a luz, que no mundo dar protesta,  
 Daquele Sol lhe nasce reluzente,  
 Que às mais estrêlas sua luz empresta.

*[Ioseph de Matos]*

Ad Serenissimum Regem Nostrum Ioannem V.,  
magni literas facientem, easque summe  
exaltantem.

EPIGRAMMA

Sol, et homo generant hominem; Sol lumina praebet  
Mentibus, atque homini corpora praebet homo.  
Mens homines agitat, cum sit caelestis, origo,  
Et molem totam Spiritus arte polit.  
Est Sol Rex Noster, qui ad Sydera Palladis artes  
Extulit, atque homines Sydera clara facit.  
Inde homines claros reddis, clarissime Regum,  
Nam ut generis hominis, es quoque Sol et homo.

Pangebatur

*Ludouicus Canelo de Noronha.*

In laudem Potentissimi  
Portugaliae Regis  
Ioannis Quinti.

EPIGRAMMA

Ecce tuos animat Rex Quintus, Pallas alumnos,  
Vt quartus flores, Flora, Planeta tuos.  
Forae autem flores marcescunt; Palladis autem  
Flores nunc florent, perpetuoque uirent.  
Palladii maneant dum flores, fama manebit  
Maxima Ioanni, perpetuumque decus.  
Atque Polo supra Quartum quaecumque Planetam  
Maxima sunt, hic Rex omnia Quintus habet.

Cecinit.

*Antonius de Oliveira Filho.*

Ao muito Alto e muito Poderoso Senhor Dom João o Quinto no nome, e quarto na série dos Felicíssimos, e poderosíssimos Reis de Portugal, em cujo potentíssimo Império florescem tanto as Letras.

## SONETO

É o Quarto Planêta refulgente  
 Quem das Letras governa o Douto estado;  
 É o Quinto Planêta sublimado  
 Quem o Império tem mais excelente.

Assim vós Quarto Rei muito eminente  
 As Letras aumentais com grã cuidado:  
 E sendo vós Senhor, Quinto aclamado  
 Um Império regeis o mais potente.

Pelo que sendo Quarto, sois Apolo;  
 E sendo João Quinto Majestoso,  
 Sois Júpiter, senhor da cristandade.

Como sol, como Jove em alto Pólo  
 Dominais; que por Quarto poderoso  
 E por Quinto vos louva a eternidade.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal  
 O Senhor Dom João o Quinto com cujo  
 amparo florescem as Letras no seu Império.

## SONETO

Tanto, Senhor, na vossa Monarquia  
 Com dispêndio Real vejo aumentado  
 O Império das Letras, que afamado  
 Objeto pode ser da Astrologia.

Pois nos Pólos da grã sabedoria  
 Vejo de Astros um céu bem debuxado,  
 E com tantos Planêtas ilustrado,  
 Quantos vos rendem douta melodia.

Desta sorte com vozes circunfusas  
 Vos aclamam Altissimo mil Pólos,  
 E em cada um dos Pólos mil Planêtas;

Em cada um Planêta as mesmas Musas,  
 Em cada uma Musa mil Apolos.  
 E em cada um Apolo mil trombetas.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal  
 o Senhor Dom João o Quinto a cujos pés se  
 humilha o mesmo Apolo.

### SONÊTO

Majestoso Senhor, Rei soberano  
 Que tanto amais na vossa Monarquia  
 Das ciências concorde a harmonia,  
 Que exceda qualquer poder humano.

Já desceu do Parnaso Apolo ufano,  
 E seu trono vos rende, e companhia,  
 Aclamando-vos sua melodia  
 Por Apolo do Império Lusitano.

Nesse trono Real tão celebrado  
 Vos tributam as Musas rendimento  
 E vos adora Apolo mui prostrado.

E assim fica com grã contentamento;  
 Pois se vê de seu trono derribado  
 Por quem pode ocupar mais alto assento.

*De Antônio de Oliveira.*

[Assinatura com letra diferente]

## SONETO EM LOUVOR DO MAIS FELIZ, E PODEROSO REI DE PORTUGAL.

Ó feliz Portugal!	Do teu aumento
Mui suspensos estão	Os mesmos Fados
Vendo os quatro Impérios	Mui prezados
Yntroduzidos	Iá no esquecimento.
As Profecias já com	O complemento
Louvam os teus progressos	Afamados
(Tantas vêzes por	Muitos desejados)
Os quais faze' pasmar	O entendimento.
Se o último Império é o	Quinto,
Es tu o quinto Império	Venturoso
Neste QUINTO	IOAM Rei soberano.
Humildes já confessam	(No que sinto)
Os primeiros qu' em Letras	Tão pomposo
Requintado és	Ó quinto Lusitano.

*De Antônio de Oliveira.*  
[Assinatura com letra diferente]

Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.<sup>o</sup>, no grande empenho com que protege, e exalta as letras, assunto heróico da nossa Academia Brasílica.

### SONETO

Monarca, que imperando em tôda a parte  
reinais também no humano entendimento,  
em cujo patrocínio, e valimento  
se levanta a ciência, apura a Arte.

Convosco a Natureza os dons reparte  
já de sabedoria, já de alento  
em tais graus, que não julga o pensamento  
qual em vós é maior Minerva, ou Marte.

Louva, das Musas, o Canoro Plectro  
o vosso nome que nos Orbes soa  
insigne Protetor da Prosa, e Metro,

E a fama, que as ações vos apregoa,  
não sabe distinguir da Pena, o Cetro,  
nem separar a Toga, da Coroa.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita*

Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.<sup>o</sup>, no  
grande empenho com que protege, e exalta  
as letras. Assunto heróico da nossa Academia  
Brasílica.

### SONETO

Monarca Augusto da ciência amante,  
Quinto João em tudo preeminente,  
no estilo mais que Cícero eloqüente,  
na observação dos Céus maior que Atlante,

Que elevais a Hemisfério dominante,  
a ordem Literária, a Toga ciente,  
e no Grêmio do Cetro mais potente  
dais às letras lugar tão relevante.

As letras cá na terra sempre invictas  
serão por vós agora sem cautelas  
colocadas na Esfera a novas ditas.

Nesse papel celeste em lições belas  
poreis constelações de nôvo escritas  
luzindo os Caracteres como Estrêlas.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita*

Domine Serenissimo Rege, Dominoque Nostro in  
Collegio Bahiano Litteraria Gymnasia  
sumpbus suis suppeditante.

Ad Palladios candidatos.

### EPIGRAMMA

Prognatam Iouis ut numen coluere Pelasgi;  
Artes augeret quippe Minerua suas.  
Gratia cui nomen, cumulat Rex inclutus artes,  
Protegit et uestras dignus honore Deae:  
Ergo, Tyrones, Regem uenerate Ioannem,  
Viribus e cuius uestra palaestra uiret.

*Emmanuelis Ribeiro Rocha.*

Ad primum argumentum.

### DISTICHON

Quae Iouis e cerebro sapiens Dea fingitur orta,  
Nascitur ex Lusi, credite, mente Iouis.

*Ioseph de Oliveira Serpa.*

Ao assunto heróico.

### SONÊTO

Essa, de Jove parto mais que humano,  
Palas douta, Tritônia belicosa,  
Ao Arnês militar a Toga honrosa  
Antepõe por obséquio ao Lusitano.

As armas, que lhe foram timbre ufano,  
Pelos letras dimite, vangloriosa  
De que nome maior nas letras goza  
Pelo Rei Luso, Jove soberano.

Êstes porém da Toga luzimentos,  
 Porquanto gira o Sol, e o Pólo abarca,  
 De glória para o Rei são instrumentos;

Que elevando-se a Fama às leis da Parca,  
 Tantos são para as Letras os aumentos,  
 Quantos os pregões são para o Monarca.

*José de Oliveira Serpa.*

À Majestade del-Rei Dom João Quinto Nosso  
 Senhor que Deus guarde Reformador das  
 Letras na Real Academia, que tomou por  
 Brasão o seu régio simulacro dando a mão  
 à Figura da História caída, com a letra:  
*História ressurgês.*

### SONETO

De Europa admiração, pasmo do Mundo,  
 Alma de Lísia, glória Portuguêsa,  
 Monarca Augusto, a quem a Natureza,  
 Quando Quinto vos fêz foi sem segundo:

Se a História levantai a ser jocundo,  
 Fica sendo de vossa Real Grandeza  
 Um Elogio mudo cada Emprêsa,  
 Cada Livro um Retórico facundo.

As Letras, que sem graça, e sem Atenas  
 Já sentiam do Letes a desgraça,  
 Aumentadas se vêem nas Lusas penas;

Que para o seu aumento o céu lhes traça  
 Na vossa Real grandeza o seu Mecenas,  
 E no vosso Real Nome a sua graça.

*José de Oliveira Serpa.*

## Primeiro Assunto

Quanto deve a República das Letras a Sua  
Majestade El-Rei Nosso Senhor Protetor delas.

## SONETO

De ti, Monarca invicto, defendida  
rompe envidias la ciencia generosa:  
que mucho, si tu diestra valerosa  
le da la mano, y le introduce vida?

Teatro de tu gloria más crecida  
Licia será, si en tus indultos goza,  
mirarse en tantas luces ventajosa,  
cuanto de ciencias se halla revestida.

Si los sabios intentan a caudales  
eregirte el Padrón más peregrino,  
no pueden ser a tanto empeño iguales:

Adorarte, es del ciclo alto destino,  
pues si a ellos los hace imortales,  
que mucho ellos te adoren por divino?

*João Alv'res Soares.*

## Primeiro Assunto

Quanto deve a república das letras à Majestade  
del-Rei Nosso Senhor verdadeiro Protetor delas.

## SONETO

Con nuevo lustre, pompas revistiendo,  
A la docta tharea el mundo adora,  
Que un Astro regio su dictamen dora,  
Quando está sus progresos protegiendo.

Juanes el que las ciencias erigiendo  
A nuevo oriente, y a mejor aurora,  
El sabio ya no sus desprecios llora,  
Si contento su empleo está riendo.

Quanto deben las letras gratamente  
 A tan Heroyco Protector, no puede  
 Pensarlo el juizio, discurçar la mente.

Esto solo al silencio, al pasmo quede,  
 Que toda carta paga es delinquente,  
 Quando la deuda a toda paga excede.

*João Alv'res Soares*

Augustissimo, ac Magnanimo Domino Ioanni  
 Portugaliae Regi, quem pro Patrono  
 Litterariae palaestrae uenerantur,

### EPIGRAMMA

Qui flammam quondam summo detraxit Olimpo,  
 Patrono debent saecula multa suo.

Multa suae Cereri pariter debere fatetur,  
 In uento frugum semine, terra Deae.

Sollicito uerum quanto maiore Patrono  
 (Nec fallor) debet docta Minerua tuo?

Iapetidae pluris pendebant lumina prisci,  
 Orpheus est pluris, nec minus ipsa Ceres.

Augustum recte perpende, Minerua, Patronum,  
 Victa Ceres, Orpheus, Iapetidesque cadent.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

### ALIUD AD EUNDEM

Iapetidae mirum munus, quod dextera mirum  
 Principis ipsa dedit: lumen utrumque fluit.

Lumine Iapetidae nituit tantummodo tellus;  
 Regis enim tellus emicat, atque polus.

Iapetides porro fugiat cum lumine raptio,  
 Lumine dum Princeps plauditur iste dato.

Quo praesens superat, Saeuo quod funere mersum,  
 Iapetiden superat gloria Regis eo.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Srenissimus D. D. Ioannes V<sup>us</sup> Portugaliae Rex,  
usurpata ad id Solis metaphora, commendatur.

Ad propositum argumentum.

### EPIGRAMMA

Sol decus astrorum toto dat Lumina Mundo,  
Atque a Sole suum Sidera Lumen habent.  
Sole tamen fulgente, cadunt; abeunte refulgent  
Astra; nec in Caelo, dum micat ille, nitent.  
Munera Solis agit Lysiae Rex inclutus: astra  
Lucida Pierides quis neget esse nouem?  
Non tamen Hesperio dum lumina seminat orbi  
Ille, puellares obruit umbra faces.  
Mutua luminibus fiunt commercia: lucem  
Aoniae reddunt, accipiuntque Deae.  
Edere non alius polis haec miracula: dici  
Hinc bene Sol Lysiae solus in orbe potest.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimi D. D. Ioanni V<sup>o</sup> Portugaliae Regi ad  
propositum argumentum.

### EPIGRAMMA

Quae modo Lysiatis aberat gens Delia regnis,  
Nunc redit imperio, Rex generose, tuo.  
Profuit exilium; nam maiestate parumper  
Has tibi deposita reddis honore pares.  
Iam grauis in patrias reditus sibi fingitur oras,  
Regalesque pudet deseruisse pedes.  
Quodque sibi multis dederat uix Delius annis  
Perfidus, id prim[a] promeruere die.  
Iure Iyram Phoebos bene delirasse queruntur,  
Infidasque suis uatibus esse fides.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimo D. D. Ioanni V<sup>o</sup> Lusitaniae Regi.  
Ad propositum argumentum.

### EPIGRAMMA

En nouus Hesperiae, sed nomine maior Apollo,  
Qui modo Pierides in sua iura trahit.  
Illum sponte Deae, quo praecipit ire, sequuntur,  
Ad numerosque cient, Rege iubente, melos.  
Nec minor his, dum munus agis, Rex maxime,  
[Phoebi,  
Laus est regifica conciliata manu.  
Nobiliore modos referet dulcedine, dextra  
Regali fuerit quae moderata, Chelys.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimus D. D. Ioannes 5. Portugaliae Rex.  
Musarum cultor commendatur.  
Ad propositum argumentum.

### EPIGRAMMA

Quae domus illustris celebrat monumenta  
[Mineruae,  
Te colit, o Princeps, nomine clara tuo.  
Id tibi ni faciat, uix tanto aequabit amori,  
Sudet ab ingeniis quamlibet illa suis.  
Tu modo regificam Musas deducis in aulam,  
Et laeto profugas excipis ore Deas.  
Cur non Pieridum exilio gens libera ludos  
Nectere iam, Luso Rege tuente, queat?

[*Sem indicação de Autor*]

In laudem Serenissimis D. D. Ioannis  
5. Portugaliae Regis: ad propositum  
argumentum.

EPIGRAMMA

Hactenus armatas acies educere Castris,  
Inclute Lusiadum Rex, tibi cura fuit.  
Iam nunc arma silent, te praecipiente; Gradius  
Threiciosque petit non rediturus agros.  
Excitat Aonias, facto sibi iure, sorores  
Delius, et laetos ducit in orbe choros.  
Non alius, plures quot iactar Lysia Reges,  
Te praeter, Musas in sua regna tulit.  
Id quodcumque tamen fuerit, Ioue nata fatetur,  
Hoc tibi supremum se meruisse decus.  
Nam, duce te, clarius certe fit clarior; inter  
Regales laurum dum uidet ille comas.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimo D. D. Ioanni V.<sup>o</sup>, Portugaliae Regi.  
ad propositum argumentum.

EPIGRAMMA

Rex, qui fulmineos tractas mauortius enses,  
Cuius et hostiti sanguine dextra rubet:  
Quem Bellona ferox semel haud iactauit in hostes.  
Cui uictrix late plurima laurus inest:  
Terrarum cui magna cadit pars uicta sub armis,  
Saepeque qui terris, aequore saepe tonas:  
Brasila cui collum dedit, atque Europa, superbum,  
Asia quem tellus, Africa quemque timet.  
Dum te Palladias tutari cernimus artes,  
Plus tibi Mauortis nomine, crede, datur,  
Nam qui belligeram prodit, nutritue Mineruam,  
Hunc potius summum creditur esse Iouem.

[*Sem indicação de Autor*]

Serenissimo D. D. Ioanni V.<sup>o</sup> Portugaliae Regi.  
Ad propositum argumentum.

### ELOGIUM

Proscriptae, nescio quo Musae profugerant:  
 Obliteratum prope iam fuerat,  
 Exile, que literarum nomen,  
 Diuturno Apollinis exilio.  
 Vetustissimis Lusitaniae Regibus  
 Bella magis placuerant,  
 Quam imbelles Mineruae ludi placidissimi.  
 Parnasidis lauros uile fuerat auro praeponere,  
 Aut armorum [s]onos uatum somnis  
 [ coniungere.  
 Sopitam tamen quis nescit  
 Id temporis Lusitaniae laudem,  
 Quod procul hinc Musae dormierant?  
 Seruata tamen illa tibi laus fuerit,  
 Rex Augustissime,  
 Ut Deas aliquando ab angustiis uindicares.  
 Auorum omnium praeclarissimus  
 Martis ferociam lirae promulsida attemperasti;  
 Sed non ex es ludet impune hostis,  
 Quod arma interim non potius ames,  
 Quam carmina:  
 Suas etiam caesuras uersus habent.  
 Quin et caeteris felicius regnare diceris,  
 Quod regno addideris Musarum coronas;  
 Refractariae olim Pierides  
 Tuo modo parent imperio:  
 Datisque sponte fidibus,  
 Tuam se spondent fidem accepturas.  
 Gestiant ipsae tanti Regis ex praescripto Regi;  
 Tuncque regnare se credunt,  
 Cum tuis amant studiis inseruire.  
 In solium inuitas, et regios amplexus;  
 Nihil potius, mihi crede, ambiunt,  
 Quam regiis plantis inhaerere;  
 Equibus ditissimos honorum fructus  
 Certo sperant erupturos.  
 Hic demum, spirant felicitatis aura,  
 Tuam fortunatissime aulam attingere:

Habent utique in dulcissimo Lusorum Sidere,  
 Cui uotis inhiant,  
 Quamque [expectant], serenitatem.

[*Sem indicação de Autor*]

## Conferência de 7 de Maio

### Segundo Assunto

Problema, quem mostrou amar mais  
 finamente Clície ao Sol, ou Endimião à Lua.

Supõe o Poeta como certo que Clície foi amada  
 do Sol até o tempo da morte de Leucotoe,  
 e só depois disso deixou de ser dêle querida.

### DÉCIMAS

Uma ninfa, e um pastor  
 São hoje os dois pleiteantes,  
 Qual com ações mais amantes  
 Foi nas finezas maior.  
 Louvaram-se sem temor  
 Ambos no meu parecer;  
 Mas eu já quero entender  
 Que um dêles me há de infamar;  
 É só do, por quem votar,  
 Juiz louvado hei de ser.

Se é do fogo a maior chama  
 Melhor prova em tal questão,  
 Eu julgo contra Endimião  
 Ser Clície a que mais ama.  
 Inclinei-me para a dama?  
 Não estranhe isto a Academia;  
 Que inda que a justiça é gêmea  
 Da razão, lá lhe dão jeito,  
 E se é fêmea o que tem pleito,  
 Todos pendem para a fêmea.

Quando Clície se acendia  
De seu amor nos ensaios,  
Se de si lançava raios,  
Os raios do Sol bebia.  
Em dois incêndios ardia,  
Não sei qual dêles maior.  
Neste repetido ardor  
Quem duvida em tais dispêndios  
Que com dobrados incêndios  
Seria dobrado o amor?

Ao Sol que não se despreza  
De mostrar as paixões d'alma  
Lhe dava Clície mais calma,  
Que sua própria natureza.  
Como Endimião tal fineza  
Trinta anos aborrecido  
Nunca logrou, não duvido  
Que o seu amor fôsse a menos,  
Pois só os afagos de Vênus  
Fazem crescer a Cupido.

De Endimião as assistências  
Nunca a Lua agradeceu;  
E se alguns gostos lhe deu,  
Foram do sono aparências.  
Se as boas correspondências  
Ouro são, com que o tesouro  
Do amor cresce, é mau agouro,  
E mais que gôsto é tormento  
Privá-lo do entendimento,  
Para não gozar do ouro.

Na ausência, em que consiste  
De amor a mais cruel morte  
Tinha êle com triste sorte  
Muitas noites vida triste.  
Só Clície ao Sol assiste  
Cotidianamente unida,  
E sempre em vê-lo embebida,  
Logo é clara a consequência,  
Se o amor morre na ausência  
Que Clície lhe dava vida.

Padeceu ela um interno  
 Ciúme; mas Endimião  
 Nunca teve esta paixão,  
 Melhor lhe chamara inferno.  
 Êste é testemunho eterno  
 De quanto em Clície maior  
 Foi daquele fogo o ardor;  
 Que em semelhantes desvelos  
 Nem se acha amor sem zelos,  
 Nem há zelos sem amor.

Desprezada enfim do Sol,  
 Que antes fôra o seu amante,  
 Ainda prova de constante  
 Seguindo o mesmo farol.  
 Convertida em girassol  
 Vence com glória admirável  
 Endimião; e é tão notável  
 No seu brio sempre igual,  
 Que afetos de racional  
 Conserva no vegetável.

Do Secretário  
 [*José da Cunha Cardoso*]

Ao Assunto:

Foi o Amor de Clícia, para com o Sol, mais passivo; e por isso mais fino, que o de Endimião para com a Lua:

### SONÊTO

Quando Clícia formosa por Apolo  
 Os maiores desvelos padecia;  
 O Pastor Endimião então dormia  
 No Látmio monte, reino de Mausolo.

Ali Cíntia tomando-o no seu colo,  
 Deixá-lo seu amor mais não queria;  
 Mas enfim, porque Febo ressurgia,  
 Mui saudosa tornava ao claro Pólo.

Aqui, Clícia a Morfeu dera o alento;  
 Pois era com desvelos desprezada,  
 Sendo o sono ao Pastor merecimento:

Mas quis mostrar-se amante, desvelada;  
 Porque, quem goza o que ama, sem tormento,  
 Muito tem de feliz, de fino nada.

*De Francisco Xavier de Araújo*

Qual mostrou ser mais amante Clície do Sol, ou  
 Endimião da Lua.

### SONETO

Em cuidados de afeto desvelada,  
 Clície o amante adora mais luzido,  
 e quanto êste mais dela distraído,  
 tanto ela em seu amor mais inflamada.

Ama Endimião a Ninfa mais nevada  
 em delíquios de amor adormecido  
 e porque só então correspondido  
 por isso a mágoa então mais afinada.

Vê Clície desprezados seus amôres  
 perde Endimião no sono a vista, e tino  
 para gozar da Lua altos favores.

Qualquer se ostenta amante e peregrino,  
 pois apostar finezas com rigores  
 é fineza a maior de uma amor fino.

*Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao mesmo Assunto.

### ROMANCE JOCO-SÉRIO

Qual se mostrou mais amante,  
 é assunto de que trato  
 se da Lua Endimião  
 ou se Clície do Sol claro.

O amor de Clície ao Sol  
 era amor mui levantado,  
 sendo que o amor da Lua  
 não era amor muito baixo.

O do Sol nunca se muda,  
nem co' tempo se faz vário,  
sendo que o da Lua é cheio  
pôsto que às vêzes minguado.

Tão fina Clície adorava,  
que nem a vida estimando,  
não só morria de amôres,  
mas matava pelo amado.

Enfim se tornou em flor,  
por experimentar acaso  
se mudava de fortuna  
mudando também de estado.

Inda então tinha tais fôrças,  
de fraqueza tinha tanto,  
que à vista ostentava impulsos  
porém na ausência desmaios.

Pelo não perder de vista  
tão veloz movia os panos,  
que enquanto o Sol se não punha,  
girava o Céu todo em claro.

Tão sem interêsse amava,  
que excessos obrando tantos  
de nenhum fazia apreço  
com lhe custarem tão caros.

No Crisol da ingratição  
mais se apura quem amando  
nem o esfriam desprezos  
nem o acovardam agravos.

Assim Clície amando ao Sol  
sem esperar dêle pago,  
mais se ostentava de fina  
quanto êle mais de tirano.

Tanto se mostrava amante  
Endimião desvelado,  
que só por seguir a Lua  
as noites passava em claro.

Obrar excessos de dia,  
não é tão grande trabalho  
como fazê-los de noite  
quando o Corpo quer descanso.

Nas inclemências da noite,  
já nos montes, já nos campos,  
como gado sem pastor  
êste pastor era achado.

Porém vendo-se perdido  
pelo da Lua retrato,  
com desejos de ganhá-la  
êle mesmo andava ao ganho.

E pôsto que o amor da Lua  
seja que o do Sol mais baixo,  
como é hoje qualquer pobre  
por isso mesmo é mais alto.

Só um pobre sabe amar,  
que por dar anda descalço  
e não um rico avarento  
que o dinheiro é seu amado.

O amor que é mais sublime  
de riquezas não faz caso,  
nem alenta em melhorias  
pois tem tudo em seu amado.

Assim o de Endimião  
pois bem via o Sol tão guapo  
e contudo só na Lua  
tinha o afeto empregado.

Os rigores, que sofreu  
em extremo foram tantos  
que o galardão que tirou  
foi um profundo Letargo.

Teria a Lua dó dêle  
não dormindo em tantos anos;  
mas isto de perder noites  
com nenhum dinheiro é pago.

Engolfado em tanto sono  
(que recebeu por agravo)  
das noites que não dormiu  
agora se está vingando.

Julgai qual dêstes amôres  
mostrou ser mais sublimado  
tendo sido ambos constantes  
tendo amado ambos a ingratos.

Pois se a Lua a Endimião  
descia a vê-lo, e abraçá-lo,  
foi só depois de insensível  
e no Sono Sepultado.

*Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao assunto lírico.

### EPIGRAMMA

Solis amans Clytie: lunamque adamare refertur,  
Endymion: palman quis neget, iste ferat.  
Ardeat ut Clytie Phaetontis in igne calescit;  
Vritur in lunae frigore, at Endymion.

*De Francisco Pinheiro Barreto.*

Ao mesmo assunto lírico.

### SILVA JOCO-SÉRIA

Sejais muito benvinda  
sempre bela Talia, hoje mais linda;  
quantos anos há já que vos não vejo?  
chegai, não tendeis pêjo,  
que se vós, porque eu mudei de estado,  
vos tendes afastado,  
adverti que a mudança  
sim retiro pediu, não esquivança.

Rezar da arte de Ovidio o Calendário,  
bem sei que não diz bem co' breviário;  
mas do Céu na cartilha ler amôres,  
da Espôsa dos cantares são primores;  
e os amôres, que eu trato  
dos afetos do Céu são um retrato;  
porque quero falar, em frase nua,  
de quem amou ao Sol, quis bem à Lua.

Qual destas afeições foi mais intensa,  
(vós dareis a sentença)  
a do belo Endimião à Lua casta,  
ou a de Clície ao Sol? por questão basta.

Sem dúvida direis que esta segunda,  
 porque parece inunda  
 de uma Ninfa a afeição agigantada,  
 da terra ao Céu enfim tão estirada,  
 que de quanto o Sol gira em volta viva  
 ela feita Ixião, contemplativa,  
 vendo mortas do amante as vivas chamas,  
 para que de amo, amas  
 usasse por uma arte peregrina,  
 se não conjuga então, então declina.

Tal era enfim o amor da linda môça  
 seguindo ao môço lindo,  
 que as entranhas a ardores consumindo,  
 se não ficou mirrada,  
 em flor foi transformada;  
 porém firme nos giros como de antes  
 com suspiros constantes  
 sem mudanças na fé, mudando a vida,  
 ainda idolatrava, convertida.

Contudo, amada Musa,  
 parece que não foi menos difusa  
 do claro Endimião a chama amante,  
 que inda em quarto mingunte  
 de seu peito as marés tão cheias via,  
 que nunca viu de amor maré vazia,  
 porque em Lua crescente  
 sempre teve de ardores grossa enchente.

Desta sorte inundado  
 na Lagoa do sono sepultado;  
 no de Látmio alto serro  
 lançava o corpo ferro;  
 mas seguindo o farol da Ninfa bela

A remo o coração, o peito à vela,  
 levava de encalhar tão pouco mêdo,  
 que era sôbre um penedo outro penedo.

Inda dormindo amando,  
 (por não deixar de amar inda sonhando)  
 tão subidos julgava os seus amôres,  
 que logrando da Lua altos favores,  
 entre sustos, e gôsto,  
 sôbre os cornos da Lua andava pôsto;  
 sendo coisa de espanto  
 que, com ser tanto môça, e virgem tanto,  
 esgrimisse Diana honesta, e casta,  
 duas pontas castiças desta casta.

Vistos pois êstes autos  
disposição de torto, e de direito,  
esta sentença proferis, suspeito,  
que espero confirmada neste dia  
por tôda a Relação da Academia.

Sentença.

Pois que Clície, e Endimião  
tiveram tantas paixões,  
julgo por estas ações  
que ambos carecem de ação.

*Do mesmo Geraldo da Fonseca Carssão.*

Ao mesmo assunto do mesmo autor.

### ROMANCE JOCO-SÉRIO

Qual mais amou, por assunto  
deu o senhor Secretário,  
se no Olimpo Clície ao Sol[,]  
se Endimião a Lua em Látmio?

De Clície ao Sol os afetos  
pareciam mais fidalgos,  
sendo que o amor da Lua  
não era amor tão mulato.

Zelosa amava esta Ninfa,  
e dizem os cartapácios,  
que o amor de ciúmes é  
ut infernus aemulatio.

Se a desprezava o amante,  
ela sem comer, é claro,  
por êle os ventos bebia,  
pois jejuava o trespasto. (sic)

De vê-lo se sustentava  
vivia de contemplá-lo,  
renascida em seu Oriente,  
sepultada em seu Ocaso.

Fragante Fênix de amor  
(mas vá de estilo mais baixo)  
das fôlhas tece mortalha,  
do cheiro faz holocausto.

Em flor convertida enfim,  
e inda em flor idolatrando,  
nada de vida mudou,  
com mudar de vida tanto.

Sempre olhando para o Sol,  
é coisa, que causa espanto,  
ponha os olhos no celeste,  
e o coração no profano.

Meteu-se-lhe na cabeça  
o Sol por modo tão raro,  
que se o perdia de vista,  
não lho tiravam dos cascos.

Até aqui saber amar!  
afeto não há mais guapo,  
que morrer, se morre o amante,  
reviver, se vive o amado.

Todavia Endimião  
a torcer não dá o seu braço,  
porque quer que o seu amor  
passe a grande, de fidalgo.

Amor, que não degenera  
em loucura, é muito fraco,  
logo é valente o da Lua,  
pois era amor aluado.

Seguindo a bela Diana  
pelos montes, pelos prados,  
êle andava feito em postas,  
se ela andava feita em quartos.

Tão robusto nas ausências,  
nas mudanças tão bizarro,  
que com ter horas minguantes,  
não tinha ardores minguados.

Vendo-lhe não dava caça,  
quis ser Jacó do seu gado;  
com trinta anos de serviços,  
então requereu despachos.

Que se deitasse a dormir,  
saíu ali decretado,  
quem por Brigadier das selvas  
era já Mestre de Campo.

De monte a monte as finezas,  
de vale em vale os cuidados,  
não se deitou de querido,  
adormeceu de cansado.

Ali vinha a casta môça  
dar-lhe beijos, dar-lhe abraços,  
e de casta indo à castiça  
deu à luz cinqüenta partos.

Diga agora aqui o Leitor,  
se, dormindo, êstes regalos  
merecia Endimião,  
o que seria acordado?

Ó prova grande de amante!  
pois inda dormindo, é claro,  
sonhava com seus amôres,  
por dormir com seus cuidados.

Como a trazia pintada  
no miolo o mentecapto,  
cerrava as portas dos olhos,  
por não fugir-lhe o traslado.

E um pastor contou, lhe [ouvira]  
(apontando para um lado)  
que importa a do Céu não veja  
se eu outra no inferno [guardo.]

Nesta forma Endimião,  
roncasse embora a seu [salvo],  
que um bom sono levar [pode]  
quem boa fama há ganhado.

Até aqui se pode amar,  
pois, ampliando os espaços,  
passava dos habitáveis  
ainda aos imaginários.

Resolva agora o Leitor,  
depois de os ter escutado,  
qual dêstes amou mais fino,  
sem que quebrasse por fraco.

*De Geraldo Fonceca Carssão.*

[grafado com letra diferente]

Ao mesmo assunto joco-sério.

### SONETO

Apostaram seguir por teima, ou gôsto  
 (que inda há gente, que desta teima gosta)  
 Endimião a Lua no Céu posta,  
 e a môça Clície ao Sol na esfera pôsto.

A Lua a cada passo muda o rosto,  
 não se muda Endimião, porque se encosta;  
 também Clície jamais muda deposta,  
 ainda que o seu Sol mude de pôsto.

Com o mesmo tesão, com o próprio brio,  
 de chamás verte a Ninfa uma corrente,  
 e de brasas o Ninfo brota um rio:

Mas contudo, o tição é diferente,  
 que o amor de uma Lua é muito frio,  
 mas o afeto de um Sol é muito quente.

O Autor conhecendo que o seu estado  
 já não requer semelhante metro, disfarça o  
 seu nome no dêste anagrama puro.

*Geraldo da Fonceca Carssão.*

Da Academia unindo os dois assuntos heróico, e  
 lírico neste

### SONETO

Alcançando de Júpter licença,  
 e êsse Céu deixando já estrelado,  
 vem o Sol ver a Clície objeto amado,  
 e a Lua de Endimião ver a presença.

Mas vinham com notável diferença,  
 porque quando um descia: acompanhado  
 de outro ficava o Céu, e não deixado  
 se não ficava o Céu em nuvem densa.

Mas quando nesta douta Academia,  
tantos astros de Luz, doutos engenhos,  
descem hoje ao Empório da Bahia;

Mostrando seu amor nos seus desenhos  
ostentam que são Luas na porfia,  
e brilham como Sóis nos seus empenhos.

*Iosephus Pereira de Castro.*

Pergunta-se quem mostrou ser mais amante  
Clície do Sol, se Endimião da Lua?

### SONETO

Clície ao Sol que os seus íntimos amôres  
ingrato desdenhou com aspereza,  
amou firme, apurando a sua fineza  
no terrível crisol de seus rigores.

Endimião, que os mais finos primores  
de amor gozou da nítida Princesa  
do etéreo firmamento; a sua beleza  
amou também, rendido a seus favores.

A Lua a Endimião buscou constante,  
Clície buscou ao Sol, com a evidência  
de seguir-lhe o seu curso rutilante.

Assim fica bem clara a conseqüência,  
que Clície mostrou que era mais amante,  
que ao Sol amou sem ter correspondência.

*De Hieronymo Roiz de Crasto.*

Conferência 2.<sup>a</sup>

Ao Segundo Assunto Problemático.

Quem mostrou ser mais amante, Clícia do Sol,  
ou Endimião da Lua?

## CLÍCIA

### SONETO

Do Sol Clícia idolatra os resplendores,  
da Lua Endimião ama as mudanças;  
ela, aumenta o querer nas esquivaças,  
êle, nas inconstâncias os ardores:

Ambos sofrem desdêns, sentem rigores:  
que entre pesares, e desconfianças,  
Clície, perde de todo as esperanças,  
dormindo Endimião, perde os favores.

Amor com um, e outro sempre amargo,  
os conforma no mal, não lho minora;  
que no Império, é cruel, cruel no cargo.

Mas Clícia amante com vantagem chora,  
que Endimião não sente no letargo,  
Clícia quanto mais sente, mais adora.

Do Acadêmico Nubiloso

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

## ENDIMIÃO

### SONETO

Se adormecida, ó Clícia te parece,  
que amor neste Letargo se minora;  
é engano: que tanto mais adora  
quanto entregue ao pezar mais se adormece:

A Luz do Sol o seu Amor floresce,  
restaura alentos, quando sai a Aurora;  
o meu da Lua, à vista, sente, e chora,  
e quando se retira, desfalece.

O Sono, não descanso, mas tormento  
com impulso cruel, com rigor forte  
faz que êste amor se julge esquecimento.

Tu no [Sol] tens o objeto, o alívio, a sorte:  
eu sem sentido entregue ao Sentimento,  
sou vítima de amor, morro sem Morte.

Do mesmo Acadêmico.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Assunto Lírico.

Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião  
à Lua?

### SONETO

De impulso ardente em lângüidos ensaios  
tão firme Clície ao Sol, tão fina adora,  
que se o Sol entre sombras se demora,  
também se rende Clície entre desmaios.

Da triforme beleza os claros raios  
desvelado Endimião a si enamora;  
que quando amores goza, ausências chora,  
é dezembros à vista, o peito maios.

Em qual se viu amor mais relevante;  
qual afeto mostrou mais preeminente;  
não atina o discurso mais gigante:

Eu resolvo que ardiam igualmente,  
pois se Clície morria, vendo o amante,  
Endimião amava, estando ausente.

Do Acadêmico Obsequioso, etc.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

## Ao Assunto Lírico.

## ROMANCE

*De Antônio Cardoso da Fonseca*

Sem mais armas que um Romance  
sai a campo o meu juízo,  
que em certames amorosos  
outras armas é delírio.

É verdade, que das Silvas  
um Adonis sai ferido,  
mas se dêste aqui não trato,  
silvá-lo fôra delito.

A Canção era mais própria  
dêste amoroso litígio,  
se não temera ficasse  
de cansada no caminho.

As Décimas seus conceitos,  
aqui vinham dando ao dízimo,  
mas amor quando se paga  
não se paga de juízos.

As Glosas também confesso,  
que se tecem de ouro fino,  
mas amante que presume  
não quer estar por um fio.

O Sonêto sim pudera  
acudir ao desafio  
que é Príncipe de La Sangre,  
e tem aqui seu domínio.

Mas amor que na sangria  
quer evitar prejuízos  
teme ao picar uma veia  
no catorzeno o perigo.

O Romance pois, Senhores,  
são as armas com que fico,  
que de tôdas para o assunto  
são as de maior capricho.

Se as não souber menear,  
não me estranheis ser túbio,  
que o Discípulo com o Mestre  
ficar tremblando é preciso.

Entramos no Assunto agora,  
e como esta entrada sinto!  
porque casa com dos puertás  
sempre teve ruim hospício.

O Assunto em dois discursos  
pergunta qual é mais fino,  
se Endimião amando a Lua  
se Clície querendo a Cintio.

Confesso que me arrependo  
de me haver metido nisto,  
porque sei que amantes foram,  
e não sei qual o rendido.

Mas suposto assim o manda  
o Secretário entendido,  
eu lhes irei perguntando;  
do que ouvir farei aviso.

Venha já Senhora Clície,  
e nos diga, que motivo  
a obrigou a ser amante  
dêste Planêta Luzido.

Acaso vos prometeu  
dar-vos êle algum vestido  
das telas com que trajava  
as Estrêlas em seu giro.

Ou daria por ventura  
a palavra de marido,  
que Damas para casarem  
de palavras fazem brincos.

Não pode ser, porque quando  
de casar tivesse arbítrio,  
Espôsa tinha em Leucotoe,  
pois era Mãe de seus filhos.

É verdade que podeis  
alegar neste juízo,  
que de Apolo não sabias  
vos era traidor amigo.

Livremente vos concedo,  
a razão que tendes nisso,  
que entre amantes também há  
amantes adúlterinos.

Mas se vós quando alcançastes  
que vos era fementido,  
o deixaras com Leucotoe,  
como a fonte deixa o rio.

Nunca amor em vós fizera  
os efeitos de menino,  
entregando vosso peito  
ao chumbado de seus tiros.

Tal foi o zeloso fogo,  
que tomaste por capricho  
a execução de um agravo,  
feita de Dama a um Corisco.

Que culpa teve Leucotoe,  
de a querer o Louro Cíntio,  
se foi culpa o ser amada,  
também o foi ter nascido.

Pois se o Sol assim concorre  
a dar à Beleza mimo,  
ingrata fôra Leucotoe,  
se lhe negara o carinho.

Mas em tudo andaste cega,  
porque dando ao Rei aviso,  
fôste verdugo da vida  
tomando da Parca o officio.

Ora entendo que a resposta,  
que me dais a tudo isto,  
é que obrastes como néscia,  
que as formosas pecam nisso.

E que nunca lá chegaras  
aos extremos que vos digo,  
se de Febo receberas  
um desdém mais compassivo.

Mas que nos mesmos extremos  
vosso amor foi muito [ativo]  
porque amar a quem me agrava  
atributo é só Divino.

E que tendo em seus desprezos  
as esperanças perdido,  
amá-lo sem esperanças  
inda foi mor desatino.

Desta parte finalmente,  
as razões temos ouvido,  
que um amor desesperado  
nela foi mais excessivo.

Agora com Endimião  
falarei mais comedido,  
que falar com aluados,  
corre um homem muito risco.

Porém quando me suceda  
em tal caso prejuízo,  
do discreto Secretário,  
ah! qu' (sic) del Rei, darei gritos.

Ora diga meu Senhor,  
Endimião o mais bonito  
caçador daquele tempo,  
que no mato andava aos bichos.

Vós caçastes a Diana,  
ou Diana vos fêz tiro,  
porque anda em opiniões,  
qual dos dois foi o Cupido.

Alguns querem que essa Deusa  
vos buscava já dormindo,  
mas outros que vós a ela  
a acordavas com gemidos.

Se vós fostes o Berrante  
é desastrado delírio,  
perder-vos por uma Dama,  
que as côres tem perdido.

Não lhe viste a Palidez,  
dando do gálico indícios,  
que em Damas que saem de noite  
corrimentos é capricho.

Mas se tôda enamorada  
de vosso peito fêz nicho,  
obrades bem em rendê-la,  
e em amá-la inadvertido.

Se me dizeis que com ela  
entraís a foro, e partido,  
louco sois pois ignorais  
a carga que tomais nisso.

Umás meias de pisão  
vos há de calçar o cio,  
e cobrir-vos-á a cabeça  
um barrete de dois bicos.

Quando saires à caça  
se a encontrares no sítio,  
temo nela façais prêsa  
julgando ser um cabrito.

Mas se nada disto basta  
para um airoso retiro,  
respondei, que o Secretário  
já me pede a razão disto.

Inquire que amor é o vosso,  
se é verdadeiro, ou fingido,  
se sois casado ou solteiro,  
assunto ao fim de Ministro.

Se dizeis que vosso amor  
é lá dos Gigantes primo,  
eu dissera que um Pigmeu  
não se há de ver mais mofino.

Direis mais que amando a Lua  
é vosso amor peregrino,  
pois de amar uma inconstância  
ficaste sempre dormindo.

E que expores vossa fé  
ao varejo de um delírio,  
foi mostrar que só amava  
quem amava o precipício.

Que na escolha de dois males  
parece mais admissivo,  
a perda das esperanças,  
que a falta de todo o siso.

Ao Passado Presidente  
concluso vai êste escrito,  
com a justiça que costuma  
julgará dêste litígio;

Se de sêlo carecer  
dois estão neste partido,  
valha sem sêlo *ex causa*  
na chancelaria, Brito.

[*Antônio Cardoso da Fonseca*]

## Assunto Lírico.

Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião  
à Lua.

## SONETO

Amante Clície foi com fé rendida  
do Louro Febo, e tanto na fineza  
de amá-lo se esmerou sua firmeza,  
que deu por êle ao sentimento a vida.

Foi Cíntia de Endimião apeteçada  
com tão subido amor, que na aspreza  
do Látmio inculto a vida menospreza  
que a fé negar-lhe a tanto ardor devida.

Em tudo iguais, se desiguais no objeto,  
porque êste ama na Lua o seu desvio,  
no Sol adora aquela o desagrado;

Agora vêde vós, Leitor discreto,  
qual é no amor mais fino desvario,  
amar aborrecido, ou desprezado.

*De João de Barbosa e Lima.*

Ao assunto lírico em que se mostra andou mais  
fina amando Clície ao Sol que Endimião à  
Lua.

## DÉCIMAS

A Déléfica luz que adora  
Clície amante todo o dia  
Endimião na noite fria  
a bela Cíntia namora.

Ela desprezada chora,  
êle chora desterrado;  
e neste mísero estado  
sentem (com dor não pequena)  
êle o cuidado da pena,  
ela a pena do cuidado.

São das flôres umecida (sic)  
de Febo os ardentes raios,  
esta dos mortais desmaios  
tira os alentos da vida.

Lânguida, e entristecida  
fica na ausência do Sol,  
sendo do claro arrebol  
Mariposa nos ardores,  
Águia racional das flôres,  
animado Girassol.

Em desigual competência  
estão dos dois os amôres;  
Clície ama do Sol rigores,  
Endimião da Lua ausência.

Sofre Clície com paciência,  
Endimião ausente adora.  
mas entre os dois não se ignora,  
que maior mérito alcança,  
quem padece uma esquivança,  
que quem uma ausência chora.

E sem apurar conceitos,  
que aos discursos ponham pausa  
quanto é mais subida a causa  
são mais altos os efeitos.

Segue-se que mais perfeitos  
são os do Sol, por seletos,  
e parece mais discreto  
amante, o que com primor  
para empregar seu amor  
busca o mais subido objeto.

Justo é logo o fundamento  
com que Clície se deserda  
do gôsto, se pela perda  
se regula o sentimento.

Dêste forçoso argumento  
por [solução] se acredita,  
se o amor se não limita  
pelo objeto superior,  
infinito sendo o amor  
a pena será infinita.

A razão porque o farol  
celeste, vantagem a Lua,  
se é fundada na luz sua  
é tão clara como o Sol.

Do seu flamante arrebol  
toma a Lua por favor  
aprestado resplendor;  
logo se a Lua ao Sol deve  
o luzimento, que teve,  
o Sol é muito melhor.

Clície sem correspondência  
do Sol amava o rigor,  
que é só verdadeiro amor  
um amor sem dependência.

Endimião por conveniência  
seguia amante esta empresa.  
O Sol a Clície despreza  
por Locotoe adorada;  
logo se amou desprezada  
obrou a maior fineza.

Foi Clície dama extremada  
no seu amor extremosa,  
e é muito sofrer formosa  
os desaires de ultrajada.

E como amou desprezada  
a Endimião chega a vencer  
nos créditos do querer,  
porque a fineza maior  
não consistiu só no amor,  
tanto como no sofrer.

O Acadêmico Infeliz  
[*João de Brito e Lima*]

Ao mesmo assunto mostrando pelo contrário que  
mais fino foi o amor de Endimião com a  
Lua que o de Clície com o Sol.

### DÉCIMAS

Endimião, que não merece  
achar a sorte oportuna,

sente a inconstante fortuna,  
sem conta as penas padece.

Com mais ânsia se entristece  
quando observa as Luzes belas  
do Céu, ponderando nelas  
da iníqua fortuna crua,  
sua inconstância, na Lua,  
sua penas, nas estrêlas.

Ama Clície o resplendor  
do Sol, que é melhor que a Lua,  
e diverte a pena sua  
em ser objeto melhor.

No emprêgo do seu amor  
satisfaz o seu cuidado;  
mas Endimião desgraçado  
(fora de andar indiscreto)  
amando o menor objeto,  
se ostentou mais extremado.

Clície em amar desprezada  
desempenhava o seu gôsto  
só contemplando no rosto  
da sua prenda adorada.

A Lua é tôda manchada,  
são seus raios imperfeitos;  
porém mostrou-nos efeitos  
amou mais fino Endimião  
sem reparar no senão  
sem advertir nos defeitos.

Mostrou no objeto menor  
(que a seus olhos se oferece)  
que a que melhor lhe parece  
para êle foi a melhor.

Desculpas ao seu amor  
buscava o pobre Endimião,  
fundando a sua razão  
naquela razão forçosa,  
de que nenhuma formosa  
há no mundo sem senão.

Sendo mulher Clície amar  
não é de amor grande exceção;  
Endimião se pelo sexo  
se devia reportar.

Logo se chega adorar  
com veras tais, não obstante  
ser feia a Lua, e inconstante,  
como é suposto mais nobre,  
mais no seu amor descobre  
os quilates de constante.

Tal era o seu desatino,  
que apurava em suas ânsias  
da Lua nas inconstâncias  
mais os créditos de fino.

Julgando-se por indigno  
desta pena, que padece,  
inda cuida não merece  
padecer tão pouca pena,  
por ser vítima pequena  
das aras a que a oferece.

A Clície desenganava  
de Apolo o bravo rigor,  
Endimião do seu amor  
a ausência penalizava.

Clície um rigor, adorava,  
Endimião de uma esperança  
a vagarosa tardança,  
e é mais tirana a inclemência  
de uma rigorosa ausência  
que a pena de uma esquivança.

Quem ama sem aspirar  
o prêmio do bem querer,  
nem pode mais padecer,  
nem pode mais fino amar.

Porém quem chega a esperar  
amando, em cada lembrança  
repetida dor alcança;  
logo Endimião parece,  
que mais que Clície padece  
no rigor de uma esperança.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Manda-me esta Academia  
sentenciar certo caso  
de amôres, caso por certo  
em todo caso apertado.  
Aos namorados só toca  
(como é de amôres) julgá-lo,  
que pouco entende de amôres  
quem nunca foi namorado.  
Como pode ser Juiz  
quem é de Letras tão falto,  
que nada sabe de Musa,  
nem donde fica o Parnaso.  
Que sentenças dará quem  
não é bacharel formado,  
nem sequer bacharel simples  
inda que digam que falo.  
Só dão sentenças Doutores  
que os estudos têm versado,  
pôsto que de Santarém  
(como vão) têm vindo vários.  
Que sentença dareis logo  
se tão inútil me acho?  
darei de baque a sentença  
porque nunca as dei de Baco.  
Porém reportar-me quero  
porque se de amôres falo  
e amor é vinho, talvez  
fôsse alguma vez borracho.  
E se ninguém as calçou  
como diz aquêle adágio  
(que calo o mais por modéstia)  
não me hei de gabar de santo.  
É pois o caso Senhores,  
(vamos Senhores ao caso)  
decidir qual foi mais fino,  
se Clície ao Sol adorando  
ou se Endimião à Lua:  
proposto esta discorramos.  
Firme Endimião amou  
tanto, que pôsto no Ocaso  
o Sol, tôda a noite estava  
pôsto por êsses mentrostos, (sic)  
feito Morcego dos montes,

feito Coruja dos campos.  
Mil requebros lhe dizia,  
dava-lhe dois mil abraços,  
mostrando-lhe entre carinhos  
arrufos de namorado.  
As distâncias maldizia,  
como Ícaro desejando  
as asas, para que visse  
Seu amor mais bem asado,  
e adonde os seus pensamentos  
subissem seus vôos altos.  
Quantas voltas dava a Lua  
as dava o pobre insensato,  
que dar quem ama mil voltas  
se está vendo a cada passo,  
e às vèzes de volta, e meia  
punha o pobre como um trapo.  
Coa cabeça andando à roda  
daqui, para ali voltando  
(não sendo louco de pedras)  
mostrava andar aluado,  
e andava (estando na terra)  
pelo espaço imaginário.  
Se a via cheia, e formosa  
ficava mui cheio, e ufano  
se em quartos, pavão se punha,  
e se minguante, minguado.  
Nas suas mudanças ela  
êlé firme em seu trabalho  
o que ela de mentirosa  
tinha êlé de mentecapto.  
Era estafermo das nuvens,  
era basbaque dos astros,  
sentinela dos Planêtas,  
da mesma Lua espantalho;  
nos desejos, Prometeu,  
e nas vigilâncias, Argos,  
reportório (sic) do seu tempo,  
enfim, perpétuo Lunário,  
mais certo nas conjunções  
que uma velha de oitenta anos.  
Só da Lua os movimentos  
observava êste marmanjo,  
Astronômico Silvestre;

sendo em semelhantes casos  
matemáticos da Lua  
outra gente de ordinário.  
Cego de amôres não via  
êste mísero coitado,  
que estando sobelo (sic) forno  
a Lua tinha nos cascos.  
Com desejos pretendia  
alcançar o Céu voando,  
sem ver, que êste pensamento  
custou aos Gigantes caro.  
De noite vendo as estrêlas,  
com bravo aspecto contrário  
a Lua [opondo-se] a sua  
nunca exaltava seus raios.  
Sem dúvida, que por isso  
(ou por ser mui grande o salto)  
não pôde lograr a Lua  
ficando o pobre logrado.  
A muitos isso sucede  
que às Deidades temerários  
se opõem como Endimiões,  
feitos sombras dos seus raios.  
Sem temerem lhe suceda  
algum mísero fracasso,  
que sempre os atrevimentos  
são índices dos estragos.  
E fora de alguns sucessos  
que frisavam neste caso,  
lembrem-se do de Actião  
que aqui vem melhor frisando.  
Pois só por ser curioso  
serviu a seus cães de pasto.  
Ora a Diana deixemos  
e a buscar a Apolo vamos,  
que já tomado da Lua  
tenho o plectro acatarrado.  
Uma flor, que por formosa  
bem pudera, sem ser pasmo,  
A não ser flor papaterra  
ser das espessuras astro:  
Sendo môça amava a Apolo  
com afetos extremados,  
tinha bom gôsto por certo  
porque era o môço bizarro,

bonito, como mil ouros  
tão louro, como rosado.  
Fêz-lhe Apolo os gatupérios (sic)  
que ela tomou por agravo,  
porque as dores de canelas  
se sentem mais que as de parto.  
Movida do seu ciúme  
Clície entornou todo o caldo  
por dar coa língua nos dentes,  
do que sem razão me espanto  
que é costume êste em mulheres  
como costume ordinário.  
Descoberto o caso, viva  
a filha enterrou Orcamo.  
Corre risco que fizessem  
alguns pais de hoje outro tanto?  
Nunca mais Apolo a Clície  
quis, e feito um cão danado  
sôbrê a meter num [xixelho]  
fêz dela gato e sapato.  
Se até ali da casa tinha  
os quatro cantos tomado,  
hoje apenas da cozinha,  
está posta a pobre, a um canto.  
Não queria a rapariga  
que no Côro do Parnaso  
Apolo cantasse a duo;  
mas deu-lhe o tangurumango  
e se ficou aos vinte e oito  
não chegando aos vinte e quatro.  
Apolo ferindo fogo  
com sentimento tamanho,  
chorava como um menino,  
gemia como um barbado,  
correndo-lhe (como fêmea)  
lágrimas de quatro em quatro.  
Qualquer soluço, era um Etna,  
qualquer suspiro, era um raio,  
lançando a bôca mais fumo,  
que a chaminé dos Bernardos.  
Para fazer-lhe as exéquias  
vestiu de baieta os Astros,  
a esfera cobriu de luto,  
os sinos quebrou dobrando.  
Trazia a cara de inverno

triste, como um namorado  
zeloso e pobre, que o deixam  
por não ter brancas, em branco.  
A morte de Locotoe  
mostrou, que sentia tanto,  
como as das mulheres sentem  
os viúvos mal casados,  
que pelas demonstrações  
querem mostrar o contrário.  
Ficou metida nas conchas  
a senhora Clície andando  
muito menos concha agora  
do que nos tempos passados,  
Sem comer, todo o dia  
se punha a contar os Astros.  
Enfim posta de moquém,  
torrando-a do Sol os raios,  
se fêz bacalhau de vento,  
sendo de fumo tassalho.  
Mirrada como um arenque  
se foi transformando em ramos  
que produziram a flor  
girassol, por seus pecados;  
pois se foi mimo da Aurora  
é do Sol malmequer baixo  
para ludíbrio das flôres,  
para lástima do prado.  
Não obstante os seus desprezos  
esta flor ame ao Sol tanto,  
que desmaiada se murcha,  
quando o vê pôsto no Ocaso.  
E tantos giros dê êle  
quantos com êle vai dando  
esta flor atafoneira (sic)  
perpétua no seu trabalho,  
feita sarilho nas voltas,  
ou grimpa de campanário,  
corropio de papel  
ou carapeta rodando.  
Êste da Senhora Clície  
in uerbis ibe, é o caso,  
falta conferi-lo agora  
com o outro **pari passu**.  
Ambos mal correspondidos  
igualmente amaram ambos,

fino Endimião à Lua,  
fina Clície aos igneos raios.  
No amor não há diferença,  
o caso é bem apertado;  
mas em minha consciência  
sem subôrno (que não gabo  
nos ministros os subornos)  
sem em nada agravar, acho  
que Clície mais fina amou,  
por ser sujeito mais alto  
objeto de seus amôres,  
emprêgo dos seus cuidados.  
Desprezada sempre fina  
conjugava o verbo amo  
sem se lembrar em [do dás]  
do imperante, da **vel dato**  
tempo que é só de que usam  
as mulheres destes anos,  
ou do pretérito que  
é para elas tempo claro.  
O Sol é farol do dia  
archote, lanterna, facho,  
luminária, candieiro  
de quem o Céu é gravato.  
É alegria do mundo,  
alento, e vida dos prados  
é capote da pobreza  
conservador dos sapatos  
febre maligna das môscas,  
É ganstilha dos sapos,  
apoplexia das pulgas,  
é peste dos carrapatos.  
Não tem persistência a Lua,  
o seu curso e sempre vário,  
tem mais caras que Proteu  
(moda que alguns têm tomado  
e quando mais caras mostram  
se mostram mais descarados)  
toma as crianças, faz tosses  
erisipelas, catarros,  
tem conjunções, que às mulheres  
dão penosíssimo enfado.  
Enfim é tão pobretona,  
que é a que veste emprestado,  
e das roupas do seu uso

lhe dá o Sol uns retalhos.  
 Logo se do Sol à Lua,  
 tantas diferenças acho,  
 Quantas vão da Luz, à Sombra,  
 quantas do vivo, ao pintado!  
 Por definitivo acordam,  
 aqui visto, e o mais dos autos,  
 disposição de direito,  
 razões provas, e o mais, mando  
 que da Clície se repute  
 o amor por mais extremado,  
 e que Endimião por pena  
 dêste mísero fadário,  
 em camaleão se torne  
 ou se converta em lagarto,  
 pois fora dos mais autores  
 que têm voto neste caso,  
 Píramo, Tribe o dispõe,  
 e o confirma Hero e Leandro.  
 Quatro são porém nem todos  
 são da água doce Letrados  
 mas todos destas matérias  
 de amôres, foram mestraços.  
 Dada nesta Academia  
 aos sete do mês de maio,  
 anos mil e setecentos  
 e sôbre êles vinte e quatro.

Do Acadêmico Infeliz  
*João de Brito e Lima.*

Quem mais amou, Clície ao Sol ou Endimião  
 à Lua?

### ROMANCE

Teve afeto Clície ao Sol,  
 Endimião a Lua amava,  
 que a dois Planêtas quiseram  
 é coisa sabida, e clara.

Eram luzes dos seus olhos  
 a Rainha e o Monarca,  
 aquela de luzes belas,  
 êste de luzes preclaras.

Como Amor se pinta cego  
qualquer dos dois se cegava;  
quem dissera que nas luzes  
cabem coisas tão contrárias!

Clície mui cega do Sol  
Mariposa se abrasava,  
para mostrar que no fogo  
dêsse mesmo amor cegara.

Mas Endimião co'a Lua,  
como é fria e tem mudanças  
buscava o Amor menino,  
com o qual se acalentava.

Esta Girassol das luzes  
corre a sua Vía Sacra,  
mostrando que do querer  
é caminho, e não mudança.

Êste já selenotrópio (sic)  
cego, e às escuras anda,  
e como não via o môço  
porradas de cego dava.

Esta segue ao Sol, que o Sol  
é sua vida, e sua alma  
e assim nesta idolatria  
sempre andava desalmada.

Êste enquanto os passos enche,  
se a Lua enchia e minguava,  
frenético parecia  
pois a alma tinha aluada.

Esta como zelos tinha  
nunca dormia, velava,  
que amor nos finos amantes  
é desafôgo da alma.

Êste inda que tinha amôres  
adormecido se achava,  
que se amor é bebedice,  
dorme mais, o que mais ama.

Esta é firme, êste é constante;  
julgue quem quiser a causa,  
que uns amôres tão subidos  
minha mente não alcança.

*Luís Canelo de Noronha.*

Mais firme amante foi Endimião da Lua que  
Clície do Sol.

### DÉCIMA

Temos hoje por questão  
Quem mais finezas obrou  
Clície quando ao Sol amou  
Ou à Lua Endimião?  
Eu resolvo em conclusão  
Que Endimião foi mais constante;  
Porque se é ser firme amante  
Amar sem prêmio eminente,  
Endimião não teve enchente  
Sem alcançar seu minguante.

*De Antônio de Oliveira.*

[letra diferente]

Qual amou mais, se Clície ao Sol, ou Endimião  
à Lua?

### ROMANCE JOCO-SÉRIO:

Problemática questão  
Nos propõe a Academia,  
Árduo assunto, bravo empenho  
Com que o discurso vacila.  
[Interreluz] a eloquência  
Por que aqui da Falácia  
Não fique corrupta a voz,  
Não seja infestada a língua.  
A vossas plantas, meu César,  
Humilde se sacrifica  
Minha vontade prostrada,  
Minha fé toda rendida.  
Eu bem quisera louvar-vos,  
Mas falta-me a valentia  
Para quatro Sonetaços  
Dos que fazem Brito, ou Lima.  
Falta-me do Presidente  
Totalmente a energia  
Com que de minha firmeza  
Mostrar possa a Rocha viva.  
Falta-me do Secretário

Essa Cunha tão crescida  
Como o cedro, de quem é  
Por incorruptível filha.  
Falta-me do Chançarel  
Dotes, letras, prendas ricas  
Com que se faz venerado  
De todos nesta Bahia.  
Falta-me do Doutor Franca  
O pletro, e a canora Lira  
Com que lhe franqueie Apolo  
Os Metros à Poesia.  
Faltam-me do Douto Gama,  
Senhor, as prerrogativas  
Com que em tôda a faculdade  
Seu raro engenho se aviva.  
E enfim, do Douto Barbosa  
A retórica adquirida  
Das letras com que se exorna  
Nas razões com que se explica.  
Pois se tudo isto me falta  
Que quereis, César; que eu diga  
Dessa pena remontada,  
Dessa vossa espada invicta?  
Que sois de Mavorte um raio?  
Raro assombro! Mas implica  
Ser raio quem de Mavorte  
Vibrantes raios alista.  
[Que letrado sois inveja]  
Pela estirpe esclarecida?  
Menos é, que em sêres César  
Vosso Sangue se ilumina.  
Que sois Sol pôsto no Ocaso?  
Sim, pois tivestes na Índia  
O Oriente, e em Portugal  
O vosso Zênite se admira.  
E como, Senhor, receio  
Que se dê por ofendida  
Vossa modéstia, suspendo  
O mais que em silêncio fica.  
Donde entorpecida a voz,  
Donde balbuciante a língua,  
Ficam presos os conceitos  
Ao afeto que os atinha.  
Mas contudo, perdoai-me  
Do Romance a tirania;

E estampai em vosso peito  
Ou se imprima, ou não se imprima.  
Mandai logo ao Secretário  
Pois por mim vo-lo recita  
Que não se enfade de ler  
Minha arenga mal trazida.  
Problemática questão  
Nos propõe a Academia  
Pois nela de dois amantes  
Hoje o amor se examina.  
Pergunta-se por assunto:  
Qual de dois mais amaria,  
Se essa Clície amante ao Sol,  
Ou se Endimião à Cíntia?  
Indissolúvel parece  
O ponto, porque se inclina  
A ente de razão que  
Dar-se aparte reimplica.  
Se quando já havia Sol  
Nenhum de nós existia  
Como aqui dêstes amôres,  
Afetaremos notícias?  
Quase impossível parece  
A questão controvertida  
[Que por ser desta tocada]  
Pertence à Filosofia.  
Mas por impossíveis rompo,  
Já me empenho em discuti-la  
E por de impossíveis santa  
Me encomendo à Santa Rita.  
Foi Clície do Oceano  
Aquela formosa Ninfa  
Que matando-se de zelos,  
Ficou em flor convertida.  
Endimião foi um Pastor  
Por quem se abrasava, e ardia  
A Lua que de inconstante  
Nunca é assaz encarecida.  
Mas com esta diferença,  
Que a Lua a buscar se anima  
Ao Pastor, mas Clície bela  
Espera que o Sol a siga.  
O que suposto vejamos  
Da Lua uma cópia, ou cifra  
Já que nos dá [conjunção]

Para poder defini-la.  
É a Lua filha de Ceres,  
Cuja educação se afirma  
Que tivera como a Rã  
Dentro na alagoa Estígia.  
Dão-lhe a Júpiter por Pai  
De cujo poder a tira  
Plutão levando-a aos Infernos  
Lá dos jardins da Cícilia.  
Uns lhe chamaram Triforme,  
Outros Febéia, outros Cíntia,  
Acare, Dedéia, Diana,  
Artêmis, Argêntea, Trívia,  
Luna, ou quase **nocti una**,  
(Não parece ladainha  
Inda que a traga a Igreja  
Num só mês todos os dias).  
Quem vira o Pastor berrante  
Esgotando a Astrologia  
Para observar influências  
De sua própria ignomínia.  
Quem o achara embasbacado  
Quando o pescoço enteriça,  
Com seu pelote amarelo,  
Gibão de mangas perdidas;  
Ei-lo com mantea (sic) roçado,  
Seu bigode a fernandina,  
Carapuça de pisão,  
Sua capa de parrilha:  
Os olhos como dois fachos  
Nariz, beiços sem medida,  
Com cajado de forcada,  
Calção de alvenaria:  
Barrigudo, alcorcovado,  
Sem dentes, barba de frisa,  
Vermelho como um lacão,  
Babando, e entortando a língua:  
Uma mão na sobrançelha,  
Outra na borracha a cinta,  
Quando aqui chimpa uma perna  
Acolá já outra chimpa:  
Parecendo porque estava  
Coa bôca a meia escotilha.  
Camaleão que por ela  
Os ventos, e ares bebia:

Dizendo a dama requebros  
Mais que aquêles com que obriga  
Dom Quixote a Dulcinéia,  
Certamente lhe diria  
Vem cá Sátiro [composto,]  
Achas nesta Astronomia  
Que esta Circe que contemplas  
É de teus afetos digna?  
Não vês que te procurou?  
Que mulher que solicita  
Faz exclusão dos extremos  
Com que pode ser querida?  
Não? Sabes que é inconstante,  
Que ora cresce, que ora mingua,  
Que se inclina para o Norte,  
Que ora para o Sul se inclina?  
Repara em sua inconstância,  
Foge pois já dessa Arpia  
Que mulher de tantas caras  
Não deixa de ser fingida.  
Se esta mulher no Inferno  
Foi já de Plutão querida,  
E do Deus Pã requestada  
Por que dela te não livras?  
Oh que se o Pastor falara,  
Dissera que não convinha  
Amar com tantos sossobros,  
Querer com tantas fadigas.  
Porque mulher que se porta  
Em condições tão malignas,  
Em vez de ser para amada,  
É mais para aborrecida.  
Logo segue-se que Clície  
Em amar ao Sol foi fina,  
Pois soube nas circunstâncias  
Do amor apurar as lidas.  
Tôda a lida dos amantes  
Consiste sempre na nímia,  
E recíproca união  
De duas almas distintas.  
De sorte que se transforma  
U'a noutra, e tão unidas,  
Que aquela é a vida desta alma,  
E esta alma daquela vida.  
Isto fêz Clície de amante,

Tem zelos, já se afadiga,  
Receia, põe têrmos ao dano,  
E enfim, cuidados evita.  
Transformou-se em seu amado,  
E flor do Sol se apelida  
Para que um só noutro possa  
Trazer as potências fixas.  
E esta que de seu amor  
Parece a mais excessiva  
Fineza, a meu ver foi nada,  
Que outra maior se requinta.  
Se de pretérito amara  
Clície ao Sol, pouco fazia,  
Mas amá-lo de presente,  
Mais de amante se acredita.  
No Heliotrópio se converte  
Para não perder de vista  
As Luzes do bem que segue  
Nos raios do Sol que gira.  
Oh como está Clície amante!  
Como faz capricho a Ninfa  
Não de haver idolatrado,  
De ir idolatrando inda!  
Deduzida finalmente  
A conclusão das premissas,  
Entendo se não me engano  
Que está a questão decidida.  
Queira a Lua, o seu Pastor,  
Siga Clície ao seu Sol,  
Siga, que se aquêl amor acaba,  
Êste agora principia.  
E eu a publicar, meu César,  
As vossas prerrogativas  
Desde o mais remoto Pólo  
Té o mais dilatado clima.  
Em vós Corifeus que as águas  
Bebeste da Cabalina,  
Se o Romance vos nauseia  
Por grande, e vos enfastia  
Sabei que o eminente Apolo  
De ouvir nunca se eximia  
Entre os lacônicos pletros  
As perifrásticas Liras.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasílica.

## DÉCIMAS

Segue Endimião amante,  
e segue Clície discreta  
um ao mais veloz Planêta,  
outra ao Astro mais brilhante.  
Cada qual firme, e constante  
cá dêste humano Arrebol  
foi seguindo o seu Farol,  
pondo em ação não comua  
êle os cuidados na Lua,  
ela os empenhos no Sol.

Porém posta na balança  
do discurso esta fineza,  
a de Endimião não pesa  
o quanto a de Clície avança.  
Esta serviu na esperança,  
na posse aquêle vivia,  
e vantagem grande havia,  
seguindo no bem que amava,  
um a Lua que o buscava,  
e outra ao Sol que lhe fugia.

Achava Clície amarguras,  
e zelos no que adorava  
porque o Sol só dedicava  
a Leucotoe as ternuras.  
Na Lua logrou venturas  
sem queixas Endimião,  
e parece sem questão  
ser o mérito menor  
em quem adora o favor,  
que em quem ama a ingratidão.

Vença pois Clície valente  
 a Endimião na porfia,  
 êle amando em cortesia,  
 ela em viva chama ardente.  
 Por amor tão diferente  
 em emprêgo semelhante,  
 Endimião pouco amante  
 no sono está sepultado,  
 e Clície vive no Prado  
 transformada em Flor Gigante.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou  
 Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da  
 nossa Academia Brasílica.

### SONETO

Tôda rendida a Lua sem recato,  
 o Sol todo desvios arrogante  
 achava Endimião prêmio abundante,  
 Clície dava o desprezo de barato.

Diversa Emprêsa, diferente trato  
 nos dois houve, quanto é dessemelhante  
 o receber finezas de um amante,  
 a tolerar rigores de um ingrato.

Efeito desigual, em causa certa  
 nos dois amantes já se descobria  
 Endimião remisso, Clície alerta.

Ambos estão com vária fantasia,  
 êle imerso no sono, ela desperta  
 pois dorme Endimião, Clície porfia.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

## De Clitia, et Endymione.

## EPIGRAMMA

Ignis cum sit amor merito flammescit amator,  
 Frigidus Endymion quomodo amator erit?  
 Namque soporiferos radios dum suggerit Orbi  
 Pectora contracto frigore Luna premit.  
 Endymioneos ergo, superavit amores  
 Sole laboratus qui fuit alter amor.

*Emmanuelis Ribeiro Rocha.*

## Ao Assunto Lírico.

## SILVA

Entro em Silva, Senhores, com cuidado  
 Porque temo sair dela arranhado;  
 Porém não, que se a Musa me obedece  
 A Silva ponho donde me parece;  
 E para não temer adverso caso  
 Dou com ela nos vales do Parnaso,  
 Que as Musas se me virem entre espinhos  
 Acudirão com seus canivetesinhos.

Entro pois por vereda tão comua  
 Havendo Luz de Sol, clarão de Lua;  
 Não se tema o eclipse,  
 Que o Assunto assim manda, e Délio disse  
 Que do Verso nas tretas  
 Brilhem Sol, Lua, Estrélas, e Planêtas.

Tusso, escarro, e cuspiendo com estrondo  
 Dentro já do Parnaso me vou pondo,  
 Conserto aqui o topete  
 Para dar às Camenas o salvete, (sic)  
 Preparo-me cortês em demasia  
 Para fazer aos Vates cortesia.

Já lá vejo um Rapaz ao Céu olhando  
Num pastoril cajado descansando;  
Será lindo Poeta  
Quando a Lua contempla em vista reta,  
E terá por emprêsa  
Descrever-lhe a inconstância, e ligeireza:  
Mas se a mira e remira tão pasmado,  
Será Poeta aluado;  
Porque ouvi dizer sempre ao vulgo Louco  
Que de Poeta a doido vai mui pouco.

Chego a êle, e fazendo continência  
Digo: Deus guarde a vossa Reverência;  
Porém em responder-me tanto tarda  
Que não quer dar por si, nem pela albarda.  
Nunca tu és Poeta,  
Digo com voz secreta,  
Que em cortesia os Vates dêste Monte  
São mais correntes do que a mesma Fonte.

Gritei-lhe então por frase não comua;  
Saia fora daqui sô mira-lua,  
Porque não há basbaques no Parnaso:  
Mas o bom do Rapaz dorme no caso.

Passo adiante por ver a Cabalina;  
Eis que logo aparece uma Menina  
Linda com uma flor; Musa dissera  
Se no louro das tranças louro houvera.

Que tem hoje êste Monte dos Poetas?  
Pois todos nêle são Anacoretas,  
E contemplando os Céus com ânsia viva,  
Todos em vida estão contemplativa.

Esta Dama formosa  
Tem os olhos no Sol; coisa pasmosa;  
E por mais que o Sol veja,  
Nem carinhas lhe faz, nem pestaneja,  
Para pôr de uns parchinhos (sic) o aparelho  
Diz que do Sol fizera seu espelho.  
Tem os olhos bonitos  
Porque olha para o Sol a olhos fitos.

Ser uma Águia diria  
 Porém ser Águia é ter sabedoria,  
 E esta só pode estar num Secretário,  
 Não em qualquer pessoa de ordinário.  
 Se bem pede o Consoante  
 Que faça Águia à Mulher por ser rapante.

Este par de pasmados,  
 Que neste vale estão embasbacados,  
 Se querem aprender Astrologia  
 Saiam fora do Monte da Poesia;  
 Antes que o Burro, em duas palhetadas,  
 Os lance fora a coices, e a patadas.

Tenho já dado volta a todo o Monte  
 E nem acho Musas, nem acho Fonte,  
 Porque Apolo com tôda a Poesia  
 Todo o seu Trem mudou para a Bahia,  
 Donde um Príncipe, invicto Lusitano,  
 César augusto mais do que o Romano,  
 Com certos varões doutos, e escolhidos,  
 A Academia fundou dos Esquecidos.

Se querem saber quem contou-me a história,  
 Foi das Musas a Mãe, Dona Memória,  
 E no Pierio Monte  
 Mostrou-me o lugar donde estava a Fonte,  
 Que passando por baixo do Oceano  
 Fêz companhia a Apolo soberano.  
 Não julguem mentirosa a minha Musa,  
 Que o mesmo fêz Alfeu por Aretusa.

Vinha a Mãe das Camenas todavia  
 Fazendo-me no vale companhia,  
 Quando vejo que a Dama embasbacada  
 Em girassol estava transformada;  
 E o Mancebo na Lua suspenso  
 Vi roncar, e dormir como um perdido.

Contou-me a Ninfa aqui neste sucesso  
 Ser aquêlê Endimião, que com excesso  
 Quando no Látmio Monte mais dormia  
 A Lua mil favores lhe fazia.

Que a Flor era uma môça enamorada  
 Clície bem parecida, e malfadada,  
 Porque sôbre um desprêzo e um ciúme  
 Era o Sol de seus olhos todo o lume;  
 E que pelos desvelos que tivera  
 O Sol flor dos amantes a fizera.  
 Aqui cortês a Ninfa com excesso  
 Despediu-me, e também eu me despeço.

*José de Oliveira Serpa.*

Certamem amoroso, em que se dá a decisão do  
 problema proposto.

1

Queixosa Clície, porque sempre amante,  
 Sente da ausência o golpe mais violento,  
 Fere o ar a suspiros de constante,  
 A mágoas de saudosa abranda o vento:  
 Aumentasse em seu peito a penetrante,  
 E repetida dor de seu tormento;  
 Porque o tirano amor, ingrato ordena,  
 Que encontre na expressão mais viva a pena.

2

Ai Febo amado! (diz com voz saudosa)  
 Quanto a meu Coração, mais que abrasado,  
 Tu[a] ausência atormenta rigorosa,  
 Teu desprêzo cruel tem maltratado:  
 Segues, que essa distância tão penosa  
 Sirva de justo prêmio a meu cuidado,  
 Vê que justo não é; (querido amante)  
 Porque o firme, difere do inconstante,

3

Vê que êste puro amor, esta fineza,  
 Que em meu Coração vivem sempre unidos  
 Não merecem (tirano), da fereza  
 De teus rigores, ser tão combatidos:  
 Mas se, para abrandar-te essa dureza,  
 Nem basta amor, nem bastam meus gemidos,  
 Seremos sem igual (ó sorte impia)  
 Eu no amor, e tu na tirania.

## 4

Assim se queixa, mas o sentimento,  
 Que a muda voz lhe prende enternecida  
 Dando-lhe mágoas só por alimento,  
 Pezares lhe concede só por vida:  
 Não ouve Febo a voz de seu lamento;  
 Porque da nobre Esfera, já vencida  
 Sua carreira tem, e ao fim do dia,  
 De escura sombra, veste a noite fria.

## 5

Endimião, porém, que despertando  
 Do grave sono, atende ao magoado  
 Acento, que de Clície o vento brando  
 Ao perto lhe conduz mais declarado,  
 Ou já compadecido, ou contemplando  
 No rigor do tormento, já passado,  
 Nova atenção lhe dá, e é seu intento,  
 Que esta lhe suavize o sentimento.

## 6

Então ouve também, que de mais fino  
 Seu amor encarece ao belo amante,  
 Ofertando nas aras do destino  
 Por vítima, o querer mais relevante:  
 E como o seu, que julga só por fino  
 Ao mais firme supõe sempre triunfante,  
 Não contente, que fique em tal estado,  
 Outro amor de mais fino acreditado.

## 7

Ao campo sai a Clície desafia,  
 Sem que demora alguma já pretenda,  
 E no parecer seu tanto se fia,  
 Que armas faz das razões para a contenda:  
 Ela que em seu amor também confia  
 O desafio aceita, e porque entenda,  
 Que susto nenhum tem, responde triste,  
 Que já no campo está; pois nêle assiste.

## 8

Endimião, que atento a voz escuta,  
 Já princípio, quer dar ao seu combate,  
 Já (supondo vencer nesta disputa)  
 Dentro em seu coração toca arrebate:

Nem de outra sorte Clície, que reputa  
Em seu amor de fino o mor quilate,  
O vencimento espera; mas vê logo,  
Que Endimião lhe diz com desafôgo.

## 9

Para mostrar-te (ó Clície) que em meu peito  
Sòmente, vive um fogo, o mais ardente,  
Sòmente, existe amor, o mais perfeito,  
E só mora o querer, mais permanente,  
Pouco basta dizer, se o grande efeito,  
Do que nesta minha alma está permanente,  
(Não podendo no muito declarar-se)  
Fôr possível no pouco acomodar-se.

## 10

Se aquêl amor que a qualquer peito inflama,  
Que adora firme, existe sem mudança,  
E que do belo objeto, a que mais ama,  
De amor correspondência igual alcança  
Se aplaude singular, fino se aclama;  
Com quanta mais razão, mais confiança,  
Outro devo, aspirar nome elevado,  
O que um rigor tem já tanto apurado.

## 11

Eu, que da bela Cíntia à formosura  
Sacrifiquei desta alma os rendimentos  
Dêste amoroso peito a afeição pura  
Desta fiel memória os pensamentos!  
Eu que sendo encontrado da ventura,  
No proceloso mar de meus lamentos  
Sempre firme adorei, nem pôde a mágoa  
Abrandar de meu peito a ardente frágua!

## 12

Eu, que na mais ingrata tirania  
Senti do fero amor o golpe ativo,  
Sem que êste Coração, que em fogo ardia,  
Um átomo perdesse de excessivo!  
Eu, que em tão desumana bateria  
De um rigor fero, e de um tormento esquivo  
Sempre constante fui, sendo em meu peito  
Da mesma tirania Amor o efeito.

## 13

Eu, que de pensamentos amorosos  
 Tão sòmente, alentando o meu desvêlo,  
 Trinta anos fui Pastor, que duvidosos  
 Outros mil duplicava em tardo anelo!  
 Só mereço de amante os decorosos  
 Tributos do louvor, que o merecê-lo,  
 À custa de um pezar de um sentimento,  
 Só é fineza, e só de amor portento.

## 14

Nem quero dizer mais, bem que o intenso  
 De meu amor não chegue a declarar-se;  
 Porque, inda neste pouco, ao mais extenso  
 Deve, mais que extremoso, avantajarse:  
 Aqui suspende a voz, quase suspenso!  
 Mas Clície, em quem só soube assegurar-se  
 De fino, aquêle amor, que a tudo excede,  
 Assim lhe fala, e atenção lhe pede.

## 15

Essas (Endimião) que assim publicas  
 Razões de fino amante, êsses louvores,  
 De que digno te aclamas, o que explicas  
 Incomparável mar de desfavores,  
 Êsse imenso rigor, que certificas,  
 Êsse amoroso efeito, êsses clamores,  
 (Sendo de teu amor tão justa glória)  
 A meu amor darão maior vitória.

## 16

Se adorando encontraste uma crueldade,  
 Se firme padeceste uma fereza,  
 Se um desprezo ofendeu tua lealdade,  
 Se um desdém maltratou tua firmeza,  
 E de tão largo tempo a imensidade,  
 Conservaste no amor igual fineza,  
 Não é muito; pois serem bem se alcança  
 Efeitos do interêsse, e da esperança.

## 17

Nem ainda à custosa, e prolongada  
 Dilação dos trinta anos, que serviste,  
 Se lhe deve o lugar de incomparada  
 Fineza, bem que as leis de amor seguiste:

Porque qualquer ação, que é premiada,  
Se no alcançar do prêmio só consiste,  
Jamais se lhe não deve; pois parece,  
Tem no prêmio alcançado, o que merece.

## 18

Porém eu, que adorando dessa esfera  
Luminosa, o Planêta mais luzido,  
Êsse, a quem sacrifica a primavera,  
Em verdes prados seu matiz florido,  
Senti de amor a ingratitude mais fera,  
E sem ter na esperança algum sentido,  
Sigo constante em meu fatal destino,  
Só sou amante, e só meu amor fino.

## 19

Nem dessa, a que, hoje aroma produzindo,  
As verdes fôlhas servem de cortina,  
Pode o caso (aos rigores advertindo)  
Evitar-me os aplausos de mais fina:  
Antes só menos fôra, se admitindo  
Uma traição, de amor ofensa indigna,  
A vingança escusara, quando efeito  
Foi só do puro amor que arde em meu peito.

## 20

E quando êste a desculpa me não desse,  
Bastava tão sòmente a cruel violência  
De um tal desprêzo, para que pudesse  
Merecer de excessivo a preferência:  
Pois se do crime, a pena, que me desse,  
Satisfaz, sendo igual tôda a indecência;  
Quem viu jamais pagar-se desta sorte,  
Com tantos fins da vida, uma só morte?

## 21

Dirás, que assim sentisse em teus pezares  
O rigor de um desprêzo, e que é forçoso,  
Nesse mesmo desprêzo assegurares  
Teu pezar igualmente rigoroso:  
Mas não, que em tudo ficam sempre impares;  
Porque (ou já no tirano, ou no amoroso)  
Ao teu dá morte o bem, que ao mal despede,  
E ao meu dá vida o mal, que ao bem sucede.

Isto; basta; porque te certifique  
 Vencido teu amor, e o meu triunfante,  
 Nem tua presunção jamais publique,  
 Que aplausos só mereces de constante:  
 Não prossegue mais Clície, e bem que fique  
 Obtuso, Endimião, não é bastante,  
 A que logo vencido não confesse,  
 Que ela o troféu de fina só merece.

*Antônio Nunes de Siqueira.*

## ROMANCE

Lá no dia do Juízo  
 parece-me estou metido;  
 porque vejo o Sol, e a Lua  
 nos efeitos mui unidos.

Por isso vai o Romance  
 do Sol com capa vestido,  
 que se o Juízo vai também  
 leve a capa do Juízo.

Sem dúvida, que desta vez  
 feito Poeta ao divino,  
 se não passar a Deidade,  
 poeta de idade fico.

Mas temo, que êstes meus versos  
 de todos sejam renhidos;  
 pois se fazem num eclipse,  
 em que dois Planêtas brigam.

Porém contudo, se nêles,  
 (convosco falo ó Esquecidos,  
 puseres co' agrado os olhos,  
 de todos serão bem vistos.

Provar qual foi mais amante  
 mandastes como entendidos,  
 se da Lua Endimião,  
 se Clície do Deus [crinito].

Começando pela ninfa;  
 dizem ser Dama de espírito;  
 porque estando inda em terra,  
 no Céu trazia o sentido.

Enamorou-se de Apolo,  
correspondeu-lhe mui fino;  
pensam de que neste mundo  
não está livre o mais divino.

Ao mesmo tempo se viram  
amantes, e divididos,  
que tanto o amor tem de Sol  
quanto depressa faz giro.

Passou-se doutro hemisfério,  
não sei se andou entendido;  
que como é menino o amor  
sempre joga o pouco siso.

Tocada pois desta dor  
lá perto dos pés mais lindos,  
tropeçou a môça e caiu  
da graça do seu querido.

Deixou-a, e não sei se diga  
foi castigo merecido;  
pois quis livrar com u'a morte  
a vida do bem perdido.

Mas ela disse picada  
falou cem mil desatinos;  
que tanto que o amor tem fala  
então lhe falta o juízo.

Pelos raios da cabeça,  
lhe dizia perco o siso;  
mas êle disto zombava,  
que é môço de cabelinho.

U'as preces lhe ofereceu  
por nove dias contínuos,  
jejuando a pão, e água,  
qual eremita do Egipto.

Louco por roubar o céu  
o julguei, e só me admiro,  
de que em tanta Oração  
lhe tire um rapto o sentido.

No ingrato Deus meditando  
do Êxtase em terra caiu,  
e porque morreu com pena,  
foi-se como um passarinho.

Morta, mas não vencida  
sai com êle a desafio,  
plantou-se em campo, e ali  
planta do campo se viu.

- Frente a frente, com u'a flor  
mui gigante lhe faz tiro,  
e porque lhe foge ao ponto,  
cuida, que o leva vencido.
- Muda de armas, e arrogante  
com estoque ao pôsto saiu,  
que por ter a fôlha branda  
a seus pés o viu caído.
- Qual debaixo qual de riba  
sem armas ficam renhindo,  
ela sempre em sua busca,  
mas êle sempre fugindo.
- Em semelhante porfia,  
dêles também me desvio;  
porque andam sempre à mira,  
e podem fazer-me tiro.
- Busco a noite, e quando cuido  
achar nela algum asilo,  
ali topo a Endimião  
na mesma teima metido.
- Enamorado da Lua,  
não me leva bom princípio  
porque lhe há de achar por fim  
o Coração mui diviso.
- Como matemático quis  
tocar no signo de Virgo,  
mas ela o fêz no de Tauro  
dar badaladas de siso.
- Lá sôbre os cornos da Lua  
cuidava ver-se metido,  
mas ela lhe armou tais pontas  
que o fêz velador de espicho.
- Nunca lhe achou quarteirão,  
porque a teve de contínuo  
sempre cheia de desprezos,  
sempre nova nos desvios.
- Sôbre quatro vêzes sete  
dois anos de pastor serviu,  
pondo sôbre os de Jacó,  
dezesseis de amor mui fixo.
- Um perpétuo sono foi  
de tanto amor prêmio digno,  
que sempre para um favor  
de capa o sono há servido.

Qual pombinha de Mafoma  
ali vem falar-lhe ao ouvido;  
outros dizem que a beber,  
na bôca lhe mete o bico.

Foi a conjunção melhor,  
que para caçar se há visto,  
pois entre os braços a pomba  
de negaça lhe há servido.

Porém êle como em tudo  
é amante adormecido,  
das mãos a deixa fugir;  
não vi maior desatino!

Bom matemático seria,  
que caçador, isso é riso;  
buscas a caça no céu,  
quando em terra a tens contigo?

Agora cuido que estás  
com minguantes no juízo,  
mas que muito se te vejo  
a Lua como menino.

Por Lunático te deixo,  
e permita o Deus Cupido,  
te cresça o amor como crescem  
com bom Luar os pepinos.

Mas enquanto assim te estás  
tu, e Clície divertindo,  
sôbre qual foi mais amante,  
darei agora o que sinto.

Quem ama ao que é perfeito  
leva o interêsse por fito,  
quem ama ao defeituoso,  
do seu amor faz capricho.

Amar ao Sol foi amar  
um sujeito perfeitissimo,  
querer a Lua foi querer  
defeitos a olhos vistos;

E se amar por amar sômente,  
é afeto conhecido,  
e se é conveniência grande  
querer para ser querido;

Logo o Sol só deve a Clície  
um interêsse mui fino,  
logo a Lua a Endimião  
deve afetos peregrinos.

Clície recebeu favores  
do seu amante ao princípio,  
Endimião um só que teve,  
coitado, estava dormindo.

Se é muito dever a Clície  
nove dias de martírio,  
a Endimião que não será  
trinta anos de cativo?

Por certo que não foi a Clície  
neste amor mui parecido,  
pois ela vive, morrendo,  
e êle morre, estando vivo.

Quem morre de pena, busca  
do mal o fim apetecido,  
quem vive sentindo penas  
não quer a seu mal alívio;

Não querer alívio ao mal  
é ser no amor excessivo,  
buscar o fim de seus males  
é ser no afeto mui túbio;

Logo não foi o de Clície  
nos extremos amor fixo,  
logo o de Endimião só foi  
nas finezas amor fino.

Que se ela morre na pena,  
se êle na pena está vivo,  
a Lua foi mais amada,  
o Sol foi menos querido.

Esta a razão com que mostro  
qual deve ser excedido,  
se não parecer que é justa  
julgue-o quem fôr entendido;

Que dar Senhora sempre foi  
para mim coisa de risco,  
porque a hora de julgar  
é a mesma do juízo.

Com isto acabo, e se acaso  
as coplas passam do estilo;  
o Romance vai descalço  
leva os pés desimpedidos.

*De Frei Antônio de Santa Maria  
São Francisco.*

## Ad Clytien et Endimionem.

## EPIGRAMMA

Dicitur ignis amor, solis extinguitur undis,  
 Fit maior flammis, pectora cuncta uorans.  
 Cepit amor Clytien Solis, sensitque repulsam,  
 Et Lunae, Endymion, quem quoque cepit amor:  
 In Clytiem Phoebus flammam obuertit amantem,  
 Haec sparsit flammam Endymionis aquis;  
 Pectore namque ipsas quamuis uersauit, amoris,  
 Hic carpsit somnos, at tulit illa necem.  
 Cernitur hinc Clyties maior, nam extinsit amantem,  
 Qui fuit extinctus, quam Endymionis amor.

*São Francisco Anônimo.*

Mostra-se que foi Endimião mais fino em amar  
 a Lua, que Clície ao Sol.

## SONETO

Ama ao Sol, que a despreza sempre ingrato,  
 Clície sem atender a seus rigores:  
 A Lua Endimião entre favores,  
 Que a noite facilita o mor recato.

Mas se coisa mais bela em nosso trato  
 Não se dá, que do Sol os resplendores,  
 Nem menos engraçada, que os fulgores,  
 Da Lua, que do Sol quer ser retrato.

Sem buscar mais razões tenho assentado,  
 Que foi Endimião neste sentido  
 Mas fino, que foi Clície em seu cuidado.

Porque sempre fêz menos um rendido  
 Em amar a beleza desprezado,  
 Que a fealdade amar favorecido.

[*Sem indicação de Autor*]

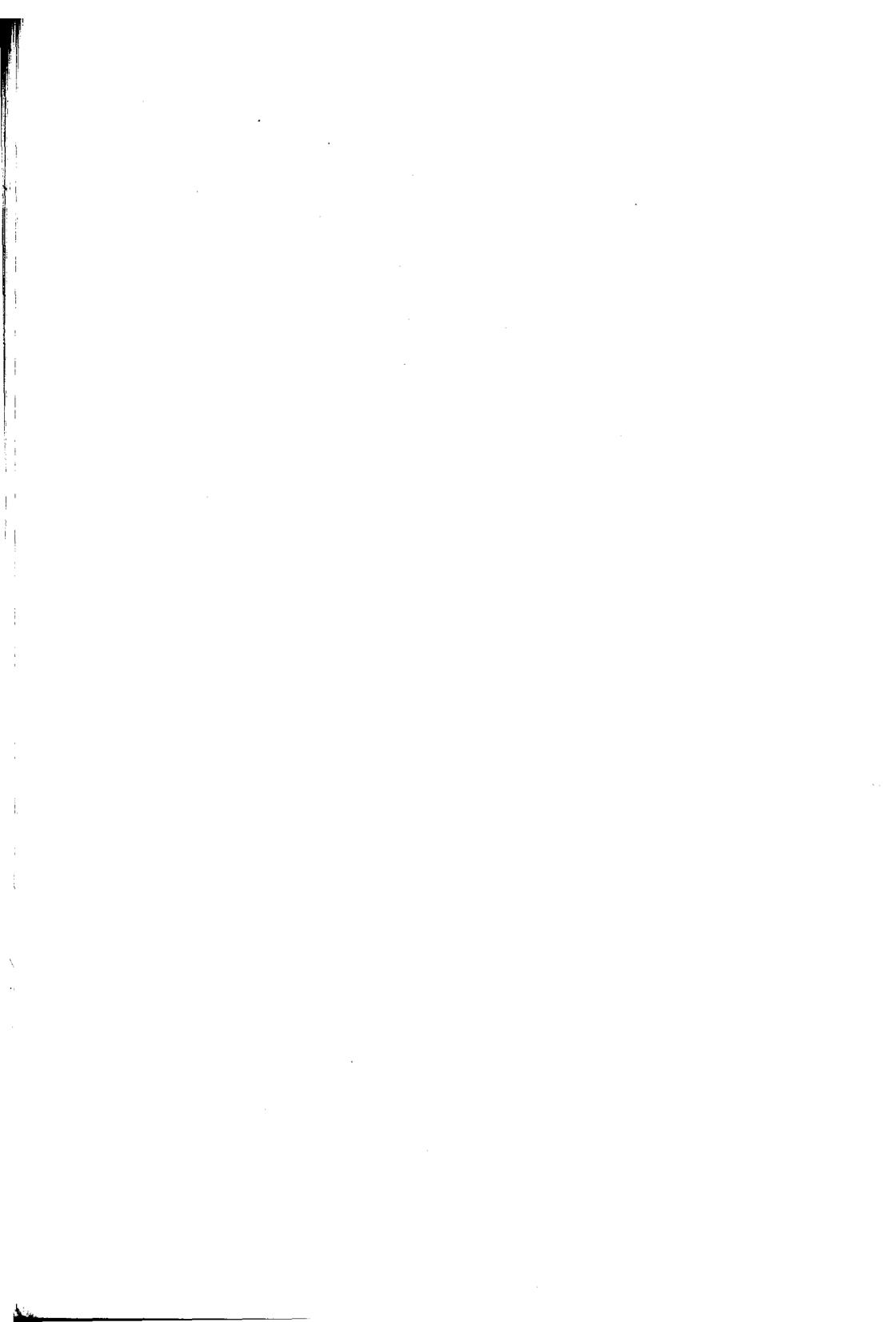
...

### ...

...

...

3.a CONFERÊNCIA  
DE 21 DE MAIO



## Oração Acadêmica (\*)

Da pródida Natureza recebem preceitos as políticas terrestres com que a púrpura domina, e impera; e o saial tributa, e obedece a grandeza, que a ampara; atribuindo à sombra, que o favorece, a seguridade de que por seu trabalho adquire, e recolhe; correspondendo ao que deve contudo, o que pode; contudo pode servir, favorecido da vontade. Não obrigou a Providência, a baixeza dos vales a competirem com a soberania dos Montes; porém sim a receberem da sua sombra a fluência das águas, e o amparo dos ventos. Se o agradecimento dos inferiores se houvera de mensurar pelo tanto, que recebem dos Príncipes, como se eximiriam os pobres vassallos de ingratos, faltos da possibilidade, pela escassez da Fortuna? Porém como a gratidão toma o ser, e a formalidade do ânimo, que a alimenta, e êste os cabedais da memória, que o enriquecem (tesouro sempre aberto, e nunca exausto) não será o mais poderoso, o mais agradecido; será o mais agradecido, o mais lembrado da beneficência recebida — dos benefícios a paga, é a mais cabal a lembrança — sentença, a que precedeu o successo de Artaxerxes Monarca dos Persas com um rústico, e pobre vassallo seu: quando êste vendo-se na ocasião, em que todos, os que o eram, serviam àquela Majestade com o muito, ou pouco, que tinham, lhe apresentou as mãos mal cheias de água (pela que de entre os dedos lhe caía) tomada de um regato vizinho: conheceu o Rei o ânimo, e remunerou, como sábio, o impulso da vontade, com enriquecer, e honrar a singeleza da oblação, sem atender a penúria da oferta, dando-se sua benévola grandeza por entendida da possibilidade, que a formava: Exemplo, de que o Sêneca se valeu para definir a gratidão e a virtude só de entendidos, e não prerrogativa de dadivosos.

---

(\*) No manuscrito há o cabeçalho: "Mestre da história militar", antecedendo ao título normal da conferência.  
Ao lado do título, lê-se: "3.<sup>a</sup> Confer.<sup>a</sup> de 21 de maio, do cap. João de Brito Lima".

Bem pudera a insuficiência, que em mim reconheço, desonerar-me desta obrigação, em que hoje me pôs a generosidade de um magnânimo César, e a eleição do erudito passado Presidente, mais que o meu merecimento: honra, que avaliara por incomparável, se a deterioridade do meu talento me não servisse mais de acumular-me desdouros, que de grangear-me aplausos. Não faço esta sincera confissão, nem para desculpar os meus erros, nem para afetar os meus obséquios; sim para mostrar, que vem sacrificada a minha vontade nas aras da obediência, e que conheço os meus defeitos, por escusar, que mos notem; porque o maior defeito, que pode ter o homem, é não conhecer os seus defeitos, e da falta do próprio conhecimento procedem as alheias desatenções. Por cuja razão, parece, que Felipe Pai do Magno Alexandre, tinha quem cada dia lhe advertisse, que era homem; para que com esta lembrança se despertasse o desvanecimento da Coroa, atendendo a fragilidade do seu ser. Sem dúvida havia decorado aquela célebre sentença, que uns atribuem a Tales, outros a Platão, e muitos a Sócrates, a qual diz — Conhece-te a ti mesmo — e foi dos antigos tão venerada; que a tinham escrita no templo de Apolo: como se dissera, que ignorar-se um homem a si, e cuidar, que conhece o que ignora, não somente é ignorância, mas desatino. Palavras são estas referidas por Sócrates, confirmadas mais genuinamente pelo divino Platão, dizendo: que é coisa ridícula não se conhecer um homem a si, e querer conhecer aos outros sem dúvida, que já naqueles séculos havia a vaidade destes; esta seria a razão, porque o famoso Soares Granatense, sendo-lhe perguntado pelo Rei: quem devia mais ao Autor da Natureza: se êle, pelo fazer Monarca: ou se o dito, pelo fazer tão sábio? respondeu com a sua costumada agudeza: que mais devia aquêlê homem a Deus, que melhor se conhece a si. Dêste princípio se pode entender: quão cabal conhecimento tenho da minha insuficiência, desculpa eficaz para os meus erros, e que venho aqui seguindo, como coisa inferior, o Móvel desta heróica ação, Augusto Mecenas, e Protetor dêste Certame. Pois se Platão em Atenas foi o primeiro, que deu princípio às Academias do Mundo, em um lugar, a que chamaram Academia, donde derivaram o nome: outro melhor Platão dá maior nome à Bahia, erigindo esta nova Academia. Tudo se deve a seu relevante projeto; tirando das águas do esquecimento os engenhos desta Americana Côrte, mais fecundos, pelos Néctares, e Ambrosias dos seus pletros, que os que fabricam (à imitação das pródidas Abelhas) as brasilicas doçuras. Quem senão, vós, (divino Platão, invicto César) pudera conseguir tão alta emprêsa; fazendo, que passem de esquecidos os Alunos dêste Museu nas me-

mórias anteriores, a serem lembrados pelos ecos do clarim da fama nos tempos presentes, posterizando seus nomes à imortalidade para os futuros.

Sendo esta glória tão grande para a Bahia, e para os seus habitantes; é muito maior para o supremo Protetor, que a comunica. Comprovem êste meu pensamento três símiles proporcionados a sua grandeza. Para o que me é necessário no Primeiro subir com o pensamento ao Céu, e remontado a essas Esferas (ainda que tenho pouco de Águia) descobrir a primeira prova.

Esse Celeste Pavão, Argos do Universo, tocha do Céu, e Farol do Dia; quando mais resplandecem seus raios, é quando com benéfico influxo, e pródiga afluência de luzes, corta de vivíficos resplendores as etéreas galas, de que os mais Planêtas se adornam: a cuja liberalidade devem o seu luzimento; circulando juntamente o âmbito das Esferas, radiantes Astros, trêmulas Luzes, ardentes Víboras, em formidáveis Cometas, flamíferas exalações, e igníferos relâmpagos. Que importava, que fôsse o Sol o Primogênito das Luzes, e Monarca dos resplendores, se não comunicara aos mais Planêtas o tesouro de seus raios: Sol ficaria sendo só no nome: Sol, porque só. Ora já que subimos tão alto, desçamos; (por ser sempre pensão do subir o descer) e chegando à terra, sem que nos metamos muito pela terra dentro, à flor da mesma terra acharemos o segundo símile do meu pensamento, acima apontado.

Se êste estável Elemento não dera sustos à esmeralda revestida da verde libré, que cada ano lhe corta a Primavera, e lhe alinhava Flora: derramando a célebre Amaltea a sua cópia, nos vistosos jardins, e nos matizados Campos, em odoríferos cravos, fragrantés jasmíns, cândidas açucenas, nacaradas rosas animadas da púrpura de Vênus. E finalmente se as árvores se não vestissem de plausíveis fôlhas, se enfeitassem de aromáticas flôres, se carregassem de saborosos frutos, com que Pomona alegra a vista, lisonjeia o olfato, e saboreia o gôsto: seria a terra não menos formosa, por infrutífera sômente; como sempre estaria no seu primeiro ser vazia, e nua.

Ora já que subimos ao Céu, e descemos à Terra, será razão, que nos façamos na volta do mar. E por mais que me dê água pela barba me hei de meter desta vez aos mares, a buscar no centro das suas águas o terceiro símile de meu pensamento.

Se êsse filho de Saturno, a quem tocou a marítima porção do Universo, — Príncipe absoluto do cristalino império, não comunicara ao mundo seus tesouros — por incógnitos, e subterrâneos meatos, já em caudalosos rios, já em limitados regatos

— e já em transparentes fontes, que em obséquio de tanta gratulação, aquêles lhes tributam (quais se foram da prata os rios) um potosi em suas ondas: Êstes de finíssimo cristal líquidas copas: Estas em fio nevadas pérolas: Rei se poderia chamar de Cerúlea Monarquia, porém avarento Rei; defeito mais notado nas Majestades. Estas prerrogativas, êstes atributos, estas excelências, que fazem soberano o Sol, na comunicação das suas luzes, magnânimo o Mar, na liberalidade dos seus cristais; generosa a Terra, na abundância dos seus frutos: se vêem todos recopilados (comprovando o meu pensamento) no melhor Sol, que com benéficos raios nos ilustra: no melhor Oceano de liberalidades, de donde com rápida afluência emanam as Castálias, em que se banham os Americanos Cisnes: e finalmente se vinculam na orbicular esfera de tanta magnificência, onde são, como terra, suas grandezas; pois pródigo, como o Sol, liberal, como o Mar, e generoso, como a Terra, nos comunica tanta glória, sem que diga ambicioso: a minha glória a outro não darei: seguindo, como douto, a doutrina de Aristóteles, que encarece por bem o varão, que usa de sua bondade com os mais. Sentença, que devia aprender de Platão, quando disse: que é tanto melhor o homem, quanto mais universal: e que é bom o homem, que aos mais comunica a sua bondade.

Alentado desta razão, pudera confiadamente arrojarm-me a esta empresa; mas que poderá o rude de meu engenho ditar, e o tósco da minha pena escrever, à vista de umas orações aqui repetidas, tão discretas, como elegantes; tão conceituosas, como doudas; e tão louvadas, como beneméritas, pelos eruditos passados Presidentes; e à vista das lições de quatro tão grandes Mestres, que com os rasgos das suas penas autorizam êste certame; parecendo, pelo remontado de seus vôos, de Águia; e por únicas, de Fênix: das quais tem formado a Fama novas asas para levar seus nomes às mais recônditas partes do Universo. Observando-se no erudito das suas orações, e no estilo grandiloquo da sua história, a eloquência de Túlio; a gravidade de Demóstenes; a elegância de Lívio; a severidade de Platão; sentenças de Sêneca; e agudezas de Aristóteles.

Suspense o discurso neste mar de tantas ciências com a remora da perplexidade, forçosamente há de encahar nas Cirtes do temor; vendo pela proa o Sila da desconfiança própria, e o Caribdes da desafeição alheia: onde outros baixéis de mais alto bordo — podiam temer o seu naufrágio. Porém como levo por farol a luz dêste Cesário Apolo; — ilustrado dos influxos dos seus raios, não me suspendem remoras; não me embarçam Cirtes; não me intimidam Silas; não me acobardam Caribdes. E largando as velas ao discurso, esperam minhas esperanças tomar

pôrto seguro nas praias do Oceano de tanta grandeza. E enquanto se fazem com terra, irei flutuando, até descobrir o assunto da minha oração.

Vários me ocorreram para por êles poder discursar: que re-futeis por tirar — desta Academia o meu sistema, sendo o maior objeto do Assunto, o assunto do maior objeto. É pois o título dos nossos Acadêmicos: Esquecidos: é o seu régio Mecenas, e soberano Protetor o Príncipe mais famoso, o Herói mais perfeito, que quantos com seus diáfanos raios o Dêlfico Planêta illustrou, ilustra, e ilustrará. É sem dúvida; que os pouco lembrados da Fama nesta enganosa Babilônia do Mundo, são aquêles, que ou a Fortuna derrubou do maior auge da sua grandeza; ou lhes negou ela; e a Natureza avara seus apetevidos dotes. Estes com razão se podem chamar (por inúteis) esquecidos: e não aquêles que a Inveja, ou a Ignorância têm ofuscado; e a indigência abatido; que ao Diamante não diminui o valor o humilde do engaste: assim como não tira a perfeição à Pérola o tósco da concha. Logo por consequência se colhe, que os nossos Acadêmicos (ainda que esquecidos) não perdiam o valor, e perfeição, que tinham: Bem que, como Diamantes engastados no duro ferro do Esquecimento; e como Pérolas encerradas nas conchas da Ignorância, não resplandeceram, nem luziram; se a grandeza dêste supremo César lhes não quebrara o engaste, e lhe romper a concha, fazendo-se a si, e a êles imortais; para que possam apostar durações com o tempo, e triunfar do império da Fortuna: pois esta (como pretendo mostrar) tendo domínio sôbre tudo; o não tem sôbre o varão perfeito. Tenho descoberto o Assunto: se não discorrer com acêrto; farei muito, porque seja com brevidade, por não enfadar tanto.

Criou Deus esta Máquina do Universo; e é de notar: que sendo tão grande e tão formosa, lhe não custou mais trabalho, que o de uma palavra: faça-se. Quis formar no Homem, ou um pequeno Mundo dentro do Mundo grande (como diz Damaceno) e sendo coisa tão limitada a fábrica do homem, não sômente concluiu — com um faço; senão, com façamos: empenhando nisto a Trina Essência. Razão parecia; custasse mais ao Autor de tudo a diáfaneidade da Luz, o resplendor do Sol, o transparente da Lua, os Céus matizados de Estrêlas, os Prados semeados de Flôres, os Mares abundantes de Peixes, os Ares freqüentados de Aves, os Montes povoados de Feras: e nem a Luz, o Sol, as Estrêlas, os Prados, as Flôres, os Mares, os Peixes, os Ares, as Aves, os Montes, e as Feras custaram tanto, como o Homem. A razão é; porque, como havia dominar tôdas as criaturas sensíveis, e insensíveis; custou a sua manufatura ao Soberano Artífice, mais que todo o Mundo. Porém como abu-

sasse dêste despótico poder, e dignidade suprema, em que se viu constituído: ficou, pela culpa, que cometeu, sujeito às inconstâncias da Fortuna, e sufragâneo ao seu império; e de absoluto Monarca do Universo, reduzido a humilde Jornaleiro, ganhando o pão com o suor de seu rosto.

Parece, que esta razão é mais contrária, que acomodada ao meu Assunto; porque se não há coisa, que não esteja sujeita ao império da Fortuna; e conseqüentemente o Homem: (como tenho mostrado) representados todos em Adão, pela culpa: não tem logo o Homem domínio sôbre a Fortuna; e tem ela sôbre êle, e sôbre tudo. Com alguma distinção soltarei depois a dúvida, provando o que agora difícilto.

É a Fortuna tão temida no Universo, e foi tão venerada dos Romanos; que entre os inumeráveis Templos, que a sua superstição erigiu a vários Ídolos com soberba magnificência, e coríntia fábrica: lhe dedicou Sérvio Túlio 6.<sup>o</sup>, Rei dos Romanos um: e Quinto Fúlvio Flaco outro também de elevada grandeza, em que davam a seu simulacro devido culto e reverente adoração; entendendo erradamente esta Gentilidade, que a Fortuna era Deidade, pela falta do conhecimento da nossa verdadeira Religião: que atribuímos os bons, ou maus sucessos à primeira causa; como elegantemente diz o nosso Vergílio Português, famoso Camões nos seus Lusíadas, canto décimo, oitava 38: chamam-lhe fado mau, Fortuna escura:

Sendo só Providência de Deus pura. E contudo isto, ainda os Católicos debaixo dêste nome — Fortuna — nos explicamos nas nossas adversidades ou bonanças.

Pinta-se a Fortuna: mulher com asas; uma roda numa mão, e na outra um vaso cheio de riquezas: cega de ambos os olhos, ou com êles tapados. Pois, como cega, distribui os prêmios, com os indignos, que devia dar aos beneméritos: mostrando nas duas asas a ligeireza, com que apenas a vêem, quando desaparece, se a não têm pelos cabelos, como a ocasião. A roda lhe serve de hieroglífico dos que sobem ao maior auge para os despenhar ao mais profundo abismo. Finalmente vária, como mulher, e inconstante, como a mesma Fortuna. Outros a pintaram de outras sortes, que omito referi-las, por não fazer ao caso. É tão poderosa esta falsa Deidade; que não há Monarquia, Reino, Província, Cidade; Monarcas, Reis, Príncipes, Grandes, e Pequenos, e até a mesma Formosura, que não esteja debaixo do seu Império: ao mesmo tempo abatendo uns, e exaltando outros. Imensos são os exemplos, que nas Divinas, e Humanas Letras tenho, para corroborar êste pensamento. Porém só farei menção dos Maiores, por não fazer catálogo de todos.

A primeira Monarquia, que houve no Mundo, (quando se achava na sua Infância enfaixado nas primeiras mantilhas) foi a de Adão; que menos durou, que tôdas. Parece: não podia haver Monarca com mais fortuna, por ser obra de tão Soberano Artífice, e o seu patrimônio todo um Mundo: pois tôda esta Fortuna lhe não durou mais, que três horas, na comum opinião; que se não visse sem império, pobre, e corrido.

Caiu a Monarquia de Adão por sua má fortuna, e desgraça nossa. Assim caíram, e cairão tôdas (As maiores que houve nos dão exemplo). A dos Assírios começada em Babilônia por Nembrot 275 [centúrias] depois do dilúvio, com 1.401 de duração; governada por 33 Reis varões: (pôsto que haja opiniões, que foram mais) acabou com o desgraçado Baltazar, na infausta noite, em que profanou os sagrados vasos, pela potência de Dario; que passou a Monarquia dos Assírios aos Persas. Tão opulenta; que para indício da sua riqueza tinha uma grande parrera; da qual as fôlhas eram de esmeraldas, e as uvas de preciosíssimas pedras: e um travesseiro, em que se deitavam os Reis, foi nomeado, com admiração dos Escritores, pelo tesouro do Universo. Esta opulenta magnificência durou 280 anos; (segundo a melhor computação) e foi destruída a Monarquia por Alexandre, e morto o último Dario: sem que pudesse tanta grandeza, vencer tão má fortuna. E se afirma, que (fora as mais riquezas dêste Monarca; que foram infinitas) achou Alexandre cento e 86 milhões em dinheiro.

Reduzida a tão miserável estado (mais pelos vaivéns da Fortuna, que pelo valor de Alexandre) esta opulenta Monarquia foi passada aos Gregos: onde no dito Alexandre começou, e acabou: e à imitação de Raio luziu, abrasou, e feneceu. Quem dissera: que um Monarca, a quem havia tanto favorecido a Fortuna; que, de trinta anos de idade, senhoreasse todo o Mundo: pusesse térmo aos seus progressos, e à sua vida um cruel veneno administrado por um seu criado! E isso veio aparar o valor de Alexandre, e Monarquia dos Gregos: de cuja grandeza ficaram apenas, por sombras, umas relíquias em Macedônia, até El-Rei Perseu; que a República Romana reduziu à limitada Província, pelo valor de Paulo Emílio.

Foi a quarta Monarquia, e a mais magnífica, e poderosa, a dos Romanos; a quem a Fortuna subiu a tanta grandeza, (estabelecida com o valor de César) que chegou Roma a ser cabeça do Universo; e a ver no seu Erário tôdas as riquezas do Mundo. E parece incrível a prodigalidade dos seus Monarcas; pelos supérfluos, e extraordinários gastos. Basta; que alguns se não servissem, mais de uma vez, com tudo, o que pertencia ao seu trato, tanto em mesas, como em roupas. Voltou a Fortuna sua

roda: e rodou tanto esta grandeza; que veio a ser Roma, teatro de ignomínias. A cujo propósito, com muita agudeza, um Lusitano, e discreto engenho do passado século, lhe chamou, roda da Fortuna.

Passemos de Roma ao reino de Judéia, veremos o lastimoso espetáculo, a que se reduziu aquela Potência: merecido castigo, (e ainda limitado) pela iniquidade do seu delito cometido em Jerusalém. A qual, depois de cinco meses de cerco, foi entrada, e destruída por Tito mais rigorosamente, que a primeira vez pelos Babilônios; sem que ficasse pedra sobre pedra: como estava profetizado. E não valeu a diligência, que fêz Tito, para que se não destruísse o famoso Templo: (que pelo não injuriar, a Fama lhe não deu o nome de oitava maravilha) pois dêle não ficaram, para memória, mais que as Cinzas. Estas me fazem lembrar das de Tróia; que com línguas de fogo nos está repetindo a sua lastimosa tragédia: como o nosso famoso Gabriel Pereira nesta oitava, Canto 2.<sup>o</sup>, 8.<sup>a</sup> 3.

Arde a Netúnia Tróia já rendida  
 Ao Cavallo fatal, e Grega espada.  
 Em cinza, em fumo, em sombra convertida:  
 Que a glória humana é fumo, é sombra, é nada.  
 Já tratavam os Gregos da partida:  
 Carregando o despôjo a grande armada;  
 E entre tão rica, e soberana prêsa,  
 Era a formosa Elena a mor riqueza.

E com não menos elegância na sua Filis aquêle Canoro, e Lusitano Cisne; que com melodia mais suave se supõe cantando hoje no côro do soberano, e eterno Apolo, Canto 2.<sup>o</sup> oitava quinquagésima quinta.

Enfin Troya em cenizas sepultada  
 Quedó; mas de su mal tan presumida;  
 Que de su proprio estrago eternizada,  
 Phenix vive en sus llamas renascida.  
 El fuego, el humo, la ceniza, el nada  
 Su gloria fué, su exaltación, su vida:  
 Pues hizo en su ruina aquella gloria  
 Trompa a su fama, Templo a su memoria.

Neste estado pôs a Fortuna a cabeça de tôda a Ásia, mais vencida da indústria, que do valor Grego: causando a formosura de Elena aquêle estrago, a que deu princípio o Pomo da discórdia. A cujo propósito, não vem fora dêle a que causou em Espanha

a beleza de Cava apeteçada de Rodrigo; pois quando se julgava no maior auge da Fortuna, se viu entrada, e destruída pela inlecta, e Agarena nação: sujeita muitos anos ao seu domínio, e miraculosamente restaurada das Godas reliquias, que se guardaram nas Astúrias. E já que estamos tão perto de Portugal, não nos esqueçamos de ver o estado, em que o pôs a Fortuna; pela juventude mal considerada do sereníssimo Rei Dom Sebastião perdido, ou morto (se quiserem estar por isso os que se têm cansado de esperar) em África, e com êle a Flor de Portugal: ficando o Reino tiranizado da Potência de Espanha 60 anos: e prodigiosamente restaurado pela lealdade, e valor Português, no sereníssimo Rei Dom João o 4.<sup>o</sup>, legítimo, e verdadeiro senhor dêle, por direito divino e humano.

Se as Monarquias, se os Impérios, se os Reinos, Cidades, Edifícios; e ainda do Mundo os sete Prodigios; que apostavam durações com a Eternidade, se não eximiram da jurisdição da Fortuna, como nestes, e outros exemplos se tem visto: (que não repito por não ser mais extenso) que não passaria pelos Monarcas, Imperadores, Reis, Príncipes, Grandes, e Pequenos; como veremos, com brevidade possível, em vários sucessos nas divinas, e humanas Letras. Quem com mais fortuna nasceu, que Abel Primogênito de Adão, Primeiro Príncipe do Mundo, e herdeiro do Universo? E que importou a fortuna, com que nasceu: se lhe tirou com a vida seu Fratricida Caim. Rei poderoso foi Holofernes: com tanta fortuna, que depois de vencer várias batalhas; cortando as águas a Betúlia, a pôs em estado de se entregar, se o valor de Judite lhe não construisse, em mísero cadafalso, o leito, em que esperava saciar seu torpe apetite.

Quem logrou mais fortuna que o valoroso Nazareno; Capitão do Povo de Deus, assombro da Palestina, e terror dos Filisteus? E quem mais abatido, por incauto? Fiando um segrêdo de tanta ponderação (como a Muitos tem sucedido) da inconstância de uma Mulher. E o que foi pasmo do valor, veio a ser escárnio da Fortuna. Muito grande considerava ter Amão no valimento de Assuero: e quem lhe dissera; que a forca, que fabricava para Mardoqueu; houvera de servir de patíbulo da sua morte! Vejamos a fortuna, que teve Absalão, em nascer filho de Davi: em que veio a parar? Em serem os seus louros cabelos os laços, que lhe armou a Fortuna, para perder a vida. Deixemos as divinas, e vamos às humanas Letras. Qual foi a fortuna de Nino, o Primeiro, e o Maior Monarca dos Assírios; querendo ter venerações de Deus, e fazendo as dessem a Belo seu Pai? Morrer às mãos de uma traidora mulher. Qual foi o fim da fortuna de Dario, e de Alexandre: o que já repeti.

Mais infausta foi a de Bayacoto: que de Imperador do Otomano Império veio a morrer metido em uma gaiola, comendo as migalhas, e os ossos, que da mesa lhe lançava o Famarlão. A mesma fortuna, e prisão teve Valeriano, Imperador Grego, sendo prêso por Sapor, Rei dos Persas. Até aqui Fortuna adversa: e até aqui felicidade da Fortuna, em Polícrates, Rei dos Sâmios. O qual (não tendo recebido em sua vida pezar algum) para saber o gôsto, que tinham, mandou lançar ao Mar um precioso anel, que estimava muito: e foi tal a sua fortuna, que em breves dias, matando-se um peixe, se lhe achou. Parece, que não pode chegar a fortuna de um homem a mais. Porém, em que parou a de Polícrates? Em ser prêso por Orontes, e morrer em uma forca. Não foi menos a fortuna de Cresso: competindo com a sua riqueza de sorte que fazendo, um dia, alarde da sua grandeza: mostrando a Sólon os seus tesouros, lhe perguntou: se sabia que houvesse no Mundo homem com mais riqueza, e mais fortuna: ao que o sábio respondeu: que Aquêles; que viveram com virtude, e acabaram com honra: e que, enquanto vivia, senão tivesse por bem afortunado. Assim sucedeu: porque voltando a Fortuna a roda; em breve tempo foi prêso por Ciro, destruída a sua terra, roubado o seu tesouro, e êle pôsto em um madeiro, onde exclamava por Sólon, lembrado do seu vaticínio.

Que fortuna se pode comparar com a de César? Se igualava ao seu valor: e tanto a tinha por segura, que embarcando-se em certa ocasião; e temendo Amiclas seu Palinura naufragar, por ver furioso o Cristalino Elemento, lhe disse: não temas, que vai contigo a fortuna de César. Esta parou em morrer no Senado de vinte e três punhaladas, e cair aos pés da estátua de seu inimigo Pompeu: que os seus haviam morto. Houve mais infausta fortuna, que a dos Reis de França (semelhantes na sorte aos nomes) o Terceiro, e Quarto Henriques. Que mofa não fêz a Fortuna dos Imperadores Romanos e Gregos: ao mesmo tempo, que os subia ao Trono, os precipitava. Veja-se um Calígula, um Nero, Domiciano, Narciso, Pertinaz, Juliano, Macrino, Heliogabalo, e os mais, que correram a mesma fortuna: uns mortos, outros arrastados pelas Praças de Roma: a uns tirando os olhos, a outros os narizes, e orelhas: justos castigos para a sua perfídia. Só foi da Fortuna justamente premiado o arbitrista: Perilo; por acabar no invento, que fabricou; entendendo, lograva a Fortuna de ser Privado de Falaris, pelo inventado tormento do Touro de metal. Desta comum regra se não eximiu a debilidade do sexo feminino: e fora das mais histórias, que omito; baste, para prova, a da infeliz D. Inês de Castro, e Maria Estúarda; que como iguais na formosura, o foram na fortuna: que esta nem a maior beleza guarda imunidades.

Parece tenho mostrado, senão como devo, como pude; que debaixo do império da Fortuna está sujeita tôda a máquina do Universo: todos os Monarcas, Reis, Príncipes, Grandes, e Pequenos; e até a mesma Formosura. Logo dêste dilema se tira por consequência, que está o Homem sujeito ao domínio da Fortuna, e não a Fortuna aos preceitos do homem. Esta é a dúvida do princípio, que prometi soltar, o que agora faço.

É o Homem Animal, que se distingue dos Mais, só pela racionalidade. Se a êste lhe faltam os ditames da razão, não difere dos outros mais, que na Forma: e quanto é mais elevado nos discursos, mais se afasta da irracionalidade. E só merece o nome de Homem na comum opinião, aquêle, que vive, como homem, (ou qualquer Príncipe, debaixo dêste nome) ajustando às suas ações a nobreza de seu ser. Tirando-se por ilação: que o mais perfeito Homem, é o homem mais perfeito: e que êste é, o que tem domínio sôbre o império da Fortuna; porque como conhece a sua instabilidade; nem seus apetites o enleiam, nem seus regalos o enlevam, nem seus pesares o entristecem, nem o desvanecem suas ditas.

Além desta constância, que é a base fundamental dêste edificio, conhecendo a fragilidade de seu ser, há de entender; que nem passa de homem; e que a dignidade se lhe aumenta a estimação, lhe não extingue a identidade do suposto, para que se não desvança: como Alexandre, aspirando a divindades, de filho do Deus. Há de ser observante da Lei: porque esta é a Rainha de todos os Mortais (como lhe chamou Píndaro). E perguntando-se a Bias (um dos sete sábios de Grécia) qual era o melhor Príncipe? respondeu: que aquêle, que se submete, e obedece melhor às Leis. E tanto as veneravam os Reis do Egipto, que só se tinham por ditosos, quando obedeciam a elas (como refere Deodoro Gículo). O Terceiro Rei de Ásia, Antíoco, mandava por todo seu Reino promulgar; se não obedecesse a alvará, ou édito seu, se se afastasse da Lei: (Fulgírio o refere; e Nicéforo, o mesmo de Tibério César).

Sólon (um dos sete sábios) dizia: bem regerás, depois de aprenderes a ser regido. E Sócrates com notável agudeza: que é ignorância querer imperar sôbre os Mais, quem não pode imperar sôbre si. Duas razões dava Cambises Rei dos Persas, por se sustentar uma república: a primeira; quando a virtude regia: e a segunda; quando os que obedeciam, tinham por honra a obediência. O Cônsul Tronto dizia: era mau, viver a obediência do Príncipe, que ía a mão a tudo: mas que era pior, estar sujeito ao que não ía a mão a nada. No Deuteronomio mandava Deus: que tanto que o Rei fôsse eleito, escrevesse a Lei, e a tivesse consigo; para por ela se governar. E no quarto livro dos Reis:

Ao Príncipe, que passava a rei, sôbre a coroa se lhe punha a Lei. Dando nisto a entender: que esta deve qualquer Príncipe trazer sôbre a coroa de sua cabeça: e que, ainda que lhe custe um ôlho da cara o conservá-la, o deve fazer; como já sucedeu. Passemos ao outro atributo, que há de ter o perfeito homem.

A Prudência, e Sabedoria são os dois pólos, em que assenta a perfeição do Homem, e a Majestade do Príncipe. Se qualquer dêles falta, dá-se com o edificio em terra. Bem claramente o disse Moisés aos Judeus; (quando lhe pediram Príncipe, que os governasse) Dai-me Vós varões, lhes respondeu sábios e doutos; eu os farei vossos Príncipes. E Deus, por bôca de Davi no segundo salmo, recomenda: que sejam eruditos os Príncipes, que governam a Terra. É no Homem tão necessária a ciência; que diz Menandro: que a Fortuna ajuda a todos os sábios. E Sêneca reconheceu que contra os bons costumes não tinha a Fortuna jurisdição. Parece-me, que, com tão grandes autoridades, não vai fora de propósito o meu argumento.

Vamos ao atributo da liberalidade; que é o que mais deve prezar o perfeito Homem: e se o não fôr tanto, como César; e tão pródigo, como Alexandre; não seja tão avaro, como Dario; que abriu o sepulcro de Nitocris Rainha do Egito; por ter um Epitáfio, que dizia: se em algum tempo o Rei de Babilônia carecesse de dinheiro, abrisse aquela sepultura, e tirasse o que houvesse mister: porém, que sem necessidade o não fizesse. O tesouro, que achou a ambição dêste Monarca, foram umas letras, que diziam: se não fôras tão ambicioso, não abrias as sepulturas. Que importa, que uma árvore se encha de excelentes frutos; se pelo lugar, em que está plantada, se não aproveitam os vizinhos dêles. De que servem as riquezas no Príncipe? se as não participam os vassallos. O Príncipe há de ser; como a nuvem, que tira água do mar para a comunicar à Terra. Com pouca diferença o mesmo sucedeu a Rodrigo Rei de Espanha, que a Dario. O Magno Alexandre foi tão liberal, que serve de apelido aos liberais. E parece; não conquistava as Terras, senão, para as dar. E sendo notado de um amigo seu, perguntando-lhe: que lhe ficava; pois dava tudo? lhe respondeu: que o gôsto, que tinha de dar (ainda que Plutarco diz: respondera, lhe ficava a Esperança). Pôs o sêlo à sua liberalidade, o chegar a dar a própria sua Dama. De Fôciam Ateniense se escreve: que sendo muito pobre; e mandando-lhe Alexandre, de Ásia, uma grande soma de dinheiro; a não aceitou. Servindo de questão renhida nas Academias de Atenas; qual fôra mais rico; se Alexandre, em mandar o dinheiro; se Fôciam, em não aceitar. Como seriam ricos os homens, se se quisessem contentar com o pouco! Se viveres, segundo a opinião (diz o Sêneca) nunca sereis rico: e se segundo a Natureza;

nunca sereis pobre; porque a opinião nunca se farta, e a Natureza com pouco se contenta. Entrando Sócrates por uma praça, onde se fazia uma grande feira, disse (como espantado) de quantas coisas não careço.

Não resplandece menos no Príncipe a virtude da Justiça, acompanhada da Clemência: porque a justiça suma, é suma injúria; como disse São Paulo. Mas há de ser de tal sorte a Justiça com a Misericórdia equivocada, que se não diminua a Justiça, nem se falte a Misericórdia. De qualquer potável medicamento se adoça o agro. Da prata mais fina, sem alguma liga, não fica a obra perfeita. É a Justiça: uma das mais excelentes virtudes morais. Os sábios Gentios a pintavam a par de Júpiter: dando a entender; que nem os mesmos Deuses podiam bem governar sem ela; quanto mais os Homens. Davi, na hora da morte, não encomendou a Salomão mais; que fizesse justiça (como se vê no 3.º livro dos Reis, Cap.º 2.º). E no rosto do Livro da Sapiência se lê: amai a Justiça, os que julgais a Terra. Tanto observava esta doutrina Cambises Rei dos Persas, que passava a tirano. Imensas foram as autoridades da Escritura, e dos antigos Filósofos, se as quisera apontar. Porém pondo a Justiça, e a Misericórdia em equilíbrio: se houver o Príncipe de se inclinar, seja mais para a Misericórdia, que para a Justiça: porque val mais o nome de Piedoso, que o de Justiceiro. Assim o mostrou em várias ocasiões o verdadeiro Rei dos Céus, e da Terra. Aristóteles recomenda aos Príncipes, que sejam, como o Pastor com as ovelhas: e Agesilao: (como refere Plutarco) como o Pai com os Filhos. E afirma Tito Lívio: que mais aumentou Roma sua potência com a Clemência, que com as Vitórias. Senão vejamos Nero com Júlio César; qual dêles foi mais famoso: se aquêle, que pôs o sêlo (com a morte de Agripina sua Mãe) às mais inauditas tiranias, que executou; se êste, que (por humano) não só perdoava os êmulos, que o queriam matar; senão que os premiava: é sem dúvida: foi César mais famoso. E era tão compassivo, que sendo-lhe apresentada a cabeça de Pompeu, chorou quando a viu: sendo seu acérrimo contrário.

Os Heróis, que logram estas prerrogativas; os Príncipes dotados destas excelências, são aquêles, que têm domínio sobre o Império da Fortuna: ainda, quando dela mais combatidos, saem mais triunfantes. Isto se viu em um José prêso: em um Davi perseguido: êste dos Montes, em que andava fugitivo, saiu a empunhar o cetro; Aquêle do cárcere, em que estava prêso, a governar o Egito: porque nestes resplandeceram as sobreditas virtudes. E não menos soube vencer a Fortuna, quem melhor a desprezou: como o fêz um Carlos Quinto, Diocleciano, Lidíades, Empédocles (não querendo aceitar o Reino). E César Otaviano

estêve em têrmo de fazer o próprio. Não falo na imensidade de Filósofos antigos, que (com Platão) souberam vencer a Fortuna, desprezando a Fortuna. Por isso sem dúvida dizia Eurípidés: que a Fama dos Varões heróicos, a não sepultava a Terra; nem escurecia os contrastes da Fortuna (ainda depois de enterrados). Bem entendeu Demétrio esta sentença: quando, falsamente acusado, se retirou do Governo de Atenas: Causa; de lhe derribarem as estátuas, que lhe tinham levantado. O que sabendo com muito sossêgo disse: as estátuas me derribaram êles; mas as virtudes, (que são as verdadeiras estátuas para a imortalidade) isso não poderão conseguir. Donde veio a afirmar o Petrarca no **Proêmio dos remédios contra a Fortuna**: que é mais difícil saber-se governar na próspera que na adversa fortuna. Xenofonte nunca estimou a próspera fortuna; nem temeu a adversa: constância louvada de todos os antigos Filósofos. Dêstes, e outros sucessos de Heróis, que dominaram o Império da Fortuna estão os Livros cheios: e por suas prendas, e altas virtudes se immortalizaram na Fama.

E se a Ciência é a base fundamental desta obra; vencedores vos julgo (Famosos Acadêmicos) das inconstâncias da Fortuna: e dominando o seu império o Príncipe mais Católico, Reto, Sábio, Prudente, Liberal, e Piedoso; que até êste presente século, se tem visto. Sem dúvida, Inclito e soberano César, sois vós, aquêlê Príncipe, que Xenofonte pintou na sua idéia, que nunca vira: o mais perfeito de quantos houvesse no Mundo. E é certo; que a ser vivo êste Filósofo agora, não na imaginação, senão na realidade, de vós pudera tomar exemplar, para a sua pintura: ou dela seres vós o original. Vós sois, pelos atributos, que lograis, quem domina o Império da Fortuna. Vossas ações o têm mostrado de que é a Fama, melhor Cronista, que a minha Pena em toscos rasgos. Invejando a fortuna de César a vossa fortuna, e só pode ter por grande, a de vos dar o nome, e a origem (apesar do tempo, cruel fiscal das memórias.) Êle na sua maior fortuna teve Êmulos, que lhe tiraram a vida: e vós tendes obrigados, que, por vós darão as suas. Logo tanto mais plausível fica sendo a vossa, que posso dizer com Apoleu, o que disse por Alexandre:

Sem êmulos, só Vós Único, e raro  
Na Fortuna lograis o ser mais claro.

Conferência de 21 de maio

Ao Presidente

Ao Presidente o Senhor João de Brito e Lima.

DÉCIMAS

Hoje, ó Lima, se acredita  
A glória dêste Museu,  
Pois em dizer que sois seu  
Se jacta da maior dita.  
Mas ninguém se capacita,  
Nesta aula por vós ditosa,  
À contradição pasmosa,  
Com que a ser nos persuadis  
Acadêmico Infeliz,  
De Academia Venturosa

Vosso metro em doce acento  
Vossa prosa em estilo grave  
Infunde um tono suave,  
Que parece esquecimento.  
Êste admirável portento,  
Que no Letes foi fingido,  
Só no Lima é conhecido.  
Logo com razão se apura  
Quem vê do Lima a doçura  
Ficar de tudo esquecido.

Do Secretário  
[*José da Cunha Cardoso*]

Ao Acadêmico Orador.

DÉCIMA

Por versos de glória dignos  
Alguns tanto se fizeram;  
Que de Todos mereceram  
Encômios mais peregrinos.  
Uns lhes chamaram divinos,  
Em santos, Ênio, os estima:  
Mas se o Metro assim sublima;  
Com que razão, não sei, quis  
Intitular-se Infeliz,  
Quem tem para os versos Lima.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

Ao Senhor João de Brito e Lima.

### DÉCIMA

Na oração que descreveis,  
 Brito com tal elegância,  
 Logo pela consonância  
 Teve o quanto sabeis!  
 Hoje a Homero suspendeis,  
 E a Cícero imitais,  
 Com tal arte que mostrais,  
 Ciência, dando a entender,  
 Que não podeis vir a ser  
 Do que sois, menos, ou mais.

*De Francisco Pereira do Lago Barreto.*

Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo  
 Presidente.

### SONETO

Por seu servo Frei Francisco da Conceição  
 Religioso de São Francisco.

Quanto do Orbe cerca a redondeza,  
 quanto pode girar Febo luzido,  
 tudo em vosso louvor tem, Lima, enchido  
 da Deusa mais veloz a ligeireza.

Com tal arte, primor, e sutileza,  
 nesta obra excedestes o polido  
 aplicando vossa Lima, que duvido,  
 possa Lima lavrar tanta agudeza.

Confesso, que a julgar da perfeição,  
 com que obrou neste ponto vosso ardil,  
 justamente direi, e com razão,

Que se a vossa Lima, Brito, é tão sutil  
 fazei dela maior estimação,  
 pois não é Lima não, mas é buril.

Ao Capitão João de Brito e Lima Digníssimo  
Presidente.

### SONETO

Quem presumir, ó Lima, de louvar-vos  
Com humano saber, e não divino,  
Ficará de tamanha culpa digno,  
Como grande ficais em contemplar-vos.

Não pretenda ninguém de louvor dar-vos,  
Por mais, que dextro seja, e peregrino,  
Que na vossa sutileza imagino,  
Só Túlio a si pode comparar-vos.

Cale Cícero a sua sutileza  
Pois se viu nesta douta Academia  
Que orou o grã Lima com destreza,

Vencendo a Cícero na agudeza,  
E por isso singular nesta Bahia,  
E no Orbe aclamado com grandeza.

*O Padre Frei Pedro da Estrêla*

Religioso de São Francisco.

Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima  
Presidente Digníssimo na Academia dos  
Esquecidos.

### DÉCIMAS

A Antiguidade fingia  
que quem do Lima gostava,  
de sorte se não lembrava,  
que até de si se esquecia;  
porém hoje na Bahia  
nôvo Lima, dela glória,  
tem vantagem tão notória,  
que com cristais encontrados,  
se um dá descuido a lembrados,  
outro a esquecidos memória.

Em métricas de fluências,  
 em fluidas elegâncias,  
 são as suas consonâncias  
 das atenções apetências;  
 logo em justas consequências  
 a todos nos faz lembrados,  
 porque deixando ocupados  
 de candências os ouvidos,  
 adormecem os sentidos  
 porque velam os cuidados.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao Senhor João de Brito e Lima, segundo  
 Presidente desta Academia.

### SONÊTO

A Lima duas, e vez a Lira uma,  
 diz o prolóquio esperta, e doutamente,  
 com que sereis vós hoje o Presidente  
 ser justo, Lima, é força, que presuma:

A vossa erudição Túlio, e mais Numa  
 vantagem lhe confessam tão patente,  
 que canoro, e facundo vós somente  
 podíeis ao Museu dar glória suma:

Do pletro vosso a sonora rima,  
 que as penas faz parar de Rodamanto,  
 desta Aula as glórias até os céus sublima;

E pois venera a vossa Lira tanto,  
 pôsto que em vós já tem segunda Lima,  
 quer ouvir muitas vezes vosso canto.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Em louvor do presente Presidente  
o Senhor Capitão João de Brito e Lima.

Em pasmos hoje fique suspendido  
o Pará, com suas águas celebradas,  
e com suas correntes apressadas  
corra-se o Tejo, o Minho vá corrido.

Reprima o grande Douro enfurecido  
suas inundações arrebatadas,  
que com mais veias hoje prateadas  
um Lima corre a todos excedido.

Admirem-se pois fiquem pasmados,  
da corrente gentil dêste Tesouro,  
dos Cristais, e Diamantes sublimados.

Porque em fios mais finos, que fino ouro  
lança o Lima Cristais hoje espalhados,  
mais que o Pará, que o Tejo, Minho, e o Douro.

Do Padre Coadjutor de São Pedro  
*Manoel Cerqueira Leal.*

Ao Capitão João de Brito e Lima.

SONETO

Em cristais derretidos se desata  
a Lima mais profunda da eloquência,  
corrido deixa o Pindo, e na fluência  
prêsa Aganipe em corrente de prata.

Voltar o curso a Cabalina trata  
quando desta Lima sem violência  
corre a mais fina ambrosia da ciência,  
sendo em sumo das musas melhor nata:

Não presuma Castália de ciente  
à vista dêste Lima enriquecido  
de outra mais científica corrente,

Pois é o néctar da Lima tão subido  
 que muda a tornará sendo eloqüente,  
 e eloqüente fará ao emudecido.

*Frei Antônio de Santa Maria.*

Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo  
 Presidente.

### SONETO

A graça, e engenho sempre em vós unido,  
 Um, e outro se vê hoje exaltado,  
 Porque o engenho tendes sublimado,  
 Porque a graça tendes colorido.

Decantais em conceitos tão erguido,  
 E agradais tão doce, e sazoado,  
 Que da vontade sois íman sobrado,  
 E sois do engenho epítome subido.

Dêste pois sendo vós fino buril,  
 E àquela dando um ar, que o gôsto anima,  
 De ambos sois triunfante, e senhoril;

Porque na vossa frase douda, e opima,  
 Quando do engenho sois lima sutil,  
 Ao gôsto sois também mui doce lima.

*De Frei Manoel de Santa Maria*

Religioso de São Francisco.

Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo  
 Presidente.

### SONETO

Jamais a Musa cesse enrouquecida,  
 Cante a voz, diga o plectro a vossa glória,  
 Porque suposto seja tão notória,  
 Fica agora, Senhor, mais conhecida.

E já a fama informada, e constrangida,  
Para que não ficasse transitória,  
A tem pôsto no templo da memória,  
Que os maiores portentos nunca olvida.

De vosso estilo a todos muito aceito,  
São tão subidos, e altos os primores,  
Que não pode haver mais, nem mais perfeito;

E por isso os engenhos superiores,  
Quando mais vos realçam no conceito  
Principiam então vossos louvores.

*De Frei Manoel de Santa Maria*

Religioso de São Francisco.

Ao Senhor João de Brito e Lima  
Emeretíssimo Presidente.

### SONETO

Esse Rei dos metais, que o gôsto aumenta  
Com luzido esplendor, mentida flama:  
Essa, que aos desejos mais inflama  
Margarita, e a vista nos contenta:

Essa, que a Aurora róscida alimenta  
Pérola, que na concha já se afama:  
Essa, que por formosa mais se aclama  
Rosa, que em nácar nítido se ostenta:

Em competência estão sempre a porfia  
Qual se vos dê por prenda mais formosa,  
De luzido esplendor, ou mor valia.

Porém quem de tão grande engenho goza,  
Não estima, despreza, e injuria  
O ouro, a gema, a pérola, e a rosa.

*De Frei Manoel de Santa Maria*

Religioso de São Francisco.

Ao Senhor João de Brito e Lima  
Digníssimo Presidente.

### DÉCIMAS

Quando estáveis orando  
Com beleza e galhardia,  
Estava tôda a companhia,  
Só admirando, e pasmando;  
Todos em êxtase ficando,  
De vos ver tanto brilhar  
Nessa oração singular,  
Confesso, que entretenidos  
Estiveram os sentidos  
De ver, ouvir, e gostar.

Eu sempre assim o entendi,  
E nunca dúvida pus,  
Mas antes sempre supus  
O que agora percebi;  
E pelo que vi, e ouvi  
Eu vos afirmo em verdade,  
Sem mentira, ou falsidade,  
Que não vi outro segundo  
Em conceitos tão profundo,  
Com tão rara habilidade.

*De Frei Manoel de Santa Maria*  
Religioso de São Francisco.

Ad Ducem Emeritum et Praestantissimum  
Dominum Ioannem de Brito e Lima.

Ludouici Canelo de Noronha.

### EPIGRAMMA

Nescio si ferrum, si fructus, Lima uocaris;  
Nam ut ferrum penetras, fructus ut inde sapis.  
Si sapis ut fructus, cum sis penetrabile ferrum,  
Et sapis, et penetras, tu sapis, atque sapis.

Doctissimo, ac Ingeniosissimo Domino Ioanni de  
 Brito Lima  
 Academiae Praesidi Emeritissimo.

EPIGRAMMA

Regnat Apollo nouem musis Helicone sacrato,  
 Hic musis melior regnat Apollo nouis:  
 Ergo polo priscus merito discendas Apollo,  
 Sidera clara nouus scandat Apollo poli.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud ad eumdem.

EPIGRAMMA

Ioannes, tanto modularis acumine mentis,  
 Omnis ut, dona concinis ipse, stupent.  
 Sed quid ego miror, mentis quod acumine tanto  
 Dicat, opus cuius propria Lima polit.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima  
 Presidente da Academia.

ROMANCE

Meu Presidente das Musas  
 Que com vislumbres de Apolo,  
 Presidindo no Parnaso,  
 Regeis o Castálio Côro:

Hoje aqui que da Memória  
As filhas vos formam trono,  
E aplaudem vossos triunfos  
Com palmas, olmos, e louros.

Ouvi, ouvi que vos canta  
Num Romance afetuoso  
Senão do Patolo um Cisne,  
Lá de certo Monte um corvo.

Cada qual das nove Irmãs  
Com artifício pomposo  
De flôres, u'a grinalda  
Vejo que vos vai compondo.

Clio a quem toca a notícia  
Por atributo forçoso  
Vos of'rece nas que dais  
Em vossa oração, o goivo.

Talia a quem da eloquência  
Compete o Lírio formoso  
Vo-lo aplica, pois na vossa  
Fica decifrado todo.

Urânia a que consagram  
Do orar o elevado modo  
De vossas Letras explica  
Na flor Jacinto o tesouro.

Melpômene vos reparte  
O Narciso em que bem noto  
Dessa voz a proporção  
Com que orais perante todos.

Erato a quem se atribui  
A expressão dos colóquios  
Na Rosa vos louva a graça  
De que cá se alabam poucos.

Tercipcore na eficácia  
Do vosso propor tão douto  
Vos of'rece a Madressilva  
Que eu também vos acomodo.

Euterpe aqui vos consagra  
Com afeto generoso  
No Jasmim a suavidade  
Com que haveis tudo proposto.

Calíope em quem das Letras  
 O brasão se vê glorioso  
 Na Angélica vos dedica  
 A glória do estudo todo.

Polímnia a quem da memória  
 Se atribui o feliz lôgro  
 A Perpétua vos consagra  
 Para a glória dos vindouros.

Donde das flôres, e Musas  
 Conglutinado o suposto  
 Tendes para coroar-vos  
 O diadema mais frondoso.

Recebei das mãos das Musas  
 Nas flôres o mimo todo,  
 Pois tendes para regá-las  
 Nessa fronte rios de ouro.

Subi, subi douto Brito  
 Dêste ao Sacro Promontório  
 Enquanto esta rouca avena  
 Desce já, e abate os vôos.

Que inda que para louvar-vos  
 Me não faltem episódios  
 Contudo, suspendo o plectro  
 Por ora e a Lira deponho:

A qual protesto cantar-vos  
 Perpétuamente, e compor-vos  
 Não só mui crespos Romances  
 Mas mui dilatados tomos.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Em louvor do Acadêmico Infeliz o Senhor  
 Capitão João de Brito e Lima, no dia em  
 que preside na nossa Academia Brasília.

### SONETO

Brito não infeliz, porém constante  
 em todo o emprêgo tão ditosamente,  
 que o título fazeis mui indecente  
 à fama que lograis tão relevante.

Orando na Palestra mais triunfante  
mostrais com energia competente  
nas figuras retórica excelente,  
e nas cláusulas voz altissonante.

Em prosa, e verso é tal vossa elegância,  
que juntais a uma mesma fantasia  
duas composições, em que há distância,

E tudo concordando em Harmonia,  
quanto em prosa falais, é consonância,  
quanto em verso escreveis, é Melodia.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo  
Presidente.

### DÉCIMAS

*Do Padre Frei David dos Reis*

Religioso de São Francisco.

Pus-me com tôda a atenção  
Quando na cadeira estáveis  
Para ver, que decantáveis,  
E que tal era a oração.  
Digo-vos, e os mais dirão,  
Sèriamente, e sem fingir  
Confirmando o meu sentir  
Com o comum parecer,  
Que não tenho mais, que ver,  
Que não tenho mais, que ouvir.

Quantos conceitos trouxestes,  
Tão doutamente provastes,  
Que entre pasmos admirastes,  
E entre agrados suspendestes.  
Uma só coisa tivestes,  
De mal, que fiquei notando,  
E é, que indo esplanando  
Oração tão singular,  
Nunca havíeis de acabar,  
Mas estaríeis sempre orando.

Eu disse quando vos vi  
Em tais funduras metido,  
João de Brito vai perdido,  
Mal se sai hoje dali.  
Mas apenas concebi  
Pensamento tão atroz,  
Quando com serena voz  
Dando expediência a tudo,  
À pura força de estudo  
Atastes bem vossos nós.

Bem sei, que muitos terão  
Por curtos êstes louvores,  
Dizendo, que outros maiores  
Requer tão alta oração.  
Porém, por boa razão,  
Não tem tal dito lugar,  
Pois por mais, que realçar  
Quisesse estilo tão tôsco,  
Para igualar-me convosco,  
Não há convosco igualar.

Em louvor do Eruditíssimo Presidente.

*Por Francisco da Silva Soldado desta  
Praça da Companhia do Capitão  
José de Melo.*

### DÉCIMA HERÓICA

Agora, mais que nunca (ó Lima) creio,  
Ouvindo-vos cantar tão sonoro,  
Sois do Côro Celeste o mais mimoso  
Músico da Capela, que cá veio.  
Sois das Musas a gala, e o recreio,  
De Apolo o Beijamim (sic) mais estimado  
Nas emprêsas do metro o mais prezado:  
Sois (é claro) o mais guapo Presidente,  
Digno, enfim, de ficar eternamente,  
Entre os mais Presidentes laureado.

Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima.

SONETO

Do Hespérido Jardim os frutos de ouro,  
Comissão do fero Drago guardador  
Por tais, que a compará-los no valor  
Comparação não tem co' mor Tesouro,

O pomo, que de Juno foi desdouro  
Quando crédito foi da mãe do amor,  
Por sentença do Troiano julgador,  
Que o ofício exerceu de Délio louro,

As maçãs com as quais fêz arremêso  
Hipomenes à dama que corria,  
Levando-lhe no curso grande excesso

Pomos são do mor preço e mor valia  
Mas perdem a valia, e todo o preço  
à vista desta Lima da Bahia.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 21 de maio

Primeiro Assunto

Foi o primeiro assunto Diana assistindo ao  
nascimento de Alexandre Magno na mesma  
noite, em que Heróstrato lhe estava  
queimando o seu templo.

EPIGRAMMA

Laetitia erga te, maerorque hac nocte parantur,  
Magnus Rex qua oritur, magnaue res moritur.  
Prodigiis, Diana, tuis cura gaudeat orbis,  
Vnum si pereat, prouida das aliud.

Do Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

## Ao assunto heróico.

## SONETO

O Templo, audaz Heróstrato incendia,  
 Em que a Deusa triforme se adorava:  
 Bem que o estrago ela então não ignorava,  
 No parto alegre a Olímpias assistia.

Perder a Maravilha não sentia,  
 Que entre as sete do Mundo se contava;  
 Pois maior maravilha assim julgava,  
 Que, Alexandre nascendo, lhe nascia.

Mas se o parto a tal tempo sucedera  
 Dêstes nobres Alunos Esquecidos,  
 Menos Cíntia no Templo então perdera:

Lucrara seus minguantes ver luzidos,  
 Lustrando êstes Apolos sua Esfera  
 Mais, que o Magno, se Mundos mil rendidos.

*De Francisco Xavier de Araújo.*

## Ao Assunto Heróico.

## SONETO

Nasce Alexandre em braços da Ventura  
 para estrago fatal do Mundo inteiro,  
 teme o Persa, e o Cita mais guerreiro  
 o raio assolador em mão tão dura;

Temendo-lhe o poder o Céu procura  
 na reverência, e culto ser primeiro,  
 manda Diana, e o Jove lisonjeiro  
 o Império dos Deuses lhe assegura.

Heróstrato cruel, e irreverente  
 queima o Templo a Diana, em que prepara  
 ao seu nome memória permanente;

Deixa a Deusa abrasar obra tão rara,  
 porque no peito do Rei, que tem presente  
 o melhor Templo granjeia, e melhor Ara.

*De Antônio Pinheiro Barreto*

Vigário da Igreja de São Pedro.

Dum Alexandri Magni natali Diana praesidet,  
 illius templum ab Herostrato flammis  
 Vastatur.

## EPIGRAMMA

Cur Triuiaie templum flammis, Herostrate, praebes,  
 Dum natale colit Principis ore Dea?  
 Lumina nil mea cernunt, inquit, lumine tanto.  
 Quid gessi ignoro: lumine caecus eram.

*Iosephus Pereira de Castro.*

Enquanto Diana assiste ao nascimento de  
 Alexandre Magno, lhe põe Heróstrato fogo  
 ao templo.

## SONETO

Quando lá neste pólo rutilante  
 Se ostentava Diana mais formosa,  
 Ao natal assistindo obsequiosa  
 Do grande Macedônio heróico Infante:

Em destruir-lhe o templo relevante  
 Se ocupava Heróstrato: ação pasmosa!  
 Pois a obra do mundo mais pomposa  
 Verte em cinzas a chama devorante.

Mas sem questão que nisto andou atento;  
 Pois vendo um luzimento sem segundo  
 Em Diana faz logo êste argumento:

Eu de ver tantas luzes me confundo,  
 E assim o templo acender intento, (\*)  
 Pois que festas celebra todo o mundo.

*José Pereira de Castro.*

---

(\*) corrigido e confuso "acender o templo intento".

## Primeiro Assunto

Diana assistindo ao nascimento de Alexandre ao mesmo tempo, que Heróstrato havia pôsto fogo ao famoso Templo de Éfeso, dedicado à mesma Diana.

### ROMANCE HERÓICO

Nasce Alexandre, e de Éfeso o Templo,  
arde vítima às iras de Herostrato;  
deixa Diana, que se ateie o fogo,  
que só intenta ilustrar ao parto.

Ô Templo, que do Mundo maravilha,  
do sutil Tesifônio fabricado,  
fêz ceder a matéria ao artifício,  
fêz que ao cinzel obedecesse o marmor.

Êste, que nas colunas majestoso,  
êste, que nos zimbórios elevado,  
sendo no pavimento igual ao teto,  
era no teto um céu do artefato.

Êste donde serviam de relevos  
a prata fina, o ouro acrisolado  
nos frisos, capitéis, festões, folhagens  
sobre Pórfidos, Jaspes, e Alabastos.

Êste pasmo, êste Assombro do Universo,  
e da Magnificência simulacro  
de sacrílega mão a louco impulso  
jaz cadáver, ruína, ultraje, estrago.

Os Mármoreos, os Cedros feitos Cinzas,  
tristes avisam doutos desenganos;  
que humana pompa duração presume  
se não tem privilégios o sagrado?

Não se acuse a Diana por descuido,  
o que foi prevenção, e foi cuidado;  
importa muito de Alexandre a vida,  
Jaspes, e Cedros não importam tanto.

Receia se malogre o puerpério,  
e pronta o felicita, desprezando  
ao Templo material; que reverente  
Alexandre, será Templo animado.

Benéfica auxilia ao Natalício,  
ao Templo desampara; receando,  
mais de Alexandre o duvidoso susto,  
que do Altar o manifesto dano.

Se não foi, que previu d'Ásia a ruína,  
e deixou com incêndio antecipado,  
que de Heróstrato fôsse o sacrilégio,  
e nunca de Alexandre o desacato.

Nasce Alexandre para luz de Grécia,  
já da Ásia o estrago ameaçando,  
e não é muito que do Berço abrase,  
quem nasce para incêndio, e para raio.

Reedificar-se o Templo, fácil era;  
nascer outro Alexandre, era mais raro:  
queime-se pois o Templo, seja o fogo  
fêstim luzente a Nascimento fausto.

Cale-se sempre de Heróstrato o nome,  
logre Diana de favor o aplauso,  
seja o incêndio de Alexandre triunfo;  
todos, heróico Assunto a eterno espanto.

Do Acadêmico Nubiloso.

[*Caetano de Brito Figueiredo*]

Ao incêndio que Heróstrato, por ser nomeado,  
fêz no Templo da Deusa Diana em Éfeso,  
quando obsequiosa assistia ao Nascimento do  
grande Alexandre Príncipe de Macedônia.

### SONETO

Aos ecos do bronze retumbante  
que do coribante o clipeo (sic) rebatido  
imita na voz, no eco, e no sonido,  
ergue da cama o corpo titubante,

Que as prisões de Morfeu destro e quitante  
detém, e delas sôlto aplico o sentido  
ao incôndito, e severo alarido,  
que faz de Vulcano a ácie crepitante;

Quando de Lucina o Templo, que assistia  
a Mãe de Alexandre, que à luz o dava  
[Seu o] Heróstrato em cinzas desfazia.

Se então de Vênus o Templo se abrasava,  
nem Vulcano a Heróstrato obedecia,  
nem u'a, e nem outra Diana então se achava.

[*Antônio Dias da Franca*]

Ao mesmo assunto.

### SONETO

Do bom nome Heróstrato cuidadoso  
da grande Lucina o Templo exaltado,  
entre as Sete do mundo decantado,  
incende brabo, feroz, e orgulhoso;

Quando assiste ao natal maravilhoso  
do grande Alexandre forte, e afamado,  
e dos povos muito antes desejado,  
para raio de Grécia fulminoso.

Com esta cura Heróstrato vacilante,  
e qual Orestes fôra do sentido  
da Deusa busca o Templo radiante;

Onde ao sacerdócio submetido  
sacrificava à Fama volitante  
o Templo em Holocausto já rendido.

*De Antônio Dias da Franca.*

Diana assistindo ao nascimento de Alexandre  
Magno ao mesmo tempo que Heróstrato lhe  
estava queimando o seu Templo.

### SONETO

Nasce o grande Peleu, e ao nascimento  
quando fausta Diana presidia,  
o que às línguas da fama foi porfia,  
fêz das do fogo Heróstrato alimento;

Nas chamas emulando ao firmamento  
 com as estrélas parece competia,  
 porque tenha o prodígio, que nascia  
 luminárias em um, e outro elemento.

Se um espanto maior outro desterra,  
 não sente a Deusa estrago tão fecundo,  
 que mais Templo segura o Deus da guerra:

Pois para o globo suspender rotundo,  
 se a maior maravilha falta à terra,  
 sai do valor o assombro à luz do mundo.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Júpiter em os céus todo empenhado  
 do grande Macedônio, alto festeja  
 a feliz concessão; e que a deseja  
 tem de raios com salvas publicado;

Diana por mostrar, que o seu cuidado  
 o nascimento de Alexandre seja;  
 como de emulação, como de inveja,  
 imitar quer a Júpiter sagrado:

Extremosa no parto assiste amante,  
 e de Jove imitando o claro exemplo,  
 mostra o muito, que estima ao régio infante;

Não fêz menos Diana; pois contemplo,  
 que luminária para arder flamante,  
 quis, que Heróstrato lhe queimasse o templo.

Do Ocupado.

[*Luís de Siqueira da Gama*]

Ao primeiro assunto.

### SONETO

Enquanto assiste ao Macedônio infante  
 no horóscopo feliz do seu oriente  
 a influxos de deidade onipotente  
 da casta Deusa o Nume relevante;

Sacrílego Heróstrato se arrogante  
 a incêndios lhe derruba essa eminente  
 Efésia admiração, que reverente  
 em cultos lhe votou vulgo ignorante;

Êste do Acaso desatino cego  
 ou de Heróstrato bárbara vanglória  
 do acêrto foi preciso rendimento;

Pois se Alexandre nasce à fama emprêgo,  
 bem é que lhe antecipem na memória  
 devido aplauso as ruínas de um portento.

*De João de Barbosa e Lima.*

### SONETO

Ao fausto natalício a Deusa trina  
 Da Magna Majestade assiste humana,  
 A tempo, que sacrílega profana  
 Seu soberano templo, chama indigna.

Na louca ação Heróstrato imagina  
 Dar a seu nome glória soberana;  
 Porém muito maior a tem Diana  
 Nessa das chamas mísera ruína.

Ígnia matéria devorando brilha  
 Sem do templo deixar qualquer vestígio,  
 Tudo prostra por terra, tudo humilha.

Mas Cíntia jura pelo Lago Estígio,  
 Não sentiu perder essa maravilha  
 Por ver nascer do mundo êste prodígio.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

### SONETO

Mais do que injúria, foi feliz auspício  
 Ígnio furor de estulta mão lançado,  
 Deixar de Cíntia o templo devorado  
 Assistindo do Magno ao natalício.

As luzes deram da grandeza indício;  
 E pareceu prodígio sublimado;  
 Quando foi um prodígio ao mundo dado,  
 Ser do mundo um prodígio, o precipício.

Prodígios sete o mundo numerava:  
 Bem, que aquêlê faltando, seis repete,  
 Que o número dos sete completava.

Em seu lugar o Céu êste promete  
 Pois não havendo maravilha oitava  
 Não deixasse de haver no mundo as sete.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

## SONETO

Calem-se já do mundo heróicos feitos  
 Suspenda o eco a Fama celebrada  
 E nas cinzas do olvido sepultada  
 Fique a idéia de seus altos conceitos.

Cedam de seu valor Heróis perfeitos  
 Depondo a lança, o peito, o escudo, a espada  
 Que hoje a ação de Heróstrato é avaliada  
 Pela maior de tôdas nos efeitos.

De Diana o famoso Templo inflama  
 Deixando de seu nome um raro exemplo  
 Para a glória imortal com que se aclama.

Mas ainda outra glória lhe contemplo  
 Pois deu, lá quando o Templo usurpa à Fama,  
 Nome a si, alma à Fama, e vida ao Templo.

*De Frei Avertano de Santa Maria.*

## AO ASSUNTO DO TEMPLO

Queima o sagrado Templo de Diana,  
 Do sutil Tesifônio fabricado — Camões  
 Heróstrato, enquanto ela com cuidado  
 Ao parto de Alexandre assiste humana.

Mistério foi, lisonja soberana  
 Que arder pudesse um templo sublimado,  
 Quando nasceu o que com braço armado  
 O Mundo sujeitou com glória ufana.

Não sente isto Diana generosa  
 Antes o caso tem por muito honroso,  
 De que jactar se pode gloriosa:

Porque se perde o templo mais famoso,  
 Quer, que seja lisonja preciosa  
 Por nascer um colosso mais grandioso.

*De Frei Manoel de Santa Maria*

Religioso de São Francisco.

A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre  
 Magno, ao mesmo tempo, que Heróstrato  
 punha fogo ao seu Templo.

*De Luís Canelo de Noronha.*

## SONETO

De Diana no Templo ao Céu subia  
 Viva chama de fogo, que o abrasava,  
 Quando culto a Alexandre tributava  
 A mesma Deusa, porque lhe assistia.

Se ao nascer tal herói, o Templo ardia  
 Era incêndio de Amor, que ela mostrava,  
 Porque o fogo é sinal, que o Templo dava  
 que no Templo do peito Amor vivia.

Viva flama em qualquer dos Templos era  
 Um retrato de Amor, de ardor exemplo  
 Cada qual como pode em sua esfera;

Na do fogo o seu Templo arder contemplo,  
 Na de Amor o seu peito; e porque ardera  
 Holocausto de si fêz no seu Templo.

Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo,  
 (sic) templo queimava Heróstrato.

### SONETO

Deixa em Éfeso o templo portentoso,  
 E em Macedônia faz Lucina assento,  
 Para feliz fazer ao nascimento  
 Do Alexandre até ali mais poderoso.

Heróstrato que quer morrer famoso,  
 Sem ter no mundo algum merecimento,  
 Para eterno ficar em monumento  
 Vai o templo queimar maravilhoso.

Mas com justa razão se sepultava  
 Na cinza a Maravilha já esquecida  
 Quando est'outra melhor se levantava.

Porque a mesma Lucina presumida  
 Mais com o Magno Alexandre se exaltava  
 Do que com a Maravilha mais subida.

*De Antônio de Oliveira.*

Nasce Alexandre Magno nas mãos da Deusa  
 Diana no mesmo tempo, em que o templo  
 desta Deusa se queimava.

### SONETO

Qual o Árábico Fênix prodigioso  
 Que fabrica urna, e ninho juntamente;  
 Tal o templo efesino preeminente  
 Sepulcro, e ninho faz maravilhoso.

Porque sendo êle só no ser pomposo  
 Entre as chamas se queima em urna ardente  
 Quando as mãos de Lucina alegremente  
 Ninho são de Alexandre poderoso.

Era logo forçoso que abrasado  
 Fôsse em chamas o templo, e consumido  
 Para Alexandre Fênix ser chamado.

Tenha pois êsse templo alto, e subido  
 Fama, e glória de Fênix sepultado  
 E Alexandre de Fênix renascido.

*De Antônio de Oliveira.*

(letra diferente)

Pôs Heróstrato fogo ao templo de Diana na  
 mesma ocasião que ela assistia ao nascimento  
 de Alexandre Magno.

### SONETO

Entre aplausos Diana afetuosa  
 De Alexandre celebra o nascimento;  
 A que assiste inflamada com o intento  
 De ostentar seu desejo obsequiosa.

Porém de Heróstrato, a indústria cavilosa,  
 Fogo ao Templo, mas nunca tão violento,  
 Que nas cinzas talvez do esquecimento  
 Sepultasse u'a ação tão aleivosa.

Arde o Templo, arde Diana, e no que vejo  
 Não sei já distinguir qual mais se inflama  
 Se o templo em si, se Diana no cortejo:

Mas com tudo que foram, julgue a Fama,  
 Mariposa esta a ardores de um desejo,  
 Fênix aquêle a incêndios de u'a chama.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Vai Diana assistir ao nascimento de Alexandre em Macedônia, e deixa ardendo o seu Templo em Éfeso. Assunto heróico da nossa Academia Brasília.

### SONETO

Vê Ásia em labaredas abrasado  
o seu sagrado Alcacer mais famoso,  
vê Grécia ao seu Herói mais valeroso  
à luz daquele incêndio alumiado.

Vê Diana o seu Templo devorado  
vai de Olímpias ao parto venturoso,  
que a vida de Alexandre generoso  
antepõe ao seu culto profanado.

A seleta Deidade o movimento  
aplica ao Semi-deus, que a glórias raras  
nasce filho de Jove, e seu alento,

E porque traga ao Mundo ações preclaras  
prevenindo-lhe a vinda, e nascimento  
despreza o Templo, não estima as Aras.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

Ao Assunto Heróico.

### SONETO

Sai do Mundo ao teatro portentoso  
Alexandre a ser d'Ásia raio ardente,  
Logo a Terra lhe vota reverente  
Vítima grande, altar obsequioso.

Prevê Diana em seu juízo cuidadoso  
Ser a vítima o seu Templo excelente,  
Roga ao Infante já Rei armipotente  
Livres o Templo do incêndio lastimoso.

Arde o Efesino Alçaçar; julga que erra  
No rogo quando vê de Jove a filha  
Que êsse Infante há de ser o Deus da guerra.

Só no holocausto a Terra bem se humilha,  
Pois se nasce um assombro para a Terra  
Sacrifique a Terra u'a Maravilha.

*José de Oliveira Serpa.*

Ao assunto heróico.

### CANÇÃO

Para lustre do Argólico guerreiro,  
Para estrago do bárbaro Indiano,  
Sol, e Raio Alexandre juntamente  
Tem o seu nascimento soberano.  
Teme a Ramnúsia Deusa, que o ligeiro  
Globo pisa com giro indiferente  
E fixa felizmente  
Ao Macedônio Infante a roda leve,  
Porque impere ditoso,  
Domine em tempo breve  
O Cita errante, o Persa belicoso,  
E já vassalo o Nume rende ao Infante  
No horóscopo feliz sorte constante.

Deixa Diana do Templo a Maravilha  
Vai à Pela assistir ao nascimento  
Do Príncipe maior, do nôvo Marte  
Mimo da sorte, do valor portento.  
Belona já nas armas o perfilha;  
Já com êle Mavorte o esfôrço parte;  
Vulcano por nova arte  
O nascimento aplaude em línguas várias,  
E faz cruel obsequioso  
Arduentes luminárias  
Em Éfeso do Templo mais famoso,  
Augurando à Ásia em lances belicosos  
Claros luzes, incêndios lastimosos.

Auxílios não implora a Deusa casta  
 Contra o furor da chama abrasadora,  
 Que a cinzas o seu Templo reduzia,  
 Porque para a fazer da Ásia senhora  
 Não bastava o Templo e Alexandre basta;  
 E nas Aras que o fogo consumia  
 Holocaustos fazia  
 De suas próprias honras ao Infante,  
 Formando por mais glória  
 Dêsse jaspe brilhante  
 Padrões, que só vivessem na memória,  
 Porque do Tempo não temesse o risco  
 De cinzas levantado um obelisco.

*José de Oliveira Serpa.*

Diana assistindo ao nascimento de Alexandre  
 Magno na mesma noite, em que Heróstrato  
 lhe queimou o seu templo.

Determinando êste grande assunto (pois é dos  
 que se chama indeterminados) mostro que  
 não perdeu Diana o devido culto,  
 queimando-se-lhe o templo, quando  
 obsequiava o nascimento de Alexandre.

### SONETO

Depondo não, prezando a Divindade  
 Ao natal de Alexandre Diana assiste,  
 Que a grandeza maior sempre consiste  
 Muito mais no favor, que na vaidade:

Neste tempo porém alta maldade  
 Reduzindo-lhe o templo à cinza triste,  
 Já parece Deidade não existe  
 Se do Alcáçar perdeu a dignidade:

Mas foi êrro da mão mais aleivosa,  
 Se profanar respeitos determina  
 A Deidade, que vê tão carinhosa;

Pois Deusa que ao favor tanto se inclina,  
Sempre adquire o brasão de generosa,  
E nunça perde os cultos de Divina.

• *João Alveres Soares.*

Ao mesmo assunto compreendendo melhor tôdas  
as circunstâncias dêle.

### SONETO

Nessa noite em que o mundo absorto espera  
Do monarca Alexandre o nascimento,  
Qual estrêla Diana, em culto atento,  
Propícia ao seu natal se considera;

Mas nessa mesma noite o templo, que era  
De seu devido culto alto portento,  
Aos estragos do rápido elemento  
Em flamante cometa o convertera:

Porém se ao grão monarca, que nascia  
Era bem que um sinal lhe precedesse  
O sinal claramente então se via;

Pois em tal conjunção se reconhece;  
Que se Diana era a estrêla, que assistia,  
Qual cometa, foi justo o templo ardesse.

*João Alveres Soares.*

Ad Dianae templum, quod, Dea assistente  
Alexandro Magno in lucem prodito,  
flammis sternitur.

### EPIGRAMMA

Magnus Alexander luci, dum proditur infans,  
Diua potens, templum, cur cadit igne tuum?  
Quid miror! templum flammis dum concidit ignis,  
Si tibi, quae puero bella gerenda, timet.

[*Emanuel Nunes de Sousa*]

Aliud eidem.

### EPIGRAMMA

Hactenus intereram septem miracula Mundi,  
Plaudebat nomen nuntia Diua meum.

Nomen Alexandri posthac tantummodo plaudent,  
Plaudere quem totus nec potis orbis erit:

Conuenit ergo mihi potius succumbere morti,  
Nam laudis superest gloria nulla mihi.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

Enquanto Diana assiste ao nascimento do grande  
Alexandre, Heróstrato lhe queima o seu  
templo.

### SONETO

Tôda cuidadosa Diana presidia  
Do grande Alexandre o nascimento.  
Aquêle que de todos maior portento,  
Pois em todo orbe teve senhoria.

Heróstrato, que neste tempo vivia  
Tomando as armas do Deus feroso  
Destruir intenta o templo milagroso  
Julgando, que grande fama adquiria.

A razão porém, porque com a chama  
O milagre no mundo celebrado  
Se quis em cinzas mudar rutilante

Era mostrar, que pela mesma fama  
Só devia o nome ser exaltado  
De um Alexandre, ainda que infante.

*Manoel Nunes de Sousa.*

Ad [I<sup>um</sup>] Argumentum.

### EPIGRAMMA

Arserit in flammas Templum sublime Dianae  
 Natus Alexander qua fuit orbe die.  
 Hic aderat Phoebi soror exceptura cadentem,  
 Laeta puerperio nobiliore frui.  
 Cur tamen hos sacris admouerit aedibus ignes  
 Mulciber? absenti cur furit Ille Deae?  
 Incassum uolucrum linguas speculamur, et alas:  
 Res est augurium certius, ipsa docet:  
 Plausibus his tanti coluit Dea Principis ortum:  
 Has iubet accendi per sua Templa faces.

[*Sem indicação de Autor*]

Ad [I<sup>um</sup>] Argumentum.

### EPIGRAMMA

Cum prope iam superas Macedo uenturus in auras,  
 Natalique foret proxima nota dies;  
 Attulit Emathiis properans de Delia regnis:  
 Cogit amor celleres praecipitare uias.  
 Tunc memorant flammis absumptum Virginis  
 [ aedem,  
 Qua nihil in toto clarius orbe fuit.  
 Damniatur sceleris nequaquam Herostratus auctor;  
 Ausus id inuita non tamen ille Dea;  
 Nam pueri haec animum dum contemplatur, et ora?  
 Gratis mihi sedes hic Puer, inquit, erit.  
 I modo, et in tenues Templum consume fauillas:  
 Adis Alexandri iam uice paruus erit.

[*Sem indicação de Autor*]

A Diana assistir ao parto de Alexandre Magno;  
ao tempo que Heróstrato lhe queimava o seu  
Templo.

## SONETO

Ó vós que transcendendo o ser de humana  
por Deidade, e por bela sois divina,  
e ostentando-vos hoje por Lucina,  
perdendo estais o nome de Diana.

Vêde que enquanto ao parto estais ufana  
dêsse Infante a que o fado vos inclina,  
em incêndios o Templo se arruina,  
adonde sois a Deusa soberana.

Porém tão divertida vos contemplo,  
com êsse Infante cujo heróico nome,  
da grandeza maior será o exemplo.

Que dizeis que a descuido não se tome,  
pois não importa acabe o maior Templo,  
quando nasce no mundo o maior home. (sic)

[*Sem indicação de Autor*]

Ao templo de Diana, que em Éfeso na mesma  
noite, em que se achava assistindo ao  
nascimento de Alexandre lhe queimou  
Heróstrato.

## SONETO

De Éfeso a maravilha louco intento,  
Querendo eternizar-se, queima rara,  
Sem ver quão pouca glória se prepara  
Quem faz no alheio dano o fundamento.

Ao templo seu, que ardia a fogo lento,  
Diana, que a maldade já notara,  
Bem pudera acudir, se não se achara  
De Alexandre Lucina ao nascimento.

Mas por não perigar da Natureza  
 Um prodígio, que acabe deixa da arte  
 Diana a maravilha, que mais preza.

Quando nasce Alexandre, que há de dar-te  
 Maravilhas, o Mundo, em cada emprêsa,  
 Maravilhas não hajam noutra parte.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao assunto Acadêmico heróico, em retrato não  
 vulgar.

### SONETO

*é bonito Deus o guarde*

(letra do Secretário)

Vejo crespas ondas desenlaçadas  
 algum tempo vistas em mãos de Midas:  
 em neve estrélas negras mui luzidas,  
 e cortêsmente em paz dela guardadas.

Rosas a Abril, e Maio antecipadas  
 das instâncias do tempo defendidas.  
 Auroras entre riso amanhecidas,  
 se da Avareza de um cravo fechadas.

Vejo flôres, céu, luz também estrélas,  
 em idéia gentil tudo patente,  
 só pérolas não: nem poderei vê-las;

Pois formosa, e discreta juntamente  
 do perito Colon traça escondê-las  
 co'mudo disfarce, grave, e cadente.

[*Sem indicação de Autor*]

## A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre.

## SONETO

O templo de Diana se abrasou  
 Olímpias Alexandre ao mundo deu,  
 uma grande maravilha feneceu,  
 outra mais superior se levantou:

Grande lástima pedia a que acabou,  
 mas as lágrimas enxuga a que nasceu,  
 se dos homens um milagre se perdeu,  
 da natureza um milagre se ganhou:

Aqui parece, diz a Caçadora,  
 que o magnífico templo desampara,  
 pois que sou de Alexandre protetora,

Pereça maravilha menos clara,  
 porém salve-se, sempre vencedora,  
 esta que é sôbre sete a mais preclara.

[*Sem indicação de Autor*]

## Ao mesmo assunto.

## SONETO JOCO-SÉRIO

A ocupação de Diana me arrepela,  
 e com razão me dá grande canseira,  
 por ver entremetida a ser parteira,  
 quem tão formosa é, môça, e donzela.

Ora deixe êsse ofício a Deusa bela  
 para alguma anciã já parideira,  
 e ao seu Tempo acuda mui ligeira,  
 que Heróstrato em queimá-lo se desvela.

Mas teme que ao que nasce, as bruxas chupem,  
 e pena não lhe dá o ficar na rua,  
 contanto que sem ela êle não fique.

Quer que nêle os desvelos só se ocupem,  
porque se o Templo tem quem o destrua,  
no nascido terá quem o fabrique.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 21 de maio

Segundo Assunto

Foi o segundo assunto uma dama formosa,  
mas com poucos dentes, que costuma falar  
pouco, por se lhe não ver aquela falta.

#### EPIGRAMA

Com poucos dentes formosa  
Anarda, bem podeis ser,  
já que não faltais em ter  
os beiços da côr de Rosa.

Abri-os, pois que êste mal  
descobre um bem; porque enfim  
se vos falta algum marfim,  
vos sobra muito Coral.

Secretário.

[*José da Cunha Cardoso*]

A uma môça que por falta de dentes costumava  
falar pouco por se lhe não descobrir a falta.

#### SONETO

Ês sol, Linda Amarilis, e as meninas  
de teus olhos dois raios são luzentes;  
as mais damas são lua e cujos dentes  
no céu da boca estrêlas diamantinas.

Em o Céu das estrêlas peregrinas,  
são as luzes da lua presidentes,  
mas luzindo os do sol, raios valentes,  
não há no Céu estrêlas matutinas.

De dentes carecer tua beleza  
mais de sol te confirma em qualquer parte;  
que da falta de Estrêlas não lhe pesa.

Pois por sol, para o mundo venerar-te,  
com a mais justa causa a natureza  
no Céu da bôca estrêlas não quis dar-te.

*De Francisco Pereira do Lago Barreto.*

A uma Dama formosa, mas com falta de dentes  
por cuja razão não falava.

### SONETO

Goza Anarda nos olhos, faces, frentes  
O Sol, a rosa, a neve rutilante,  
Mas rindo todo o rosto, assi' que (sic) flamante  
Nunca a aurora chorou perlas (sic) nos dentes.

Entre belezas tantas refulgentes,  
A vista em pasmo, fica relevante,  
Mas ela em não falar sempre constante  
Pasmada deixa, no silêncio as gentes.

Por formosa igualmente, que sisuda  
É Anarda de todos venerada,  
Sem que ninguém à falta sua aluda:

Quem jamais viu beleza assi' extremada, (sic)  
Pois sendo por defeito a Dama muda,  
É pelas perfeições a mais falada.

*Do Padre Frei Pedro da Estrêla*

Religioso de São Francisco.

A certa formosa que se não ria, por não mostrar  
a falta dos dentes.

ROMANCE: MAS PARECEM REDONDILHAS.

Hoje minha Musa armada  
não das setas de Licambo,  
bizonha se põe em campo  
para dar sua dentada.

Por mais que Linces me notem  
na fraqueza, e covardia,  
sem temor à picardia  
neste duelo, ou onde tem.

E por mais que irada berres,  
apertando êsses carmins  
fujas do riso os festins,  
e as fôlhas ao cravo serres.

E cobrindo, da falta o toscos,  
com uma, e outra flor,  
pareças môça melhor,  
e muito a flor do rosto.

De dentes êste defeito  
já me incita a dizer,  
se cravo no parecer  
queres mostrar-te com jeito,

Que és de defunto um tal cravo,  
parenta, e muito primeira,  
da desdentada caveira,  
e se disto tens, agravo,

Eu para a Rosa apelo,  
onde assaz bem agravada  
sairás sambenitada,  
e de traje de amarelo.

E conselho neste caso,  
de que não foge uma casa,  
é o sambenito em gala  
mudar, e não muito acaso.

De que me mordas não temo,  
ainda que entre dentes  
maglina trazer me intentes,  
nem cuides que disso gemo.

Pôsto que é universal  
dos beiços, e dentadura,  
fazer a sacra escritura  
muro, e ante-mural.

E assim dos dentes escapo,  
e livre da mordedura,  
tendo a língua soltura  
também levo o meu lapo.

Não temo que de irada  
me arreganhes os dentes,  
nem que a unhas, e a dentes  
me casques tua dentada.

Que para mim te não rias  
bem pouca pena me dás,  
nem o contrário farás  
para que de mim te rias.

Já que deixas de moer  
pelos dentes te faltar,  
quero-te desempenhar  
com fazer-te remoer.

Vejo-te porém segura  
que teu queixo ao Joalheiro,  
ponha o néscio Barbeiro,  
pondo-te à sepultura.

Sem susto podes tossir  
já com fôrça, já de leve  
livre do caso da Sene  
que pode os dentes cuspir.

*De Antônio Dias da Franca.*

Uma Dama formosa, mas com falta de dentes,  
que costuma falar pouco por se lhe não  
notar essa falta.

### SILVA JOCO-SÉRIA

Minha Júlia formosa,  
nos olhos, e nas faces Sol e rosa,  
já que sois meu assunto  
ouvi de vosso rosto aqui o transunto:

Acima fica dito  
que tínheis um rostinho mui bonito,  
mas também dizem que éreis tão sisuda,  
que pouco vos faltava para muda;  
pois viúva de dentes sempre alerta  
ninguém vos conhecia bôca aberta,  
antes de abri-la sempre tão mesquinha,  
que em um dente ter para mesinha,  
por vós não enxergar em esta míngua,  
nunca dáveis nos dentes nem co'a língua.

Porém se nos banquetes  
vos puserem uns poucos de ginetes,  
de biscoitos seis rôscas,  
tudo ficara às môscas;  
que vós a dois carrilhos  
ruminando inda mais que três colmilhos,  
ou havíeis de um jato mergulhá-los,  
ou são, e salvos outra vez torná-los;  
e então chamar-vos poderiam gansa,  
que engole, sem mascar, como criança.

Já desejei saber se éreis ovelha,  
que inda môça tem já bôca de velha;  
o certo é que a vossa cara ruit  
e nela a dentadura Troia fuit.

Ó como por calada  
éreis boa mulher para casada,  
no que a ciúmes toca,  
nunca abríeis bôca,  
que uma mulher ciosa, e gritadeira  
é pior que uma pulga à cabeceira,  
e de vos ver sem dentes mui contente

a vosso Espôso lhe caíra um dente;  
 porque assim livraria  
 do que Jó padecia  
 co' a mulher que entre dentes o tomava,  
 pois nunca da garganta lhe passava.

Ele o pé bateria,  
 e vós, de medo fria,  
 gengiva com gengiva bateríeis,  
 porque dente com dente não podíeis.

Vós falais-me (sic) entre dentes;  
 mas ai, silva, que mentes,  
 que se Júlia os não via,  
 como por entre dentes falaria?

Vêde quanto ganhastes  
 com perderdes os dentes que deixastes  
 (aqui a Musa me acuda)  
 tínheis má bôca, e éreis mui sisuda.

A viva alma sem dentes morderíeis,  
 mas antes lograríeis  
 que no enigma da bôca ferrolhada  
 mo achas que ninguém desse dentada.

Que bem que penetrastes os primores  
 do provérbio dos bons entendedores,  
 não como alguns, que eu sei que falam muito  
 e parturient montes vem por fruto.

Falar pouco, e ajuizado  
 é falar acertado,  
 que o estilo lacônico, e sucinto  
 do Asiático sempre foi distinto;  
 enfim quem muito fala  
 jejua como a ovelha enquanto bala.

Mas dissei-me menina,  
 (pois quatro gaspas sei de medicina)  
 tomais acaso unturas,  
 que dos dentes costumam ser tonsuras?  
 ou foi estilicídio,  
 porque de **Remauthismis** (sic) diz Isídio,  
 que os dentes nos queixos  
 moendo, ou remoendo tem seus eixos  
 e então das defluxões às enxurradas  
 as chapas vão gastando das queixadas.

Dizer que o sol dos olhos por ardentes  
 a neve derreteu dos vossos dentes,  
 é conceito luzido,  
 porém eu tenho lido,  
 que ao céu imputar dores, e achaques  
 é sòmente de Médicos basbaques.

Fôsse ora o que fôsse  
 dêsses bens de raiz não só a posse,  
 mas perdi juntamente a esperança,  
 salvo se fôr na universal mudança,  
 onde havemos cobrar velhos, e môços  
 unhas, cabelos, dentes, nervos, ossos.

Tenho a silva acabada,  
 e suposto que livre de dentada,  
 porque escape também de alguma unha,  
 sem outra caramunha,  
 e sem outro intervalo  
 pois que calada estais, também me calo.

Do Acadêmico Obsequioso.

[*Gonçalo Soares da Franca*]

Ao segundo assunto.

## ROMANCE

Vá de romance esta vez,  
 porque assunto tão notável,  
 já que não posso em Latim  
 quero escrevê-lo em Romance;

Se houver quem disto murmure,  
 que nunca falta quem fale  
 faça outro tanto, e veremos  
 quanto da matéria sabe:

Porém fale muito embora,  
 murmure até que se enfade,  
 que se quiser fazer versos,  
 sei mui bem as regras d'arte:

Não se me empute a vanglória,  
não se me note a vaidade,  
porque para ser versista  
qualquer ciência é bastante:

Isso suposto; vejamos  
do assunto parte por parte  
quais são suas circunstâncias,  
qual é sua qualidade;

As circunstâncias do assunto  
são que Anarda se retrate  
formosa como ela mesma,  
porém que mui pouco fale:

E a tal assunto! uma Dama  
que há na beleza e donaire  
dos Retóricos primores  
encarecido milagre?

Anarda, aquêlé portento,  
por quem no Idílio conclave  
dera voto o parecer  
que foi subôrno de Páris?

Anarda, por quem de Apeles  
fôra o pasmo desculpável  
nas suspensões do debuxo  
que foi crédito a Campaspe? (sic)

Falar mui pouco? há tal caso?  
ser muda? há tal disparate?  
em tal não creio sem ver,  
e sem tocar a verdade:

Mas já reparo na causa  
de controvérsia tão grande,  
queira Deus que pare bem  
ou que com bem se repare:

Certamente Anarda é néscia  
de vinte e quatro quilates,  
e por cobrir esta falta  
usa daquele disfarce;

Mas Dama de tantas prendas  
como Anarda é needade  
presumir, que fale pouco,  
por néscia, ou por ignorante:

O falar pouco é virtude,  
e é das discretas esmalte,  
pois se Anarda pouco fala  
é por discreta mostrar-se;

Mas não me quadra o conceito  
de que Anarda tanto cale  
por discreta; outro motivo  
diverso presumo dar-se:

Será por não parecer-se  
às Damas da nossa idade  
que porque as ouçam na reza  
gritarão tôda uma tarde?

Porém já agora me lembro  
que foi do assunto remate  
fazer uma Dama muda,  
só porque os dentes lhe faltem:

Não fala Anarda, porque  
não chegue nela a notar-se  
a falta de não ter dentes,  
que é defeito muito grande:

Muito havia que dizer  
sôbre matéria tão grave  
mas já passa quinze coplas  
bem é que o romance acabe.

*De João de Barbosa e Lima.*

## DÉCIMAS

Laura em que a natureza  
(dando sustos ao cristal)  
depositou liberal  
os tesouros da beleza:  
Que rigorosa tristeza  
tem trocado os acidentes  
dêsses Sóis resplandecentes!  
pois mais (se bem se repara,)  
que os olhos da vossa cara  
vos custa, mostrar-me os dentes.

Que pena vos sobressalta?  
falai Laura, que suspeito,  
ou tendes algum defeito,  
ou na bôca algu'a falta.  
Se é dos dentes, mais se exalta  
a graça a que vos provoca,  
que por senão vos não toca;  
porque esta graça a meu ver  
se vos não vem a nascer  
vos veio a pedir de bôca.

Deixai a melancolia,  
pois tendes tal perfeição,  
que o que nas outras senão,  
em vós é galantaria.  
A mais rara bizzarria  
quando imitar-vos procura,  
conhece a sua loucura;  
que em vós (são por natureza)  
desperdícios da beleza,  
pasmos de outra formosura.

Êste afeto, que em mim sobra  
nada vosso peito lavra,  
pois sem dizeres palavra  
pondes o calar por obra.  
Mas novos alentos cobra  
meu peito na dor que sente,  
com que a esperança se aumente  
da vossa correspondência;  
por ser certa a conseqüência  
de que quem cala consente.

Nesse erário de Coral  
de formosura infinita;  
é donde amor deposita  
um tesouro celestial.  
Não sintais que liberal  
desperdice (quando o abris)  
amor, pérolas gentis;  
porque em vão vos sobressalta  
de pérolas qualquer falta  
tendo sobra de rubis.

Do Acadêmico Infeliz.

[*João de Brito Lima*]

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

É dêste romance o assunto  
uma belíssima Dama,  
velhíssima pela bôca,  
novíssima pela cara.

Não é como as mais mulheres  
(esta menina) agastadas,  
que trazem sempre entre os dentes  
a quem mais as idolatra.

Quero-lhe bem por sisuda,  
e inda que ande com carranca,  
se se inclina para alguns  
com todos não se arreganha.

Sacrificando-se às leis  
de amor, nas profanas aras,  
por pensamentos, e obras  
pecara, não por palavras.

Se porque lhe não dou muito  
comigo às vêzes se agasta;  
que me meta a unha temo,  
mas não que me dê dentada.

Inda, que veja galhofas  
sua sisudeza é tanta,  
que a quem mostrar ela os dentes  
eu darei meia pataca.

Bem que tanta sisudeza  
me mete desconfiança,  
que sempre cuido consente  
pois vejo que sempre cala.

Mulher de tanto segrêdo  
topei em meus dias, basta  
que tudo coma consigo,  
que tudo leve às caladas.

De ter a bôca despida  
com pouca razão se agasta,  
que é descrédito das velhas  
o que é só das môças falta.

Meta-me o dedo na bôca  
nunca diz, a quem a engana,  
porque pode suceder  
lançar-lhe mão da palavra.

Apesar dos maldizentes  
por Virgem se reputara,  
se fôra no mais, assim  
(como é na bôca) a muchacha.

Só abre para pedir-me  
êsse erário de escarlate,  
sendo que então mais, que acima  
o seu bafo me tresanda. •

Quando alguma travessura  
lhe sucede por desgraça,  
que eu remeto afeito às unhas  
nunca os dentes me arreganha.

Por não falar pouco, ou muito,  
de ninguém, bem, nem mal fala;  
se tivera os dentes todos  
tinha uma bôca de prata.

Suas palavras são poucas,  
porém não são refohadas;  
(se falha o que quer dizer)  
por entre os dentes não fala.

Sempre lhe encomendo muito  
se livre da carne assada,  
e de comer coisas duras  
que puderão engasgá-la.

Se alguma vez abre a bôca  
(do Deus Morfeu obrigada)  
cruzes fazendo às mãos cheias  
lhe serve a mão de anteparo.

É sua bôca um deserto  
donde a língua, apenas acha  
certas cruzes de marfim,  
em que corre a Via Sacra.

Donde os dentes Eremitas  
fazem vida solitária,  
e do muito que jejuam  
a côr já trazem mudada.

Não passo das vinte coplas  
porque corra pela taxa  
êste romance, e não seja  
punido por mais da marca.

Do Acadêmico Infeliz

*João de Brito e Lima.*

A uma Dama formosa, e sem dentes.

## ROMANCE

Não há quem acuda a Filis  
em um pranto tão amargo,  
pois as fontes dos seus olhos  
em dois rios se hão rasgado.

Movido de compaixão  
venho só a consolar-vos,  
dizei-me Filis a causa  
dêsse mal tão prolongado?

Sois formosa como um sol,  
vossos olhos são dois astros,  
vossos cabelos por louros  
imitam de Febo os raios.

Vossas faces duas rosas  
em campinhos de alabastro,  
vossa bôca que rosada  
parece um partido Cravo.

Pois se não chorais por feia,  
que pena vos há molestado?  
mostrai-me ora vossos dentes  
que quero também pintá-los.

Ai que Filis não tem dentes!  
valha-me Deus que fracasso!  
por isso era tanto o choro,  
e era o riso tão raro!

Porém paciência Senhora  
nascemos para trabalhos,  
não há perfeição adonde  
o senão não tenha entrado.

Atentai-vos, e vereis  
o mais lindo papagaio,  
tão gentil nas demais partes,  
e nos pés tão afeiado.

Vêde o soberbo Pavão  
tão roçagante, e galhardo,  
se o alenta a bizzarria,  
os pés lhe causam desmaios.

Olhai a formosa Rosa  
mais gentil Dama do prado,  
vestindo-se de rubis  
tem de espinhos os sapatos.

Vêde a lisonjeira fonte  
nos cristais puros, e claros,  
às vêzes vão de empurrada  
mais que corridos turbados.

À vista dêstes defeitos  
não deveis pois agastar-vos,  
que o vosso senão também  
é fácil remediá-lo.

Fazei tréguas com o riso,  
para sempre, mas se acaso  
não puderes reprimi-lo  
que faremos neste passo?

Acudi com um lenço a bôca,  
fingindo que vos há dado  
no goto o riso, ou que a tosse  
com êle se tem topado.

Falai pouco, ou nada, e sereis  
do amor um rico retrato,  
na boquinha um Cupido,  
ou uma infanta de estrado.

Das Damas sereis Princesa  
que mais velha no estado,  
aliás dirá o mesmo amor  
o que eu aqui tenho calado.

Um pavão parece Filis,  
Rosa, fonte, ou papagaio,  
pois lhe faltam os aljofres  
que são da bôca o ornato.

*Frei Antônio de Santa Maria.*

## Ao Assunto da Dama.

### SONETO

Se a natureza um ôlho só vos desse,  
Como de dentes vos empobreceu,  
Julgara, que eras filha de Foreu,  
Ou que quis nessa conta vos tivesse.

Não faltaria então quem se atrevesse  
Nas manhas imitando ao grã Perseu,  
Arrebatat o lume a êsse céu,  
Quando da mão das outras vos viesse.

Mas foi tão destra em vós a natureza,  
Que nesse céu dois sóis quer, que gozeis  
Tudo de amor indústria, e sutileza.

Quer que formosa a todos agradeis,  
 É por fôrça afetando a sisudeza,  
 Qual Medusa em vos vendo os encanteis.

[*De Frei Manuel de Santa Maria*  
 Religioso de São Francisco.]

### EPIGRAMMA

Dens tibi nullus adest, id eoque silentia seruas,  
 Coetera sed facies tota decora nitet?  
 Esses, ni talis defectus, pulchra puella,  
 Dentibus es sine nunc, tunc sine dente fores.

*De Frei Manoel de Santa Maria*  
 Religioso de São Francisco

Ao mesmo assunto.

*Do Mesmo Autor*

### SONETO

De Belisa a gentil soberania,  
 de seu rosto a beleza mais plausível  
 prostrada! Quem cuidara ser possível,  
 que frustrasse um pezar tanta alegria?

Belisa, que era tôda a luz do dia,  
 cuja vista luzeiros cintilava,  
 cuja bôca fragrâncias respirava,  
 e com a mesma Pancaia competia:

Perdida agora tanta formosura,  
 calada, emudecida, e descontente;  
 que será? Quem decifra tal figura?

Que há de ser? É que agora de repente,  
 não sei porque motivo, ou desventura,  
 não lhe ficou nos queixos um só dente.

[*Provavelmente da autoria de*  
*Frei Manuel de Santa Maria*]

Ao mesmo assunto e pelos mesmos consoantes.

*Do mesmo Autor.*

### SONETO

Para dama não sois mal parecida,  
Se não fôras, Belisa, desdentada,  
E por isso, de andar sempre calada,  
Fizestes juramento em tôda a vida:

Não havíeis de ser tão presumida,  
Melhor vos fôra ser mais recatada,  
E não só trazer a bôca tapada  
Sendo de tudo o mais descomedida.

Mas quem tudo descobre, e a bôca tapa,  
Inda ouvindo, que dela se dizia,  
Que ao aceno de qualquer pobre capa,

Logo, e sem repugnância, se movia;  
Bem merece lhe chame olhos de sapa,  
Diante desta nobre Academia.

[*Provavelmente da autoria  
de Francisco da Silva*]

A certa Dama desdentada, que por não se lhe  
descobrir a falta dos dentes nunca falava.

*Por Francisco da Silva Soldado desta  
Praça da Companhia do Capitão  
José de Melo.*

### SONETO

Certa Dama comigo parecida,  
em ser de ambos os queixos desdentada,  
porém não em estar sempre calada,  
pois eu nunca fui mudo em minha vida:

De bizarra, e formosa presumida,  
afetando desdêns de recatada,  
sendo que só da bôca era tapada,  
que do mais era bem descomedida:

Co'a manga da camisa a bôca tapa,  
muda a quantos requebros lhe dizia,  
em tal forma, que eu cá co'a minha capa,

Disse, vendo que a nada se movia,  
me pelem se não és aquela sapa,  
que nos deu por assunto a Academia.

A uma Dama desdentada, que por não mostrar  
que não tinha dentes, nunca falava.

*De Francisco da Silva Soldado da  
Companhia do Capitão José de Melo.*

### DÉCIMAS

Anda bem desqueixelada,  
Belisa por não ter dentes,  
diz que é o riso das gentes  
se a bôca não traz tapada:  
em tal forma anda picada,  
de tamanha desventura,  
que só por ter dentadura,  
se o Diabo lha pintara,  
os mesmos olhos da cara,  
lhe dera pela pintura.

Mas que digo olhos da cara?  
Alma, vida, e coração,  
dera sem contradição  
se tanto bem alcançara:  
nada enfim mais estimara,  
como não ser desdentada,  
mas assim pobre coitada,  
sem ter, nem quatro queixais,  
anda calada entre as mais,  
de corrida, e envergonhada.

Triste como a noite fria,  
está sempre e carrancuda,  
fazendo papel de muda,  
tôda a noite, e todo o dia:  
é tal a melancolia,  
que penaliza a coitada,  
que pela vez sossegada,  
afirmo em tôda a verdade,  
que de mui boa vontade,  
lhe dera a minha dentada.

Belisa, pois tal desar,  
não pode remediar-se,  
é cerimônia o disfarce,  
com que o quereis ocultar:  
podeis já rir e falar,  
que vosso mal é sabido,  
porém eu fico advertido,  
e advertir é preciso,  
vos fica o dente do siso,  
segundo tenho entendido.

A uma Dama sem dentes, e por não mostrar a  
falta déles sempre calada.

*De Francisco da Silva Soldado da Praça  
da Companhia do Capitão José de Melo.*

### SEGUIDILHAS

De que estais tão queixosa,  
bela Belisa,  
que vos vejo pesada,  
e amortecida?

Tudo se vos antoja,  
e desagrada,  
não sei quem vos entenda,  
linda muchacha.

De quanto há enfadada,  
e aborrecida  
não posso dar na causa,  
por escondida.

Essa pena que tendes,  
comunicai-ma  
que dizê-la é princípio  
de aliviá-la.

O querer estar sempre  
tão embuchada,  
sem nenhum desafôgo,  
coisa é que mata.

Espalhai tanta pena,  
por êsses ares,  
porque uirtus unita,  
fortius agit.

E será nesta forma,  
é coisa clara,  
conhecida as abertas,  
e publicadas.

Mas já vejo, já caio,  
em vossa queixa,  
pois nos queixos descubro,  
o que não vejo.

Vejo-vos desdentada,  
e emudecida,  
sem dentes, e calada,  
é maravilha.

Porém não é motivo,  
de sentimento, (\*)  
que algue huye enemigo  
de puente plata.

Por quatro dentes podres,  
que vos deixaram,  
como deixou a fonte,  
o cristal claro.

---

(\*) Correção: Verso substituído por "pena tanta".

Tal mudez que vos julgam,  
sêres de pedra,  
sendo pela brancura,  
a neve mesma.

Oh! deixai, que tais dentes,  
por infiéis,  
fora da vossa bôca,  
O Demo os leve. (1)

A uma Dama Formosa sem dentes, que para  
encobrir a falta falava pouco.

Segundo assunto.

### SONETO

Uma formosa Dama; bem está  
Dizem mais que discreta; assim o ouvi.  
Mas formosa, e sem dentes? tal não vi.  
Mulher, e falar pouco? tal não há.  
Quem tanta bizarrria louvará?

Eu não: porque não sei de quis, vel qui  
No ré, mi, fá, sol, lá, não sei do mi.  
Que no meu canto-chão, só sei do fá.

Ser mais bela que o Sol; creio por fé.  
Sol, porque das formosas ela é só.  
Mas desdentada, e bela; é ponto cru.

Cadmo me empreste os dentes, por quem é  
Que mulher, que não diz pio, nem cró,  
Faz consoantes A,E,I,O,U.

*De Gervásio das Montanhas Eremita  
Na Tebaida das Jacobinas.*

(1) Esta quadra foi substituída pela seguinte:

Oh! deixai por infiéis,  
êsses tais dentes  
fora de vossa bôca  
que o Demo os leve.

A uma Dama formosa, e sem dentes, que para encobrir esta falta falava pouco.

Segundo Assunto.

### ROMANCE

Grande assunto, grande assunto?  
Vitor Ilustre Palestra:  
que em tais assuntos se apura  
o discurso, e a paciência.

Uma Dama mui formosa  
eu não vi coisa tão bela?  
suponho que é, uerbi gratia  
pintada, desta maneira.

Uma Dama mui formosa  
cujas douradas madeixas,  
lá do Ouro Prêto ao ouro  
fazem desmaiar de inveja.

Pelo caminho das Minas  
a chapada, é a sua testa:  
donde o sol pára, e repara,  
que em seu cristal reverbera.

As sobrelhas airosas  
são lá do Rio das Velhas  
pelos Arcos: que amor reza  
Arcos de paz, e de guerra.

Da Serra das Esmeraldas  
são seus olhos; não são pedras,  
raios de Esmeralda, sim:  
ou Estrélas verdinegras.

Queixa-se o Rio das Mortes  
das que fazem: o que é teima  
que êstes Raios, não são Rios,  
estas Mortes são finezas.

Nascidas no Piauí  
suas faces por vermelhas,  
sempre parecem místicas,  
mas de Rosas, e Açucenas.

Seu nariz da Itabaiana  
é a levantada serra  
lá de Sergipe de El-Rei,  
que Majestades ostenta.

A bôca, Deus vá comigo:  
o Rio das Contas venha  
porque não tem grande bôca,  
e vejo ao pé da letra.

Dizem se colhem envoltos  
rubis em suas areias;  
êstes, são da bôca as cifras,  
que o Coral no Mar se gera.

As Pérolas para os dentes  
tinham conta; aqui é ela!  
que não tem dentes a Dama,  
saiu a conta às avéssas.

Sem dentes não há aljôfar  
as pérolas são sobejas  
como esta Dama não fala,  
a sua mal pode dizê-las.

Esta desdentada Imagem  
nunca entre dentes boqueja,  
quando muito mal mastiga,  
não morde, queira, ou não queira.

Afirmam que fala pouco,  
porque a falta se não veja.  
oh! que discreta formosa,  
oh! que formosa, e discreta?

Quem será Dama tão linda?  
entendo que é a Academia.  
Falar pouco, não ter dentes,  
é tôda a sua beleza.

Decôro da Poesia,  
o recato da Eloquência,  
não tem voz com que magoe,  
não tem dentes com que ofenda.

O mesmo Apolo indignado  
ouvindo maledicências  
dos Zoilos as bôcas tapa,  
arranca os dentes de inveja.

Este do discreto Assunto  
entendo que fica a Idéia,  
graças sem mordacidade,  
formosuras com modéstia.

Relevai o Sermonário  
que o Poeta anacoreta  
é de Tebáida; o que inculca  
tanto Monte, Rio, e Serra.

O mais que falta ao retrato  
na garganta se atravessa,  
seja a Serra do Aporá,  
o Sérro do Frio seja?

As mãos na Serra dos Órgãos  
pondo à esquerda, e direita  
seus dedos nos Guararapes  
falem de Holanda as tragédias.

A bizarria do corpo,  
o Grã Pará representa:  
que o Rio das Amazonas  
retrata Pentasilhéias.

Tenho acabado a pintura:  
peço comprovada vênia,  
desculpa das dissonâncias,  
perdão das simulcadências.

*De Gervásio das Montanhas Eremita  
Na Tebaida das Jacobinas.*

A uma Dama formosa, que faltandô-lhe os dentes,  
costumava falar pouco, por se lhe não ver  
aquela falta.

*De Luís Canelo de Noronha*

### DÉCIMA

A bela Amarílis cala,  
severa aos seus pretendentes,  
por parecer que entre os dentes  
traz a quem com ela fala:  
êste desamor iguala  
muito a sua tirania,  
pois tôda a glória escondia  
sômente com se calar,  
que se chegasse a falar  
todo o céu descobriria.

Ad puellam edentulam.

### EPIGRAMMA

Rideo saepe tibi, mihi numquam, edentula, rides:  
Quare? nequis me rideat, ipsa refert.

*Antonius de Oliveira.*

A Nise que lhe chamam desdentada.

### DÉCIMA

Não me sofre o coração  
Que deixe assim ultrajar,  
E desdentada chamar  
A quem tôda é perfeição.  
Senhores, vá de questão:  
No Céu há estrélas? é certo;  
Reluzem tendo o Sol perto?  
Não: pois se Nise tem pôsto  
Céu na bôca, e Sol no rosto,  
Ver-lhe as estrélas é incerto.

*De Antônio de Oliveira.*

[letra diferente]

## A uma Dama desdentada.

## DÉCIMA

Um anel o Deus do Amor  
 De rubis mandou encravar  
 E só por paz não levar  
 Não lhe quer diamantes pôr.  
 Já tem com alto primor,  
 Feito o anel mais brilhante;  
 Porque achou o Deus amante  
 Êsses lábios de carmins,  
 Pois entre tantos rubins  
 Não vê um só diamante.

*De Antônio de Oliveira.*

[letra diferente]

A uma Dama desdentada que não falava por não  
 mostrar o seu defeito.

## SILVA JOCOSA

Valha-me Apolo! o que me tem custado  
 Êste assunto cansado  
 Que me obriga com várias fantasias  
 A cantar sem saber que melodias,  
 Ou qual das nove invoque,  
 Que voz apure, que instrumento toque!  
 Porém vá ao burlesco  
 Pois co' (sic) sério não tenho parentesco  
 E já por evitar tanta canseira  
 Comecemos assim desta maneira.

Não se espante Senhora Academia  
 Que eu me empenhe êste dia  
 A mostrar uma Dama a tanta gente  
 Mui formosa, porém sem um só dente  
 Que é o que lhe bastava, bem se creia,  
 Para sendo formosa ficar feia,  
 E porque êste senão tanto sentia  
 Como sempre o chorava se não ria.

Mas ponhamos de parte o seu defeito,  
E aqui demos um jeito,  
Já que a triste não fala,  
Para ver se podemos consolá-la.

Esta Dama é, Senhores, que aqui vêdes  
Lucrécia de Parêdes,  
Cujo nome algum dia bem lhe estava  
Quando então as dos dentes rebocava.

Se era justo, e mui justo que só fôsse  
Com colheres de cal não, mas de doce,  
Tenho, enfim a muchacha por ofício  
Não deixar de cair seu frontespício,  
Por mostrar com razão mui verdadeira  
Que é em tudo a mulher melhor pedreira,  
E mais inda como esta que só basta  
Dizer que foi Lucrécia, e não foi casta.

Correndo seu fadário esta cachopa,  
Logo os males de tropa  
Em castigo talvez de seus fracassos  
Lhe atalharam os passos,  
Ficando pois a Dama  
Entregue às inclemências de uma cama,  
Ou muito de rebimba  
Reduzida ao rigor de uma tarimba.

Dizem muitas das que a visitaram  
Que no hospital a acharam;  
Tão hedionda, tão feia, torpe, e tosca  
Que de tantas só teve uma só môsca  
Que nela se pusesse,  
E remédio a seu mal só dar pudesse  
Vomitando para isso mais que o Reno  
Traz de enchentes, mil textos de Galeno.

Êste Hipócrates pois que a notifica  
A tomar chocolates de botica;  
Lhe applicou entre tantas sarandagens,  
Tão custosas, tão várias beberagens  
Que a obrigou a vender adornos vários  
Para dar de comer aos Boticários.

Mas não é êste o mal que a triste chora  
Porque outro mais sente por agora;  
Só com ver que tão fortes ingredientes  
Lhe fizessem perder todos os dentes.

Que ela guarda, e reserva  
 Metidinhos em caixa de conserva,  
 E melhor os guardara  
 Se na caixa da língua os conservara.  
 Por não vir a perder, como se disse  
 Os seus dentes com tanta gulodice.

Dois azougues, Senhores, e uma salsa  
 Na saúde a põe firme, inda que é falsa  
 A opinião de dizer-se que a coitada;  
 Comerá agora um boi de uma acentada,  
 E eu sem ser da opinião de alguns Galenos,  
 Que se já comeu mais, comerá menos,  
 É escusará com zelos imprudentes  
 De tomar os amantes entre dentes.

Mas Euterpe me acuda  
 Que inda agora me dizem que ela é muda!

Menina desdentada,  
 É mulher, e inda atura o estar calada?  
 Veja lá que a conheço pela malha,  
 Se é que é pêga, e se enfeita para a gralha;  
 Se em falar cuida que erra,  
 Sem errar fala às vêzes uma serra,  
 Hoje bem se aconselha  
 Também fala sem dentes qualquer velha;  
 Ponha de parte o pêjo  
 Porque cuida, e imagino que a vejo  
 Entre a murta, entre a edra  
 De um jardim carranquilha, com fim de pedra  
 Estátua que não fala,  
 Já que a isso não posso hoje obrigá-la.

Concluída a notícia que dou dela,  
 Sòmente por não vê-la  
 Me retiro, e por ter donde me embosque;  
 Tomarei hoje a Silva pelo bosque,  
 Donde a Lira depondo  
 Entre os ramos da Silva já me escondo  
 Para a deixar com pena mais delgada  
 Nestas Décimas hoje consolada.

[Anastácio Ayres de Penhafiel]

## DÉCIMAS

Clóri, se na concha breve  
 De vossa bôca encerravas  
 Aljofres que entesouravas  
 Entre grã, rubis, e neve  
 Quem roubar-vo-los se atreve?  
 Mas já o sei, e com que fins;  
 Pois sei que destros malsins  
 Como vo-los invejaram,  
 Os aljofres vos roubaram  
 Deixando-vos os rubins.

Se suspensa não falais  
 De que dêsse belo cofre  
 Vos roubassem tanto aljofre  
 Quanto aqui dissimulais;  
 Enganada, Clori, estais,  
 Pois quem pode duvidar  
 Que é só capaz de falar  
 Uma Dama que é tão rica,  
 Que se sem aljofres fica  
 Inda tem rubis que dar.

*Por Anastácio Ayres de Penhafiel.*

Uma Dama que sendo formosa não falava por  
 não mostrar a falta que tinha de dentes.  
 Assunto lírico da nossa Academia Brasílica.

## SONETO JOCOSO .

Pondero a emudecida formosura  
 de Filis, sem temer que impertinente  
 possa no meu sonêto meter dente  
 pois carece de tôda a dentadura.

Se por cobrir a falta esta Escultura  
 tão muda está que não parece gente  
 Estátua de Jardim será sòmente,  
 se de pano de raz não fôr figura.

O Senhor Secretário quer que a creia  
bela sem dentes, eu lho não concedo  
desdentada é pior do que ser feia,

E em silêncio só pode causar mêdo,  
ser relógio do Sol para uma Aldeia,  
para um Povo Estafermo do segrêdo.

O Acadêmico Vago

*Sebastião da Rocha Pita.*

Uma Dama que sendo formosa, não falava por  
não mostrar a falta que tinha de dentes.  
Assunto lírico da nossa Academia Brasílica.

### ROMANCE

Vieram à compostura  
Filis, da beleza vossa  
liberais o Sol, e Estrêlas  
porém mui escassa a Aurora.

Nesse dourado cabelo  
o Sol seus raios esgota  
e então está mais formoso  
parecendo Sol em ondas.

As Estrêlas nesses olhos  
de que o Céu humano se orna  
juntando os seus resplendores  
tôdas as luzes tem postas.

Só a Aurora por negar-vos  
trinta e dois dentes à bôca  
nem miudo Aljôfar sua  
nem Pérolas netas chora.

Porém não o fêz de avara  
tanto como de invejosa  
para que não fôsses bela  
sem falta, senão, ou nota.

Temeu a Mãe de Menon  
que em mais graça, e melhor forma  
amanhecêsseis primeiro  
na formosura, e na pompa.

Dizem que por esta falta  
andais muda, e tão teimosa  
em calar, que não há quem  
uma palavra vos ouça.

Calar é prudência às vêzes  
mas sempre, é culpa notória  
sendo indício de ignorância  
ouvir, e não dar respostas.

Não ter voz, é não ter Alma,  
e parece injusta coisa  
andar viva nos sentidos  
e estar no silêncio morta.

Para responder cortês  
não ter dentes pouco importa,  
saía a voz sem consonâncias  
que o cortejo não é solfa.

Para agradecer afetos  
com palavras amorosas  
que nascem do Coração  
basta só que a língua as mova.

Para dizer bem de todos  
abri mil vêzes a bôca  
pois quem tem língua de prata  
escusa dentes de Aljôfar.

É lástima que estejais  
como Imagem primorosa  
a quem só falar lhe falta  
quando tudo o mais lhe sobra.

Falais (sic) que não deixareis  
de ser tida por formosa  
em tôdas as quatro partes  
que cingem as cinco Zonas.

O Acadêmico Vago  
*Sebastião da Rocha Pita.*

## Ao assunto lírico.

## ROMANCE JOCO-SÉRIO

Olá, já é tempo, vamos,  
quem quer vir para a comédia  
La Dama muda, que fazem  
esta noite na Academia.

Eu darei assunto a todos  
porque faço um papel nela;  
mas já digo os meus assentos  
são debaixo da cadeira.

Silêncio que sai a Dama  
como figura primeira;  
se tem muito de arrogante  
nada tem de ferramenta.

Faz vênia, ou mostra o toucado  
porque só inclina a cabeça,  
se é cortesia a que faz,  
só a faz a Sua Excelência.

Ela olhando para todos  
todos olhando para ela  
a Dama tem ponto em bôca  
não por ter bôca pequena.

Mas cá por pequena bôca  
sussurrando como abelhas  
porque espera, e ela não fala  
o congresso desespera.

Disse o Senhor Secretário  
a causa que por secreta  
(pôsto não me hão de morder)  
eu revelar não quisera.

Disse pois (fique entre nós)  
que não é muda a Donzela  
mas que por certa avaria  
de palavras é avarenta.

Coisa que muito me admira;  
por ver tanta resistência  
numa porta, que não tem  
por dentro algumas travessas.

É singular novidade  
não a trazer sempre aberta  
por não ter em si ferrolhos  
mais que uma só taramela. (sic)

O certo é que a Rapariga  
é avisada, e discreta,  
pois não arreganha dentes  
para que a não chamem fera.

Faz muito bem no que faz  
aprendam as mças desta,  
que não mostra a dentadura  
nem sabe que coisa é trela.

Não quer trazer entre dentes  
a ninguém porque é modesta  
será nos enfeites mça  
no que toca à bôca é velha.

Mas atenção à menina  
que move os beiços alerta:  
porém não fala, resmunga  
sòmente contra os Poetas.

Hable Señora muchacha  
lhe gritam certos Baetas  
e o Lacaio diz; se é muda  
que há de falar digam bestas.

Diz mui bem André Carvalho,  
La Dama muda se vuelva,  
que eu também me vou safando  
dando um vitor à comédia.

*José de Oliveira Serpa.*

Ao assunto lírico.

### SONETO JOCOSO

O estilicídio é um tirano mau;  
 Pelo que fêz a Nize é mais cruel,  
 Pois na bôca lhe deu tal escamel  
 Que não deixou à pobre um só queixal.

Sente a Môça o desaire que é fatal  
 Quando está de raivosa feita um fel,  
 Porque os beijos não tem mais ao nivel  
 E a bôca ficou funda e desigual.

Jura Nize em solene voto ao Sol  
 Não falar, blazonando de sutil  
 Seus amantes trazer num caracol;

Diz que usará acenos por ardil,  
 Para ser um de amor nôvo farol  
 Que a falar por aceno é mais gentil.

*José de Oliveira Serpa.*

Uma Dama formosa, mas com falta de dentes,  
 que costumava falar pouco, para encobrir  
 essa falta.

### DÉCIMA

Se publicar receais  
 Umas pérolas perdidas,  
 Pérolas são escondidas  
 As palavras, que ocultais:  
 Logo se pouco falais  
 Maiores perdas tereis;  
 Porque se no que dizeis,  
 Dizeis pérolas (senhora)  
 Cobrai nas vozes agora,  
 As que nos dentes perdeis.

*João Alv'res Soares.*

Ad puellam edentulam, ideoque nunquam  
 uidentem.

### EPIGRAMMA

Dic mihi, risus abes, quare, pulcherrima Filis?  
 Non habeo dentes, quomodo risus erit.

Nil obstat, cunctis quamdam ridere solebas,  
Te modo ridebunt, debita sicquiliunt.

*Emanuel Nunes de Sousa.*

## EPIGRAMMA

Dum taceo Veneris facies mihi, uirtus amoris  
Est, nil dum uideo, nam perit omne simul,

Haec perit illa perit, charites me quippe relinquunt,  
Sunt dentes charites, dens mihi nullus adest,

Nom Deus absque Dea, haec non absque sororibus  
[illis,  
Non illae mihi sunt, ergo tacere bonum.

[*Sem indicação de Autor*]

Conferência de 21 de maio

Foi o segundo assunto uma dama formosa, mas  
com poucos dentes, que costuma falar pouco,  
por se lhe não ver aquela falta.

Ao assunto lírico.

## DÉCIMAS

1.<sup>a</sup>

Nize, vossa formosura  
ninguém a pode igualar;  
só a pode assemelhar  
vossa rara compostura.  
É tão grande essa ventura  
em uma môça Donzela,  
que não podendo sofrê-la  
o mundo, saber estuda,  
se sois bela por sisuda,  
se sois sisuda por bela.

2.<sup>a</sup>

Resolver esta questão  
não pretendo por agora,  
que grande delito fôra  
querer tal graduação;  
mas porque hoje a razão  
não fique de mim queixosa,  
e possa viver gostosa,  
vossa extremada beleza,  
é certo, que a sisudeza,  
vos faz, Nize, mais formosa.

3.<sup>a</sup>

Mas para que conheçais  
do mundo o gênio travêssio,  
a paciência vos peço  
só agora, e nunca mais:  
dizem que tudo afetais,  
com artifício sutil,  
tal é o mundo, tão vil,  
que afirma já sem respeito  
que sois sisuda por jeito,  
e por disfarce, gentil.

4.<sup>a</sup>

Dizem que o muito falar  
vos tem assim ensinada,  
que já de grande letrada  
não quereis Bacharelar.  
Não vos deixeis infernar  
de ânios tão insolentes,  
saibam hoje os maldizentes  
pela vossa caramunha,  
que podeis meter-lhe a unha  
se os não trazeis entre dentes.

5.<sup>a</sup>

Quem quiser Dama gulosa  
 busque-lhe boa dentuça,  
 que o bom-gôsto só se aguça  
 nos melindres de formosa:  
 sem espinhar sempre a rosa  
 é no Prado flor divina,  
 sem dentes mais peregrina  
 é Nize para querer-se  
 sem dentes pode comer-se  
 que é mui tenra esta Menina.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao assunto.

### SONETO TROPOLÓGICO

Na Grécia, a bela Helena celebrada,  
 Menelau, com defeitos, sempre adora.  
 Impudica, e formosa também Flora  
 É; no Romano Império, venerada.

Citeréia por Deusa nominada  
 Da beleza, defeitos condecora,  
 Que sabe, à formosura ser credora  
 De qualquer afeição, inda violada.

Com mais fina atenção (flori Divina)  
 Se deve venerar vosso sujeito,  
 Que sabe, com cautela peregrina,

Dissimular o seu leve defeito.  
 Fique pois vossa pompa ufana, e digna  
 De adorar-se por todo o amante peito.

[*Sem indicação de Autor*]

A uma Dama muito formosa que falava pouco  
por encobrir a falta que tinha de dentes.

### DÉCIMAS JOCO-SÉRIAS

Todos reparam que muda  
sempre ó bela Lise estais,  
e eu digo que não falais  
por não seres linguaruda:  
mas por mais que assim acuda  
por vós ó mana, estas gentes  
nas opiniões diferentes,  
dizem que tão muda seres  
não é pela falta teres  
de língua, se não de dentes.

Ora é desgraça não pouca,  
que vos ocasione a míngua  
de ter pevide na língua,  
o não ter dente na bôca.  
Se essa falta vos provoca  
a tê-la sempre fechada,  
vêde que estais enganada,  
e podeis mana inferir,  
que a não haveis encobrir  
sômente pela calada.

Se a bôca dentes bastantes  
tivesse ó Lise, era bem  
que a fechasses, como quem  
fechar queria diamantes:  
mas se tendes poucos e antes  
não são êles bons, em nada  
com calar remediada  
fica essa falta, porque  
por falares pouco é,  
essa falta tão falada.

Ora falai com certeza  
 de que tudo vos exalta,  
 e que encobrirá essa falta  
 tanta sobra de beleza.  
 A mim certo não me pesa  
 (inda que pena tenhais)  
 dessa falta que ocultais,  
 porque vos amo, e venero,  
 e arriscar-me nunca quero  
 que entre dentes me tragais.

E como julgo que irada  
 contra mim mana estareis,  
 não receio podereis  
 chegar a dar-me dentada:  
 ficai embora assanhada  
 e feita, Lise, uma cobra;  
 pois se a peçonha vos sobra,  
 eu a não hei de temer,  
 que da cobra sem morder,  
 a peçonha nunca obra.

Mas tende a consolação,  
 que essa beleza em efeito,  
 motiva que algum defeito  
 pareça em vós perfeição.  
 Não lisonja, mas razão  
 é dar-vos êste louvor:  
 não pareça isto temor,  
 pois sei se eu fôr maldizente,  
 já que não podeis a dente,  
 podeis matar-me de amor.

[*Sem indicação de Autor*]

Ao 2.º

## ROMANCE

Bem pode [por um] nôvo Poeta  
 meter sua colherada,  
 pois u'a bôca vazia  
 é o que por assunto acha. (\*)

(\*) Correção, sem inutilizar o verso: "o assunto nos declara".

Com que bem pode o burlescò  
fazer também sua vaza,  
pois u'a sota de ouros  
acha coa bôca vazada.

É pois u'a Dama bela,  
o de que hoje se trata,  
a qual por se ver sem dentes  
nem abre a bôca, nem fala.

Desarmada a formosura  
estava em ser desdentada,  
pois são os dentes mais lindos,  
de la hermosura las armas.

Antes seria tão feia  
como enorme, u'a fantasma,  
pois u'a Dama sem dentes,  
la Dama duende retrata.

Agora tenha entendido  
por ver da môça a mudança,  
que se foi la Dama muda  
é porque os dentes mudava.

Descobrir da môça os podres  
coisa era desnecessária,  
pois se acaso a bôca abria  
nem podres, nem sãois lhe achava.

Como as prêsas sôltas tinha,  
e dos queixais se livrara  
nunca co'o queixo caído  
a viam por mais pasmada.

Ou fôsse travêssa, ou tola  
sem-vergonha, ou deslavada,  
nunca levou lavadente  
porque os dentes não lavava.

Porém o ser ela quieta  
se está vendo pela cara,  
pois por não abrir a bôca  
com ninguém se põe à barba.

Por mais que visse que algu'as  
se avançavam, a castanhas  
ela com unhas, e a dentes  
nunca se avançou a nada.

O não correr-se com dentes  
bem mostra que da bocarra,  
sem correntes as gengipas, (sic)  
lhe havia correr a baba.

Em a barra desta bôca  
não há receio na entrada,  
pois nem bancos, nem cachopos,  
tem a bôca desta barra.

Engenho de água será  
pois moendo riso causa,  
pois sem dentes a moenda  
o vê-lo moer são canas.

Dizem que é bêsta, e que tudo  
quanto diz é uma patada,  
tal não há, nem pode ser,  
que ela nunca roeu palha.

Diz a sua bôca mesma  
Que quando alguém a cavalga,  
em osso não pode ser  
porque sempre anda selada. (1)

Ora os dentes certamente  
da môça se se repara,  
farão ossos de correr  
pois correrão das queijadas.

Que é u'a navalha a língua  
da môça publicam várias,  
assim será, que sem dentes  
é que corta uma navalha.

Agora venho a entender  
pois corta, e a bôca tapa,  
que sem dúvida nenhuma  
é môça de capa, e espada.

Por ora eu assento a minha  
pois com bôca tão velhaca,  
que para ninguém tem queda  
não quero andar às pancadas.

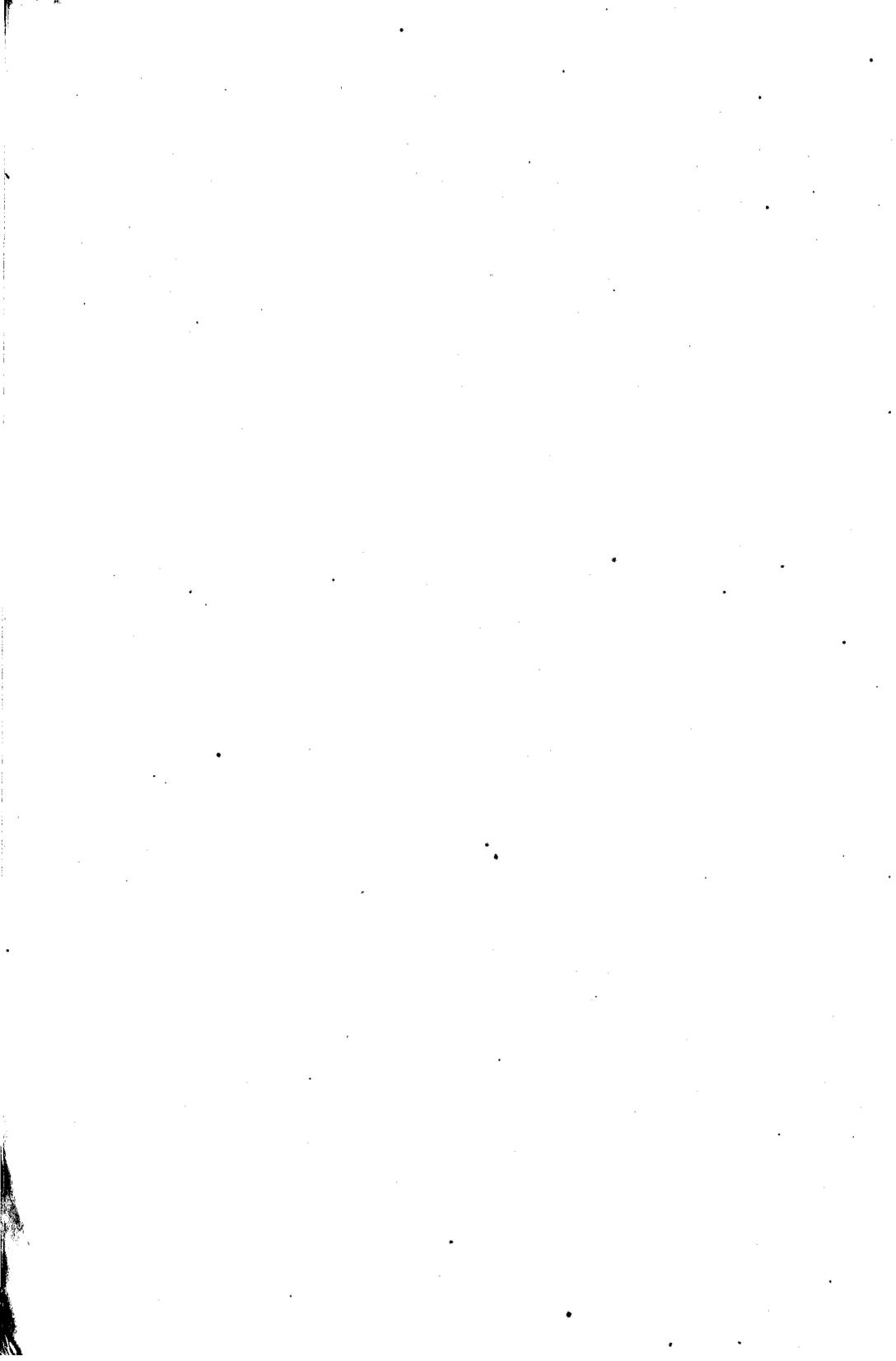
Finis.

*Por um anônimo.*

---

(1) Estrofe riscada, com censura do Secretário.

ÍNDICE



# ÍNDICE

	Págs.
<b>1.ª CONFERÊNCIA</b>	
— [Notícia da fundação] .....	1
— Oração com que na dominica in Albis vinte e três de abril d'êste ano de 1724 abriu a Academia Brasílica o Doutor José da Cunha Cardoso .....	7
<b>[ASSUNTO] Conferência de 23 de abril. Ao Presidente.</b>	<b>17</b>
— Ao Doutíssimo Senhor Doutor José da Cunha Cardoso, Digníssimo Secretário da Academia Brasílica orando na sua primeira conferência. Romance Heróico — Caetano de Brito Figueiredo	17
— Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso, Meritíssimo Secretário da nossa Academia [...] o elogio d'êste Sonêto — Gonçalo Soares da Franca .....	19
— Sapientíssimo Domino, Eruditíssimoque Doctori Iosepho da Cunha Cardoso, Oblitorum reseranti Academiam. Epigramma — Luis de Siqueira da Gama .....	20
— Ao eloqüente, e mui fecundo Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso [...] Sonêto — Gonçalo Fernandes Gomes .....	20
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso em resposta da notícia, que da nova Academia Brasílica, de que é Digníssimo Secretário, foi servido dar ao menor criado seu. Tercetos — Padre André de Figueiredo Mascarenhas .....	21
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso Digníssimo Secretário da Academia Brasílica, [...]. Sonêto — André de Figueiredo Mascarenhas .....	23
— Ao Senhor Doutor José da Cunha Cardoso Meritíssimo Secretário da nossa Academia. Sonêto — Sebastião da Rocha Pita	24
— Ad Praesidem. Epigramma — [Manoel Nunes de Sousa] .....	25
— Aliud. — Manoel Nunes de Sousa .....	25
— Décima — [S.I.A.] .....	25
— Em louvor do Senhor Doutor José da Cunha. Décima — [S.I.A.] .....	26
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, Corregedor e Ouvidor [...]. Sonêto — [S.I.A.] .....	26
— Ao Doutor o Senhor José da Cunha Cardoso, Digníssimo Secretário da Academia Brasílica. Sonêto — [S.I.A.] .....	27

	Págs.
[ASSUNTO] [Ao Senhor Vice-Rei]	
— Sonêto — [José da Cunha Cardoso] .....	27
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Protetor da Academia dos Esquecidos. Sonêto — Francisco Pinheiro Barreto .....	28
— Excellentissimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses [...]. Elogiacum Carmen — Frater Franciscus a Sancto Bertholdo .....	29
— Excellentissimo Domino Vasco Fernandes Caesari de Meneses, [...]. Ode — Frater Franciscus a Sancto Bertholdo .....	31
— In laudem Excellentissimi Domini VASCI Fernandes Caesaris de Meneses, [...]. Epigramma, Frater Franciscus a Sancto Bertholdo .....	33
— Excellentissimo Caesari Academiam Construenti, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro .....	33
— Augustissimo, ac Praeclarissimo [...] Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, [Pater Antonius Ioannes a Cunha] .....	34
— Excellentissimo Caesaris nomini: Epigramma, [Idem] .....	34
— Eidem Excellentissimo Duci, Epigramma, [Idem] .....	35
— Excellentissimo Domino allis excultissimis Dignissimo Encomiis, Oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha .....	35
— Colendissimo, ac Laudatissimo Principi, [...] Vasco Fernandes Caesari, Epigramma, [Pater Antonius Ioannes a Cunha] .....	36
— Principi Excellentissimo, Eidem Epigramma, [Idem] .....	37
— Nostro Inuictissimo Principi, Epigramma, [Idem] .....	37
— Excellentissimo Principi laudibus aliis expolitissimis exornando, ac decorando inops oblatio, Pater Antonius Ioannes a Cunha ..	38
— Eximio Heroi, [...] Vasco Fernandes Caesari de Meneses [...], Ode, Frater Anselmus a Sancta Euphrosina .....	38
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	40
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei dêste Estado [...], Décima, Antônio Cardoso da Fonseca .....	40
— Sonêto, Antônio Cardoso da Fonseca .....	41
— Abrindo-se a Academia da história do Brasil com o título dos Esquecidos [...] proteção do Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	41
— Ad Praestantissimum, ac Excellentissimum Dominum, Vice-Regem Nostrum, Epigramma, Ex Franciscladum quodam ....	42
— Ao Excelentíssimo Senhor Viso-Rei, como Protetor da Academia, Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama] .....	42
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Gonçalo Fernandes Gomes .....	43

	Págs.
— In laudem Nobilissimi Domini, ac Excellentissimi Praesidii Vasco Fernandes Caesar de Meneses [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	45
— In laudem Excellentissimi Domini Vasquii Fernandis Caesar de Meneses [...], Epigramma, [Emanuel de Lima] .....	46
— Ao assunto acadêmico que se deu louvando-se a criação da Academia e a seu soberano Protetor o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei Vasco Fernandes César de Meneses, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	47
— Ao mesmo assunto, Soneto, [João de Brito e Lima] .....	47
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, João de Brito e Lima .....	48
— Al asunto académico que se dió loándose la erección de la Academia [...], Soneto, [João de Brito e Lima] .....	49
— Al mismo asunto, Soneto, Del mismo [João de Brito e Lima] ..	49
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil, [...], Soneto, André de Figueiredo Mascarenhas .....	50
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses nouam erigenti Academiam, Epigramma, [Iosephus de Matos Moreira] .....	51
— Aliud, [Idem] .....	51
— Aliud, [Idem] .....	51
— Aliud, [Idem] .....	52
— Aliud, Iosephus de Matos Moreira .....	52
— Ao Excelentíssimo e Prestantíssimo Erector, e Protetor; e à Academia erecta e protecta, Soneto, [Luís Canelo de Noronha]	52
— Ao mesmo Assunto, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	53
— Heroi Inuictissimo, Strenuissimo Principi, [...], Epigramma, Antonius de Oliveira .....	53
— De Heroe Inuictissimo, [...] Excellentissimo Domino Vasquo Fernandes Caesare de Meneses, [...], Epigramma, Antonius de Oliveira .....	54
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Soneto, Antônio de Oliveira .....	55
— Soneto. De fragmentos do ingeniosíssimo Luís de Camões oferecido ao Excelentíssimo Senhor, Antônio de Oliveira .....	56
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Vice-Rei do Estado do Brasil, Labirinto Cúbico, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	59
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César Vi-Rei e Capitão General do mar, e terra do Estado do Brasil, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	60
— Excellentissimo Domino Vasquo Fernandes Caesari Menesio [...], Encomium, [Antônio Gonçalves Pereira] .....	61

	<b>Págs.</b>
— Ao mesmo Senhor Vice-Rei, Sonêto, Antonius Gonçalves Pereira .....	61
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses [...], Epigramma, [Manoel Vieira Pinto] .....	62
— Aliud, [Idem] .....	62
— Congressui Academico Caesarem patronum habenti, Epigramma, Manoel Vieira Pinto .....	63
— Em louvor do Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	63
— Ao Excelentissimo Senhor Vice-Rei Protetor da Academia dos Esquecidos, Sonêto, José de Oliveira Serpa .....	64
— Ao Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto Acróstico, António Nunes de Siqueira .....	65
— Para louvar ao Excelentissimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, João Alv'res Soares .....	66
— de Meneses [...], Sonêto, João Alv'res Soares .....	67
— da sua inclita benevolência, prossegue o dito Acadêmico em louvar o projeto [...], Sonêto, João Alv'res Soares .....	67
— Excellentissimo Caesari nouam Musis Academiam construenti, Epigramma, [Manoel Nunes de Sousa] .....	68
— Aliud, Manoel Nunes de Sousa .....	68
— Expenditur ratios, [...] Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [Manoel Nunes de Sousa, provavelmente] .....	68
— Ad Serenissimum Lusitaniae Regem [...] Vasco Ferdinando Caesare et Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	69
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	70
— In laudem Excellentissimi Domini Vasci Fernandii Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	71
— De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	71
— Excellentissimo Domino Vasquio Ferdinando Caesari, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	72
— In Bahiensis Academiae Institutione sub auspicio Excellentissimi Domini Vasci Fernandii Caesaris Menesii, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	73
— De Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	73
— Ad Excellentissimum Dominum Vascum Ferdinandum Caesarem, [...], Emblema, [S.I.A.] .....	74
— Excellentissimi Domini Vasci Fernandis Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	75
— Excellentissimi Domini Vasci Fernandii Caesaris Menesii [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	75
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	75

	Págs.
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	76
— In laudem Excellentissimi Domini Vasqui Fernandii Caesaris Menesii, [...], Elogium, [S.I.A.] .....	76
— Excellentissimus Dominus Vascus Fernandius Caesar Menesius [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	77
— In laudem Excellentissimi Domini Fernandii Caesaris Menesii, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	78
— Laudatur Excellentissimus Dominus Vascus Ferdinandius Caesar Menesius pro institutis Academiorum ludis, Epigramma, [S.I.A.] .....	78
— Praeclaris admodum uiris Bahiensis Academiae initia [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	79
— Ad Bahiensis Academicos Cogente Sapientissimum Senatam Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	79
— Vrbs Bahiensis instituta ab Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesare Menesio Academia locupletata, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	80
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses, [...], Elogium, [S.I.A.] .....	80
— Excellentissimus Dominus Fernandius Caesar Menesius [...], Elogium, [S.I.A.] .....	82
— In laudem Excellentissimi Domini Vasci Fernandis Caesaris Menesii, [...], Elogium, [S.I.A.] .....	83
— Excellentissimo Domino Vasco Ferdinando Caesari de Meneses [...], Elogium, [S.I.A.] .....	84
— Ad Bahienses Academicos, [...], Elogium, [S.I.A.] .....	85
— Sonêto [a César], [S.I.A.] .....	87
— Ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto alegórico, [S.I.A.] ..	87
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses [...], Sonêto, [S.I.A.] .....	88
— Ao Exçelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Estado do Brasil [...], Sonêto, [S.I.A.] .....	88
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, [...], Sonêto Acróstico, [S.I.A.] .....	89
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses Vice-Rei do Oriente e do Ocaso, Sonêto, [S.I.A.] .....	89
— Parabéns à Bahia por se ver enobrecida com a notável Academia, que nela estabeleceu o Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Por um Natural .....	90
— Sôbre a instituição e promoção da nova Academia nesta cidade da Bahia [...], Décimas, [S.I.A.] .....	91
— Ao Excelentíssimo Senhor Vasco Fernandes César de Meneses, Sonêto, [S.I.A.] .....	92

[ASSUNTO] Conferência de 23 de abril. A Academia.	
— A Empresa da Academia Sol oriens in occiduo, Décimas, Luís Canelo de Noronha .....	93
— Em louvor da nossa Academia com o título de Brasília, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	93
— Em louvor da nossa Academia com o título dos Esquecidos, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	94
— Sobre a Empresa da Academia, o Sol nascido no Ocidente. Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	94
— Na reflexão feita no dia em que se deu forma à nossa Academia, sobre ser o de Santo Tomás de Aquino, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	95
— Em louvor da nossa Academia, compreendendo os Assuntos dos seis Sonetos antecedentes, Romance, Sebastião da Rocha Pita ..	95
— Repente ao qual deram assunto os acidentes do tempo, e as circunstâncias do dia 23 de abril (conjunção de Lua nova) em que se abre a nossa Academia Brasília, Sebastião da Rocha Pita .....	98
— Ad Academiam, Monitio Poetica, Emmanuelis Ribeiro Rocha ..	98
— In Brasiliensis Academiae Symbolicum Iconismum: Sol oriens in occiduo, Epigramma, Iosephus de Oliveira Serpa .....	99
— Em louvor da preclaríssima nova Academia dos Esquecidos, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa .....	99
— Emblema, [S.I.A.] .....	100
— Nobili recens natae Academiae, cui in Symbolum: Sol oriens in Occiduo, Epigramma, [S.I.A.] .....	101
— Em louvor da Academia, Décima, [S.I.A.] .....	101

## [ASSUNTO] Conferência de 23 de abril.

— Aos Acadêmicos, Romance Endecassílabo, [José da Cunha Cardoso] .....	102
— Aos Acadêmicos, Invitatório Endecassílabo, [Luís de Siqueira da Gama] .....	103
— Aos Nobilíssimos Acadêmicos no abrir da Academia, Soneto, Antônio de Oliveira .....	105
— Em louvor dos Senhores Acadêmicos da nossa Academia Brasília no dia em que ela se abre, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	106
— Clarissimum Dominum Caetanum de Brito et Figueiredo Brasiliensis Status, [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ..	106
— Ao Senhor Desembargador Caetano de Brito Figueiredo Digníssimo Chanceler da Relação do Estado, e Compositor da nossa história natural, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	107
— Preclarissimo Senatori, [...] Domino Caetano de Brito de Figueiredo, Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama] .....	107

	Págs.
— Ad Clarissimum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo, Cancellarium Meritissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	108
— Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Caetanum de Brito de Figueiredo [...], Epigramma, Emanuel Nunes Leal .....	108
— In laudem Nobilissimi Doctoris Caetani de Brito de Figueiredo [...], Elegia, Emanuel Nunes Leal .....	108
— Ad Eximium Doctorem, et Clarissimum Dominum Caetanum de Brito de Figueiredo Bahiensis Supremi Senatus Cancellarium [...], Epigramma, [Ludovico Canelo de Noronha] .....	109
— Ao Doutor Caetano de Brito e Figueiredo Eminentíssimo Chanceler da Relação da Bahia [...], Soneto, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	110
— Sapientíssimo Viro [...] Domino Caetano de Brito Freire [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	110
— Em louvor do Prestantíssimo Chanceler [...] o Senhor Doutor Caetano de Brito de Figueiredo, Romance, [S.I.A.] .....	111
— Ao Doutíssimo Mestre o Desembargador Caetano de Brito e Figueiredo [...], Soneto, [S.I.A.] .....	112
— Elogii argumentum praebet Reuerendus admodum, et Eloquentissimus Dominus Gundissalus Suarius da Franca Sacra Brasiliae elementa, [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso] ....	113
— Em louvor do Reverendíssimo Padre o Senhor Gonçalo Soares da Franca, Décima, Antônio de Freitas do Amaral. ....	114
— Ao Eruditíssimo Doutor, Historiador Eclesiástico o Senhor Gonçalo Soares, Décima joco-séria, Francisco Xavier de Araújo ....	114
— Ao Senhor Reverendíssimo Padre Gonçalo Soares da Franca, Soneto, Frei Pedro da Estrêla .....	114
— In laudem Litteratissimi Praesidis Reuerendissimi Patri Gundissalvi Soares, Francisciadum quodam .....	115
— Ao muito Reverendo Senhor Gonçalo Soares da Franca, Digníssimo Lente da História Eclesiástica, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama] .....	115
— Em louvor do Muito Reverendo Doutor e Singular Acadêmico o Padre Gonçalo Soares da Franca, Décimas, João de Brito e Lima .....	116
— Ad Reuerendissimum ac Nobilissimum Patrem Gundissalum Soares da Franca, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	117
— Aliud ad eundem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	117
— Sapientissimum Dominum Ludouicum de Siqueira da Gama [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	118
— Ao Doutíssimo Historiador Político o Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, Soneto, Francisco Xavier de Araújo .....	118
— Ao Senhor Doutor Ouvidor Geral do Cível Luís de Siqueira da Gama [...], Décima, José Pereira de Castro .....	119
— In Eruditissimi Domini, [...] Ludouici a Siqueira e a Gama Obsequium, Epigramma, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	119

	Págs.
— Ao Meritíssimo Desembargador [...] o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Décimas, [Gonçalo Soares da Franca] .....	120
— Em louvor do mul Meritíssimo [...] Senhor Luís de Siqueira da Gama, Décimas, João de Brito e Lima .....	120
— Ao Desembargador o Senhor Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, Luís Canelo de Noronha .....	121
— Em louvor do Senhor Desembargador Luís de Siqueira da Gama, [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	122
— Maximo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ludouico de Cerqueira, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	122
— Aliud ad eundem, [...], Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	123
— Ad Sapientissimum Senatorem Praesidem Curialem Eximiumque Magistrum etc., Epigramma, [S.I.A.] .....	123
— Ao Sapientíssimo Mestre o Desembargador Luís de Siqueira da Gama [...], Sonêto, [S.I.A.] .....	124
— In laudem Elegantissimi Domini Didaci Barbosa Machado [...], Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	125
— Ao Doutíssimo Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Juiz de Fora desta cidade Mestre da História Militar Braslica na Academia dos Esquecidos, Sonêto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	125
— Sapientissimo Doctori Domino Ignatio Barbosa Machado, Epigramma, [Luís de Siqueira da Gama] .....	126
— Ad Clarissimum Doctorem Ignatium Barbosa Machado Iudicem Forensem Dignissimum, Epigramma, Emanuel Nunes Leal ....	126
— Ad Clarissimum Virum Dominum Doctorem Ignatium Barbosa Machado [...], Encomium, Emanuel Nunes Leal .....	126
— Ao Senhor Doutor Inácio Barbosa Machado, Meritíssimo Juiz de Fora desta cidade, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	127
— Ao Meritíssimo Senhor Juiz de Fora, Inácio Barbosa Machado, um dos quatro Mestres da Academia, lendo nela do nosso Brasil, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	127
— Doctissimo, ac Ingeniosissimo Academico Domino Ignatio Barbosa Machado, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	128
— Aliud ad eundem. Braslica bella scribentem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	128
 2. <sup>a</sup> CONFERÊNCIA	
— Oração do Acadêmico Vago Sebastião da Rocha Pita Presidindo na Academia Braslica .....	131
[ASSUNTO] Conferência de 7 de maio. Ao Presidente Sebastião da Rocha Pita .....	140
— Ao Senhor Presidente Sebastião da Rocha Pita. Sonêto, [José da Cunha Cardoso] .....	140
— Em obséquio do Presidente o Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, Epigramma, Antônio Cardoso de Afonseca .....	141

	Págs.
— Ao Assunto Heróico, Epigramma, [Antônio Cardoso de Afonseca]	141
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Sapientíssimo Presidente, Soneto, Iosephus Pereira de Castro .....	142
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita, primeiro Presidente da Academia, Epigrama, [Luís de Siqueira da Gama]	143
— Em louvor do Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Acadêmico Real, e erudito desta Academia de que é também Singular Acadêmico e primeiro Presidente dela, Décimas, [João de Brito e Lima] .....	144
— Ao Coronel o Senhor Sebastião da Rocha Pita, Soneto, Luís Canelo de Noronha .....	145
— Ao Senhor Coronel Sebastião da Rocha Pita Meritíssimo Presidente desta Academia, Soneto, José de Oliveira Serpa .....	146
— In laudem Doctissimi Praesidis Domini Sebastiani da Rocha Pita, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	146
— Aliud ad eundem, Congratulatio, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	147
— Ao mui nobre e mui erudito Coronel Senhor Sebastião da Rocha Pita Presidente da presente Academia, Décimas ao joco-sérias, [S.I.A.] .....	147
[ASSUNTO] Primeiro assunto. Quanto deve a República das Letras à Majestade del-Rei Nosso Senhor que Deus guarde verdadeiro Protetor delas.	
— Ao primeiro Assunto, Soneto, [José da Cunha Cardoso] .....	148
— Sobre com que deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor, [...], Soneto, Salvador Pizzarro de Carvalho e Albuquerque .....	149
— Ao Sereníssimo Rei Nosso Senhor Dom João 5.º, [...], Oitavas, Francisco Xavier de Araújo .....	149
— Ao Muito Alto, e Poderoso Rei, e Senhor Nosso Dom João Quinto Protetor das Academias do Reino e suas conquistas, Soneto, Francisco Pinheiro Barreto .....	150
— Serenissimo Regi Domino Ioanni V, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro .....	151
— Agradece-se à Majestade del-Rei Nosso Senhor o muito que se lhe deve em ser o verdadeiro protetor da República das Letras, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto .....	151
— A El-Rei Nosso Senhor [...] Primeiro Assunto Acadêmico, Soneto, Caetano de Brito e Figueiredo .....	152
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Soneto, Gonçalo Soares da Franca .....	153
— Ao mesmo Assunto, Soneto 2.º, [Gonçalo Soares da Franca] ..	153
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Soneto, Gervásio Sueiro Franco .....	154

	<b>Págs.</b>
— Ao primeiro Assunto, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama] ....	155
— Assunto Heróico, Quanto deve a República Literária a El-Rei Nosso Senhor seu verdadeiro Protetor, Sonêto, João de Barbosa e Lima .....	155
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Barbosa e Lima] .....	156
— Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	156
— Ao assunto heróico da Academia, Sonêto, [João de Brito e Lima]	157
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima] ....	158
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima] ....	158
— Pelos mesmos consoantes, Sonêto, [João de Brito e Lima] ....	159
— Ao mesmo assunto, Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	159
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	160
— Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	160
— Sonêto, João de Brito e Lima .....	161
— Sonêto, [João de Brito e Lima] .....	161
— Debaixo do mesmo assunto louvando ao Excelentíssimo Senhor Vice-Rei, Sonêto, João de Brito e Lima .....	162
— Ao assunto heróico da Academia, Oitavas, [Provavelmente de João de Brito e Lima] .....	162
— Assunto Académico, O quanto deve a República das Letras a El-Rei Nosso Senhor, Sonêto, [Frei Avertano de Santa Maria]	165
— A El-Rei Nosso Senhor, [...], Canção, André de Figueiredo Mascarenhas .....	165
— Eidem Regis Maieitati, Epigramma, Ioseph de Matos .....	169
— Ao Muito Alto e Poderoso Rei Dom João V [...], Sonêto, [Ioseph de Matos] .....	169
— Ad Serenissimum Regem Nostrum Ioannem V, [...], Epigramma, Ludouicus Canelo de Noronha .....	170
— In laudem Potentissimi Portugalliae Regis Ioannis Quinti, Epigramma, Antonius de Oliveira Filho .....	170
— Ao muito Alto e muito Poderoso Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira .....	171
— Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira .....	171
— Ao muito Alto e muito Poderoso Rei de Portugal o Senhor Dom João o Quinto [...], Sonêto, Antônio de Oliveira .....	172
— Sonêto em louvor do mais feliz, e poderoso Rei de Portugal, Antônio de Oliveira .....	173
— Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	173
— Ao Sereníssimo Senhor-Rei Dom João 5.º [...], Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	174
— Domine Serenissimo Rege, [...], Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha .....	175

	Págs.
— Ad primum argumentum, Distichon, Ioseph de Oliveira Serpa ..	175
— Ao assunto heróico, Sonêto, José de Oliveira Serpa .....	175
— A Majestade del-Rei Dom João Quinto Nosso Senhor [...], Sonêto, José de Oliveira Serpa .....	176
— Primeiro assunto. Quanto deve a república das letras a Sua Majestade el-Rei Nosso Senhor Protetor 'delas, Sonêto, João Alv'res Soares .....	177
— Primeiro assunto, Quanto deve a República das Letras à Majes- tade del-Rei Nosso Senhor verdadeiro Protetor delas, Sonêto João Alv'res Soares .....	177
— Augustissimo, Ac Magnanimo Domino Ioanni Portugaliae Regi, [...], Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	178
— Aliud ad eundem, Emanuel Nunes de Sousa .....	178
— Serenissimus Dominus Ioannes V <sup>us</sup> Portugaliae Rex, [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	179
— Serenissimi Domini Ioanni V. <sup>o</sup> Portugaliae Regi [...], Epi- gramma, [S.I.A.] .....	179
— Serenissimo Domino Ioanni V. <sup>o</sup> Lusitaniae Regi, [...], Epi- gramma, [S.I.A.] .....	180
— Serenissimus Dominus Ioannes 5., [...], Epigramma, [S.I.A.] ..	180
— In laudem Serenissimis Dominis Ioannis 5., [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	181
— Serenissimo Domini Ioanni V. <sup>o</sup> , [...], Epigramma, [S.I.A.] .....	181
— Serenissimo Domino Ioanni V. <sup>o</sup> Portugaliae Regi [...], Elogium, [S.I.A.] .....	182
[ASSUNTO] Segundo assunto. Problema, quem mostrou amar mais finamente Clície ao Sol, ou Endimião à Lua .....	
— Supõe o Poeta como certo que Clície foi amada do Sol até o tempo da morte de Leucotoe, e só depois disso deixou de ser dêle querida, Décimas, [José da Cunha Cardoso] .....	183
— Ao Assunto: Foi o amor de Clícia, para com o Sol, mais pas- sivo; e por isso mais fino, que o de Endimião para com a Lua: Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	185
— Qual mostrou ser mais amante Clície do Sol, ou Endimião da Lua, Sonêto, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	186
— Ao mesmo assunto, Romance joco-sério, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	186
— Ao assunto lírico, Epigramma, Francisco Pinheiro Barreto ...	189
— Ao mesmo assunto lírico, Silva joco-séria, Geraldo da Fonseca Carssão .....	189
— Ao mesmo assunto do mesmo autor, Romance joco-sério, Ge- raldo Fonseca Carssão .....	191
— Ao mesmo assunto joco-sério, Sonêto, Geraldo da Fonseca Carssão .....	194

	Págs.
— Da Academia unindo os dois assuntos heróico, e lírico neste Soneto, Iosephus Pereira de Castro .....	194
— Pergunta-se quem mostrou ser mais amante Clície do Sol, se Endimião da Lua?, Soneto, Hierônimo Roiz de Crasto .....	195
— Ao Segundo Assunto Problemático. Quem mostrou ser mais amante, Clícia do Sol, ou Endimião da Lua? Clícia — Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	196
— Endimião — Soneto, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	196
— Assunto Lírico, Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	197
— Ao Assunto Lírico, Romance, Antônio Cardoso da Fonseca ...	198
— Assunto Lírico, Qual mais amou, Clície ao Sol, ou Endimião à Lua, Soneto, João de Barbosa e Lima .....	203
— Ao assunto lírico em que se mostra andou mais fina amando Clície ao Sol que Endimião à Lua, Décimas, [João de Brito e Lima] .....	203
— Ao mesmo assunto mostrando pelo contrário que mais fino foi o amor de Endimião com a Lua que o de Clície com o Sol, Décimas, João de Brito e Lima .....	205
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima .....	208
— Quem mais amou, Clície ao Sol ou Endimião à Lua?, Romance, Luís Canelo de Noronha .....	214
— Mais firme amante foi Endimião da Lua que Clície do Sol, Décima, Antônio de Oliveira .....	216
— Qual amou mais, se Clície ao Sol, ou Endimião à Lua? Romance joco-sério, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	216
— Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Décimas, Sebastião da Rocha Pita .....	222
— Qual obrou mais? Endimião em seguir a Lua, ou Clície em seguir ao Sol, assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Soneto, Sebastião da Rocha Pita .....	223
— De Clitia, et Endymione, Epigramma, Emmanuelis Ribeiro Rocha	224
— Ao Assunto Lírico, Silva, José de Oliveira Serpa .....	224
— Certamem amoroso, em que se dá a decisão do problema proposto, Antônio Nunes de Siqueira .....	227
— Romance, Frei Antônio de Santa Maria .....	232
— Ad Clytien et Endimionem, Epigramma, São Francisco Anônimo	237
— Mostra-se que foi Endimião mais fino em amar a Lua, que Clície ao Sol, Soneto, [S.I.A.] .....	237
<b>3.<sup>a</sup> CONFERÊNCIA</b>	
[ASSUNTO] Conferência de 21 de maio, Mestre da história militar.	
— 3. <sup>a</sup> Conferência de 21 de maio do Capitão João de Brito e Lima, Oração Acadêmica .....	241
— Ao Presidente o Senhor João de Brito e Lima, Décimas, [José da Cunha Cardoso] .....	255

	<b>Págs.</b>
— Ao Acadêmico Orador, Décima, Francisco Xavier de Araújo ...	255
— Ao Senhor João de Brito e Lima, Décima, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	256
— Ao Senhor João de Brito e Lima, Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Francisco da Conceição .....	256
— Ao Capitão João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Padre Frei Pedro da Estrêla .....	257
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente Digníssimo na Academia dos Esquecidos, Décimas [Gonçalo Soares da Franca] .....	257
— Ao Senhor João de Brito e Lima, segundo Presidente desta Academia, Sonêto, [Luís de Siqueira da Gama] .....	258
— Em louvor do presente Presidente o Senhor Capitão João de Brito e Lima, Manoel Cerqueira Leal .....	259
— Ao Capitão João de Brito e Lima, Sonêto, Frei Antônio de Santa Maria .....	259
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria .....	260
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria .....	260
— Ao Senhor João de Brito e Lima Emeretíssimo Presidente, Sonêto, Frei Manoel de Santa Maria .....	261
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Frei Mancel de Santa Maria .....	262
— Ad Ducem Emeritum et Praestantissimum Dominum Ioannem de Brito e Lima, Epigramma, Ludouici Canelo de Noronha ...	262
— Doctissimo, ac Ingeniosissimo Domino Ioanni de Brito e Lima Academiae Praesidi Emeritissimo, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	263
— Aliud ad eumdem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa ....	263
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima Presidente da Academia, Romance, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	263
— Em louvor do Acadêmico Infeliz o Senhor Capitão João de Brito e Lima, no dia em que preside na nossa Academia Brasílica, Sonêto, Sebastião da Rocha Pita .....	265
— Ao Senhor João de Brito e Lima Digníssimo Presidente, Décimas, Padre Frei David dos Reis .....	266
— Em louvor do Eruditíssimo Presidente, Décima Heróica, Francisco da Silva .....	267
— Ao Senhor Capitão João de Brito e Lima, Sonêto, [S.I.A.] ....	268
[ASSUNTO] Foi o primeiro assunto Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe estava queimando o seu templo.	
— Epigramma, [José da Cunha Cardoso] .....	268
— Ao Assunto heróico, Sonêto, Francisco Xavier de Araújo .....	269
— Ao assunto heróico, Sonêto, Antônio Pinheiro Barreto .....	269

	Págs.
— Dum Alexandri Magni nataji Diana praesidet, illus templum ab Herostrato flammis Vastatur, Epigramma, Iosephus Pereira de Castro .....	270
— Enquanto Diana assiste ao nascimento de Alexandre Magno, lhe põe Heróstrato fogo ao templo, Soneto, José Pereira de Castro .....	270
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre ao mesmo tempo, que Heróstrato havia pôsto fogo ao famoso Templo de Éfeso, dedicado à mesma Diana, Romance heróico, [Caetano de Brito Figueiredo] .....	271
— Ao incêndio que Heróstrato, por ser nomeado, fêz no Templo da Deusa Diana em Éfeso, quando obsequiosa assistia ao nascimento do grande Alexandre Príncipe da Macedônia, Soneto, [Antônio Dias da Franca] .....	272
— Ao mesmo assunto, Soneto, Antônio Dias da Franca .....	273
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno ao mesmo tempo que Heróstrato lhe estava queimando o seu Templo, Soneto, [Gonçalo Soares da Franca] .....	273
— Ao primeiro assunto, Soneto, [Luís de Siqueira da Gama] ....	274
— Ao primeiro assunto, Soneto, João de Barbosa e Lima .....	274
— Soneto, João de Brito e Lima .....	275
— Soneto, João de Brito e Lima .....	275
— Soneto, Frei Avertano de Santa Maria .....	276
— Ao assunto do Templo, Frei Manoel de Santa Maria .....	277
— A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno, ao mesmo tempo, que Heróstrato punha fogo ao seu Templo, Soneto, Luís Canelo de Noronha .....	277
— Nasce Alexandre Magno assistido de Diana, cujo, templo queimava Heróstrato, Soneto, Antônio de Oliveira .....	278
— Nasce Alexandre Magno nas mãos da Deusa Diana no mesmo tempo, em que o templo desta Deusa se queimava, Soneto, Antônio de Oliveira .....	278
— Pós Heróstrato fogo ao Templo de Diana na mesma ocasião que ela assistia ao nascimento de Alexandre Magno, Soneto, Anastácio Ayres de Penhafil .....	279
— Vai Diana assistir ao nascimento de Alexandre em Macedônia, e deixa ardendo o seu Templo em Éfeso. Assunto heróico da nossa Academia Brasília, Soneto, Sebastião da Rocha Pita ...	280
— Ao assunto heróico, Soneto, José de Oliveira Serpa .....	280
— Ao assunto heróico, Canção, José de Oliveira Serpa .....	281
— Diana assistindo ao nascimento de Alexandre Magno na mesma noite, em que Heróstrato lhe queimou o seu templo, Soneto, João Alveres Soares .....	282
— Ao mesmo assunto compreendendo melhor tôdas as circunstâncias dêle, Soneto, João Alveres Soares .....	283

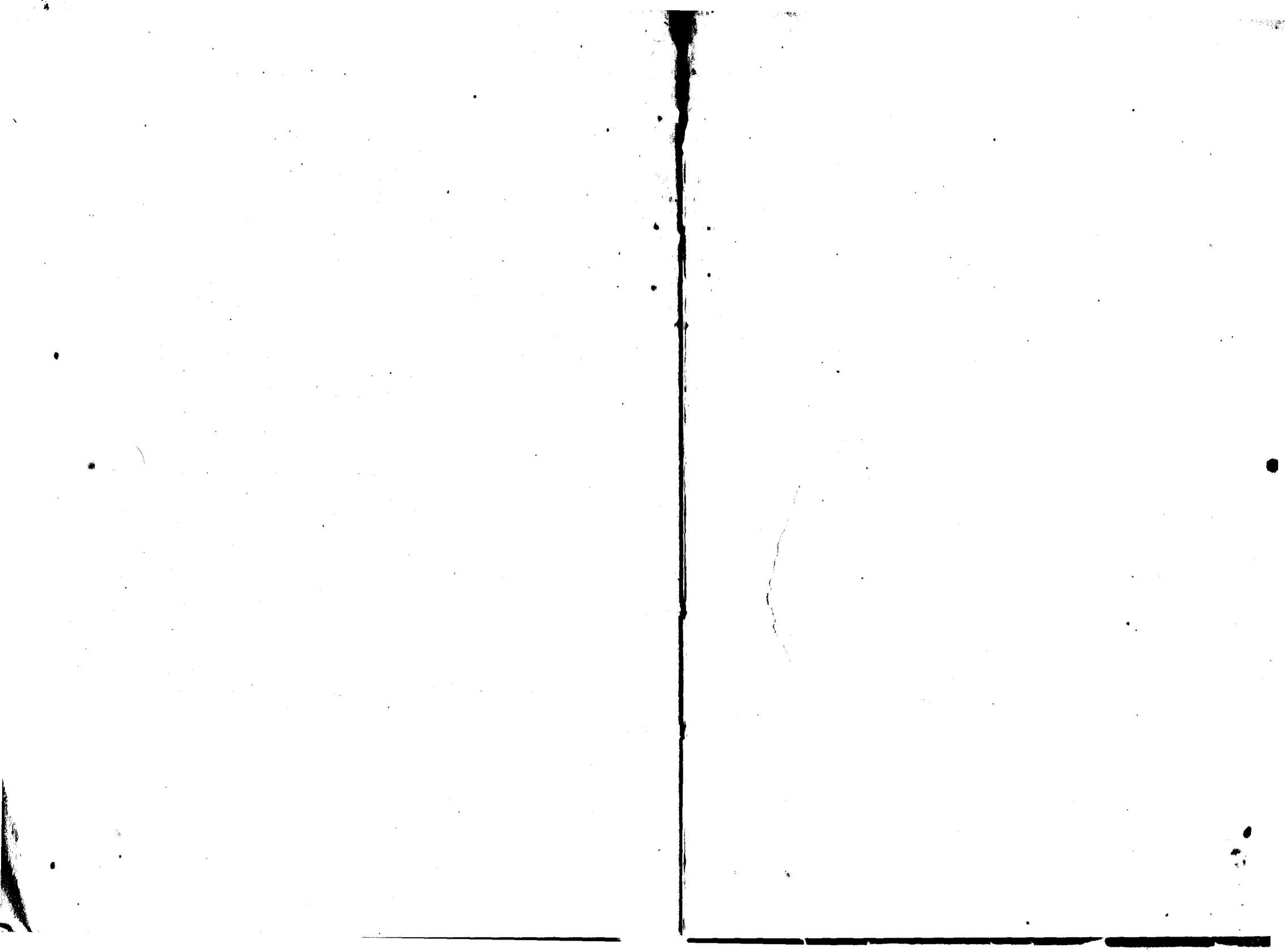
	Págs.
— Ad Dianae templum, quod, Dea assistente Alexandro Magno in lucem prodito, flammis sternitur, Epigramma, [Emanuel Nunes de Sousa] .....	283
— Aliud eidem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	284
— Enquanto Diana assiste ao nascimento do grande Alexandre, Heróstato lhe queima o seu templo, Soneto, Manoel Nunes de Sousa .....	284
— Ad [1um] Argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	285
— Ad [1um] Argumentum, Epigramma, [S.I.A.] .....	285
— A Diana assistir ao parto de Alexandre Magno, ao tempo que Heróstrato lhe queimava o seu Templo, Soneto, [S.I.A.] .....	286
— Ao templo de Diana, que em Éfeso na mesma noite, em que se achava assistindo ao nascimento de Alexandre lhe queimou Heróstrato, Soneto, [S.I.A.] .....	286
— Ao assunto Acadêmico heróico, em retrato não vulgar, Soneto, [S.I.A.] .....	287
— A Diana assistindo ao nascimento de Alexandre, Soneto, [S.I.A.] .....	288
— Ao mesmo assunto, Soneto joco-sério, [S.I.A.] .....	288
[ASSUNTO] Conferência de 21 de maio. Foi o segundo assunto uma dama formosa, mas com poucos dentes, que costuma falar pouco, por se lhe não ver aquela falta.	
— Epigrama, [José da Cunha Cardoso] .....	289
— A uma môça que por falta de dentes costumava falar pouco por se lhe não descobrir a falta, Soneto, Francisco Pereira do Lago Barreto .....	289
— A uma Dama formosa, mas com falta de dentes por cuja razão não falava, Soneto, Padre Frei Pedro da Estrela .....	290
— A certa formosa que se não ria, por não mostrar a falta dos dentes, Romance: mas parecem redondilhas, Antônio Dias da Franca .....	291
— Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costuma falar pouco por se lhe não notar essa falta, Silva joco-séria, [Gonçalo Soares da Franca] .....	293
— Ao segundo assunto, Romance, João de Barbosa e Lima .....	295
— Décimas, [João de Brito Lima] .....	298
— Romance joco-sério, João de Brito e Lima .....	299
— A uma Dama formosa, e sem dentes, Romance, Frei Antônio de Santa Maria .....	301
— Ao Assunto da Dama, Soneto, [Frei Manuel de Santa Maria] ..	303
— Epigramma, Frei Manoel de Santa Maria .....	304
— Ao mesmo assunto, Soneto, [Frei Manuel de Santa Maria] ....	304
— Ao mesmo assunto e pelos mesmos consoantes, Soneto, Frei Manuel de Santa Maria .....	305

	<b>Págs.</b>
— A certa Dama desdentada, que por não se lhe descobrir a falta dos dentes nunca falava, Sonêto, Francisco da Silva .....	305
— A uma Dama desdentada, que por não mostrar que não tinha dentes, nunca falava, Décimas, Francisco da Silva .....	306
— A uma Dama sem dentes, e por não mostrar a falta dêles sempre calada, Seguidilhas, Francisco da Silva .....	307
— A uma Dama Formosa sem dentes, que para encobrir a falta falava pouco, Segundo assunto, Sonêto, Gervásio das Montanhas	309
— A uma Dama formosa, e sem dentes, que para encobrir esta falta falava pouco, Segundo Assunto, Romance, Gervásio das Montanhas .....	310
— A uma Dama formosa, que faltando-lhe os dentes, costumava falar pouco, por se lhe não ver aquela falta, Décima, Luís Canelo de Noronha .....	313
— Ad puellam edentulam, Epigramma Antonius de Oliveira ...	313
— A Nise que lhe chamam desdentada, Décima, Antônio de Oliveira .....	313
— A uma Dama desdentada, Décima, Antônio de Oliveira .....	314
— A uma Dama desdentada que não falava por não mostrar o seu defeito, Silva jocosa, [Anastácio Ayres de Penhafiel] .....	314
— Décimas, Anastácio Ayres de Penhafiel .....	317
— Uma Dama que sendo formosa não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Sonêto jocoso, Sebastião da Rocha Pita .....	317
— Uma Dama que sendo formosa, não falava por não mostrar a falta que tinha de dentes. Assunto lírico da nossa Academia Brasílica, Romance, Sebastião da Rocha Pita .....	318
— Ao assunto lírico, Romance joco-sério, José de Oliveira Serpa ..	320
— Ao assunto lírico, Sonêto jocoso, José de Oliveira Serpa .....	322
— Uma Dama formosa, mas com falta de dentes, que costumava falar pouco, para encobrir essa falta, Décima, João Alv'es Soares .....	322
— Ad puellam edentulam, ideoque nunquam uidentem, Epigramma, Emanuel Nunes de Sousa .....	322
— Epigramma, [S.I.A.] .....	323
— Décimas, [S.I.A.] .....	323
— Ao assunto, Sonêto tropológico, [S.I.A.] .....	325
— A uma Dama muito formosa que falava pouco por encobrir a falta que tinha de dentes, Décimas joco-sérias, [S.I.A.] .....	326
— Ao 2.º, Romance, Anônimo .....	327
— A uma dama formosa que costuma falar pouco por não se lhe ver a falta, que de dentes padece, Romance, [S.I.A.] .....	330

GOVÉRNO ROBERTO DE ABREU SODRÉ

*Terminou-se a impressão dêste livro aos 30 de outubro de 1969, na Imprensa Oficial do Estado, para a Comissão Estadual de Literatura, do Conselho Estadual de Cultura, sendo Secretário da Cultura, Esportes e Turismo o Sr. Deputado Dr. Orlando Zancaner e membros da C.E.L. os Srs. Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, presidente; Aureliano Leite, Fernando Góes, Homero Silveira, Jannart Moutinho Ribeiro, José Aderaldo Castello, Leão Machado, Maria Alice Fernandes Carreira e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Êste último é o encarregado das edições da C.E.L.*

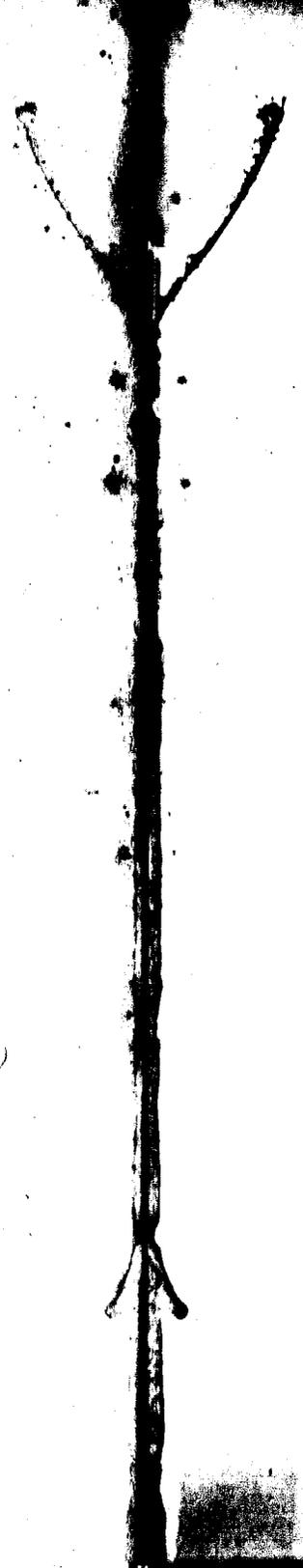
*Capa de Luiz Alberto Diaz Correa.*



CONTINUED FROM PAGE 1

387

26,00



10



GOVÊRNO ABREU SODRÉ

IMPRESA OFICIAL DO ESTADO  
SERVIÇOS DE ARTES GRÁFICAS  
SÃO PAULO - BRASIL  
1969